

Alfred Hitchcock

UM POUCO
DO SEU
SANGUE
e outras histórias



O nome de *Alfred Hitchcock* desperta, em qualquer pessoa com algum gosto pelo cinema, a lembrança de filmes como UM CORPO QUE CAI, O HOMEM QUE SABIA DEMAIS, PSICOSE, JANELA INDISCRETA e outras obras-primas do *suspense*. E, para um número já bem grande de felizardos amantes do gênero, não passou despercebida a obra HISTÓRIAS QUE MAMÃE NUNCA ME CONTOU, na qual *Hitchcock* reuniu, com a mesma sensibilidade demonstrada em seus filmes, uma série de contos em que o inesperado, o *suspense* e até o sobrenatural tomam parte, mantendo o leitor preso do início ao fim das narrativas.

Em seqüência àquele livro surge agora UM POUCO DO SEU SANGUE E OUTRAS HISTÓRIAS, uma coletânea com narrativas tão ou mais excitantes que as anteriores e destinadas à mesma aceitação e repercussão entre os apreciadores do gênero.

A quem já leu a primeira obra, o convite para ler esta será sem dúvida desnecessário. Mas a quem ainda não leu nenhuma delas, sugerimos que leia primeiro esta última, simplesmente por que a tem na mão agora e seria uma lástima perder mais tempo.

Coleção Sagitário

O compilador agradece
a valiosa cooperação de Robert Arthur
no preparo deste volume

ÍNDICE

5 - UM POUCO DO SEU SANGUE	Theodore Sturgeon
100 - UM PULO EM CASA	F. Scott Fitzgerald
120 - OS VERANISTAS	Shirley Jackson
134 - SIMONE	Joan Vatssek
147 - SELEÇÃO NATURAL	Gilbert Thomas
155 - REFÉM	Don Stanford
165 - OTÁRIO ESPERTO	Richard Wormser
181 - O CÃO PERDIDO	Henry Slesar
189 - VENDEDOR EFICIENTE	Idris Seabright

UM POUCO DO SEU SANGUE

THEODORE STURGEON

...mas, antes de tudo uma palavra:

Você conhece o caminho. Tem, a chave consigo. E o privilégio é seu.

Vá à casa do Dr. Philip Outerbridge. Entre — você tem a chave. Suba a escada, siga pelo corredor até o fim e dobre à esquerda. Este é o gabinete do Dr. Phil, por sinal que muito confortável e muito bem provido. Livros, sofá, livros, escrivaninha, lâmpadas, livros, livros. Aproxime-se da escrivaninha e sente-se: não faz, mal. Abra a gaveta de baixo, à direita. É uma dessas gavetas fundas, dobradas. Está chaveada? Mas você tem a chave: não hesite.

Puxe-a... Mais um pouco. Puxe-a toda para fora. Assim. Está vendo todas essas pastas de cartolina, formando um montão compacto? Reparou que estão todas acomodadas numa espécie de caixa de madeira? Pois tire essa caixa da gaveta. (Convém levantar-se: a caixa é pesada.) Isso.

Em baixo, achatadas pelo peso, há uma meia-dúzia de pastas — simples pastas-arquivo. Talvez tenham sido postas aí para soerguer a caixa de madeira; e é verdade que têm essa serventia. Mas também é possível que estejam escondidas, ocultas, por serem secretas. Ambas as possibilidades podem ser verdadeiras. E talvez estejam aí por serem valiosas, agora ou mais tarde. Valor é dinheiro, valor é conhecimento, valor é recreação... sentimento, nostalgia. Acrescente, talvez, esta possibilidade às outras. Ela não as destrói. E não esqueça que, das seis pastas, cada uma pode ser qualquer dessas coisas, ou todas juntas. Você pode olhar uma delas. A segunda a partir de cima. Note que, como as outras, ria traz o nome do Dr. Outerbridge e, em grandes maiúsculas traçadas a tinta vermelha: PESSOAL — CONFIDENCIAL — PRIVADO. Mas não se acanhe. Prossiga. Tire a pasta da gaveta, recoloque a caixa no lugar, feche a gaveta, acenda a lâmpada, ponha-se à vontade. Pode ler todos os papéis contidos nesta pasta.

Mas primeiro descanse as mãos na lisa cartolina de cor amarelo-creme, cerre os olhos e pense nessa pasta que traz a marca CONFIDENCIAL e que está

escondida numa gaveta fechada à chave. Pense em como ela se encheu alguns anos atrás, quando o Dr. Phil era um jovem psicólogo agregado ao corpo medico de um grande hospital neuropsiquiátrico militar. Sucede que, naquela ocasião, lhe faltavam dois meses para atingir a idade mínima que lhe daria direito a uma patente de oficial, de modo que. tinha o posto de sargento. No entanto, desde calouro havia treinado e trabalhado como interno em diagnóstico e tratamento psicológico numa famosa clínica universitária, onde obtivera um, diploma em clínica psicológica.

Era em tempo de guerra, ou coisa muito parecida. O hospital estava repleto, abarrotado, inundado. O pessoal hospitalar tinha de aprender tantos truques novos, dispensar as formalidades cortando por tantos atalhos inéditos, fazer plantões tão intermináveis como em qualquer outro estabelecimento consagrado aos afazeres da guerra, quer se tratasse de construtores navais, quer de professores de línguas bálticas. E alguns integrantes do pessoal, como alguns construtores e professores por toda parte, estavam sobrecarregados pelo excesso de horas de trabalho, pela falta de auxiliares e de recursos, pelos

entraves da tradição, e no entanto o 'ônus mais pesado para eles era a constante, tirânica, excruciante míngua de qualidade. Alguns homens, nas fábricas de tanques, apertavam, conscienciosamente cada parafuso; alguns soldados realmente se preocupavam com as juntas que tapavam. Alguns médicos, pois, pertenciam, a essa classe e nunca cessavam, de preocupar-se com o que faziam., quer fosse enfadonho, quer fosse difícil, quer mesmo, o mundo inteiro de repente se voltasse contra eles e contra-atacasse dizendo: desista, largue disso, está se esforçando em vão.

*Portanto, talvez o valor destas pastas, o seu segredo, esteja na capacidade de lembrar. Abra uma delas, torne a vivê-la. Veja, esta foi um triunfo. Veja, aqui está uma tragédia. Veja, aqui está um terrível engano que nunca poderá ser reparado... mas que, pelo fato de ter sido cometido, jamais tornará a sê-lo. Veja, este foi o caso que me matou; embora eu não tenha morrido, quando morrer será por obra dele. Veja, esta foi a -minha grande intuição, a -minha inspiração, que um dia será o meu livro e a minha imortalidade. Veja, aqui está *um fracasso; creio que qualquer um teria fracassado neste caso,*

rogo a Deus nunca venha a descobrir que outro médico poderia ter obtido êxito com alguma coisa. Alguma coisinha pequenina que eu deveria ter feito e que omiti. Veja... há algo que dizer sobre cada uma destas pastas, guardadas primeiramente por uma fechadura, segunda vez pela ocultação e mais uma vez pela palavra "privado".

Mas agora abra os olhos e considere a pasta que tem sobre os joelhos. Na orelha está escrito

"GEORGE SMITH"

As aspas foram desenhadas com traços grossos e com todo o capricho, quase como um 66 e um 99.

Avante!.

Abra-a.

Você sabe o caminho. Tem a chave consigo. E o privilégio é seu. Deseja saber por quê? É porque você é o Leitor, e isto é ficção. Sim, pode ter certeza, é ficção. Quanto ao Dr. Outerbridge, é ficção também e não se importará com isso. Comece, pois — ele não lhe dirá nada. Você não corre nenhum risco.

É ficção, garanto-lhe, é de fato ficção...

UM

Eis aqui uma carta escrita à máquina, em papel que mostra sinais de ter sido cortado no alto com o auxílio de uma régua, como para suprimir um cabeçalho. O N-O por cima da data foi escrito a tinta, em letras de imprensa, grandes e claras.

Q. G. do Hospital de Base,
Portland, Ore., também conhecido como:
Departamento da Pouca Gente N-O
Freudsville, Oregon. 20 jan.

Meu querido Phil:

Em primeiríssimo lugar, queira reparar na notação N-O acima. Ela significa não-oficial, e com isto quero dizer: não mesmo. Se e quando você tornar a vê-la no futuro, não necessitará de explicações. Tudo quanto possa ser comunicado por meio de siglas e em código é para mim uma dádiva do céu, especialmente depois que me deram esta fábrica de malucos para administrar, sem me dispensarem dessa casa de

orates em que você trabalha. Desculpe os vulgarismos de leigo, caro doutor; pode crer que eles me fazem bem.

Em envelope separado e altamente oficial, você receberá ordens minhas relativas a um dossiê AX 544. Eu sou o coronel e você é o sargento. Eu sou o administrador e você, um mero subordinado. Daí as ordens. Por outro lado, somos velhos amigos e você me é superior em sua especialidade seis vezes n elevado ao quadrado. O fato — não mencionado nas ordens — é que nós demos uma dessas mancadas que não se pode apagar dizendo "oh! perdão". Este soldado foi retirado de uma área de estágio no além-mar e recambiado para cá com uma etiqueta de "psicose, não classificada" e o qualificativo de "violento, perigoso", por um major boboca do Serviço Médico. Pode tratar-se de uma simples vingança, decorrente do fato de ter-lhe o pracinha esmurrado o nariz. Criminoso talvez seja — de acordo com as distinções em vigor no momento — mas louco é o que não é. A mim quer me parecer que o que

ele fez estava muito acertado; mas, no juízo nebuloso do major, afigurou-se loucura bater num oficial, e por isso foi ele enviado para a sua academia de riso em vez de sê-lo para uma estacada.

O que vem complicar a situação é termos perdido de vista esse camarada. Por efeito da escassez de pessoal, das transferências do comando e da confusão geral, há três meses que o pracinha está trancafiado numa solitária acolchoada sem diagnóstico e, se não se habilitava como um de seus pupilos quando lá chegou, agora com toda a certeza há de habilitar-se.

Como quer que isso tenha acontecido, assume o aspecto de uma negligência da pior espécie, para não falar em injustiça. Portanto, o que as palavras "diagnosticar e tratar" significam na ordem oficial é por favor, Phil, de joelhos lhe peço que tire esse homem daí e o exclua do Exército de maneira que não haja conseqüências lamentáveis, ações judiciais nem manchetes de jornais. E, pondo de lado os

méritos do caso em si, precisamos livrar-nos desses casos insignificantes. Precisamos do leito. *Eu* preciso do leito, ou hei de precisar em breve se este gênero de coisa tornar a acontecer.

Conto com você para dar um jeito nisso, Philip. Não apenas um diagnóstico bem-fundado, mas também convincente. E depois, a alta. A compensação que daremos a ele, saiba ou não apreciá-la, poderá ser a de ficarem por conta da casa os soquetes que aplicou na pessoa daquele major aranha.

Do seu senhorio ausente,
AL.

P. S.: Para reforçar a pilhéria, acabam de me informar de que o mencionado major, por nome Manson, marchou para o outro mundo no cumprimento do dever, na queda de um C. 119. Foi a notícia que recebi em resposta a um pedido para que me fossem remetidos os documentos adicionais que ele tivesse em seu poder, sobre o paciente em questão. De documentos, nada.

A. W.

Eis aqui a cópia de uma carta a carbono.

Hospital de Campo N.º 2

Smithton Township, Cal.; também chamado:

Secretaria das Aparadeiras N-O

Fazenda Reik, Cal. 14 jan.

Prezado Al:

Você diagnostica muito bem por correspondência. Deve ter estudado aquela técnica dos charlatães que mandam à gente uma toalha de papel, pela qual cobram dez dólares, para o paciente enxugar o rosto com ela, mandá-la de volta e o homem lhe dizer que seu mal é inflamação dos joelhos. Passei, hoje meia hora com o tal sujeito — juro por Deus, Al, que foi o máximo de tempo que lhe pude dispensar. Fui encontrá-lo no último andar, sozinho numa cela bem aferrolhada. Muito cortês, muito calado. Embora não fale espontaneamente, responde bem. Não hesitei

em acenar-lhe com alguma esperança. Como tudo que ele quer é sair incuti-lhe a idéia de que poderá talvez consegui-lo se cooperar comigo. Seu empenho em agradar foi tocante. Por uma vez, e provavelmente a única, me alegro de não ser oficial. Ele não gosta de oficiais. E, como você diz, se metêssemos na solitária todos os pracinhas que nutrem esse sentimento, teríamos de evacuar todo o Estado da Califórnia para arranjar acomodações.

Como não tinha nada comigo nessa primeira visita para tomar testes — inclusive tempo, diabos o levem — pedi a Gus que trouxesse um caderno de composições e algumas canetas esferográficas, e disse ao paciente que escrevesse a história de sua vida, da maneira que mais 'lhe agradasse, sugerindo que o uso da terceira pessoa poderia facilitar o seu trabalho. Isso lhe dará uma ocupação até que eu possa visitá-lo de novo, o que será dentro em breve — mais breve ainda, se você aprovar minha requisição de um dia de trinta horas e um eliminador de sono para mim.

Do seu esfalfado

Phil.

A terceira ou quarta cópia a carbono de uma transcrição datilografada.

NARRATIVA DE GEORGE

A primeira vez que ouviram falar nesse George foi numa bigue área de estágio perto de Tóquio e o pessoal lá andava tão atarefado que empurrava um montão de trabalho para as costas dos outros, que em geral não faziam o que lhes mandavam fazer. Esse é o costume no Exército, milhares de caras sentados, esperando, enquanto algumas dúzias dão murro. Uma das coisas era a correspondência. A correspondência tinha de ser censurada mas só os assuntos militares, e nessa guerra, só assuntos militares muito especiais. O resto não era da conta de ninguém, só de quem tinha escrito a carta.

Apesar disso, algum tenente por lá, que devia conhecer melhor as suas obrigações, bem,

talvez conhecesse, mas assim mesmo se meteu no que não lhe dizia respeito. Esse tenente ficou muito intrigado com uma das cartas que estava encarregado de censurar e mostrou a carta a um amigo que era major no Serviço Médico, mas esse major não era um simples doutor, era um psiquiatra. Olhou a carta e disse ao tenente que não tinha motivo para se preocupar com aquilo, pois não era assunto militar, o que o tenente aliás já sabia. Mas isso não adiantou nada porque a carta estava agora com o major, que ficou tão preocupado como o outro, de modo que mandou chamar o soldado que tinha escrito a carta.

No outro dia o major juntou a papelada que tinha em cima da escrivaninha e foi abrir a porta da salinha da frente, onde esse soldado estava esperando. O major tinha na mão uma pasta dobrada para fora, juntando as capas uma com a outra, e uma porção de papéis dentro.

— Entre, ôôô... — disse ele, e olhou os papéis, — ô Smith. O soldado entrou e o major fechou a porta. O soldado estava em posição de sentido

mas se virou para trás quando ouviu fechar a porta. O major passou sem olhar para ele por enquanto, mas, olhava os papéis.

— Está bem, soldado — disse. — Fique à vontade.

Não parecia muito durão. Sentou, botou os papéis em cima da escrivaninha, arrumou tudo bem direitinho e finalmente se encostou para trás na sua lustrosa cadeira giratória marrom e começou a estudar o soldado.

O que ele viu foi um rapagão taludo, de cabelo amarelo, cara avermelhada e uns ombros e um peito que faziam com que a camisa parecesse ter crescido em cima dele, de tão bem que sentava. Tinha braços e pernas grossas e conservava a cara fechada.

Até então o major não tinha dito ao soldado que a carta estava com ele. E assim o soldado não sabia por que tinha sido chamado.

O major falou:

— O escrevente da companhia diz que você gosta muito de andar só, Smith. Não se mistura muito com os outros.

Tudo que o soldado respondeu foi "Sim, senhor". Sempre preferia deixar que as outras pessoas falassem quanto quisessem.

— Quais são os seus passatempos?

— Gosto de caminhar. Na minha terra pesco um pouco, caço. — Como o major não dizia nada, o soldado teve de continuar: — Por aqui não tem muito disso. Guaxinim, marmota, coelho...

O major olhou os papéis e disse:

— Você sente muita falta dessas coisas?

— Sim senhor, sinto.

— Tem uma garota na sua terra, George?
(Desta vez o major chamou ele de George.)

— Ah! tenho, sim senhor.

— Vai de vez em quando à cidade, não vai?

George sabia muito bem o que ele queria dizer com isso e fez que não com a cabeça.

O major pegou um papel e olhou para ver se tinha alguma coisa escrita no outro lado, que aliás não tinha. Era um papel azul com duas linhas escritas. Foi só então que George começou a olhar fixo para o papel. Ficou com os

olhos cravados nele durante o resto do tempo que passou naquela sala, tal e qual o major, só que de mais longe. O major pareceu querer falar alguma coisa sobre o papel, mas não falou. O que disse foi:

— Por que é que você caça, George? Quero dizer, qual é o resultado que tira disso?

Ficou esperando com os olhos no papel, e como não ouvia resposta levantou a cabeça para olhar a cara do soldado. Então disse, baixinho e numa voz espichada: "Eeeei..." e levantou da cadeira. Foi depressa ao canto da sala, mas meio se esgueirando e, sem tirar os olhos da cara do soldado, pegou um copo, encheu de água no filtro, voltou e ofereceu o copo ao soldado.

— Olhe aqui, beba isto.

A cara do soldado estava branca como cal e toda coberta de gotinhas de suor. Tremia e tinha os olhos meio fechados, vidrados como se costuma dizer. Pegou o copo, mas parecia não saber O que estava fazendo. Ficou com o copo na mão sem beber. Não tirava os olhos do

papel. O major olhou também para aquele lado, e foi então que houve a explosão.

O copo pareceu explodir, mas isso foi porque o soldado apertou ele na mão. Estava pronto para saltar em cima do major e o major percebeu isso, porque ficou tão branco como o soldado. Mas o que salvou a vida dele foi a mão do soldado, que continuava estendida para a frente. Primeiro escorria água e depois escorria sangue. O sangue pingando foi o que salvou o major, porque quando o soldado viu aquilo se esqueceu de tudo mais. Levantou devagar a mão para o rosto. Os dedos se abriram e os cacos de vidro ensangüentado caíram no chão. Ele fechou o punho, chegou perto do nariz e começou a cheirar. Depois tornou a abrir. Pela beirada de fora da mão, debaixo do dedo mindinho, o sangue borbotava de uma pequena artéria cortada. George botou a boca naquele lugar.

O major devia ter apertado um botão debaixo da escrivaninha ou coisa que o valha porque a porta se abriu de supetão sem que ninguém

batesse e dois P-Es entraram correndo e agarraram George. Um pouco depois o major veio ajudar, entraram mais dois P-Es e então foi a conta. O nariz do major começou a sangrar e um dos P-Es ficou estendido no chão sem se mexer. George levou de novo a mão à boca e ficou resfolegando como um touro pelo nariz e olhando o sangue no rosto do major.

— Esperem um instante — disse o major quando os P-Es começaram a arrastar George para fora. Os homens pararam. Ele olhou George Smith bem nos olhos e falou para ele com bondade. Respirava forte e sangrava, mas foi muito delicado.

— Que foi isso, soldado? Que foi que eu disse?

George olhou a pasta em cima da escrivaninha, depois olhou o nariz sangrando do major, chupou o sangue da mão e não disse nada. Durante três meses não disse nada, porque achava que já tinha dito demais.

Então eles pegaram a pasta e o soldado e mandaram os dois de volta para os Estados.

DOIS

Esse George Smith tinha vinte e três anos de idade naquela ocasião. Vinha do Kentucky, da zona dos morros. Eram morros com mata, morros com fazendas, e de vez em quando uma dessas cidades que crescem assim, como cabelos, em roda de alguma coisa, uma encruzilhada de estradas ou um buraco no chão, como uma mina por exemplo.

George vinha de uma cidade mineira. Seu pai e sua mãe eram da Europa. Tinham casado no lado de cá. O pai trabalhava em Charleston, na Carolina do Sul, quando conheceu a mãe. Provavelmente só casou com ela porque era a única moça das suas conhecidas que podia conversar com ele. Não havia mesmo nada mais entre os dois que valesse a pena de casar. Solidão. As pessoas se sentem sozinhas e por isso se enforcam e vão viver sozinhas uma com a outra.

Quando se mudaram para o Kentucky, onde ele veio trabalhar nas minas, viveram sempre

isolados de todo mundo porque nunca aprenderam direito a falar inglês. Tudo que ele desejava, amigos, ter o seu lugar no mundo, ser um figurão, procurava encontrar numa garrafa. Uma das lembranças mais antigas que George tinha era o pai bêbedo aos berros, a mãe aos gritos e às vezes ele, George, também aos gritos. Não era como uma dessas lembranças de coisas que aconteceram para a gente e a gente se lembra. Não era a lembrança de uma ocasião especial, mas assim como uma luz colorida ou um cheiro no meio do qual a gente vive todos os dias. E a fome. Quase constantemente com fome. Com fome esperando que o pai voltasse para casa, e às vezes ele não voltava, outras vezes voltava tarde, e bastava dizer a ele uma palavra sobre isso e começava a pancadaria. A gente descobria que quando a mãe se punha aos gritos a fome passava.

Mas assim mesmo era bom. Como a mata. A gente podia andar pela mata e saber onde estava, primeiro perto de casa, depois mais longe e finalmente por toda a parte. A mata

com chuva, com neve, mesmo a mata quando se estava com fome, não podia fazer a gente sofrer como às vezes se sofria em casa. Podia-se morrer na mata ou ser morto, mas a mata não bebe, a mata não esmurra a cara da mãe da gente. Sempre se está bem de vida quando se pode escapar para a mata. Ela é macia, por assim dizer, enquanto as cidades são duras. A gente pode tocar para essa mata macia e beber, mas não as cidades, não as pessoas, todas elas rachadas no meio e cheias de espinhos. Outra coisa é que na mata a gente sabe onde está. Os animais, por exemplo, nunca guardam raiva. Se a gente senta uma porretada num coelho e erra, ou acerta e ele consegue escapar, não fica nos odiando por isso. Pode ser que aprenda, pode ser que tenha mais cuidado depois, ou que fique mais medroso, mas é só. Mas quando a gente bate em alguém nunca sabe o que vai resultar daí. Pode não resultar nada ou pode acontecer de tudo, até cadeia. E também se um esquilo vê a gente cortar um esquilo, não está ligando. Mas se uma pessoa vê a gente cortar

outra pessoa, olho vivo! Mesmo anos depois.

Desde que George ficou em idade de poder caminhar começou a andar na mata. Não importava o que acontecesse, a mata lá estava à espera dele. Depois dos onze anos pôde contar com outra coisa que também era ótima, talvez ainda melhor, porque a irmã da mãe se casou com um homem que tinha uma fazenda no sul da Virgínia e apesar de ficar bastante longe de vez em quando ele ia lá. E anos depois compreendeu que como fazenda não era grande coisa, mas naquele tempo era o céu para ele. E durante algum tempo esteve morando lá, mas isso foi mais tarde, depois que todos morreram.

A única coisa ruim mesmo que aconteceu a George na mata foi quando ele tinha cinco anos e ouviu umas vozes, subiu um barranco de rastos, olhou para baixo e viu um cara fazendo o serviço numa guria. Não era a primeira vez que via isso, mas era diferente do que acontecia em casa porque a guria não estava chorando. O que sempre ficou na lembrança dele foram os

calcanhares da guria que estavam no ar e cada vez que o cara dava uma empurrada se sacudiam como se fossem de massa. George estava olhando isso sem pensar nada quando o outro cara — eram dois que tinham levado aquela guria para a mata e um estava por ali esperando — pois esse outro cara chegou por trás de George e sentou-lhe uma paulada com um tronco de árvore. Não era uma árvore muito grande e estava morta há muito tempo e meio podre, senão acho que George estaria morto a estas horas, mas assim mesmo doeu um bocado e pregou-lhe um bruto susto. O cara corria atrás dele sapecando-lhe o pau, umas oito ou dez vezes, até que George conseguiu escapar enveredando pelo meio do matagal, que era muito cerrado naquele lugar e ele muito pequeno, como quem procura matar um coelho a pau no meio de um silvado, que é uma coisa simplesmente impossível.

Dizem que essas coisas deixam marca na gente para toda a vida, mas George nem se impressionou. Quero dizer, se era para lhe

meter medo e fazer ele desistir de andar na mata, não teve esse resultado. Mesmo com cinco anos, George velho pôde compreender que a culpa não era da mata.

Pois bem, George teve de ir para escola como todo mundo e foi lá que aprendeu pela primeira vez a deixar os outros falarem porque todos faziam isso com tanta facilidade. George sabia falar, é claro, seu pai fazia ele falar no armazém etc, mas durante muito tempo não pôde se livrar daquela língua de estrangeiro que botava uma catanga em cada palavra que ele dizia e fazia os outros rirem. Naturalmente, depois de alguns meses George aprendeu a falar americano tão bem como qualquer um, mas já então toda a gente tinha começado a chamar seu pai o gambá da cidade, o que era verdade, e cada vez que George abria a boca perigava receber um soco nos dentes. E além disso os outros garotos da vila andavam sempre juntos e iam às casas uns dos outros, mas ninguém nunca ia à casa de George porque era a única em que eles tinham medo do pai. E

além disso, a mãe andava sempre muito doente e muito cansada. Começa que tinha artrite nas mãos e lhe doía muito quando lavava a roupa e fazia a limpeza, mas trabalhava o mais que podia e George ajudava ela quando não tinha ninguém olhando. Mas uma coisa que ele não podia fazer era estender a roupa no varal porque uma vez os garotos viram ele fazer isso.

A situação não era tão ruim como podia ter sido porque George era grande por natureza. Pesava sete quilos quando nasceu e >sua mãe dizia que foi isso que lhe deu a artrite. Aí pelos oito anos começou a crescer às deveras, e como tinha se atrasado dois anos na escola era sempre maior do que os guris com quem andava misturado. Com doze anos tinha um metro e oitenta de altura e pesava setenta e sete quilos.

Agora sobre as caçadas. Ele não tinha mais de sete ou oito anos quando começou a pegar o jeito da coisa. O tiro com funda é ótimo, mas leva muito tempo para treinar. Às vezes ele conseguia quebrar a cabeça de um coelho com

um porrete. A gente sai de manhã cedo quando ainda está escuro, para poder estar na beira de um campo junto da mata quando começar a clarear. Leva um porrete de uns sessenta centímetros de comprimento e a grossura do pulso. O melhor é bordo ou nogueira-amarga, verde porque assim é mais pesado. O pinho é mais fácil de cortar, mas deixa nas mãos e na roupa aquela resina que não se pode mais tirar. A gente se esconde numa moita cerrada mas perto da beira para não estorvar o movimento do braço. Fica com o braço para trás e o porrete descansando numa forquilha de árvore ou alguma outra coisa que sustente o peso, preparado para esperar bastante tempo ali sem se mexer. Daí a pouco começa a clarear e os coelhos saem para comer o trevo, o capim ou seja lá o que for, e saltam de lá para cá e se espicham no chão e esfregam a barriga no capim etc. e tal. A gente escolhe um coelho e se decide por aquele, nenhum outro serve. Por mais perto que cheguem os outros, a gente deixa em paz. Daí a pouco o tal vem para o

lugar que se quer, e não importa o que ele fizer, rolar no chão, sacudir as patas no ar, sentar e roer a erva, farejar outro coelho ou o que quer que seja, a gente deixa em paz. Mas quando ele fica bem parado, com as quatro patas no chão, o queixo baixado e as orelhas murchas, porque quando as orelhas estão em pé ele está alerta — é então que se atira o porrete. Ao levantar o porrete da árvore em que está descansando raspa-se um pouco nela, porque isso faz um barulhinho. o bastante para fazer o animal se sentar teso nas ancas. Fica então reto como uma estaca cravada no chão. Tira-se o porrete da árvore raspando e joga-se em seguida, sem esperar, com força e quase rente com o chão, na altura do meio das orelhas. Joga-se de maneira que vá rodopiando como a hélice de um avião (só que o avião devia estar voando direito para cima), e salta-se em pé e cai-se em cima do coelho assim que se atirou o porrete. Pois se o porrete acertar em cheio é capaz de arrancar a cabeça do animal, mas se bater nele enquanto está fugindo ou se der na paleta não faz mais

do que estontear, e a gente precisa estar em cima para pegar logo o animal, porque ele pode tontear, tornar a se levantar e botar sebo nas canelas enquanto o diabo esfrega um olho. E se está tonto a gente pode segurar ele pelas duas patas de trás com a mão esquerda, levantando no ar, e quando se faz isso com um coelho ele se espicha todo e atira a cabeça para trás, e aí a gente dá de quina com a mão direita bem na nuca, quebra-lhe o pescoço e ele não se mexe mais, escorrendo sangue pelo nariz. Mas quando se faz isso com um rato, uma marmota, um guaxinim ou um esquilo, o bicho não se estica nem atira a cabeça para cima, mas se enrosca sobre si mesmo e morde a gente. Um esquilo pode morder nove vezes antes que se tenha tempo de soltar um ai e tem uns enormes dentes amarelos de urna polegada de comprimento. Um rato, embora pareça estar morto, pode pegar a gente mesmo que seja agarrado pela ponta do rabo, trepando por esse rabo com as patas da frente uma depois da outra e lanhando a gente antes que se atine em

largar. Um esquilo morde de cima para baixo e deixa buracos do tamanho dos seus dentes, mas um rato tem o costume de lanhar, o buraco é sempre maior do que o dente e não se pode fazer idéia de como ele consegue isso. Um rato, quando está tonto, deve-se segurar pela ponta do rabo e botar o pé atravessado em cima de modo que o rabo fique debaixo do arco do pé. Então se pode puxar o resto do bicho para cima no outro lado do pé e rente com o sapato. Assim ele fica bem seguro e tudo que pode fazer é dar umas rabanadas e fica-se com uma mão livre para lhe sentar uma porretada ou pegar uma pedra, ou a faca, ou bater nele com o outro pé. Um esquilo-da-terra, que no Leste chamam "chipmunk", não vale o trabalho que se tem com ele. Tem um rabo que fica na mão da gente quando se agarra, ou melhor, o rabo não fica mas descasca e ele se escapa e o resto do rabo seca mais tarde e cai. Esse bicho dá uma mordida pior que a de um rato e ninguém acredita que um bicho daquele tamanho possa abrir uma boca tão grande. E quando se apanha

um, que 6 que se consegue? Ele tem tão pouco suco como uma ameixa cozida. Jaritacaca não vale a pena perder tempo com ela, embora seja fácil de pegar porque esse animal não tem medo de nada. Um gambá tudo que se tem de fazer é levantar ele do chão. Um guaxinim é preciso ter um bom porrete, é só dar porretada e mais porretada até ter certeza de que ele morreu, se por acaso conseguir se encostar numa árvore ou numa pedra e ainda não estiver morto, é o mesmo que se alguém atirasse um serrote na gente, rodopiando no ar. Uma vez George atirou um porrete num lince-baio e acertou, mas nunca mais. Todos os gatos têm o mesmo gosto, a gente sopra pelo nariz e sente um cheiro como de mijo de gato. Durante horas. Não vão me acreditar, mas as cobras têm bom paladar, talvez meio parecido com peixe, mas quem não gosta de peixe? O único defeito é não ser quente. Pássaros é tempo perdido, quase só pena, só uma ou duas vezes que George viu uns perus-do-mato, mas não conseguiu chegar bastante perto para atirar

com uma funda. Menos marreco. Marreco é ótimo.

Quando George ficou um pouco mais velho, uns dez ou onze anos, aprendeu a caçar com armadilhas. Nunca teve dinheiro para comprar armadilhas de aço, mas ficou tão perito em preparar essas coisas que não precisava comprar. Sabia fazer um mundéu bastante grande para apanhar um texugo e isso não é dizer pouco porque um texugo é capaz de furar uma estrada de asfalto em caso de necessidade se a pedra do mundéu não for bastante pesada para acabar logo com ele, mas esse George era um rapagão forte. O tal mundéu não é nada mais do que uma pedra grande e chata inclinada e escorada numa vara. Tem gente que amarra na vara um cordão comprido e fica esperando o dia inteiro até que um bicho venha se colocar debaixo da pedra para comer a isca, mas isso é para escoteiros. George preferia escorar a pedra e depois fazer um corte na vara quase ao ponto de atorar e amarrar o cordão no corte. O cordão passa em roda de uma estaca

cravada no chão atrás da pedra e depois volta até uma certa distância, e a isca é amarrada nele. Uma raposa ou um gambá abocanha a isca e puxa, a vara se quebra e a pedra desaba em cima do bicho. Para coelho a melhor isca é uma cenoura, porque é forte. Para raposa ou mesmo um texugo de vez em quando a carne de coelho é boa, mas nunca usem o rim se não quiserem apanhar uma porqueira dum gato.

A melhor de todas é o número-quatro, que George sabia armar em menos tempo do que uma pessoa leva para trepar num pinheiro. Basta procurar uma arvorezinha nova de folha, bem forte, freixo ou nogueira-amarga ou mesmo vidoeiro se não tiver outra. Mede-se a passo a distância certa, dependendo da árvore, e cava-se um buraco no chão. Depois procura-se um galho da grossura do polegar, com uma boa forquilha. Corta-se o galho logo abaixo da forquilha, depois cortasse um dos ramos da forquilha deixando um esporão. Finca-se assim com um galho folhudo que tem uma espécie de gancho. Vira-se o galho com O gancho para

baixo e enterra-se a parte folhuda, socando bem, botando umas pedras pesadas no buraco e talvez um tronco em cima, de modo que o gancho virado de cabeça para baixo apareça logo acima do chão. Faz-se um pequeno corte no ramo maior e prepara-se uma cavilha bem forte, de duas pontas, para encaixar no corte e atravessar até a ponta do gancho. Fica uma coisa parecida com um número 4.

Então se puxa para baixo a arvorezinha até ficar quase dobrada em dois e amarra-se um cordão perto da ponta dos galhos e a outra ponta do cordão na cavilha, que se encaixa no gancho para fazer o número 4. Bem devagarinho, vai se soltando a árvore dobrada até que a cavilha fique bem firmada no gancho. Muito bem. Amarrado a esse cordão logo acima do número quatro tem outro pedaço de cordão, e amarrado a este adivinhem o quê. Pois uma corda velha de violão, uma corda de prima, dessas que têm um calço pequenino na ponta, parecendo um barrilzinho oco de latão. Passa-se a ponta da corda de violão por esse

barrilzinho para fazer uma laçada. Essa laçada arruma-se em roda da isca, que se ata com um cordão curto à cavilha de duas pontas do número 4. Espalhasse terra fina em cima até esconder a laçada e o cordão da isca e vai-se para casa. De manhã a gente vai ver, pegou um coelho, uma marmota ou quem sabe se até uma raposa ou um texugo. Porque no primeiro puxão que o animal dá na isca, a cavilha sai do lugar, a árvore se endireita de repente e aquela laçada do fio de metal pega o bicho e enforca ele mais alto do que Hamã. Ou pode ser que seja uma porqueira de jaritacaca, ou nada mais do que uma pata atorada de raposa, mas em geral se pega coisa boa.

Ah, como esse George gostava de caçar. O que não gostava era de matar nada. Não queria saber de gente que mata só por matar, quando os animais não lhes fizeram nada. Ninguém deve matar nada de que não precise para alguma coisa. Como veado, por exemplo. Uma vez, depois de um vendaval medonho, George encontrou uma cervata apertada contra o chão

por uma árvore que tinha caído e trabalhou a manhã inteira para livrar o animal, usando apenas uma machadinha e arrastando paus até poder levantar a árvore o bastante para deixar a cerva escapar. A cerva estava quase morta de medo, mas George só se ria e continuava trabalhando, até que ela conseguiu se soltar. George nunca matou um veado. Para que? São grandes demais. Mas este George, quando não estava caçando ou talvez pescando, ficava deitado a pensar nessas coisas. Era do que mais gostava.

TRÊS

Enquanto ele passava o tempo nessas caçadas, ia à escola e tudo mais, a situação ia piorando em casa. A mãe ficou pior da artrite e não demorou muito parou quase de fazer a limpeza da casa e mal podia cozinhar. Isso deixava o pai furioso e foi ficando pior do que nunca. Às vezes passava a noite inteira fora de casa e ia trabalhar bêbedo de manhã. Era um bom trabalhador, forte, mas às vezes respingava quando o capataz lhe dizia alguma coisa, começava a discutir, e uma vez sentou-lhe um soco mas não com muita força. Por isso vivia sendo suspenso. Quando isso acontecia, recebia o seu salário e tomava um bruto porre até gastar todo o dinheiro. Não era tão ruim quando ficava por fora nessas ocasiões, mas quando vinha para casa era horrível. George e a mãe sempre procuravam não dizer nenhuma palavra que fosse capaz de fazer ele enraivecer, mas qualquer palavra bastava. Então batia na mãe, dava-lhe socos na cara, o sangue corria e

ela gritava, mas nunca muito alto por causa da vergonha que sentia. Também batia em George, mas quando George ficou bastante grande para poder fugir, punha sebo nas canelas assim que começava a baderna e até antes, logo que o pai chegava em casa. Só voltava quando o pai estivesse dormindo. Depois que pegava no sono se acabavam as encrencas e quando acordava nunca parecia se lembrar de nada. George nunca corria para os vizinhos porque os vizinhos não queriam saber de nenhum deles, nem para os tiras porque o pai tinha raiva dos tiras e ele nunca achou que isso fosse errado, não tinha ninguém para lhe ensinar coisa diferente. Ia direito para a mata e se encostava numa árvore ou caçava se fizesse luar, ou mesmo ficava por perto de casa até tudo se acalmar, e então ia espiar na janela para ver se ele estava dormindo, e se estivesse entrava e ia para a cama.

E às vezes já estava na cama e mesmo dormindo quando o pai chegava, e era nessas noites que ele acordava ouvindo a mãe a

chorar, primeiro "Não, não, agora não, o menino, o menino", e O pai rosnava que o mesmo estava dormindo. George fechava bem os olhos e ficava sem se mexer, como na mata quando esperava os coelhos, e a mãe chorando, "não, não", até que soltava um gritinho e dizia "As minhas mãos, ai as minhas mãos", porque era isso que ele fazia, apertava as mãos dela até que ela cedesse por não poder mais com a dor da artrite, porque dizia que ela não tinha nada de sério, estava só manheirando. Então a mãe parava de dizer "não, não" mas continuava chorando até que ele pegasse no sono. Essa coisa tinha de bom, sempre pegava no sono em seguida.

Quando George fez treze anos tinha o tamanho de um homem. Era tão grande como o pai e talvez mais forte, embora não parecesse saber disso. Seu pai era um homem de cabelo amarelo com uma porção de dentes estragados e umas pelancas debaixo dos olhos como se fossem umas pequenas redes de dormir vermelhas de sangue, e as calças lhe sentavam

melhor quando deixava a barriga cair por cima da cinta, de modo que sempre usava elas desse jeito, bem caídas. Quando George era garotinho procurava usar as calças assim, mas nunca teve bastante barriga para isso. Quando ficou mais crescido deixou de procurar fazer as coisas como o pai fazia. E quando ele tinha treze anos aconteceu uma coisa que veio mudar tudo.

Havia bastante tempo que o pai vinha trabalhando firme. Em casa não faltava de comer e George ajudava o mais que podia na limpeza e no resto. Porque o pai vinha para casa e quando estava são e encontrava a casa bem limpinha e o jantar cozinhando nas panelas, pode ser que ele não fosse o tipo do marido bom e amoroso dos filmes, mas pelo menos chegava, se lavava, comia, sentava na porta cortando algum pau e ia para a cama sem berrar nem bater em ninguém. E de vez em quando olhava alguma coisa que George fazia, como criar uma parede ou consertar os balaústres rebentados do pórtico ou um degrau ou qualquer coisa, olhava para o trabalho,

olhava para George e dizia "Orra muito pem!" com aquele sotaque estrangeiro, e George nessas ocasiões seria capaz de fazer tudo por ele. E ainda se lembrava de uma vez que ele entrou, tomou o cheiro da cozinha e disse; "Puxa, que chérro pom!" e a mãe chegou a chorar, sentada na sua cadeira de rodas, linha ganho essa cadeira do padre que vinha nos visitar, acho que para ver se com o presente de uma cadeira de rodas conseguia levar ela ou George ou mesmo o pai à igreja de vez em quando. Mas nunca foram. O pai disse que não fossem e durante um mês rogava pragas toda vez que via a cadeira, mas assim mesmo deixou que a mãe ficasse com ela.

E como as coisas corriam bem, naturalmente George e a mãe se viravam em quatro para trazer tudo em condições de modo que aquilo durasse o máximo possível e o pai se sentisse contente em casa. E nessa noite o pai devia passar pelo armazém quando voltasse para casa porque a comida que tinham era bastante pouca, só umas costelas de porco e umas ramas

de nabo. A mãe guardou essas coisas para outro dia e ela e George aprontaram tudo para quando o pai chegasse com a comida e ficaram falando no que iam fazer conforme o que ele trouxesse, para poderem aprontar bem depressa, como por exemplo, se ele trouxesse carne de paleta bateriam rapidamente com a beira de um prato para fazer bifés de panela com cebolas se ele trouxesse cebolas, e se trouxesse couve não iriam ferver mas dar só uma ligeira passada na banha quente. George sempre se sentiu muito chegado à mãe, mas com u-ria impressão esquisita de desapontamento ou coisa parecida. Como quando ela começava a se queixar da sorte, a chorar e a lhe dizer como tinha apanhado a artrite depois que ele nasceu e batia com a mão no peito magro e dizia quanto tinha se esforçado para lhe dar de comer com o seu próprio corpo mas não podia, porque ele era muito grande e ela estava muito doente, e o desejo que tinha de poder fazer isso. Era como se tivesse sempre alimentado George com o seu

próprio corpo e o que dava a ele lhe custava muito, deixava ela fraca e doente, mas ainda assim continuava a dar. Para ele. E ao mesmo tempo era como se Ele precisasse alguma coisa dela, e assim aceitava o que ela lhe daría, mas nunca era bastante e nunca era bem a coisa que queria. Isto é muito difícil de explicar. Mas em todo caso sempre sentia a mãe dando de si mesma sem parar, e sempre precisava alguma coisa dela e andava em roda dela para conseguir essa coisa, só que o que ela lhe dava a todo instante não era aquilo que ele queria. Às vezes esse sentimento se tornava tão forte nele que tinha de voltar a caçar. E depois de caçar em geral se sentia melhor.

Mas nessa noite em que estavam esperando que o pai voltasse e planejando todas as coisas diferentes que poderiam fazer para preparar depressa um jantar de que ele gostasse, foi ficando cada vez mais tarde e eles conversaram ainda um pouco para passar o tempo, depois se calaram e ficaram esperando, ela na cadeira de rodas olhando as suas mãos que tinham ficado

escuras e todas torcidas como galhos de cipreste. E George estava sentado no degrau da porta olhando o caminho das vacas que descia até a estrada por onde o pai teria de vir. E quando escureceu a mãe disse com o ar mais alegre que pôde:

— Já sei! Você corta umas lascas de carne daquelas costelas e nós vamos fritar como "bacon" para fazer sanduíches de "bacon", e podemos cozinhar um pedaço da costela com as ramas de nabo. Acho que temos também um pouco de feijão por aí. Um jantar completo, e podemos esperar com ele pronto.

Então George se levantou da porta, pois de qualquer modo estava ficando escuro demais para poder enxergar, e acendeu o candeeiro do querosene, atçou as brasas no fogão e caminhou para a mesa com a faca e a costela de porco para cortar as lascas de carne. Era por isso que estava com a faca na mão. Não foi buscar a faca nem teria pensado em fazer isso, mas aconteceu de estar com ela na mão por casualidade.

Chega o pai chumbado como nunca, olha em roda e diz "Tiabo leve aquele polóco". Não era preciso mais nada para saber que ele tinha brigado com o capataz, tinha sido suspenso, recebido o seu dinheiro e se embebedado. E a mãe não pôde se agüentar, soltou um choro comprido, atirou para cima as pobres mãos tortas e se pôs a exclamar "oh, oh"; ele então correu para onde ela estava e aplicou-lhe um soco no nariz com tanta força que se ouviu o osso quebrar e o sangue espirrou antes que ele tivesse retirado a mão. Então George, do outro lado do quarto (depois, nunca conseguiu se lembrar de como tinha feito isso) George atirou a faca.

Bem, aquele quarto ficou silencioso e o silêncio durou tanto que ninguém acreditaria. Depois o pai tirou a camiseta que era tudo que ele tinha no corpo além das calças, porque fazia muito calor naquele dia, e olhou o talho e o sangue que corria dali. E a mãe tinha as mãos no rosto escorrendo sangue, arregalando os olhos entre os dedos para o pai. E o pai afastou

George com um empurrão, pegou o pano de pratos, enxaguou o peito com água fria, secou com pano de pratos, tirou a outra camiseta do cabide por cima da cama, pegou um pano limpo, botou em cima do talho, enfiou a outra camiseta e saiu. Ninguém tinha dito uma palavra depois que ele disse "Tiabo leve polóco".

Bem, depois disso nada continuou como dantes. O pai ainda tinha dinheiro quando saiu, gastou todo esse dinheiro na mesma noite. No outro dia quando pegou George sozinho falou com ele e disse que tinha se emborrachado primeiro porque estava furioso por ter sido suspenso e depois do que aconteceu se emborrachou porque se sentia muito arrependido. Parecia fazer questão de que George entendesse isto, mas George não entendeu e tudo que fez foi sacudir os ombros. E não disse que estava arrependido de ter atirado a faca ou qualquer outra coisa, aliás o pai não tocou nesse assunto e nunca falou na faca ou outra coisa qualquer.

Mas nunca mais tornou a pôr as mãos na mãe. Vivia quase sempre sentado no degrau da porta, olhando o caminho das vacas. Dentro de um ou dois dias toda a costela de porco e as ramas de nabo tinham se acabado, e também o feijão e um canto de pão, mas o pai continuava sentado na porta e a mãe na cadeira de rodas com uma compressa úmida no nariz. Como ninguém se animava a falar ao pai para lhe pedir que arranjasse comida ou que fosse trabalhar, no terceiro dia George voltou da escola trazendo um enorme saco de comidas. Entrou passando pelo pai e largou o saco no chão. Na parte do saco que George tinha carregado do lado do peito estava escrito em letras grandes com creiom: "Morosch", que era o nome de um empregado nos escritórios na mina. George tirou logo tudo para fora e meteu o saco no fogão para queimar. Depois escondeu tudo, uma galinha limpa, duas libras de "hamburger", um pão dormido para recheio, um pão fresco, dois litros de leite, cenouras frescas, uma libra de manteiga, um boião de

geléia de morangos, uma libra de café e umas bananas.

A mãe com certeza estava muito doente para reparar naquilo, com os olhos azuis inchados e fechados e o nariz três vezes maior do que o tamanho natural. O pai veio para dentro e olhou as coisas que George estava escondendo.

— Ónte focê arranjo isso? — perguntou.

Pela primeira vez na vida George se virou e olhou para ele bem nos olhos.

— Afanei na camioneta de entrega do Acme.

E era verdade. Naquele momento pouco lhe importava que o pai berrasse ou lhe sentasse um soco ou não dissesse nada ou fosse para a lua. O pai ficou muito tempo sem falar, depois fez um sorrisinho esquisito e disse:

— Quem sabe, focê ainda pode ser alguma coisa na fida, rapaz.

E sabem de uma coisa? George nunca se sentiu mais contente em toda a sua vida do que quando ouviu isto. E é uma coisa absurda, porque se odiava alguém era o pai. Se havia um homem para cuja opinião ele não estava

ligando o mínimo, era o pai. Mas quando o pai sorriu e disse aquilo ele sentiu um calor por dentro e sua cara ficou vermelha no espelho em cima da pia e nem que lhe encostasse uma faca no pescoço teria podido deixar de sorrir também.

Bem, passados uns dias o pai voltou para o trabalho como apagador no montão de escórias onde nunca puderam conservar um operário durante muito tempo, quem é que quer se matar trabalhando num inferno? Mas o pai estava sempre disposto a voltar para lá. E a vida continuou sossegada, os porres tinham acabado, pouco se conversava, vieram as férias da escola e a mãe vivia na sua cadeira de rodas, cada vez mais calada. Parecia que tinha desistido, não queria mais lutar, nem contra ele, nem contra a vergonha, nem contra a sujeira em casa e tudo mais. Ficou magrinha e leve como um gambá morto, com a maior facilidade George carregava ela para a casinha e deixava lá em pé. Devagarzinho ela fechava a porta e depois de muito tempo chamava, ele vinha,

encontrava ela em pé e carregava de novo para a cadeira de rodas. George tratava de limpar um pouco a casa quando se lembrava disso. Agora andava quase sempre com vontade de caçar, mas fazia finca-pé e não ia, passava o dia inteiro por ali rodeando a mãe. Depois que passaram os olhos pretos e o inchu-mc do nariz, que só ficou torto, chamaram a enfermeira do distrito e ela veio, olhou para as mãos, se exclamou e disse que a mãe devia ter ido há muito para o hospital em Mountindale, mas a mãe disse "não!" muito decidida, a primeira vez que fazia isso há muito tempo. A enfermeira pegou o braço, arregaçou a manga e olhou. Parecia duas varas de salgueiro descascadas e coladas uma na outra. Procurou dobrar o braço devagarinho e depois endireitar, mas ele só se mexia um pouco tanto para um lado como para o outro e a mãe segurava a respiração e mordida a língua para não gritar. Então a enfermeira tornou a sacudir os ombros e deixou uns comprimidos para ela tomar quando sentisse dor. A mãe morreu uns quatro meses depois de

ter levado aquele soco no nariz. O pai foi trabalhar nesse dia mas George ficou por ali e quando o carro veio buscar o corpo quis ir junto, mas não deixaram, então foi correndo atrás dele até o necrotério e ficou por lá até ser enxotado. De noite esperou que todos fossem embora, deu volta pelos fundos, arrombou uma porta e entrou para dizer adeus à mãe lá à sua moda. Jurou que ficariam juntos de um jeito ou de outro, não importava como fosse. De manhã estava do lado de fora esperando e ficou por ali até que terminaram o que tinham de fazer com ela e levaram para o cemitério. O pai veio também. Ficaram juntos olhando enquanto enchiam a sepultura e alguém disse que eles pareciam não entender aquilo e não entendiam mesmo. Ninguém chorou. Depois o pai voltou para a mina e George devia ir para a escola, mas em vez disso foi caçar. Não pegou nada, e essa, foi a parte pior.

A vida continuou, George passava muito tempo caçando e o pai trabalhando. O engraçado é que o pai começou a dar um jeito

na vida, pelo menos quanto à bebida. Trabalhava firme e conseguiu um emprego na boca da mina controlando as ferramentas, e se continuasse assim acabaria lá em baixo ganhando dinheiro grosso para variar. Mas não queria isso, ou pelo menos não se esforçou. O mais espantoso é que pela primeira vez de que a gente podia se lembrar começou a fazer coisas em casa. Não era muito, mas todo o tempo que sua mulher viveu ele nunca tinha pegado uma vassoura a não ser para dar em alguém, nem nunca tinha molhado as mãos senão para se lavar. Agora que ninguém se importava com isso ele começou a varrer o cisco e as latas de cerveja para o pátio mais ou menos todos os dias, até raspava e enxaguava os pratos. Uma vez ele disse a George que seria muito bom terem uma horta para plantar milho, rabanetes etc, mas não tinha enxada, e assim George afanou uma enxada para ele na exposição de calçada em frente da loja de ferragens Mountain Hardware, e o pai pegou a enxada, rogando uma porção de pragas, mas abanando

a cabeça e arreganhando os dentes. Devia saber que George tinha afanado ela, pois onde é que George ia arranjar o dinheiro? Mas nunca perguntou. Ficou todo contente e chegou a preparar um canteiro e George foi ao mercado Acme, fingiu que estava estudando as sementes e afanou oito pacotes, milho, melão, girassol e pimenta, e o pai plantou tudo.

Uma noite George vinha voltando da pedreira velha no outro lado da cidade, onde tinha umas bigues rãs, e bem no meio da vila alguém saiu de um beco e pegou ele pelo braço. George ia aplicar um murro no sujeito quando viu que era o pai. O pai foi caminhando com ele e começou a falar umas coisas, que não precisavam mais viver como porcos, que se não tivesse de gastar todo o seu dinheiro na comida poderia comprar por exemplo um tapete para botar no assoalho, uns pratos novos e uma tina para lavar esses pratos, e talvez outra lâmpada, umas latas de tinta etc. Quando chegaram na esquina o pai fez George dar volta e vieram pelo mesmo caminho, o pai sempre

resmungando aquelas coisas, e quando alcançaram o beco ele olhou para cima, para baixo, para todos os lados e de repente puxou George para o beco. Foram até o meio mais ou menos. Estava escuro como carvão e o pai pegou o pulso de George e fez ele tocar com a mão numa dessas portas inclinadas de porão que existem nalgumas casas. O pai puxou a porta para cima, ela se abriu um pouco e George viu que não estava chaveada. O pai tornou a baixar a porta com todo o cuidado para não fazer barulho e foi embora no escuro deixando George ali. George esperou um pouco, depois experimentou também a porta, ela se abriu e ele desceu uns degraus. Lá em baixo não pôde enxergar nada mas sentiu o cheiro da farinha, das ameixas secas e de tudo mais que tinha ali, pois era o porão do mercado Acme.

No dia seguinte pegou uma caixa de fósforos e de noite voltou lá e encheu os bolsos com duas latas de leite, um abridor de lata, umas velas de sebo, mas o melhor de tudo foi uma

lanterna elétrica de brinquedo com as pilhas, uma coisinha de nada mas era justamente o que ele precisava naquele porão. Então começou a ir lá quase todas as noites e trouxe uma porção de coisas para casa, mas foi esperto, só tirava coisas das caixas abertas e nunca deixava sinais como papéis rasgados dos pacotes ou fósforos queimados e nunca se esquecia de ficar algum tempo sentado debaixo da porta que dava para o beco, sem fazer barulho nenhum e escutando como fazia na mata. O pai nunca disse nada enquanto ele ia enchendo a casa de coisas, comidas enlatadas, mistura para panqueca, arroz, lentilhas e não sei o que mais em todos os armários e debaixo da pia. O pai e ele quase não falavam sobre isso, mas agora se acertavam como nunca tinham se acertado, e a verdade é que o pai guardou algum dinheiro e comprou um tapete pequeno para o assoalho e uns pratos no bazar popular.

Então ele descobriu que o mercado de carnes também tinha uma porta de porão no lado, só que essa estava fechada. Andou uns dois dias

pela cidade até chegar o caminhão de entrega e ajudou o chofer a descarregar caixas de "bacon", quatro quartos de boi e quatro metades de porco, e na terceira viagem descendo e subindo as escadas descobriu que podia deixar aberto o trinco de mola metendo um pedaço de papelão na fresta da fechadura, e foi o que fez. Naquela noite desceu para o porão, subiu para o mercado, espiou com todo o cuidado a rua e foi abrir a sala do frigorífico. Quando abriu a porta, uma luz forte se acendeu lá dentro e ele levou um susto tão grande que se esgueirou para dentro e bateu a porta para esconder a luz. Assim que a porta se fechou a luz apagou. Ele se virou para a porta e procurou um trinco para abrir, mas não encontrou nenhum. Se fosse num sábado, na certa estaria morto na segunda-feira de manhã. Como não era, estava vivo mas duro como um picolé quando abriram a porta na manhã seguinte, e o mais gozado é que a porta se abria com um pedal que tinha do lado para o açougueiro poder sair com as mãos ocupadas, mas como é que a gente ia ver isso na

mais completa escuridão, porque ele tinha esquecido de levar a lanterna.

Botaram ele no xadrez, fizeram descongelar e poucos dias depois o Juiz Manorora deu-lhe dois anos por arrombamento e tentativa de furto. O pai estava lá com a mesma cara do dia do enterro como se não entendesse o que estava acontecendo e o Juiz cochichava apontando a mão e sacudindo a cabeça com o padre que tinha dado a cadeira de rodas e a enfermeira do distrito, que também apareceu. O pai ouvia tudo sentado na sua cadeira e provavelmente não entendia uma palavra em dez. George não dizia nada tampouco, porque depois que tinha sido descongelado não estava ligando para coisa nenhuma. Os dois anos afinal de contas não eram um castigo tão duro porque ia tirar numa espécie de orfanato em vez de na cadeia. Ninguém nunca descobriu o que ele tinha feito no mercado Acme.

QUATRO

Pois bem, a coisa que dava a George vontade de rir, mas catava tão admirado que não podia rir, era que o primeiro edifício em que botaram ele tinha grades nas janelas e as portas sem trinco só com o buraco da fechadura e uma estacada bem alta em roda com cinco fios de arame farpado em cima pendendo para dentro e torres de sentinela nas esquinas e uma portinha na frente sem trinco só com o buraco da fechadura e um portão grande nos fundos para os caminhões. Esse portão era dobrado, de forma que o caminhão entrava por um e só depois de fechar esse à chave se abria o outro. Todo o tempo que George ficou ali nunca fecharam os dois portões e ele nunca viu ninguém nas torrinhas de sentinela, mas o que lhe clava vontade de rir era a idéia de que alguém quisesse fugir de um lugar como aquele.

Todos tinham uma cama para si com um lençol limpo, um cobertor limpo, duas

prateleiras e um armário com uma cortina parda em lugar de porta para guardar as suas coisas. Entre as camas tinha um tabique de madeira de modo que, com a diferença de ser aberto do lado contrário ao da janela, quando se estava ali era como ter um quarto só para si. Para cada duas camas, no corredor comprido para onde abriam esses quartinhos, tinha uma pia pequena, sem mentira, uma para cada duas camas, com água quente e fria. Para cada quatro camas tinha um banheiro no outro lado do corredor, com um mictório, só que não tinha porta, mas quem precisa disso? De noite um guarda e dois provedores faziam a inspeção de todos os corredores em todos os andares, no total seis corredores. Usavam sapatos de sola de borracha, mas assim mesmo se podia ouvir quando vinham.

De manhã acendem umas bigues lâmpadas muito fortes e todos saltam da cama, enfiam as calças e saem aos berros para lavar a cara, escovar os dentes e ir à patente, enquanto os guardas e os provedores ficam parados aqui e

ali no corredor com um bloco e um lápis na mão para tomar nota do número dos que fizeram esculhambação ou deixarem de escovar os dentes ou de lavar as mãos depois de ir na patente. O pessoal desce a escada dois a dois, sem corridas nem empurrões, e lá em baixo é como um bigue restaurante só que não se paga nada. A gente procura o seu lugar e fica em pé enquanto a superintendente, uma mulher gorda, diz a reza e a gente baixa a cabeça e quando ela termina todos se sentam e os tais provedores trazem uns pratarraços de ovos mexidos e verdadeiros baldes de chocolate para servir com uma concha nas canecas de lata. Arame farpado? A primeira coisa que George pensou foi que aquilo devia ser para não deixar entrar os de fora e não para segurar os de dentro. Pode ser que ovos secos, porque é o que eles eram, não tivessem muito bom-gosto depois de alguns meses, mas quantas vezes ele tinha ido para a escola ou para a mata sem nada no estômago, com o pai cozinhando a bebedeira na cama e a mãe doente e chorando?

Em baixo, além do restaurante (onde também passavam filmes, se assistia ao serviço religioso etc), tinha uma barbearia, um posto de socorro que era como uma enfermaria de dois quartos e uma fieira de salas de consulta, que eles chamavam "connies" para quando alguém queria falar em particular com um cara como um doutor, um padre, uma mãe ou alguma pessoa de fora, e as cozinhas e uma fieira de escritórios. Esse era um dos edifícios, com três andares e a estacada em roda, para onde a gente ia no começo. Depois de passar algum tempo, quando eles achavam que o cara tinha se acostumado com o regulamento, mudavam para outro edifício só com dois andares e sem cerca. Tinha cinco desses, todos iguais. Nesses não tinha escritórios, só dois "connies" e um posto de socorro com um quarto só. Em cada um deles, um dos "connies" estava transformado em biblioteca. Cada edifício tinha um piano, um piano de verdade, e o seu time de futebol, vejam só, com um campeonato todos os anos. Todos os dias tinha escola das 8

às 12, depois o almoço, depois escola das 2 às 4. Todos os dias a metade de cada edifício tinha de trabalhar no campo das 4,30 até entrar o sol ou até às 6 no inverno. E se querem saber como eles conseguiam que o pessoal trabalhasse sem molengar, cada edifício tinha o seu campo e eles tomavam conta do milho, dos tomates ou seja lá o que for que cada um colhia, e se pensam que o tal campeonato era renhido precisavam ver aqueles garotos arrancando ervas. Também tinha oficinas para aprender carpintaria, eletricidade, metal laminado e padaria.

Pois todo mundo naquele lugar tinha de se queixar da sorte, porque tomavam a gente por fresco se não se queixasse. Mas aposto o que quiserem que nem mesmo um entre cem daqueles caras vivia tão bem na sua própria casa. Era uma espécie de moda andar reclamando, só isso. E também de se mostrar o mais macho possível e de perguntar onde é que eles escondem as coristas. George queria receber cinco "cents" por cada dez mil vezes

que ouviu aqueles pequenos vagabundos falar com mulheres, mas a gente era obrigado a falar nelas. E sempre tinha alguém metido numa encrenca por querer pegar os veados, ou os que eles pensavam que eram veados ou queriam que fossem veados. A maioria deles não saberia o que fazer se um veado topasse a parada mesmo se soubessem que não seriam apanhados, o que aliás seriam na certa.

George gostava mesmo daquele lugar. Está claro que nunca disse isto lá, o pessoal em peso teria feito picadinho de quem dissesse isto. Pode ser que fosse só George. Em primeiro lugar era grande e reforçado, por isso ninguém incomodava ele. Depois, tinha passado toda a vida com garotos da sua cidade e todos sabiam quem ele era, que seu pai borracho e sua mãe não falavam inglês direito, que estava atrasado na escola etc. Nesse lugar ninguém tinha ouvido falar nele e só sabiam que estava ali por arrombamento e furto quando a maioria deles não tinha feito nada, só que os pais não queriam saber deles ou tinham morrido ou

coisa que o valha. Depois, todos usavam roupas iguais, dormiam em camas iguais, de que podiam então se gabar? Quando morava na sua casa, este garoto tinha uma bicicleta, aquele tinha sapatos novos e o pai do outro era chefe da seção do pessoal na mina. Depois: a escola. Todo o garoto que estivesse bastante adiantado na escola antes de vir para ali continuava os estudos igualzinho como tá fora. Mas todo aquele que estivesse atrasado, principalmente garotos como George que estavam atrasados por causa de uma complicação ou outra na vida e não porque fossem burros, de nascença, com todo garoto assim eles se ocupavam em particular nos "connies" e lhe davam uma chance de alcançar o nível da sua idade. George ficou muito surpreendido com esse sistema de escola, não imaginava que a escola fosse tão fácil e tão interessante também, pensava que ela era um lugar para amarrar o cara e se ver livre dele a maior parte do dia e para poder apanhar ele mais depressa se fizesse algum estropício. Nesse lugar lhe mostraram coisas que ele

verdadeiramente não sabia mas devia saber, como por que as varas que ele usou uma vez podiam levantar uma árvore pesada de cima de um cervo, também coisas que ele podia usar igual que uma armadilha número-quatro, como o jeito de instalar seis botões e quatro campainhas para que os botões façam funcionar as campainhas como a gente quiser, e como fazer parar a fermentação do pão depois de ter crescido bastante com o lêvedo. Em último lugar o motivo por que George gostava daquele lugar tinha que ver com George, com o que ele era e nada nem ninguém mais. George não abria a boca. George sempre tinha andado de boca fechada desde quando era garotinho, primeiro porque tinha medo ou vergonha de falar, depois porque dava muito trabalho fazer os outros compreenderem e finalmente porque tinha se acostumado assim. Ora, a maior parte das pessoas que se metem em dificuldades são mentirosas. A coisa mais atilada que já se disse sobre a mentira é esta que o melhor de tudo é dizer a verdade porque quem diz a verdade

nunca precisa se lembrar do que disse. Pois bem, ainda melhor do que dizer a verdade é ficar calado. Se a gente mente alguém vai nos obrigar a provar o que dissemos. Se a gente se gaba, mesmo que seja verdade, alguém vai nos desafiar e temos de sustentar a nossa palavra. Qualquer coisa que se diga sempre há de ter alguém escutando que não compreende ou que não ouviu bem. Haveria muito menos, complicações para todos se a maioria das pessoas não falasse tanto. Sobre todas essas coisas George refletiu muito depois de grande mas não quando tinha quatorze anos naquele lugar, em todo caso era assim que agia. Se fechava. Tampouco nunca pegou o costume de andar com alguém em particular porque queria guardar os seus pensamentos para si mesmo. Assim, sempre que achava que uma coisa lhe convinha, fazia essa coisa. Não procurava saber a impressão de ninguém mais nem fazia discursos a respeito para que ninguém procurasse tirar aquilo da sua idéia. Porque tem por aí muita gente com bonito palavreado mas

que não sabe muito, essa gente pode nos ganhar numa discussão se abrirmos a boca.

Em todo caso, com a boca fechada se aprende muito mais. Quem abre a boca tapa as orelhas.

A respeito de certas coisas devia existir um meio da gente tapar as orelhas. Se George andasse sozinho não teria de escutar todas aquelas conversas sobre trepadas e tudo mais. Todos os dias, todos os minutos tinha alguém falando nisso. George tinha visto trepada que chegue para muito tempo e não precisava de procurar saber como era isso, que é o que a maioria daqueles caras faziam no fundo. Ao mesmo tempo foi quando estava na escola que passou de menino a homem e sentiu isso muito bem. Sentiu mais do que devia por causa de todas aquelas conversas. Finalmente resolveu pensar no assunto e tirar as suas conclusões, de noite quando estava na cama. E demorou muito tempo a tirar as conclusões, mas o resultado foi este.

A gente poder botar sua carga para fora não é nenhuma África porque qualquer coelho faz

isso.

Botar carga para fora pode ser mais divertido do que cagar ou mijar, mas examinando bem não tem nada de tão especial assim porque a gente não precisa se esforçar para fazer isso. Vem sem a gente querer. É só esperar bastante tempo e aquilo se escapa naturalmente, como quando se está dormindo. A gente não poderia impedir que isso acontecesse ainda que quisesse, assim como mais cedo ou mais tarde tem de ir à patente, queira ou não queira. Portanto, não é nada que dê trabalho ou com que um cara precise se preocupar, que é o que eles fazem com todas aquelas conversas. Se a pressão cresce demais e você não quer esperar, vá se livrar do troço. Em geral a gente vai à patente antes de sentir necessidade urgente disso.

Mas o que há de mais importante no sexo é uma coisa que George sentia de certo modo mas que ele só compreendeu com clareza mais tarde, quando ficou mais velho. Ele compreendeu que tudo que vive no mundo está

sempre botando coisas para dentro, para trabalhar com elas e depois lançar fora o que não pode aproveitar. Não importa o que um vivente esteja fazendo, aquilo para que ele vive é a parte que consiste em botar para dentro. Em primeiro lugar faz isso, depois trabalha com essas coisas e finalmente se livra da escória. Botar para dentro é o motivo da criatura andar, o motivo dela crescer e também a maneira dela crescer. Por muito agradável que seja, por muito que se fale nisso e por mais leis que sejam feitas, não se pode esconder uma coisa: que o sexo pertence à segunda parte e não à primeira. É uma das coisas que a gente deixa atrás de si quando caminha para frente. Quando ensinaram Ciências na escola e chegaram à Biologia, George guardou de cor uma linha do livro, nenhum organismo vivo pode existir num ambiente formado pelos seus próprios produtos de excreção. E refletindo nisso e procurando palavras para firmar as suas idéias, George chegou a esta conclusão que resolveu o assunto para sempre, que a primeira

parte, botar coisas para dentro, nos dá Satisfação, e que a segunda parte, lançar para fora, nos dá Alívio. Neste mundo tem um montão de gente doente e maluca que não conhece esta diferença. Andam às voltas procurando alívio e depois ficam com as idéias embaralhadas porque ele não satisfaz. Claro que não satisfaz, não pode satisfazer. A satisfação está na frente, é tudo que a gente precisa para continuar andando se quiser viver. Alívio é o que se sente quando se põe fora aquilo que não precisa mais. É o que se deixa para trás, e se você quiser voltar para agarrar o que deixou, não se admire se parecer meio maluco e se ficar fedendo ainda por cima.

Bem, George cumpriu os seus dois anos trabalhando nas plantações e aprendeu a fazer bastante bem o ofício de carpinteiro, fazer pão, e o que ele gostava mesmo era a oficina de eletricidade, quando saiu sabia enrolar um motor elétrico ou uma derivação de induzido cilíndrico. E sabia soldar com perfeição, não só fios mas também bordadura de canos com

arame, que muito poucos sabem hoje em dia mas é bom saber, e juntas de metal laminado, sobrepostas ou perfiladas. E também a oficina de automóveis. Também era bom em Matemática, quando saiu conhecia bastante Geometria para medir um campo ou um tapete de parede a parede e bastante Trigonometria para calcular os ângulos de uma rampa de madeiras para caminhões e bastante Álgebra para o resto da sua vida, não gostava de Álgebra nem de Inglês. Não jogava futebol mas gostava de torcer pelo seu edifício. Os trabalhos que podia fazer sozinho eram os que mais gostava. Não gostava de segurar uma ponta enquanto alguém segura a outra. Nas Ciências, na parte da Física, aprendeu a palavra Resultante. Botem no chão um peso e passem uma corda em volta dele, se um puxa por uma ponta para o norte e o outro puxa pela outra ponta para o oeste o peso não irá para o norte nem para o oeste mas numa direção resultante, noroeste. Pois bem, quando George puxava para o norte queria que o peso fosse para o

norte e não noutra direção. Por isso qualquer coisa que os outros chamassem cooperação George chamava Resultante e não ficava satisfeito enquanto não pudesse fazer a coisa sozinho.

Quase dois anos sem caçar e isso era esquisito porque depois que tiravam a gente da Gaiola — esse era o edifício grande com o arame farpado, para onde se ia primeiro — não se estava amarrado. Era preciso estar onde eles mandavam quando eles queriam, quer dizer a maior parte do tempo, mas tinha umas matas para o sul no outro lado do campo e se a gente quisesse escapar para ir caçar um pouco, por exemplo, ninguém atacava. O engraçado é que George não sentia vontade. Bem, eles traziam a gente ocupado e nunca se tinha tempo bastante para fazer todas as coisas que se queria fazer no edifício. Caçar era coisa que nem lhe vinha na idéia.

Mas aí pelo finzinho do segundo ano chamaram ele ao escritório e ele disse consigo: Pronto, vão me mandar embora. Mas não era

isso o que queriam lhe dizer. Disseram que sentiam muito dar a notícia, mas seu pai tinha morrido. George ficou parado ali no escritório olhando abobado para eles. A Sra. Dency, a superintendente gorda, e Miss Grasheim, a enfermeira alta e feia mas muito boazinha, e uma das datilógrafas que, estava se vendo, tinha se intrometido para gozar o espetáculo se ele tivesse um ataque de nervos ou qualquer coisa assim. Pois saiu lograda, porque ele ficou ali piscando os olhos, como que deixando a idéia se filtrar até o fim, e afinal a Sra. Dency disse:

— Sabe o que eu vou fazer, George? Vou telefonar ao seu edifício para dizer a eles que deixem você subir. Talvez você queira se deitar para refletir um pouco sobre isto.

O que era cem por cento justo e exato o que ele queria naquele momento. E é o que havia de bom naquela gorda Sra. Dency, umas oito vezes em dez ela acertava direitinho com a coisa que a gente precisava. Quando George ia saindo a superintendente lhe disse que podia vir

conversar com ela sempre que tivesse vontade. Quando chegou no seu edifício ela já tinha telefonado, de modo que foi diretamente para cima, o que não era permitido durante o dia, e se atirou na sua cama. Era para refletir na situação, mas durante algum tempo ele não pôde pensar em nada. Quando repontou finalmente uma idéia na sua cabeça, foi como que uma piada chocha. Bem, se você tem de viver num orfanato é melhor que seja um órfão duma vez.

Um pouco depois levantou, tirou a camisa, afrouxou a cinta, puxou a frente das calças para baixo do umbigo e entufou a barriga por cima da cinta. Ficou um tempo olhando para a barriga, depois abanou a cabeça e se arrumou de novo. O que ele pensava naquele momento não era no pai fazendo espirrar sangue do nariz da mãe ou chegando na bruega aos berros pelo caminho das vacas ou apatetado em pé no tribunal enquanto ele era mandado para a cadeia. Era a cara dele no dia que George roubou aquele primeiro saco de comidas, sua

cara toda com as veias rebentadas na pele, as manchas de outra cor, as sobrancelhas e o cabelo louros, dum branco sujo, as pálpebras de baixo como duas colhe-rinhas vermelhas, os olhinhos aguados, azuis e vermelhos e os cacos de dentes fedendo — toda aquela mixórdia duma cara da nada completa com cada uma de suas miseráveis partezinhas de nada, tudo junto por um instante, por um miserável segundo, de um jeito que George gostava de lembrar, admirada e orgulhosa, dizendo que ele ainda seria alguma coisa na vida.

George se sacudiu com força e deitou na cama. Não sentia nada de especial, nem mesmo alívio. Bem, o pai não tinha sido nenhum peso de que ele pudesse se sentir aliviado por estar livre agora.

E por causa disso, finalmente começou a pensar naquilo que devia estar pensando. Ele nunca tinha feito planos no duro, só de um modo geral aprender um ofício para arranjar um emprego em alguma parte, mas nunca tinha lhe passado pela cabeça que esse algum lugar

pudesse ser outro lugar que não uma cidade mineira ou viver em outra casa que não aquele barraco no caminho das vacas. O pai estaria lá, e é por isso que ele iria para lá. E agora o pai não estava mais lá.

E assim, de repente a idéia bateu nele. Não bateu nele, não foi em absoluto como uma pancada. Como numa vez que ele era garotinho e tinha ido até o rio e se deitou num velho barco de remos amarrado a uns salgueiros e ficou madornando no sol. E deitado naquele barco olhava a fibra da madeira seca e cinzenta, num lugar onde tinha existido um nó, e como as ranhuras fundas da madeira roída pelo tempo chegavam naquele nó e se desviavam rodeando ele para juntar mais adiante, às vezes a gente vê coisas assim que embora elas não se mexam o olho da gente não pára de andar para dentro e para fora e em roda e voltar atraí, nas costas de um gato tem dois redemoinhos de pêlo assim. Em todo caso ele olhou aquilo muito tempo até que ficou conhecendo bem e meio dormindo também ficou com a sensação do costado do

barco na cabeça e do fundo do barco nas costas e na bunda. E alguma coisa fez ele se sentar de repente e em roda não tinha nada que ele tivesse visto alguma vez na sua vida. O barco tinha se soltado da corda e andado uma meia milha ou mais arrastado pela corrente. Mas o que despedaçou ele como duas mãos enormes uma puxando para cima e a outra para baixo foi como tudo era estranho fora do barco e tão seu conhecido dentro daquele barco. Por muito tempo não pôde se mexer senão para olhar as estranhas margens e baixar os olhos para aquele mesmíssimo buraco de nó uma porção de vezes e sentir aquela mesmíssima tábua cinzenta lhe amassando o quadril. Era como se ele pudesse aceitar tudo novo ou tudo velho mas não as duas coisas.

George se sentiu perdido e despedaçado do mesmo modo na sua cama pensando no pai morto. Porque ali na escola estava a vida mais verdadeira que ele tinha vivido, se viver é ir para a frente e encontrar sempre coisas novas. A vida era aquele lugar, era o dia de hoje e era

verdadeira, mas lá fora tudo era diferente e como se nunca tivesse sido o que ele pensava que fosse na última vez que tinha olhado.

Levantou da cama e olhou pela janela. Era ainda pelas quatro horas, num dia do fim da primavera e em todo caso ele não tinha o que fazer antes das 6,30, e mesmo que não aparecesse nessa hora a Sra. Dency não ia dizer nada. Não nesse dia.

Ainda que estivesse tudo legal alguma coisa fez com que ele se cuidasse, parou no meio da escada para deixar passar adiante dois caras que iam descendo até que eles desapareceram da vista, e depois em vez de atalhar pelo meio dos campos foi até o palheiro, atravessou e saiu por aquele lado.

Assim que entrou na mata se sentiu melhor. Por ali era quase só carvalho e bordo e ele sentia falta dos vidoeiros esfarrapados e casquemos e com a falta de pinheiros o cheiro era muito diferente. Mas, as folhas eram todas novas e ainda não tinham crescido. Em seguida ele viu um esquilo vermelho mas não fez nada,

um esquilo cinzento pode ser mas um vermelho nunca, esses bichinhos são capazes de saltar por cima de uma bala e quando tornam a botar os pés no chão espiar por baixo antes que ela, termine de passar. Mas viu uma bosta na grama nova e estava; pensando numa marmota quando viu as folhas despedaçadas num broto novo de bordo. Então era porco-espinho. George soltou uma praga, porque não podia pegar esse bicho sem luvas e uma faca, que ele não tinha, facas não eram permitidas naquele lugar. O esquilo vermelho controlava ele da folhagem das árvores em cima fazendo mais alarido do que duas gralhas e um eixo seco de roda.

De repente George caiu no chão e ficou sem se mexer, mas tinha se deitado sobre o lado esquerdo e conservava a mão direita engatilhada atrás das costas. Nunca tinha experimentado isso antes, mas aprendeu num livro sobre uma raposa cinzenta que tinha na biblioteca.

O esquilo disparou para a ponta da folhagem

de um bordo, onde não tinha nada para se segurar senão duas folhas e a brisa, mas assim mesmo se segurou. Não parava de tagarelar, de xingar, de descompor que era uma coisa de enxotar tudo que era vivente, desde as formigas até os alces, para três quartos de milha dali. George não bulia. O esquilo não gostou nada disso. Nunca tinha visto uma coisa assim e parecia achar que não estava certo. Voltou correndo para o tronco da árvore, desceu, parou e se pôs a assobiar, a guinchar, até a bater com os dentes, e George nada. O esquilo voltou para o tronco da árvore, arrancou dois pedaços de casca com os dentes, trouxe eles consigo e deixou cair um depois do outro em cima de George, um deles caiu na cara e no olho, e George nem se mexeu. O esquilo botou a boca no mundo e voltou correndo para o tronco mas não subiu, ficou ali no chão sentado em três patas e com uma das mãozinhas no tronco, pronto para trepar ao primeiro sinal, e George sempre quieto. O esquilo botou a quarta pata no chão e calou por um instante, e George

sempre estendido no mesmo lugar. O esquilo veio na direção dele andando de um jeito que um esquilo e principalmente um esquilo vermelho nunca anda, não aos pulos mas rastejando no chão e se agarrando com as unhas e com as pernas duras e o rabo esticado para trás, e por uma distância de oito ou nove polegadas foi como se tivesse rodas, mas de repente pisou numa folha seca que fez barulho e ele se assustou e desapareceu como num truque de cinema, e lá estava o seu focinho espiando por trás do tronco da árvore. E então como George continuava sem bulir o esquilo saiu de trás do tronco, deu dois grandes pulos, parou a um metro de distância, começou de novo a descompor, deu mais um pulinho para a frente e George descarregou a mão direita que estava engatilhada naquele instantinho mesmo em que o esquilo estava no ar ao dar esse último pulo. Se o vermelhinho viu descer a mão, e com certeza viu, nada pôde fazer. O punho de George bateu nele com tanta força, que se o esquilo não estivesse ali o punho teria

se enterrado no chão até o pulso, mas em vez disso matou instantaneamente o esquilo achatando contra o chão as costelas e tudo que tinha entre elas. Depois disso George se sentiu muito melhor.

Ficou ainda uma hora no mato mas não viu nada senão um morcego pintado dormindo de cabeça para baixo numa forquilha de choupo-tremedor. Mas quem vai lá perder tempo com morcegos? O que ele teria gostado de encontrar era um bom coelho ou um gambá novo, mas parecia que essa mata mal tinha enfolhado e em todo caso o esquilo já tinha prestado o seu serviço e isso era muitíssimo melhor do que nada.

Depois do jantar foi falar com a Sra. Dency. Ela botou George num "connie", foi buscar uns papéis, voltou com eles e fechou a porta.

— Sente, George — disse ela, porque George tinha aprendido a ficar esperando em pé.

— Obrigado, senhora — disse ele, porque tinha aprendido a dizer não só Obrigado mas também Senhora.

— Está se sentindo melhor? Sim, vejo que está. George, eu estou muito triste com o que lhe aconteceu.

— Não faz mal — disse George.

Ela se encostou para trás na cadeira e espichou os lábios como sempre fazia quando tinha uma pequena surpresa para dar. Tinha cabelo preto com uma lista branca na frente meio para um lado e óculos redondos de armação preta com um troço na ponta que passa por trás da orelha e um cordão preso ali, de modo que se caísse ficava pendurado. George disse:

— Eu sempre pensei em voltar mas agora é indiferente pra mim.

A Sra. Dency desfranziu a boca e sorriu.

— Mas não se lembrou... de sua... *tia*?

Apresentou a idéia como se fosse uma nota de mil dólares dentro de um bombom. O sorriso se apagou porque George ficou com uma cara indiferente.

— Isso não lhe agradaria, George? George respondeu que não.

Essa tia, que era irmã da mãe, já tinha querido levar George uma ou duas vezes antes. As duas irmãs nunca se acertaram bem e Tia Mary era a mais velha e se danou porque a mãe casou primeiro etc. Depois quando o pai deu para beber e as coisas foram ficando ruins ela descobriu e de vez em quando convidava George, mas isso era só para arreliar a mãe de George e não porque quisesse mesmo ter ele em casa. Depois se casou com aquele camarada que tinha um sitiozinho michado num morro da Virgínia e como sempre a melhor maneira que encontrava de avexar a irmã era convidar George porque isso era um modo de dizer que ele estaria melhor com ela, o que era um modo de dizer que ela estava melhor de vida. Agora que a mãe tinha morrido George não tinha nenhum palpite no oferecimento porque não via nenhum motivo para isso. Ainda por cima George, apesar de conhecer pouco o marido da tia não se dava bem com ele. E sabia também que os dois iam chatear ele porque tinha passado dois anos no reformatório por

arrombamento e furto e nunca deixariam que ele esquecesse isso. Mas George não disse nenhuma dessas coisas porque era naturalmente um sujeito fechado e além disso achava que o problema era seu, por isso tudo que fez foi responder que não.

A Sra. Dency procurou por todos os meios convencê-lo e o resultado foi George pedir para ficar onde estava. Isto foi uma grande surpresa para a Sra. Dency, mas pensou um pouco e disse que sim porque George só tinha quinze anos naquela ocasião e os seus dois anos tinham terminado, mas daí a um ano teria dezesseis e poderia sair da escola sem ter de ir para a casa de nenhum parente.

Aqui George estava errado em uma ou duas coisinhas, mas isso ele só descobriu mais tarde, como é que podia saber se não falava nada e ficava mudo ali na cadeira?

E assim ficou mais um ano na escola e ninguém teria notado a menor diferença, ele trabalhava na escola e na oficina de automóveis e nas plantações e torcia para o seu time. O seu

edifício ganhou uma espiga de milho e George ganhou o único prêmio da sua vida numa competição, esta era de comer um pastelão de uva-do-monte com as mãos amarradas nas costas.

Mas assim mesmo tinha uma diferença. Os dois anos era o que o tribunal tinha dito e o tribunal e a escola podiam mandar nele. Se George pulasse o muro teriam trazido ele de rastos para dentro e iria para a gaiola sem cinema nem sorvete até sossegar. Mas nesse último ano ele já tinha cumprido a sua pena e ficava ali porque não tinha outro lugar para onde preferisse ir, embora nunca dissesse isso para ninguém, teriam feito picadinho dele. Nunca pensou às deveras em pular o muro mas se fizesse isso não seria como quem pega um criminoso fugitivo, dependeria disto, daquilo e mais aquilo como por exemplo se ele tinha algum outro problema e se tinha um lugar decente para viver e coisas que tais, e se não tivesse nenhum problema teriam deixado ele em paz sem sequer procurar trazer de volta. E

de um certo modo isso fazia uma diferença enorme para George e a diferença não era para melhor, era para pior.

Ele era bastante esperto para não deixar notar nada, mas uma coisa assim está toda no sentimento que a gente tem. A única coisa que ele fazia diferente de antes era escapar para a mata sempre que podia. Nunca levou ninguém consigo e não fazia lá grande coisa exceto uma ninhada inteira de raposas uma vez e isso a bem dizer foi uma casualidade. Fora esse caso não tirava muito proveito porque não se pode matar coelho a cacetada se não se for para a beira de um campo no escuro e esperar até amanhecer, nem vai se armar um bigue mundéu ou um número quatro sem ter certeza de que está num lugar onde ninguém vai mexer nele e também de que a gente pode voltar lá quando quiser. Era muito bom escapar de vez em quando, mas por outro lado nunca era suficiente e nunca dava certo. Como quando a gente quer alguma coisa com toda a gana, é melhor não ganhar nada do que ganhar aos

bocadinhos de cada vez.

Mas o grande mistério para George era como ele podia ter passado dois anos inteiros sem nem pensar na mata e de repente no último ano começou a sentir tanta falta dela que andava sempre com um fogo na barriga pedindo a mata. E os dois anos passaram num instante, mas o terceiro parecia arrastar os pés sem nunca chegar ao fim.

Quando ele estava para terminar deram um recado a George para ir falar com a Sra. Dency e ele foi. A Sra. Dency levou George para o seu escritório, fechou a porta e lá estava a Tia Mary em pessoa. Era uma mulher baixinha o que George já sabia, mas não imaginava que fosse tão pequena assim, com' certeza por ele ter crescido tanto durante esse tempo. Era parecida com a mãe, mas não muito. Tinha um narigão comprido que estava sempre vermelho na ponta e ele tinha a impressão de que esse nariz sempre pingava, e quando ela falava tinha uma vozinha macia como os pombos ou sei lá o quê, de modo que mesmo quando dizia que horas

eram, ela parecia estar dando um doce pra gente. Assim que botou os olhos nela George sentiu que não tinha rancor pela tia se é que alguma vez tinha tido. Seria o mesmo se ela tivesse vindo um ano antes. Mas como se pode saber uma coisa assim?

Pelo jeito a Sra. Dency tinha preparado tudo que ia dizer e também o que Tia Mary ia dizer e podem apostar que ela tinha se fechado com Tia Mary uma hora inteira naquele escritório para lhe dizer como devia lidar com George. E assim depois que George entrou e ele e Tia Mary se cumprimentaram etc. e as mulheres sentaram e George disse: Não senhora, muito obrigado e ficou em pé, a Sra. Dency encheu os pulmões e começou de longe e veio rodeando, rodeando para chegar no que queria dizer, enquanto Tia Mary ficava especada na cadeira de assento de vime se segurando nos braços dela com os olhos esperançosos de um cachorro que vê a gente com um pedaço de carne na mão e pensa que é para ele mas tem medo de se atirar por enquanto. E assim não deixou de ser

engraçado quando finalmente a Sra. Dency se resolveu a dizer que Tia Mary ainda queria que George fosse viver na fazenda, estava se vendo que ela ia botar a mão na coisa e pular longe para depois vir chegando de novo devagarinho, mas George disse logo e foi a primeira vez que abriu a boca depois dos cumprimentos:

— Como não, vou sim.

A Sra. Dency não podia parar, era como se tivesse caído num perau e estivesse na metade do caminho. Continuou ainda a falar durante quase um minuto inteiro explicando que o sangue tem muita força e as vantagens de ter um lar e uma família, e a única coisa que fez ela parar foi quando Tia Mary levantou, caminhou para George e pegou as duas mãos dele. E assim ficou resolvida a questão.

A viagem de ônibus foi comprida e Tia Mary não falava muito e George como sempre quase não falava, mas quando chegaram na fazenda, George tinha compreendido uma porção de coisas. Uma delas era que ninguém censurava ele por ter sido preso porque examinando bem

as coisas ele não tinha sido preso por arrombamento e tentativa de furto, pelo menos não era uma culpa que merecesse dois anos, era principalmente porque o juiz e o padre e a assistente social pensavam que ele estaria melhor na escola do que num barraco com o gambá da cidade depois que a mãe morreu. E também que afinal de contas talvez ela quisesse levar ele para lá simplesmente porque queria ter George na fazenda e não para fazer picuinha a ninguém como a mãe sempre dizia. E assim a única preocupação ficou sendo o marido dela. um caroliniano do norte chamado Grallus, Jim Grallus, Tio Jim. À primeira vista não era nada com que a gente devesse se preocupar, um homenzinho de um metro e sessenta de altura, mas como muitos outros tampinhas tinha raiva de todos os caras grandes especialmente quando podia mandar neles, a toda hora está se encontrando tipos assim no exército. Mas mesmo com dezesseis anos George sabia disso e como tudo mais não é tão ruim assim quando a gente está preparado. E de qualquer forma isso

alô se notava muito em Tio Jim, pelo menos não se notou durante muito tempo.

No começo a vida na fazenda foi dura para George de tão diferente que era da escola, por exemplo deram um quarto para ele «ó e assim era muito melhor, mas por muito tempo não pôde se acostumar a ter mais de três paredes em roda da cama, era como fechar com esparadrapo a boca e a metade do nariz do cara, pode se respirar mas nunca o suficiente. Mas com o tempo George começou a gostar mesmo de ter aquele quarto só para si. Também sempre teve uma coisa com George, era botar ele num lugar novo com gente nova e ele se fechava como nunca. Durante muito tempo percebeu que Tia Mary e Tio Jim achavam ele bastante simplório, era só Sim, Não, Está bem e quando lhe pediam que falasse um pouco, que contasse como era a vida na escola ou na casa dos pais tudo que ele fazia era sorrir e abrir as mãos sem dizer nada.

E assim no começo, por uns oito ou nove meses enquanto George ia se acostumando com

o lugar, precisou de ir na mata bastante seguido e desde que ele fizesse o seu trabalho, que aliás fazia, eles não se importavam. A mata ali era maravilhosa, melhor ainda que no Kentucky. George chegou a ver ursos uma ou duas vezes, embora nunca tivesse pegado nenhum. Mas nunca se viu gambás como aqueles, grandes e gordos, guaxinins e coelhos e até castores mas não muitos. E assim no começo George caçava porque tinha necessidade disso e depois continuou caçando para não perder a prática, e quando conheceu Anna acabou de vez com a caça. Foi como nos primeiros dois anos na escola, perdeu a influência por completo.

Tinha passado dos dezesseis anos quando encontrou Anna, e ela era uns oito anos mais velha. O pai dela tinha quase duzentos acres enquanto Tia Mary só tinha 46 e ainda assim terra de barro que só servia para pasto, pedras e mata subindo pelo morro. A casa do pai de Anna era ainda pior e tinha sete crianças. George sempre pensou como aquilo devia ser bom, toda essa gente se querendo bem

enquanto ele não tinha uma pessoa com quem falar. Mas conversando com Anna descobriu que ela pelo seu lado pensava como a vida devia correr bem para ele, num lugar pequeno, tão sossegado, só treze vacas para ordenhar de manhã e de noite e um quarto só para ele. Era mesmo gozado como os dois se invejavam.

George encontrou Anna uma vez na queijaria, quando o pai dela estava de cama com um ombro torcido por causa de uma queda de um espalhador de feno. Ela foi à queijaria guiando uma parelha de cavalos e ele ajudou a descarregar do carrinho os tarros de quarenta litros. No começo não conversaram muito, não se podia dizer que ela fosse bonita e era por isso que com a sua idade ainda continuava naquela fazenda, ninguém se apresentava para casar com ela. Tinha um rosto largo e vermelho, com olhos e cabelos castanhos, e andava com a cabeça meio para a frente, como fazem as mulheres que têm em baixo da nuca esse calombo chamado cacunda de viúva. Tinha os braços grossos em cima e as

coxas também, mas era muito fininha de cintura, os antebraços e os tornozelos eram finos, e os pés pequenos. Não sei dizer por que uma mulher desse feitio não deixava George muito entusiasmado mas fazia ele se sentir à vontade.

Lá pela terceira vez que se encontraram ele lhe disse que da fazenda da Tia Mary à do pai dela eram quase doze milhas, mas sabia ela que atalhando pela mata era só uma milha e meia? Anna pensou um pouco, sorriu para ele e disse que de fato era assim porque as duas fazendas ficavam dum lado e do outro do morro e as estradas iam pelos vales. Bem, disse George, pode ser que um dia que estivesse caçando se encontrasse com ela nos campos. Ela disse que sim, que podia ser, e a coisa não foi adiante porque na próxima vez que George foi à queijaria era o pai dela. Nunca falou com o pai dela.

E assim não muitos dias depois, era no verão e continuava claro ainda umas duas horas depois de ordenhar as vacas, lá se tocou ele

pela mata dentro, subiu o morro, desceu do outro lado e quando viu lá estava na fazenda.

E ela estava sentada diante da cerca de arame farpado na beira da mata onde ia terminar a pastagem norte do pai.

E ele disse:

— Que é que você está fazendo sentada aqui?

E ela riu e respondeu:

— Acho que estava esperando você.

E esse foi o começo daquelas conversas compridas que os dois tiveram sobre a sorte dela em ter uma família tão grande, a sorte dele em não ter família e o mais que segue. Ele nunca tinha estado antes com uma guria mas ela era bastante sabida, mas sempre cautelosa, escolhia caras que vinham trabalhar com a debulhadeira e coisas assim, sujeitos que não moravam por ali. Era de esperar que George ficasse furioso quando descobriu essas histórias, mas ele não se importou. Todos esses sujeitos pertenciam ao passado, estavam esquecidos, ela não tinha um amigo firme naquele tempo mas agora tinha, e era ele. Anna

teve de ensinar quase tudo a George. Não vão me acreditar mas George nunca insistiu com ela para fazer o negócio. Faziam tudo que ela queria e George fazia com gosto, mas era por ela. Era sempre por ela, do jeito que ela queria. Ele sempre tinha medo de machucar as mãos de Anna ou coisa que o valha. Foi só lá pela terceira semana que ele tomou conta da situação por assim dizer. Uma noite morna e o que ele achou mais delicioso foi o cheiro dela. O cheiro dela era bom como é bom o cheiro do bafo de uma vaca, o cheiro do capim cortado, ou do leite tirado numa manhã de verão antes de começar a azedar. Ele sentia aquele fogo no estômago como quando precisava de caçar, mas naquelas ocasiões era sempre com um pouco de raiva e desta vez não tinha raiva nenhuma. Ela começou dizendo que não, que isso não se fazia, mas George insistiu e ela não demorou a consentir. Bem, afinal sabia que ele não lhe faria mal nenhum e que não ia falar nisso para ninguém.

Essa foi a melhor época na vida de George,

melhor até do que o exército, a escola e o resto. Às vezes Tio Jim era duro com ele conforme a disposição em que estava e às vezes George fazia alguma coisa malfeita apenas por não saber, como na ocasião que fez uma meda de feno que veio a cair ou naquela outra que deixou as galinhas andar no galpão velho onde elas pegaram coquecidiose ou seja lá como for que isto se escreve, no primeiro dia elas ficam tristes, no segundo dia não podem caminhar, no terceiro dia morrem, o que mais admira é que não tivessem perdido toda a criação. George não gostava de cometer erros, isso deixava-o acabrunhado e furioso consigo mesmo. Tio Jim devia compreender isso mas não compreendia. O homem tinha que se pôr aos berros. E às vezes fazia um frio de rachar e outras vezes um calor infernal, e às vezes ele tinha de trabalhar dois dias e duas noites sem parar como quando o bezerro nasceu atravessado na mesma ocasião que o vendaval arrancou mais de metade da cerca. E o seu machado saltou uma vez num nó de madeira,

entrou pelo lado do sapato e se cravou no pé. Mas com todas essas amolações e pendengas e trabalho pesado e tudo mais, ainda foi a melhor época de toda a sua vida. Não aconteceu nada que fizesse ele se meter de novo pela mata com um cacete ou uma armadilha, simplesmente não tinha precisão disso. Saía bastante e os tios pensavam que era para caçar, mas era para se encontrar com Anna. Até deixar de se encontrar às vezes com ela era maravilhoso, como passar fome de propósito para que a próxima refeição parecesse mais gostosa, isso a gente pode fazer quando está bem seguro da próxima refeição. Anna também gostava disso, ninguém se ocupava muito com ela em casa desde que ela fizesse o seu trabalho, o que aliás nunca deixava de fazer.

E o interessante é que ninguém nunca descobriu, e George e Anna nunca fizeram muita questão de se esconder. Simplesmente pegaram o hábito de se encontrarem sozinhos na mata e numa espécie de gruta que eles conheciam. Às vezes se viam na sociedade

agrícola ou na cidade e conversavam, mas como todos se conheciam ninguém prestava atenção a eles. E apesar do gosto pelas fofocas, por fazer casamentos etc, nunca pensaram em George e Anna. Ele só tinha quinze anos quando veio para o lugar e ela uns vinte e quatro e George era um rapagão bonito com quem as gurias enticavam e se exibiam para ele etc, e Anna era uma dessas pessoas que andam no meio do povo, a gente sabe que elas estão ali mas não vê seu rosto. E assim, mesmo quando eram encontrados juntos na cidade ninguém via nada demais nisso e ninguém nunca encontrou eles noutro lugar. George era muito moço para pensar em casar e além disso não tinha dinheiro, e Anna por seu lado acho que nem pensava nisso, tem certas pessoas que dizem lá consigo: Bem, parece que não fui feito para o casamento nem nunca serei, e não pensam mais no assunto. Anna tinha passado por isso há muito tempo. Dois anos e meio dessa vida e sabem como é, a gente pensa que aquilo que está fazendo vai naturalmente durar sempre.

Pois não vai não.

Veio um dia que George e Tio Jim Grallus tiveram um pega sério, foi em novembro e escureceu cedo, e depois de ordenhar as vacas e de jantar George escapou para a mata, subiu o morro e ele e Anna passaram muito tempo arrumando a espécie de gruta que eles tinham lá em cima perto da pastagem norte do pai dela. Não era lá essas coisas mas ficava abrigada do vento. Bem, depois de todo esse trabalho e do brinquedo com Anna era bastante tarde quando ele voltou.

Só muito depois foi que soube o que tinha acontecido enquanto ele estava fora. Tinha algum bicho roubando galinhas mais ou menos todas as noites e com certeza lá pelas tantas Tio Jim ouviu o alarido delas ou coisa que o valha, o fato é que saiu de pijama e com uma lanterna na mão. Lá estará uma bigue jaritacaca rondando a encerra das galinhas e quando riu ele foi se meter no quarto dos arreios, que ficava na parte baixa do celeiro. Tio Jim ficou furioso e foi atrás da jaritacaca com a lanterna e

viu o bicho acuado num canto olhando para ele. Tinha ali um forcado de juntar palha e ele estava tão danado que passou a mão no forcado e deu uma lançada na jaritacaca. Pois um dos dentes furou o couro no lado do bicho e se cravou na parede e lá ficou ele preso. Mas Tio Jim ficou preso também porque todo mundo fala no fedor duma jaritacaca mas ninguém parece se lembrar das garras respeitáveis e da boca cheia de dentes afiados como os de um gato, e além disso um animal vivo e farte como um lobo. E aquela era uma das grandes. Por isso Tio Jim não podia arrancar o forcado e a jaritacaca tampouco podia se voltar, calculo que tenha ficado maluca. Tio Jim berrava um bocado, mas como estava no lado do celeiro que ficava mais longe da casa e o vento era contrário — era uma dessas noites frias de outono, de meia lua e ventania — Tia Mary não ouviu nada. E George nem estava em casa, mas Tio Jim não sabia.

Bem, Tio Jim ficou rouco de tanto gritar, e além disso estava gelado de frio e menino,

como fedia! Com certeza pensou que o melhor era deixar que a jaritacaca perdesse sangue até morrer, mas como ela não sangrava muito se encostou no forcado e meio que pegou no sono. E de vez em quando acordava arrepiado de frio e tornava a pegar no sono.

Foi por essas alturas que George voltou. Com a claridade da lua viu a porta do celeiro aberta, mas nenhuma luz porque a lanterna tinha apagado há muito tempo. E assim George caminhou direito para lá em vez de passar de largo. Bateu a porta, baixou a tranca e foi para dentro de casa. Naturalmente o barulho da tranca acordou Tio Jim, que soltou um berro e pulou para a porta, mas George já tinha dobrado o canto do celeiro e como tinha o vento nos ouvidos e ia pensando, acho que em Anna, não ouviu nada. E assim! lá ficou Tio Jim com a jaritacaca uma escuridão de breu, e quando pulou para a porta deixou cair o forcado. Andaram uma porção de tempo às voltas lá dentro. Daí a uns dez minutos o barulho acabou por alvoroçar o enorme touro Holstein,

ou melhor cruzado com Holstein que estava amarrado nuns pilares no meio do celeiro, o touro começou a bater nos pilares, as vacas ficaram inquietas, os porcos acordaram, quem sabe se a porca deitou em cima dum leitão, em todo caso o leitão começou a se esgoelar. A essas alturas o barulho era suficiente para George Smith ouvir, e não só ele como George Washington também. George correu para lá e já tinha atravessado o pátio e entrado no celeiro quando finalmente ouviu a puteação e os baques no quarto dos arreios. Correu para lá, abriu a porta e a primeira coisa que sentiu foi o cheiro, como uma parede que cai em cima da gente, tal e qual uma coisa sólida. Depois veio a jaritacaca, tão doida que nem tocava no chão, passou voando pela porta, quem é que ia pegar aquele bicho? George só piscou e deixou passar. Então veio Tio Jim.

Tio Jim só queria saber quem tinha passado a tranca na porta e fechado ele lá dentro. E George disse que tinha sido ele mas...

Mas coisa nenhuma. Ali mesmo Tio Jim

descarregou tudo que tinha por dentro e descompôs George de alto a baixo. Se George tinha alguma coisa para dizer Tio Jim não queria ouvir nada. Disse tudo que lhe veio à cabeça, que George era estúpido, desajeitado e preguiçoso e que se pensava ser esperto estava muito enganado. E quanto mais berrava mais furioso ficava, era como se tivesse uma panela cheia de raiva contra George e todas as coisas de George com a tampa bem aparafusada e a tampa tivesse saltado e o que tinha dentro começasse a se derramar. Pode ser que se George fosse tão ligeiro de boca como alguns sujeitos a coisa não teria sido tão ruim assim, mas tudo que George pôde fazer foi ficar plantado ali como um poste e de vez em quando sorrir. Não era um sorriso de verdade, está claro que ele não tinha vontade de sorrir, mas era o que parecia ser. Quando viu isso Tio Jim ficou mais doido ainda. Começou uma descompostura diferente, como quem levanta uma nova camada. Falou do pai e da mãe de George, que eles nunca tinham se casado e que

George era um bastardo. Falou de George chamando ele de veado, acho que o que ele queria dizer era que George não tinha uma garota que ele soubesse, só queria andar sozinho nas matas. Disse que o pai de George era um borracho sem serventia e que sua mãe teria sido uma puta se não fosse feia como um bicho e que George era um ladrão, um arrombador, um sentenciado e que ele estava farto de ver a sua cara por ali.

George ainda não sentia vontade de sorrir, mas não podia pensar em nada para dizer, e por isso sorria. Tio Jim começou a berrar ainda mais forte, no princípio foram palavras mas depois o cuspe lhe brotou da boca como que fazendo espuma, tinha os olhos de um louco sem tirar nem pôr, um deles enviesado para o lado. Começou a bater em George. Ele era tão pequeno e George tão grande que tinha de se levantar nas pontas dos pés para alcançar a cara dele. George, que tinha uns punhos da metade do tamanho da cabeça de Tio Jim, nem sequer levantou as mãos. George tinha uma faca com

bainha enfiada na cinta e nem chegou a pensar nela. Tio Jim dava murro e mais murro, não era bastante forte para sentar um que liquidasse com o assunto mas continuava soqueando com gana. George meio que empurrou ele e recuou um pouco mas os guinchos e aquela espuma que saltava da boca de Tio Jim deixavam ele apatetado. Sentiu sangue na sua boca e tomou o gosto. Soltoou um berro, um bigue berro, e fugiu correndo. Tio Jim ficou no mesmo lugar gritando "E não volte mais aqui. E não volte mais aqui."

George não sabia direito para onde ia, não fez nenhuma idéia da sua direção até que chegou na espécie de gruta que ele e Anna tinham arrumado. Entrou nela de rasto, resfolegando forte como quem corre ou quem chora, pingando sangue e com água nos olhos, cheirou todo o velho cobertor que eles tinham levado para lá, se deitou e começou a rolar de um lado para outro. Sentia uma bruta necessidade de alguma coisa mas não sabia o que era. Em geral era Anna mas Anna a essas

horas estava dormindo na sua cama e não tinha jeito de chegar até ela sem incomodar todo mundo. Se ele pudesse ir falar com Tia Mary ela talvez tivesse ajudado mas não tinha jeito de fazer isso sem chegar perto de Tio Jim. Pensou também na Sra. Dency mas a Sra. Dency estava muito longe dali, nunca mais botaria os olhos nela. Sentia aquele fogo no estômago e a cara e a cabeça doíam. Com a claridade de lua podia ver o sangue pingando do seu queixo na mão, parecia preto e ele pensou que fosse o sangue da mãe.

De novo soltou um berro como tinha feito diante do celeiro. Depois ficou muito tempo sentado sem pensar em nada. Afinal se levantou e cortou pela mata costeando a cerca norte da fazenda do pai de Anna e descendo o morro por dentro da mata até a estrada. Parou no arroio para se lavar. Estava muito frio. Ele não se importou com isso, a água fria lhe fez bem. E dali tocou para a cidade.

Atravessou a estrada perto da cidade chegando pelas matas como gostava de fazer.

Ali tinha uma fábrica onde faziam caixas de papelão e sacos de papel com os pinheiros que crescem como praga na terra cansada das antigas plantações de algodão. Tinha ali um desvio dos trilhos com um barraco pequeno e um guarda. Esse guarda tinha a cara do pai de George. Cheirava a suor, a sujeira e a cachaça tal qual o pai e de repente berrou para George tal qual o pai, como se não precisasse tomar fôlego, como se já estivesse com ele pronto para o berro.

Tudo isso junto foi demais para George, e assim ele tornou a se meter na mata e andou vagueando muito tempo, uns dois ou três dias. Não podia se lembrar desse tempo. Não comia nem dormia, acho que nem tomava água. Duma coisa se lembrou depois, foi como uma figura, ele estava na gruta com o cheiro do cobertor e Anna sentada junto dele chorando. O resto do que aconteceu ele não sabia, só o que lhe contaram. Anna o levou para a fazenda de Tia Mary. Estava fraco, doente e tinha uma bruta febre, e como Anna conseguiu levar ele

até lá foi um milagre, mas o fato é que era uma mulher forte.

Esteve uma semana doente, deitado no seu quarto sem dizer nada mesmo quando melhorou bastante para falar. Tia Mary fez o possível para explicar o procedimento de Tio Jim, principalmente quando ele não estava perto para ouvir. Disse que ele fera um homem pequeno em tudo e que sempre tinha raiva dos homens grandes só por isso. Até disse que os dois tinham brigado, ela com Tio Jim, por causa de George. Ele nunca disse que havia marosca mas disse que ela olhava para aquele rapagão de George com o seu cabelo amarelo e os seus músculos de um jeito que não devia olhar, mesmo que ela não se desse conta disso. E além disso Tio Jim não era mais nenhum franguinho. De modo que somando tudo fazia um montão, Tio Jim tinha raiva dele porque ele era moço, porque as mulheres achavam ele bonito, porque era forte, porque a mulher gostava dele, e em cima de tudo isso porque não podia entender o rapaz, ninguém pode quando o cara nunca abre

a boca. E o sumo de tudo é que Tio Jim pensou naquela noite da jaritacaca que George estava zombando dele. George não estava zombando coisa alguma. Uma coisa dessas é gozada mas não quando a gente toma parte.

Tio Jim nunca pediu desculpa nem nada mas Tia Mary disse que ele estava arrependido e George acreditou. Tio Jim simplesmente nunca falou no assunto e acreditem ou não as coisas continuaram igualzinho como antes. Mas é preciso lembrar que George estava acostumado desde criança com esses estrupícios que acabavam em nada. É capaz que a situação tivesse até melhorado um pouco. Tio Jim tinha cobrado todos os atrasados e demorava a se encher de novo, e além disso devia estar evitando esse tipo de coisa de que ele não se orgulhava. Para dizer a verdade tudo isso não fazia muita diferença para George, já estava acostumado e Tia Mary era tão boa quanto podia com ele, apesar de assustada com o que Tio Jim tinha dito, que ela gostava demais de George. Mas o que não tem nenhuma dúvida é

que a situação melhorou para George e Anna porque fez um grande bem a Anna cuidar dele aquela vez que ele estava bombardeado, e também a George fez bem. Muitas vezes George se lembrava daquilo, dos murros, da febre e tudo mais, era o que um sujeito sempre deseja no fundo — ter tudo na mão, estar sossegado porque tem outra pessoa que se encarrega de tudo, enfim parar de pensar.

E assim tudo foi correndo macio até que Anna adoeceu, quando George tinha dezenove anos.

A única coisa de bom nisso é que George sabia qual era a sua doença. Estava pronta, é o que era. Se Anna simplesmente não tivesse aparecido e George começasse a rondar a casa do pai dela fazendo perguntas estava feita a porqueira. Porque desconfiava que eles soubessem qual era o mal dela e deviam andar secos por saber quem tinha sido o cara. A família dela era uma gente orgulhosa e não havia de querer que aquilo fosse sabido mas assim mesmo... E um cara por lá perguntando

por ela perigava deixar o couro. Por isso foi bom ele saber para ficar de largo. Anna já estava doente quando contou para ele. Vomitava a toda hora, chamam isso de enjôo matinal mas não precisa ser de manhã não podia guardar nada no estômago. As regras já tinham falhado duas vezes, aliás isso ele soube antes dela, Anna nunca tomava nota dos dias do mês. E assim quando ela parou de aparecer depois da hora do serviço era porque estava de cama doente. No começo era apenas uma amolação, mas quando fez duas semanas, e depois quatro, seis e sete, ficou difícil de agüentar. George tinha se acostumado com Anna e precisava dela, não era fácil passar sem ver a sua garota. Começou a se preocupar. Ou ela estava tão doente que não sararia mais, e nesse caso que é que ele ia fazer? Ou então estava melhorando ou quem sabe se até já tinha ficado boa mas estava zangada e não queria mais se arriscar com ele. Nenhuma dessas idéias ele podia suportar e vivia todo o tempo saltando de uma para a outra. E tinha de

reconhecer que apesar do a anos que andava com ela no fundo não conhecia Anna bastante para saber se ela era capaz de lhe dar a tábua por causa de uma coisa dessas.

O que George fazia além de se preocupar era odiar aquele sacaninha que estava dentro dela. Mesmo sendo uma criança ou menos do que uma criança tornava a coisa ainda pior. Estava lá muito bem aboletado no quente, alimentado a toda a hora e não tinha nada que fazer ou mesmo que pensar, enquanto George era obrigado a se privar de tudo. Porque se Anna tivesse outro amigo e George fosse forçado a entregar os pontos para outro cara mais forte, mais inteligente, mais rico ou sei lá o quê, George podia ficar ofendido e triste também, mas pelo menos • sujeito que tinha tirado Anna dele era alguma coisa, era melhor do que George nisto ou naquilo. Mas esse animal dentro dela, crescendo no seu corpo como uma espécie de enorme verruga ou coisa que o valha, não era mesmo nada, mas ganhava dele com as mãos nos bolsos sem nem sequer fazer

força, sem nem sequer saber que ele estava ali. E esse foi o único motivo na vida de ele ter enraivecido com ela, para que foi ficar prenhe, ele não queria saber disso, só ela é que queria e está aí o resultado.

Ia cuidar das suas armadilhas, pois tinha começado de novo a caçar às deveras, depois ia para a gruta e ficava sentado ali cortando madeira com a sua faca de bainha e tudo que fazia era odiar aquela coisa dentro dela.

E foi assim que acabou sentando praça, as coisas tinham chegado a tal ponto que ele não podia dormir nem nada, quase não parava um instante de sentir aquele fogo no estômago e era muito mais forte e difícil de se livrar daquilo. Era como se a notícia se tivesse espalhado na mata, tudo desapareceu, coelhos, guaxinins, marmotas, até os "chipmunks" e os camundongos, e o que ficou era magro e enfezado. Mas o que ele fazia era enganar a si mesmo. Uma vez com o maior e mais gordo dos gambás que George viu na sua vida, sentiu a mesma coisa.

Assim mesmo deu para andar cada vez mais longe, não sabia o que estava procurando, só pensava que talvez pudesse encontrar nalgum outro lugar se não encontrava perto de casa. E era no meio do verão quando ele descobriu uma casa de castores na encosta dos morros e começou a preparar um mundéu, tinha de ser bem grande porque castor é difícil de segurar. E ele sempre preparava as armadilhas onde nunca ia ninguém, isso não era para não machucar as pessoas, mas porque é asneira botar armadilhas onde anda gente fazendo barulho, tagarelando e gritando. Não tem um homem em dez mil que saiba ficar quieto em qualquer parte para não falar nas matas, esse é o mal de quase toda a gente. Mas em todo caso, no outro dia quando ele veio olhar esse mundéu perto da casa de castores lá estava um diacho de guri ranhento preso por uma perna. Isso enraiveceu George a tal ponto que é até engraçado, com toda aquela raiva ele até se sentiu melhor. Se a gente enraivece assim quando se sente desorientado e confuso, já não

se sente desorientado pelo menos enquanto está furioso. Ele deu umas boas pauladas no guri por ter desarmado o mundéu, esse guri representava para ele o pequeno que estava crescendo dentro de Anna e empurrando ele para longe, afinal podia se vingar do pequeno.

No outro dia foi à cidade e falou com o homem do correio e quando Tia Mary menos esperava ele veio com os papéis para ela assinar, a coisa estava feita. Foi tão de repente que ela e Tio Jim nem sabiam o que dizer, ela parecia ter perdido a língua e Tio Jim só falava: Esta é muito boa! Esta é(muito boa! e depois que ele botou a farda ele disse Filho, nós fizemos o melhor que podíamos. E George tudo que fez foi sorrir aquele sorriso que ele tinha quando não sabia o que dizer, e lá se foi.

CINCO

Dizem tanta coisa do exército, que não presta, que se vive correndo e esperando, e este maldito exército daqui e este exército desgraçado dali. Pois eu estou aqui para lhes dizer que muitos caras nunca passaram tão bem na sua vida como no exército, tem uma porção de caras dizendo cobras e lagartos que quando viviam de barriga vazia não diziam nada. Tem grude melhor que o do exército, mas o grude do exército é cem vezes melhor do que muitos desses caras já viram, pelo menos com essa regularidade. E ficariam admirados se soubessem quantos desses caras nunca dormiram que chegue nem andaram limpos antes de entrar no exército. Quem quer levar um vidão é só fazer o que eles mandam e nunca se apresentar voluntário para nada. Se você quer se amofinar se amofine, mas vai ser por bagatelas, o que é importante já está tudo resolvido e a gente não precisa se preocupar. Eu já disse isto e vou dizer de novo, no fim das

contas o que um homem precisa mesmo é só encher a barriga e deixar que os outros pensem por ele, ninguém precisa pensar se não quer. E se isso não é o retrato escarrado do exército não sei o que seja.

Pela primeira vez na vida George achou que tinha acertado. Às vezes ficava triste porque não podia ver Anna mas acontecesse o que acontecesse ela não estava sozinha no mundo e tudo acabaria bem a não ser que ela morresse, e nesse caso que se pode fazer? Em todo caso, graças aos dois anos de reformatório, ao treinamento e ao preparo de mecânica George tinha tudo que queria e pela primeira vez na vida algum dinheiro de seu. Para ele foi como uma repetição do reformatório, só que maior e mais fácil. Quando chegou no reformatório teve de passar muito tempo aprendendo o que se devia e o que não se devia fazer, mas no exército já sabia tudo isso, melhor do que muitos caras que nunca viveram antes num dormitório ou num quartel. Não se metia com ninguém e ninguém se metia com ele, era ainda

um rapagão forte de bico calado, que é a receita para ser deixado em paz quando é isso que a gente quer.

Quando chegou o tempo de se reengajar ele se reengajou, por sinal que nem gozou a licença, ficou zanzando lá mesmo pela base, que era na Califórnia. E pode ser que tenha caído nessa esparrela em que muita gente cai, pensando que as coisas vão continuar toda a vida como estão. Pois não vão, não senhor.

Primeiro veio uma porção de boatos e a gente sabe como isolar os boatos, mas o que aconteceu mesmo foi um desses boatos que se tinha isolado. Toda a base embarcou para o ultramar. Uns diziam que era guerra, outros diziam que era uma ação policial, e acho que para alguns foi uma grande farra.

Para George foi ruim, ele não tinha ninguém com quem falar nisso, nem saberia o que dizer se tivesse. No exército tinha andado bastante de cá para lá, Luisiana, Nova Jersey, Michigan, Califórnia, mas nenhuma mudança se comparava com esta. E começou a sentir aquele

velho fogo nas tripas, mas não encontrava remédio para isso. No ultramar não era tão fácil ir caçar e a caça era pouca. E lá não tinha essas trocas de passes e essas facilidades de entrar e sair. Não se podia brincar com o regulamento.

Também tinha os exercícios que para George era sopa, mas um dia, era na pista de aviões e três C-119 chegaram trazendo feridos e o oficial destacou uma porção de soldados para servir de padiroleiros. Desembarcaram ao todo cento e sessenta e três feridos de padiola e depois de ver e ouvir essas coisas nunca mais se é o mesmo.

Tudo que se pode dizer sobre o que George sentiu é que era como se ele tivesse voltado a ser um garotinho e ia apanhar por causa de alguma coisa que tinha feito ou por nada. O pai fazia isso, mas o pai chegando em casa, mesmo cheio de cachaça, não queria dizer que ele fosse apanhar na hora. A única coisa de que se tinha certeza era de apanhar, disso a gente não se livrava. Só que nunca se sabia quando. E depois de ter passado pelo reformatório, pela fazenda

e principalmente pelo exército George parecia ter deixado tudo isso para trás, era coisa morta e enterrada, não se fala mais nisso. E de repente aqueles feridos ali bem nas ventas dele. De modo que lá estava de novo aquela certeza de apanhar, mas sem saber quando. E nunca tinha saído de dentro dele. George pensava ter deixado isso para trás, mas se enganava. E pode ser que esta noite, pode ser que na semana que vem, iria para aquele lugar onde os homens são transformados em feridos de padiola. E quando a gente fosse talvez não levasse a sua conta nesta noite ou na semana que vem, mas que levava, levava.

George não era o único que sentia isso, e bem sabia. Alguns riam, falavam mais alto, corriam mais depressa e faziam tudo com mais força, e alguns aproveitavam todas as folgas para sentar num canto com ar preocupado, e alguns viviam matutando como conseguir uma saída uma vez que fosse para tomar um bom porre. Mas George só precisava e queria uma coisa, e começou a pensar em Anna como nunca tinha

pensado antes, pensava tanto em Anna que quase sentia o cheiro dela, aquele cheiro morno.

Mas não podia fazer nada e isso era o pior. E assim o que ele fez foi uma das coisas mais difíceis da sua vida porque nunca tinha feito antes. Resolveu (escrever uma carta. Deve ter levado quatro dias para escrever essa carta e passou quase todo o tempo sentado olhando para o papel. Depois escreveu a carta e pronto com isso não se sentiu melhor mas não teve idéia de outra coisa que fazer, e assim fez e terminou o assunto. E ninguém mais sabia o que ele sentia. Nunca foi conversador. Quando alguém lhe falava em embarcar para o front tudo que ele fazia era sorrir. Acho que ninguém sabia nada com certeza.

Então um dia chamaram ele para falar com esse doutor, esse coronel. E ele foi, « é aí que eu comecei esta história. Phil disse que eu podia começar por onde quisesse, só era preciso explicar tudo que dizia.

Pois o resultado foi que George Smith velho voltou para os Estados e se fechou como nunca

na sua vida e pensando bem não foi má idéia, ninguém se ocupou com ele depois que foi trancafiado naquela cela. Porque no começo não estava em si, andava lá pelos quintos do inferno, louco de raiva. Não louco, louco de raiva, o que é muito diferente. Se alguém botasse a mão nele quando se sentia assim só ia se encanzinar, talvez brigasse mais um pouco. Mas um louco de raiva é como um fogo, é só tapar bastante tempo e ele se apaga por si.

E assim um dia a porta se abriu e o guarda deixou entrar esse doutor, só que era um simples sargento e não muito grande. Maior do que Tio Jim mas não muito grande. Tinha um cabelo preto e espalhado e usava óculos e foi logo dizendo que era médico sim mas me chame de Phil, e como ele se sentia. E George podia ter quebrado ele em dois em cima do joelho ou desconjuntado a espinha como se faz com uma cascavel quando não s>e tem vara, mas Phil só fez sinal pro guarda ir embora e o guarda deixou ele ali com a porta trancada e Phil sentou junto dele na cama e ofereceu

cigarros embora esse George Smith nunca tivesse fumado, antes não fosse assim.

E assim Phil ficou fumando de bico calado le George Smith começou a se sentir mais à vontade e finalmente Phil perguntou que é que ele mais queria e George disse que Sair. E Phil perguntou por quê. E George se admirou disto mas se a pergunta era idiota Phil não tinha cara de idiota. Então George respondeu Pra voltar pra junto dessa moça e casar com ela. Porque agora George sabia que para onde quer que voltasse tinha de ser perto de Anna, Anna sabia o que ele era e gostava dele assim, e ninguém mais iria gostar. E não queria mais saber do exército depois daqueles feridos que tinha visto.

Então Phil disse para ele que poderia sair, mas teria de fazer direitinho como Phil dissesse. E George Smith estava pronto para trepar pela parede, ficar de cabeça para baixo no teto se Phil mandasse. Preciso dizer aqui que tenho confiança em Phil. Ele quer que eu saia, tenho certeza disso. Também acho que ele quer que

esta minha história seja a pura verdade. Ele não tem nada que lucrar nem comigo nem com ninguém que leia isto. No começo eu não queria acreditar nisso, mas agora acredito.

E assim ele me pediu que escrevesse a história da minha vida e eu disse que não sabia nem mesmo por onde começar e ele respondeu: Comece onde quiser mas não esqueça de explicar tudo. Disse que se eu quisesse, fizesse como num filme ou numa história de quadrinhos que começam com o sujeito já velho e depois voltam para o que aconteceu antes. O principal era escrever todas as coisas importantes para ele poder me compreender melhor. E disse que se eu tivesse dificuldades em começar escrevesse sobre uma outra pessoa, porque esse é um bom meio da gente se afastar de si mesmo e aí pode se lembrar melhor. E assim depois que ele foi embora eu comecei, inventando esse nome de George Smith, e ele tem razão. Escrevi todo o resto daquele dia e desde então não tenho feito outra coisa senão escrever enquanto tem luz, e ele voltou duas

vezes mas eu ainda não tinha terminado.

Pois esta é a história. É toda verdadeira e é tudo que consigo lembrar. Fiz o melhor que pude. Não sei por que estou aqui nem por que me mandaram de volta para os Estados aqui nesta fábrica de loucos em vez de ser encanado por agressão a um oficial. Não sou louco, louco é quem pensa isso. Tudo que eu quero é sair. Quero sair daqui e quero sair do exército, pra mim chega. Tudo que eu quero é voltar para a minha pequena, casar com ela e viver lá ou quem sabe arranjar um sítio noutra lugar. Ou um armazém.

SEIS

Eis aqui mais uma carta com o cabeçalho cortado.

Estância da Lua N-O

Orgônia, Oregon. 23 fev.

Querido Phil, com mil diabos:

A despeito de todas as minhas obrigações, aqui fiquei beliscando, o lábio inferior e me perguntando o que lhe dizer. Quero declarar de saída que quando recebi aquele maço de papéis enviado por você e verifiquei que não se tratava da edição dominical do *Chronicle*, sem, faltar o suplemento de modas para a primavera, fiquei danado da vida. E acho que ainda estou. E comecei pensando que "George Smith" devia ser expulso desse seu motel de malucos, e terminei pensando a mesma coisa. Mas você me fez rir.

Pois claro, seu psicólogo das arábias. Depois desta espera toda, dissesse você o que dissesse eu lhe teria cuspidos no olho. Se cheguei a

pensar em você e "George", foi para achar que a falta de notícias era bom sinal e que você havia encerrado o caso. E aí você me manda a autobiografia dele sem nenhum comentário, absolutamente *nada*.

Coisa tão lamentável é mesmo para rir. Sei o que você está tramando. Quer que eu reaja, isto é, que pense. Ora, você sabe muito bem que um administrador não tem tempo para pensar, como não tem tempo para andar lendo testamentos deste tamanho. Você também me conhece o suficiente para saber que eu ia folhear os papéis, me deixaria apaixonar por eles, e recomençaria a leitura me detendo em cada palavra. E que admiraria o esforço aplicado nisso tudo, sem excluir o trabalho que você teve batendo tudo à máquina. (Que é isso, já não tem trabalho que chegue?) (Falando sério, Phil, sei que você deixou de dormir para fazer isso, e acabe com essa história: eu preciso de você. Você vai acabar se matando.)

Agora falemos da biografia. Sem dúvida nenhuma, fiquei muito mais impressionado

pelo horror patético que ela encerra do que com um tipo calejado como você. Também me impressionou a habilidade descritiva do rapaz. Não sei como um professor de inglês do quarto ano primário analisaria algumas de suas frases (como esta descrição do nó de madeira velha no costado do barco: "...às vezes a gente vê coisas assim que embora elas não se mexam, o olho da gente não pára de andar para dentro e para fora e em roda e voltar atrás, nas costas de um gato tem dois redemoinhos de pêlo assim."), mas nunca deixei de entender *exatamente* o que ele quis dizer. E além de uma ou duas verdadeiras intuições que ele chega a alcançar, como por exemplo aquela análise do sexo e a distinção precisa quase sutil que faz entre Satisfação e Alívio, estou impressionado pelo caráter *completo* da história. Do meu ponto de vista parcial ele não omitiu nada de significativo; seu auto-retrato forma um todo substancial e sólido e não contém lacunas visíveis. O que deixou de mencionar, como por exemplo os detalhes exatos de sua técnica sexual com Anna, não

deveria preocupar ninguém a não ser um clínico grosseirão como você, insensível à delicadeza das reticências.

Penso que há muita gente solta por aí, gente que passaria com distinção e louvor qualquer teste de sanidade e que *no fundo* é mais doente do que esse rapaz. Ele é um dos poucos seres humanos de que tenho conhecimento, que parecem ter colocado o sexo numa perspectiva realmente sadia. Tem uma autoconfiança fora do comum enquanto estiver só, será tão incapaz de sentir-se desorientado quanto um gato. E isto traz à tona o que, na minha opinião, é a verdadeira natureza da sua doença. *E não se trata de doença.*

Como disse acima, muitas pessoas aceitas como sãs são no fundo mais doentes do que "George". O ponto em que podemos levantar certas dúvidas a respeito de George se refere não a uma pessoa, mas às pessoas em geral. Nenhum ser humano, nem mesmo George, vive completamente só. O fluxo interpessoal não é apenas divertido, conveniente, apropriado ou

ortodoxo. É essencial, vital. *Homo sap.* é uma espécie interdependente. *Não pode* viver só. E é fácil descrever o tipo de relacionamento de George com as outras pessoas: não há relacionamento.

Nele, contudo, me parece que isso não importa. Encontrou Anna. Há uma aura estranha em torno dessa relação mas seja lá o que for — e eu não estou espiando — é adequadamente côncavo-convexa, se é que você me entende. Pela descrição, ela parece ser uma rapariga com falta de peças, mas tem as que ele precisa.

Resumindo, penso que a única doença deste camarada é tecido cicatricial de uma infância lamentável, e seu único crime o de ser um solitário. É algo que parece criminoso a nós, almas gregárias, porque não nos julgamos capazes disso. É uma coisa... digamos, que não está na moda. Deixa-nos inquietos por causa de uma certeza intracelular que todos temos, de que sem nosso próximo não poderíamos sobreviver. Numa cultura de rebanho e colmeia

como a nossa, uma criatura solitária parece de certo modo imoral. Arreda!

Tudo que precede (disse ele modestamente) é conversa mole; trata-se da sua especialidade e não da minha. A despeito de minha irritação fico-lhe muito grato, companheiro velho, pela hora fascinante que me proporcionou. E agora, pelo amor de Deus, solte o rapaz.

Como sempre, Al.

P. S.: Em nome do céu, que acha você que continha aquela carta que alarmou o major?

Aqui está a cópia de uma carta a carbono.

Lingam Lane

N-O

Ganímedes, Cal.

28 fev.

Prezado Coronel, Brigada do Parafuso
Frouxo:

Encantado com sua carta, sua sabedoria, sua intuição, sua perspicácia. Tudo errado.

1. *Existem* lacunas visíveis na narrativa de George, e:

2. Sua atitude em relação ao sexo não é Sadia. Depois de dizer isto num tom tão positivo, vejo-me na obrigação de ser honesto e admitir, quanto ao número Um, que ignoro quais sejam as lacunas, só sei onde estão. E quanto ao número Dois, não creio que a atitude sexual dele seja sadia, mas tampouco afirmo que seja mórbida. Não se trata de jogar com as normas aceitas, que, como você sabe, são um bocado fantásticas sob certos aspectos. Acontece apenas que não sei qual é a sua matriz sexual; mas estou certo de que merece ser investigada.

Como você, andei ocupado com milhares de outras coisas enquanto tudo isso vai marchando e devo lembrar-lhe que esta correspondência, depois de tantas semanas, procede unicamente da biografia voluntária de nosso amigo e de nossa avaliação da mesma. Acho que já é tempo de eu dedicar um tempo especial a ele e de começar a cavar. Eu o porei ao corrente do que acontecer. Mais uma vez, obrigado pela sua maravilhosa carta.

Amizade,

Phil.

Gabinete do Administrador

Q. G. do Hospital de Campo

N-O

Portland, Oregon

2 março

Phil.

Vou me exprimir com a maior brandura possível. A amizade e a correspondência não-oficial, como fatores *alfa* e *beta*, são desejáveis enquanto não interferirem com *gama*, isto é, o trabalho. *Alfa* e *beta* são estupendos quando ajudam o trabalho. Mas, se *gama* for prejudicado ou retardado, teremos de dispensar *beta* e, se necessário, *alfa*. Porque, companheiro velho, *gama* é maior do que qualquer de nós. Estou usando letras gregas porque você é um intelectual e não quero insultá-lo com *a*, *b* e *c*, mas Phil a coisa é realmente simples como o ABC.

Posso argumentar que talvez você tenha trabalhado tanto (e tão bem, acrescento cordialmente) que seu discernimento comece a

vacilar. E/ou posso sugerir que essa dedicação, sem dúvida admirável, à sua especialidade, o leva a caçar sutilezas num momento em que tem uma pilha cada vez maior de trabalho bruto à sua espera. Isso lhe faz muita honra pessoalmente, mas não convém à firma. Posso até admitir que você tem razão com respeito a esse paciente, mas continuo a insistir que se ele é pancada, não é o suficiente para derrubar um pau de fósforo. Dê alta ao sujeito e esqueça-se dele. Ou, se não puder, continue de olho nele e leve-lhe umas aspirinas quando deixar a farda.

Ou finalmente, posso dizer, e você sabe muito bem que o farei se a isso for obrigado, que o senhor tem de obedecer às minhas ordens, Sargento Outerbridge, mesmo sabendo que estou errado. Mesmo sabendo que sei estar errado.

Reconheça o esforço literalmente acima e além da linha do dever, em benefício da supramencionada *alfa*. Muito me custaria perdê-la.

Ainda seu Amigo,

Al.

Aqui está a cópia de uma caria a carbono.

Hospital de Base N.º 2

Smithton Township, Cal.

N-O

Gabinete do Estado-Maior

4 março

Meu Coronel:

Cedo à superioridade do número. E dos galões. Continuo como em data anterior redigindo, de acordo com as ordens recebidas, um diagnóstico convincente. Lamento que você tenha sido levado a tomar uma atitude, Al. Compreendo o porquê, mas confesso que lamento o fato. Bem, bem creio que a velha Alfa pode resistir à prova.

Enquanto vou sondando (e sem molengar, meu Coronel), aqui tem algo com que se distrair nos seus momentos de ócio:

Exatamente por que motivo o substancial e sólido, admiravelmente retratado pracinha perdeu as estribeiras quando o major lhe fez

aquela pergunta específica?
do seu obediente Phil.

Eis aqui a resposta:

Mesmo lugar	N-O
Mesmo Estado	13 março

Phil, seu safado:

Você tem um talento especial para introduzir formigas vivas debaixo do couro cabeludo dum vivente. Excluindo-se o fato de eu não dispor de momentos de folga, o que aliás você não ignora, tomei a decisão de não empregá-los em causas perdidas como esta. Ao cabo de quatro dias a coisa me amolou tanto que tirei da gaveta o manuscrito de "Smith" para averiguar exatamente o que lhe perguntara o major quando ele perdeu a cabeça. Foi o seguinte, e cito as palavras textuais: "Por que é que você caça, George? Quero dizer, qual é o resultado que tira disso?" E então, bum!

Durante mais dois dias resolvi, uma porção

de vezes, esquecer o assunto. Portanto, não que isso importe, mas a bem do sossego, do doce e paciente sossego: Sr. Esculápio, *por que* foi que o bom do rapaz perdeu as estribeiras?

Não que isso importe, realmente. Você não precisa responder a esta carta.

Al.

Uma cópia a carbono:

Santa Casa

N-O

Govercrotch, Cal.

15 março

Não sei, Al. Quer que pergunte a ele?

Phil.

Uma carta:

Q. G. do Hospital de Base N-O

Portland Ore.

16 de março

Não!

A. W.

Um telegrama:

SARG. PHILIP OUTERBRIDGE

HOSPITAL DE BASE N.º 2

SMITHTON TOWNSHIP CAL MAR 16 6.12

PM

POIS PERGUNTE

AL

Outro telegrama:

SARG. PHILIP OUTERBRIDGE

HOSPITAL DE BASE N.º 2

SMITHTON TOWNSHIP CAL MAR 16 6.21

PM

FAÇA-SE ACOMPANHAR DE UMA
GUARDA ISTO

É UMA ORDEM

CEL. ALBERT WILLIAMS

Caverna dos Leões

N-O

Luna Parle, Cal.

17 março, begorrah

Meu caro AI:

Fiquei sinceramente comovido com o seu segundo telegrama da noite passada. Veja só, é a primeira vez que você se dirige a mim como superior e eu fico comovido.

Na verdade, sua atitude de comando em data recente me infundiu tamanho respeito que obedeci correndo ao receber o seu primeiro telegrama e só depois de descer recebi o segundo, tão confortador.

O trabalho com a sábia e provecta diagnose e recomendação para alta do hospital progride rapidamente. Creio que estará tudo pronto dentro de algumas horas, ou digamos 24.

Como sempre, Phil.

P. S. Pois claro, você há de estar querendo saber o que o homem disse. (O 17 de março sempre me transporta em espírito para as margens do Shannon*). Ele disse — e com- a mais perfeita calma, Coronel: como sabe, ele confia em mim, o que não acontecerá quando (se Deus quiser) eu ganhar as minhas barrinhas

de prata, o que será mais ou menos pela época em que ele sair daqui. Homem, tenho a impressão de que passei metade da vida esperando essa promoção. Diga-me, Al: eu me sentirei tão feliz em receber as humildes insígnias de capitão como você se sentiu com as suas soberbas águias?... Mas estou me desviando do assunto. O homem disse, quando lhe perguntei por que ele descarrilhou quando o major lhe perguntou que proveito tirava de caçar pequenos animais — como você há de se lembrar, ele declara no manuscrito que não aprova o ato de matar pelo simples prazer de matar; portanto não se tratava disso, e quanto ao motivo óbvio não creio que ele tenha mencionado sequer uma vez a fome em conexão com a caça: sucede também que freqüentemente passava meses e mesmo anos consecutivos sem o mais leve desejo de caçar; seja como for, respondeu simplesmente que tinha explodido por julgar que o major descobrira o motivo. Quando lhe perguntei por que havia de se aborrecer com isso, me

respondeu cuidadosamente que em absoluto não se irritou contra o major; que o major era um bom homem; que se irritou contra si mesmo por se ter denunciado. Os PEs vieram agarrá-lo quando estava furioso, daí o fecha-fecha, o "donnybrook". Begorrah! O major se meteu no rolo para ajudar e recebeu as sobras.

* O 17 de março, dia de S. Patrício (*Padraig* em irlandês) é a data nacional da Irlanda. Daí as várias alusões, modismos e termos irlandeses encontrados nesta carta e na seguinte. De tudo isso é quase impossível dar uma idéia na tradução, *Begorrah*, que aparece duas vezes aqui, é uma interjeição irlandesa, eufemismo por *by God* (por Deus). O trevo mencionado mais adiante (*shamrock*) é o emblema floral da Irlanda. Diz-se que S. Patrício o usava para explicar a doutrina da Trindade. — N. *do Trad.*

Afirma ele que se ninguém o tivesse agarrado nada teria acontecido além dos cortes na mão quando esmigalhou o copo d'água.

Espero que isto seja resposta suficiente para a sua pergunta, Al. Sossego, doce e paciente

sossego. Ele será um civil antes que o orvalho venha banhar o trevo ou pouco após. P. O.

Q. G. do Hospital de Base
Portland, Oregon

N-O
19 março

Prezado Phil:

Percebo a sua manobra. Até certo ponto. Há uma distinção entre obediência absoluta e obediência implícita, quotidianamente descoberta e redescoberta nas fileiras e usada para aporrinhar os oficiais. Apesar da sua garrulice desenvolta, do seu "blarney" (como vê, também eu sou imune à influência de Padraig), ainda se ressentente pelo fato de eu me ter socorrido da hierarquia com você. Percebo até o seu joguinho para me induzir a fazer aquela pergunta (Por que "George" perdeu a tramontana), quando era perfeitamente claro que o meu interesse era o mesmo do major: saber o que o compelia à caça, se não era o prazer de matar nem a fome?

Se ele ainda estiver aí quando você receber

esta, veja se pode descobrir.

E olhe lá: a fim de prevenir qualquer das suas artimanhas de titereiro e beliscador de neurônios, vamos abandonar este sistema de respostas-explicitas-para-perguntas-explicitas. Se conseguir uma resposta para esta pergunta, não me comunique acompanhada de uma deixa para a pergunta seguinte.

Diabos levem tudo isso, Phil. Você está empenhado a fundo nesta história, não está? Se eu não lhe der rédea solta com esse paciente você me matará aos poucos com as suas puncturas e alfinetadas. E sabe muito bem que eu preciso de você aí onde está, dando o mais duro possível, o que, suponho, significa feliz da vida. A única alternativa é metê-lo na estacada ou transferi-lo daí, e isso você sabe que eu não posso fazer.

Muito bem, toque para a frente. Mas não esqueça o resto. Consiga resultados com ele ou ponha-o na rua.

Sua sorte é sermos amigos. Minha sorte é que você sabe guardar segredo. Quanto ao Filho da

Natureza continua achando que você está enganado. Apresse-se a provar o seu ponto de vista.

Al.

Sítio da Felicidade

N-O

Venturosa, Cal.

21 março

Prezado Al: Deus o abençoe, menino! Tenho tudo preparado — A percepção Temática, Rorschach, projeção de personalidade desde perfil até Patagônia. Quanto ao resto do trabalho, amigo velho, você tem um dínamo a seu serviço. Nunca viu processamento como vai ver agora. Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado, e jamais me pergunte se eu realmente estive tratando da alta de "George".

De seu muito grato

Phil.

Centro Esquizóide

N-O

Coco Rachado, Oregon

23 março

Meu caro Phil:

Não me agradeça, amigo; e não se inquiete, eu não lhe perguntarei se realmente estava processando essa alta. Você tem o seu velho Coronel completamente submisso e aos seus pés, disposto a fazer o que quer que seja para auxiliá-lo. Assim, estou retardando a sua promoção até que tenha terminado o trabalho com o seu amigo literato, para que as barrinhas de prata não venham a perturbá-lo. É um caso complicado, Phil, mas pode contar com a minha colaboração ainda que dure anos.

Cordialmente,

Al.

SETE

Eis aqui um maço de notas de terapia, transcritas de um apanhado taquigráfico. P — Terapeuta. R — Paciente. Todas as notas se referem ao caso de prefixo AX 544.

25 março

Manhã: 3 horas

P. Bom dia, George.

R. Quem, eu? George? (Deitado no catre. Senta-se.)

P. (dá de ombros) O nome é ótimo. Foi você que escolheu.

R. (Faz que sim com a cabeça) O que eu escrevi... deu resultado?

P. Resultado?

R. Pra eu sair daqui.

P. Dá o resultado de um tijolo, George. Na construção de uma casa, por exemplo. É parte de uma porção de Outras coisas.

R. Aquilo tudo, um tijolo?

P. Bom, vamos dizer duas carradas de tijolos,

George. Trabalho bem feito.

R. (Deita-se. Parece irritado. Observa P. com os olhos entrecerrados. Respiração lenta.)

P. (Vira as costas. Caminha para a janela. Enche devagar o cachimbo. Acende. Torna a virar-se. R. está olhando, fora de foco, para o teto.) É preciso muito tijolo. Mas não há outro meio.

R. Pois seja.

P. Nada de idas e vindas hoje, George. Ficarei com você até a hora do almoço. (Pausa.) Se você quiser.

R. (Leve dar de ombros.)

P. Podemos começar a trabalhar, então?

R. Em que?

P. O que eu preciso antes de tudo é tratar de conhecer bem você.

R. Perguntando coisas.

P. Esse é um dos meios.

R. O maldito major que me mandou pra cá... ele fez perguntas demais.

P. (Percebendo a advertência: não meta o bedelho.) Muito bem. Vamos experimentar isto,

George. Começa a espalhar na mesa a Escala Wechsler. Curioso, George levanta-se.)

A escala Wechsler do Exército consta de dez tipos de perguntas, algumas das quais requerem um bom emprego da linguagem, outras uma fácil manipulação matemática e outras ainda a solução de simples charadas figuradas. É um teste-padrão de inteligência com poucas probabilidades de provocar reações violentas.

P, (Mais de uma hora depois, sem haver terminado os testes.) Você fala pouco, George. Que foi que houve? Gastou todas as suas palavras escrevendo? R. (Descambando da passividade para o mau humor.) Nunca fui muito falador... Pare de me chamar George. P. O.,K.... Quer que eu use o seu nome verdadeiro? (Este nome é Bela — um insulto usado habitualmente pelos garotos americanos.) R. Ah! isso não...

(No Wechsler ele alcançou uma média elevada no que dizia respeito à compreensão de

significados e idéias convencionais. Em outras palavras, sabia o que as pessoas em volta esperavam dele. Mas quando o teste exigia uma concentração intensa e o raciocínio abstrato, saiu-se menos bem. Não podia aplicar o pensamento a uma idéia ou situação complexa. Deduzi que estava aparelhado para isso, mas era incapaz — pelo menos no momento — de usar a aparelhagem. Dir-se-ia que esta se achava ocupada em alguma outra tarefa. Era ele, ao pé da letra, a ostra, da metáfora, as válvulas mal-e-mal abertas, apenas o suficiente para o contato com as coisas imediatas, diretas, simples, tangíveis.) P. (Olhando o relógio.) Homem, como você faz progressos! Sabe que já terminamos isto e ainda nos sobra uma hora inteira? Se continuar nesta marcha... R. Ah! é? (Abandona a passividade para lançar um olhar vivo a P. Querendo descobrir se ele está sendo sincero. Não tem o hábito de ouvir elogios.) P. Quer tentar mais alguns?

R. (Apático.) O. K. (Aqui se podia sentir, mais do que ouvir ou ver, uma certa diferença na

apatia. Esta diferia da fleuma genuína, indiferente. Era quase idêntica, mas representava uma encenação com vistas em ocultar uma perceptividade maior.) P. Isto se chama Rorschach. R. (Na defensiva.) Choque?

O Rorschach é uma série de dez "borrões de tinta" padronizados. (Poder-se-ia fazer um desses borrões deixando cair uma gota de tinta numa folha de papel, dobrando-a em duas pelo meio do borrão, apertando bem a folha de papel dobrada e depois abrindo-a. Obtém-se assim uma figura irregular mas idêntica à direita, e à esquerda da dobra.) A maioria das pessoas reage de certas maneiras convencionais aos dez cartões do teste-padrão. Vêem neles seres humanos, animais, insetos ou vegetais. Vêem pessoas em posturas ou formas de atividade tradicionais, como sejam, comer, conversar, dançar, caminhar, rir. Essas reações habituais se manifestam espontaneamente, à primeira vista. Não há interpretação "certa" ou "errada" dos borrões de Rorschach. Há apenas aproximação ou afastamento das normas estatísticas.

P. (Riso gutural.) Não é "choque". Rorschach. É o nome do sujeito que inventou isto. Você só precisa olhar um por um e me dizer o que vê, com que se parecem ou o que é que lhe lembram.

R. (Durante o segundo do impacto e pela primeira vez, completamente alerta e com os olhos arregalados. Rápido exame de baixo para cima, de cima para baixo e de um lado a outro. As pálpebras tornam a baixar-se na habitual atitude velada; o olhar subsequente é fleumático e firme. O cartão em apreço costuma ser interpretado por homens da sua idade como duas figuras dançando em roda de uma árvore enorme.) Isto parece dois caras esmagando um bicho, procurando arrancar pedaços ou pode ser que esgoelando ele. Ainda não sangrou, mas vai sangrar. Ali está o buraco do bicho (Mostrando um ponto vermelho no cartão.)

P. (Recorrendo impulsivamente a uma técnica aplicável a um teste bem distinto.) Por que estão fazendo isso?

R. (Encolhe-se instantaneamente;

dissimulado, atrás da cortina.) Estão fazendo, nada mais.

P. (Outro cartão, em geral visto como dois animais rastejando morro acima.) E que tal este?

R. (Resposta imediata.) Isto é uma mama. Dois dragões queriam ela, mas estragaram, despedaçaram toda. Agora estão danados, se atiram em cima dela.

P. Experimente este. (Comumente visto como uma grande borboleta.)

R. Parece uns bichos despedaçando o corpo de alguém. Bichos maus. Aí está a espinha da moça e o buraco dela. Foi partida em duas. É vermelha por dentro. (Respiração talvez mais profunda, mas lenta; olhos velados; as narinas dilatam-se repetidas vezes.)

P. E este?

R. Ah! isto é alguém preparando um mundéu duplo, bam, pegou dois bichos, pode ser que marmota ou gambá, os dois ao mesmo tempo, esmagados. P. E este aqui? R. A barriga de uma mulher, rebentada. Foi uma criança dentro que

fez rebentar. Mas a criança também rebentou, está vendo aqui? P. (Recolhe os cartões. R. observa com expressão absorta.) R. (Como se tivesse estado todo esse tempo a pensar no assunto.)

Phil?... P. ?

R. Você pode me chamar George se quiser. P. Como for do seu agrado... Andamos bastante caminho hoje.

Agora você vai indo muito bem. Se quiser experimentar outros de tipos diferentes, qualquer dia destes... Agora não, já está na hora do almoço. R. (Apático.) O. K. P. (Bate chamando o guarda.)

Fim da sessão.

Comentários: George demonstra uma característica singular que eu denomino inexatamente não-culpabilidade. Inexatamente, porque ele tem perfeita percepção do bem e do mal conforme os julgam as outras pessoas, mas não parece em absoluto oprimido por esse sentimento de punição merecida que aflige a

maioria dos indivíduos numa matriz judaico-cristã como a nossa. Um exemplo extremo é o personagem que nossas literaturas têm pintado desde os tempos bíblicos até o presente e que, ao se sentir injuriado ou maltratado pela sorte, conclui instantaneamente que isso é o castigo de alguma transgressão, conhecida ou desconhecida. O grito "Que fiz para merecer isto?" parece significar "Nada fiz para merecer isto!" mas na realidade significa, em muitos casos ou na maioria deles: "Por qual de meus pecados estou sendo punido?"

No que se refere a George eu sinto — quase intuitivamente — que ele não tem nenhuma convicção de justiça retributiva, de punição pelo crime. A punição ele compreende, as atitudes alheias em face do crime também. Mas simplesmente parece não compartilhar a atitude. Uma analogia trivial seria entre duas pessoas, uma devotada à música e sentindo-se transportada por ela, a outra completamente amelódica e arrítmica. A segunda teria reconhecido que a primeira estava

experimentando alguma coisa, mas não poderia saber o que fosse nem a emoção que isso lhe despertava. George parece ser "surdo" neste sentido para uma gama inteira de sentimentos compartilhados pelo comum dos homens — a empatia por um animal agonizante, o horror diante do sofrimento, do sangue, da injúria, da injustiça: uma couraça protetora que se foi formando no correr dos anos e que, segundo parece, só foi penetrada naquele dia em que ele viu os feridos da guerra. Sem dúvida isto poderia ser explicado em boa parte pela sua execrável infância em que o castigo descia contra toda razão, enquanto faltas infantis como a ausência às refeições ou à noite, o furto, a insolência e a desobediência eram freqüentemente toleradas. No cosmo de George o castigo não se seguia necessariamente ao crime, e sem embargo o castigo vinha inevitavelmente, houvesse crime ou não.

Tenho visto muitos presidiários que, por mais que se queixassem de ter sido injustiçados, no fundo sentiam a justiça da punição. Um bom

número deles pensava, ou dizia pensar, que o castigo era excessivo; pouquíssimos eram de opinião que não deviam ter sido castigados em absoluto. Até alguns presos inocentes — inocentes, isto é, do crime pelo qual foram condenados — têm a idéia de estarem pagando *alguma coisa*. Mas o sentimento de George com respeito ao longo período de encarceramento que se seguiu à sua agressão contra o major era, em essência, o que seria o meu se, ao atravessar um campo, houvesse pisado em chão falso e caído numa imensa e emaranhada caverna. Sem dúvida não pensaria ter merecido isso. Procuraria um meio de sair e, se não pudesse encontrá-lo, mas topasse por lá com um homem que me convencesse de que sabia o caminho, seguiria esse homem. E se viesse a descobrir, enquanto caminhávamos, que não levaríamos horas nem dias, mas semanas e até meses para chegar à saída, creio que encararia a situação mais ou menos como George faz agora.

Como pôde uma criatura como George subsistir por um tempo apreciável numa

sociedade moderna? Como pôde um homem com tão pouca noção da lei e da propriedade, da reciprocidade e das conseqüências, livrar-se de complicações pelo espaço de um dia sequer?

O fato se torna menos misterioso quando o colocamos na sua verdadeira perspectiva. George havia gravitado para dois pólos ambientais — a completa liberdade da vida ao ar livre, onde as leis são imparciais e claramente compreendidas, quer se trate das leis da gravidade, quer da força de tração de um vidoeiro novo quando vergado; no outro pólo estava o mundo do orfanato e do Exército, onde regulamentos rígidos guiavam as idas e vindas do indivíduo com a fixidez das rampas de acesso a um curral. Uma vaca pode andar em sentido paralelo à cerca, mas não pode andar perpendicularmente a esta. George havia tomado a peito o adágio das fileiras: "Faça o que lhe mandam e nunca se apresente voluntário." E as rampas eram fáceis de trilhar e impalpáveis para os obedientes, que sem questionar e sem decisões conscientes dormiam

aqui, lavavam-se ali, comiam acolá, e esperavam.

A área que por enquanto me deixa completamente intrigado é a sexual. Al Williams qualifica de "sadia" a atitude sexual de George: contestei isso e ainda não posso explicar por quê. Diz Al que é porque, segundo mostra o paciente com tanta lucidez no seu extraordinário manuscrito, ele não conhece vergonha, falsa modéstia, insegurança ou hipocrisia. George trilhou um caminho de lógica inatacável para convencer-se de certas verdades que a humanidade é positivamente incapaz de aceitar no domínio subjetivo: que a ereção, o orgasmo e a ejaculação não são menos possíveis a um coelho do que a um homem, e tão pouco nobres no homem como no coelho; que esses fenômenos não necessitam de ser cultivados, pelo motivo de serem (uma vez dado o ensejo) automáticos e incontrolláveis; e que, se é insensato cultivá-los, ainda mais insensato é reprimi-los. Isso é o que Al chama sadio. Bem, para usar a comparação do próprio

George, é exatamente tão sadio quanto a atitude de um coelho. As grandes complicações do sexo, com os seus fluxos e refluxos que colorem os pensamentos, as palavras e as obras dos homens, são incompreensíveis para George e, enquanto Al não se virar para examiná-las, estão fora do seu campo de visão.

A conclusão de que a extraordinária bestialidade das reações de George ao Rorschach são de natureza sexual parece evidente à primeira vista. Extraordinária não é bem o termo. Tenho conduzido mais de um milhar de Rorschachs, li tudo que pude encontrar sobre a técnica e a interpretação do teste e nunca ouvi falar em nada que se assemelhasse às visualizações de George, sistematicamente sanguinárias e homicidas. Não em Rorschachs — mas sim, sem' dúvida nenhuma, na psicanálise profunda. Entretanto, sempre as encontramos profundamente ocultas, emergindo pouco a pouco e quase nunca de forma direta, mas simbólica.

A crer na autobiografia de George, Anna é a

única mulher que ele jamais conheceu — e eu creio. O pouco que diz sobre as relações entre ambos carece de clareza. Ela parece ter sido a instigadora; George declara mais de uma vez que fazia o que ela queria. Depois menciona de modo obscuro o fato de ter feito o que ele queria; que Anna tentou impedi-lo e por fim consentiu, sentindo-se segura com ele.

Segura com ele!

O que é que está seguro com ele? Quem?

Eu?

Bem... Precisamos trabalhar mais, aprender mais. As fantasias de violência por vezes simbolizam o sexo; os símbolos (e atos) sexuais freqüentemente representam e exprimem a violência. Nalgum ponto desta área deve encontrar-se o foco das fantasias evidenciadas pelo Rorschach de George, fantasias de uma incrível violência, muitas vezes genitais e, sem embargo, virtualmente assexuais.

OITO

Sumário: 3 de abril.

Mais duas sessões prolongadas com George...

(É interessante lembrar aqui que o Sargento Outerbridge Continuava a fazer parte do abarbadado corpo médico de mm hospital neuropsiquiátrico militar superlotado e mal aparelhado, lutando com uma tremenda sobrecarga de serviço e jazendo plantão diariamente. O jato de ter podido dedicar seis horas a George e a ausência de protesto por parte do Cel. Williams comprovam, a sua sobre-humana energia e devoção.)

...deram conta dos testes de coordenação motora, desenho de casas, desenho de figuras humanas e Apercepção Temática.

A coordenação motora foi a primeira coisa que tentamos após a aflitiva experiência com o Rorschach. Consistia em oito figuras geométricas diferentes, compostas de círculos, quadrados, linhas onduladas e pontos, que

George devia copiar. Fê-lo com precisão, com cuidado e planejamento, introduzindo correções a fim de melhorá-las. Pareceu-me que, a despeito de uma certa rigidez compulsiva da execução, seu controle motor estava em boa ordem e não se deixava dominar com facilidade pelos sentimentos mais profundos, cautelosos e (assustados?). Enquanto o observava tive a impressão de estar assistindo a uma reencenação, com lápis e papel de cada nova experiência que ele tivera num ambiente controlado — o orfanato, as bases militares. Buscava os canais por entre as cercas; ansiosamente procurava as áreas em que poderia, uma Tez conhecidas, mover-se livremente sem ter de pensar. Era fácil perceber como ele pudera agüentar dois anos e mais de mecânica automotora no Exército, trabalhando em geral sozinho e com plena liberdade de usar as mãos.

Mais tranqüilizado, aventurei-me um pouco mais perto da fronteira emocional, sempre receando que o terreno se esboroasse de

repente sob os meus pés. Pedi-lhe que desenhasse uma casa.

Desenhou uma casa tradicional com um jardim convencional, arborizado, no estilo artístico de um menino ansioso de seis anos. Cada janela recebeu vinte ou mais vidros; os canteiros e três árvores foram formados com pequeninos rabiscos enérgicos e compactos, em contraste com as linhas finas e tênues que limitavam a estrutura geral da casa. Dois detalhes se destacavam pelo grotesco: o jardim ficava no ar acima do primeiro andar e entrando pela parede superior da casa, enquanto o telhado era simplesmente eliminado do desenho pela borda superior da folha de papel.

Não era o que se chama um desenho equilibrado. Mostrava mau senso de perspectiva e mau planejamento. Sugeria que não se podia contar com George para uma atitude responsável em face da realidade adulta cotidiana. Desenhava os aspectos fundamentais, absorto nos pormenores de seu

interesse pessoal. Poderia manter-se na linha, dentro de normas compulsivas, se a sua vida se conservasse simples, mas de outra forma corria perigo de descarrilar.

Tomei uma respiração profunda (silenciosamente) e mandei-o desenhar uma figura humana. Disse *uma* figura humana, mas ele começou a delinear um homem e uma mulher, às pressas, descuidosamente, como se, depois de traçar os contornos, não pudesse esperar para enchê-los, o que fez com mão pesada: pernas, braços e torsos preenchidos com lápis preto até o queixo, depois um chapéu preto redondo sobre a mulher, um chapéu preto quadrado no homem, enterrados até os olhos. Ocultar, ocultar... Ansiedade.

George parou e eu perguntei:

— Só isso?

Tanto quanto pude, fiz a pergunta em tom indiferente e neutro, mas os pesados toldos de seus olhos alçaram-se vivamente e ele sondou O meu rosto, pelo espaço de um segundo, com a mesma avidez com que havia examinado os

borrões de tinta. Uni rápido franzir de sobancelhas.

— Posso fazer de novo?

— Pois claro.

Levou o lápis ao papel, deteve um momento a mão e lançou-me de novo aquele olhar. Se eu acreditasse em telepatia, o que positivamente não acredito, teria acusado a recepção de um urgente: "*Posso dizer?*" Então ele se pôs a trabalhar.

Enquanto o observava, pensei em como a psique humana, especialmente a psique enferma, clama por contato e comunicação. A alexia parcial de George (a incapacidade de usar a palavra falada, que ele com tanta facilidade escrevia) era um fenômeno que eu não tinha presenciado antes, embora tivesse ouvido falar nele. Mas estava pensando em todos os outros modos pelos quais a alma doente estende os braços... como a mão 'de um solitário continua estendida após o aperto de mãos, abandonada, buscando; como só os olhos podem exprimir terror no rosto quase

adormecido de um catatônico: como o rígido controle das lágrimas iminentes é traído pelo franzir do queixo. A essa altura eu estava convencido de que George não tinha a percepção de qualquer coisa anormal ou estranha na sua própria pessoa; no entanto, eu sentia algo nele, uma coisa viva e com plena consciência de si mesma e da sua enfermidade. Nesse olhar fugaz, como um ser senciente e distinto que por um instante se houvesse apoderado de seus olhos, essa coisa rogava: "*Posso dizer? Eu sei. Eu sei! Me deixe dizer.*"

George estava desenhando um macho e uma fêmea.

Essas figuras eram... *feras*? Não quis me aproximar mais para não lhe distrair a atenção: fiquei espiando de onde estava.

Nus. Cabeça e ombros unidos numa só curva estreita e enérgica. Mera sugestão de braços, talvez juntando-se atrás das costas. Peitos estreitos, os seios da mulher indicados por um simples ziguezague em W. Enormes ventres, parecendo prenhes, e vagos traços vermiculares

para indicar as pernas e os pés. Tal e qual duas peras com dois pontos a indicar as caras nas compridas e estreitas extremidades superiores, e tudo mais concentrado naquele bojo redondo e cheio.

Todo curvado sobre o papel, segurando o lápis com o maior cuidado, dilatando e tornando a dilatar as fortes narinas, pôs meticulosamente duas tetas no negligente W dos seios, um umbigo perfeitamente redondo e negro, um orifício idêntico na parte inferior. Depois fez doação de outro círculo perfeito ao homem, como umbigo.

Largou o lápis e empurrou o papel na minha direção. Esquecera-se por completo de pôr órgãos sexuais no macho. Não fiz comentários salvo para dizer que estava ótimo e minha observação usual a respeito dos progressos que ele fazia. Esse moço tinha tamanha fome de elogios que estes desapareciam dentro dele ao simples contato, para nunca mais serem vistos.

— Deste jeito se pode fazer toda qualidade de animal — disse ele de repente, numa de suas

raras manifestações espontâneas. Desenhou uma fieira de criaturas piriformes, botou orelhas compridas numa — coelho — orelhas curtas em forma de grampos e uma cauda filamentosa noutro — gambá — orelhas redondas e uma grossa cauda anelada — guaxinim — orelhas pontudas, bigodes e cauda mais fina — gato — e assim por diante, até completar oito caricaturas de animais diferentes.

— Viu? — disse, quase exultante. Até chegou a arreganhar os dentes pelo espaço de um segundo e eu desejei que ele o fizesse com mais frequência. Rapaz sombrio é esse.

Comecei a me levantar, mas tornei a sentar-me quando vi que ele voltava ao desenho.

Em cada um dos animais — todos representados na mesma posição, sentados, de frente para o observador, as barrigas redondas fazendo bojo — George estava traçando cuidadosamente, com perfeita nitidez, os pequenos umbigos circulares.

Era hora de deixá-lo. Juntei os papéis e

martelei na porta chamando o guarda.

9 de abril.

Estou voltando neste instante de uma hora e meia de Apercepção Temática. E, se me fosse possível rir das cômicas defesas que uma psique pode montar, eu cairia na gargalhada.

A alexia de George, suas dificuldades com a palavra falada, desapareceram como por obra de magia na Apercepção Temática, e ao sondar a razão disso me maravilhei.

O teste é simplesmente uma série de gravuras do tipo que se vê nas revistas ilustradas, mas cuidadosamente escolhidas a fim de apresentarem várias situações cardeais e interpessoais. Uma, delas, por exemplo, seria a figura de uma moça parada na porta aberta de uma cabana. Um paciente diz que ela está saindo; outro, que está entrando; um terceiro, que esteve todo o dia parada ali, à espera de alguém. Por vezes recolhe-se uma quantidade tremenda de detalhes subsidiários: o nome da moça, a presença ou ausência de pessoas na cabana, às suas costas e as ações iminentes de tais pessoas; outras vezes, o pente que ela usa no cabelo ou os seus "sapatos novos"

serão o fator central. Evidentemente, essas histórias e anedotas inventadas no momento se relacionam com o paciente. Com, freqüência servem de solução viçaria para os seus próprios problemas, soluções que ele não ousa enfrentar pessoalmente, como por exemplo, uma rapariga que pensa, em deixai a casa paterna, mas é torturada pela indecisão, poderá reagir â mencionada gravura com a história de uma moça que fugiu e foi horivelmente assassinada, ou de uma moça que não fugiu e enlouqueceu, acabando por matar o pai.*

Enquanto escutava a derramada, incrível garrulice de George em torno das gravuras, compreendi que o seu censor verbal presidia ao que se referisse a ele próprio. Como ele observou na sua biografia, sempre pode haver alguém escutando que não compreende ou que não ouviu bem. Pelo visto, o seu receio era de que ouvissem bem, de que compreendessem; isto é, de que sua língua deixasse escapar alguma coisa num momento de distração. E deixar escapar o quê? Talvez alguns incidentes pelos quais temesse ser punido (embora eu

tenha a certeza moral de que ele não possui nenhum sentimento de culpabilidade), mas é muito mais provável que quisesse ocultar sentimentos, conclusões e observações capazes de atrair a atenção e a zombaria de outras pessoas. Incapaz de avaliar como os outros, não estava em condições de saber com antecedência o efeito que podiam ter suas palavras.

Mas ao defrontar-se com a Apercepção Temática o seu censor deu um suspiro de alívio e foi dormir. Pois estava — com toda a certeza — convencido de que enquanto George falasse dentro dos quatro cantos de uma gravura não podia falar sobre si mesmo!

E ele falou sobre si mesmo — espontaneamente, ousadamente — sem por um só instante se dar conta disso. E o auge da comicidade (se a gente pudesse rir de tal coisa) foi quando apareceu entre as gravuras um cartão em branco com uma cercadura — um vazio que o paciente devia encher por si mesmo e sobre isso falar. E quando George se deparou com esse cartão, seu censor acordou e fê-lo

reassumir aquele tom de voz baixo, engrolado e rosnado: "Um cartão em branco?... Nada. Provavelmente ia ser sobre mim mesmo. Não tenho história para contar."

Mas quanto às que tinham por tema outras pessoas? Estas notas foram apanhadas *verbatim*.

Um menino e uma mulher em pé numa sala: "O garoto fazia muita tropelia e foi expulso. Esteve tanto tempo longe de casa que ele e a mãe quase não se conhecem mais. Ele voltou neste instante. Ela vai estender os braços, o filho vai correr para ela e a mãe vai apertar ele com força, mas o seu vestido não é macio na frente. Está cheio de pedras. Além disso não é a mãe dele, mas outra pessoa vestida com a roupa da mãe e que vai roubar o dinheiro."

Um menino parado junto a uma janela, com uma espingarda de caça apoiada à parede: "Faz de conta que um garoto está num buraco. Olhe ali uma janela e uma espingarda. Ele andou lendo livros de doutor, operações e tudo mais. O pai dele vai ser operado. Agora o garoto vai no hospital pra dizer ao doutor que se ele

cometer um erro ele, o garoto, lhe arranca fora a cabeça com uma carga de chumbo. Mas a espingarda dispara sozinha e mata o pai."

Um homem depositando um beijo na testa de uma senhora de cabelos brancos: "Um cara beijando a mãe dele na testa. Gosta muito dela. Pensava muito na mãe, fazia tudo que ela queria e quase todas as noites beijava ela assim. Eu podia continuar ainda, mas... ela morreu. O cara ficou desesperado. Queria ir na sepultura e arrumar tudo com flores. Sempre se sentia melhor quando estava perto da sepultura. É por isso que eu tenho vontade de sair daqui. Ninguém cuida da sepultura de minha mãe, nem de meu pai. Eu sempre cuidei."

(Interessante fantasia de desejo (culpa?): ele nem sabe onde fica a sepultura do pai.)

Um homem estendido a dormir numa encosta relvosa: "Acho que andaram dando muito nesse cara. Mataram ele. O sujeito que matou vai arrastar o corpo pra longe, pra ninguém ver. Atrás de uma caixa-d'água ou coisa que o valha. Provavelmente matou pra

ficar com o dinheiro dele. Cortou o cara também. Depois se meteu na mata e acho que tornará a fazer isso outra vez, nalgum outro lugar."

Meninos nadando num remanso de rio: "Bom, um desses guris se machucou na perna e começou a sangrar, e então um dos outros guris veio ver o que era e o guri machucado começa a gritar e o outro não pode agüentar isso e então empurra ele pra dentro d'água e pronto. Então o outro pequeno sai da água. Estava perdido antes, mas agora sabe onde está."

Tranquilo e sem ênfases, animado e inventivo, George continuava sem parar: furto, homicídio, lesões corporais, morte da mãe, morte do pai, parricídio; afogamentos, facadas, operações. Nada de sedução, estupro ou adultério. Nenhum sentimento de felicidade (no sentido convencional), se bem que George, na maioria dos casos, parecesse longe de estar triste. A morte das mães o abrumava um pouco.

Uma carta.

Universidade do Saco-Roto

N-O

Thalamus, Ore.

9 abril

Meu caro Phil:

Você mandou seu relatório sobre o Homem da Máscara de Ferro com o habitual senso de oportunidade, justamente quando eu me preparava para emitir um rugido de protesto daqui até lá.

Admito que tudo isso é muito fascinante e que você estava acertado na sua intuição — se intuição foi — de que o caso desse rapaz era mais intrincado do que parecia. Mas preciso dizer-lhe, Phil, que tive notícia daquele pequeno incidente no terceiro andar de seu hospital. Um caso violento não devia ter sido posto no mesmo quarto com outro paciente. Mesmo um caso potencialmente violento. Todavia, você o pôs ali porque não tinha solitárias livres no quarto andar, está certo?

Está certo.

E passou todo esse tempo ausente. Licença

para tratamento de saúde! Phil, você vai bem? Mas, assim mesmo... ausente!

Desta vez não aconteceu nada, mas pode haver outros casos; e haverá. Ora, eu estou mais ou menos com você no tocante a George. Você trouxe para a tona com suas dragas um montão de lixo do fundo, e reconheço que ele é mais doente do que eu pensava. *Mas...* tire-o daí.

Para terminar numa nota diferente, obrigado pelo envio dos desenhos de George juntamente com o relatório. Muito interessante, como costumava dizer minha querida mãe. (Sempre dizia isso nas galerias de arte. É um comentário como outro qualquer e não periga ofender ninguém.) Mas o que ainda mais me interessou, meu prezado redutor de cabeças, foi sua identificação de todas essas succulentas formas como peras.

Feita a ressalva de que todos nós temos nossas manias... a mim, o animalzinho da ponta outra coisa não é senão um chapim.

Peras, esta é muito boa! Quer que lhe dê o endereço de um bom doutor? Ou será que você

está ficando vegetariano?

Al.

E a resposta:

Manor Depressive

N-O

Dementia, Cal.

11 abril

Prezado Al:

Talvez pareça mesquinhez de minha parte fazer valer a hierarquia com você, e sei que é uma grosseria citar o elogio feito por um camarada como argumento contra ele; mas você mesmo disse uma vez que profissionalmente eu lhe levo uma bruta luz, ou coisa parecida. E ouça-me, Al: minha firme opinião é que George é potencialmente mais perigoso do que qualquer outro inquilino desta casa.

Previno sua pergunta: "posso prová-lo?" admitindo que não posso. Apenas *sei*, nada mais. Ninguém pode deixar transbordar tudo aquilo sem estar carregado e engatilhado, e se ele explodir quero que o faça em condições de

máxima segurança.

Mas pode ser que o que ele leva dentro de si seja perigoso como uma espada e não como uma arma de fogo ou uma bomba. A verdade é que por enquanto não sei que espécie de coisa poderá ser. Hei de sabê-lo, e creio que em breve; mas, enquanto isso não acontecer, preferiria deixar um tigre de Bengala às soltas nos corredores.

Vou cometer mais uma enormidade lembrando-lhe que até agora tenho tido a razão do meu lado.

São peras, sim. Mas admito que isso fica sujeito a mudanças de interpretação.

Pode ser que você tenha acertado aí.

Phil.

P. S. Não. Diabos o levem, não estive doente. Confesso que fui à Grande Cidade e me habilitei para descer ao porão onde guardam os "livros sujos" verdadeiramente sensacionais. Só para irritar você, incluo aqui as minhas notas.

P. O.

Várias folhas de notas manuscritas em papel amarelo.

Von Krafft-Ebing, o velho "voyeur"... rondando a extremidade posterior do século xix, dando com a língua nos dentes. Não precisava de Freud para nada. Com ele, tudo era "tara hereditária". Defendeu até o fim a idéia fixa de que há certas coisas que as pessoas *direitas* não fazem. Mas apesar de tudo isso um pesquisador infatigável, portanto bico calado e guarde para si os seus preconceitos.

LUXÚRIA-HOMICÍDIO

A luxúria potenciada como crueldade, a luxúria homicida estendendo-se à antropofagia. Menino, que estilo literário tinha von K.-E.... Olhe só:

"1827. Léger, podador de vinhas, idade vinte e quatro. Desde à adolescência macambúzio, calado, tímido com as pessoas. Partiu em procura de um emprego. Vagueando pela

floresta durante cerca de oito dias, ali apoderou-se de 'uma menina de doze anos de idade, violou-a, mutilou-lhe os órgãos genitais, arrancou-lhe o coração, de que devorou uma parte, bebeu o sangue e enterrou os restos. Detido, começou por mentir mas finalmente confessou seu crime com cínica frieza. Ouviu a sentença de morte com atitude indiferente e foi executado. À necropsia, descobriu Esquirol (quem é este?*) aderências mórbidas entre as meninges e o cérebro.

* Famoso psiquiatra do século XIX.

"Vincenz Verzeni, nascido em 1849 na Espanha; na prisão desde 11 de jan. 1872; acusado (a) de uma tentativa de estrangulamento contra sua ama Marianne, quatro anos atrás, quando ela se achava doente e acamada; (b) de uma tentativa semelhante contra uma mulher casada, Arsuffi, vinte e sete anos; (c) da tentativa de estrangular uma mulher casada, Gala, comprimindo-lhe a garganta com os dedos ao mesmo tempo que se

punha de joelhos sobre o seu abdome; (d) suspeito dos seguintes homicídios:..."

(Bem, a maioria deles não interessa, mas aqui está um:)

"Em dezembro uma menina de quatorze anos, Johanna Motta, dirigiu-se para uma aldeia vizinha entre as sete e as oito horas da manhã. Como não regressasse, o patrão saiu em sua busca e encontrou o corpo nas proximidades da aldeia, estendido num caminho que atravessava os campos. O cadáver estava horivelmente mutilado e com numerosos ferimentos... O estado de nudez do corpo e as abrasões da pele davam visos de probabilidade à hipótese de uma tentativa de estupro; a boca cheia de terra sugeria a sufocação. Nas proximidades do corpo, sob um monte de palha, foram encontrados uma porção de carne arrancada da barriga da perna direita e pedaços de roupa. O perpetrador do ato permaneceu desconhecido.

"Ao ser preso, Verzeni confessou a autoria desse e de muitos outros homicídios. Tinha então vinte e dois anos de idade, pescoço

taurino... (oho! aí vem Krafft-Ebing montado no seu cavalo de batalha)... como parecia provável, Verzeni tinha má ascendência — dois tios eram cretinos, um terceiro microcéfalo... O pai mostrava sinais de degeneração pelagrosa... a família era carola e de mentalidade baixa (!)... em seu passado nada havia a indicar enfermidade mental, mas seu caráter era singular."

(Sem dúvida, ele teria descrito o Marquês de Sade como francamente esquisito.)

"... Verzeni era calado e inclinado à solidão... reconheceu que os assassinatos lhe proporcionavam uma sensação de prazer indescritível (libidinoso), acompanhada de ereção e ejaculação. Assim que agarrava a vítima pelo pescoço experimentava sensações sexuais. Para ele era completamente indiferente, com referência a essas sensações, que as mulheres fossem velhas ou moças, feias ou bonitas. Em geral, tinha-se satisfeito com o simples ato de sufocá-las.

"Mas no caso da menina Johanna Motta e,

conforme se descobriu mais tarde, de outras mulheres, ele fora mais longe. As escoriações na pele da coxa de Johanna foram causadas pelos seus dentes enquanto lhe sugava o sangue com o mais intenso e libidinoso prazer.

"As declarações deste moderno vampiro (isto é, moderno para Krafft-Ebing) parecem corresponder à verdade. Aparentemente, permaneceu alheio aos impulsos sexuais normais. Teve duas namoradas que se contentava em olhar. Achava muito estranho não sentir nenhuma inclinação de estrangulá-las ou apertar-lhes as mãos, mas não tinha com elas o mesmo prazer que com suas vítimas.

"Verzeni declarou em sua confissão: "Eu sentia um prazer inexprimível em estrangular mulheres... Até cheirar roupas femininas me dava prazer... Foi com grande deleite que bebi o sangue de Motta. Também gostava imensamente de arrancar os grampos do cabelo de minhas vítimas... Após o cometimento dos atos eu ficava satisfeito e me sentia bem. Nunca me passou pela cabeça tocar ou olhar as partes

genitais e coisas desse gênero. Satisfazia-me com agarrar as mulheres pelo pescoço e sugar-lhes o sangue. Até hoje ignoro como é feita uma mulher. Durante o estrangulamento e depois, apertava-me contra o corpo todo sem pensar numa parte mais do que nas outras."

(Recuando ante o horror disso tudo, tenho a impressão de que a indiferença de Verzeni para com os seus órgãos genitais, o fato de não pensar no corpo feminino como composto de partes, a sucção do sangue — de que tudo isso é infantil e primitivo, como uma criança selvagem e faminta.)

E uma resposta:

Q. G. do Hospital de Base
Gabinete do Administrador
N-O

Portland, Ore.

12 abril

Phil:

Muito bem, mantenho o meu elogio visto

como o fiz a sério, pelo menos na ocasião. Dou-lhe uma prorrogação por tempo indefinido mas curto neste caso; portanto, o que você estiver planejando fazer, faça-o logo. Porque da próxima vez que eu tocar no assunto não haverá discussões.

A. W.

P. S. Suas notas tomadas na biblioteca vão desde o mau gosto até a asquerosidade e não conseguem provar sua tese.

NOVE

14 de abril: Sessão de terapia. Manhã.

P. George, você confia em mim, não confia?

R. Hum-hum, acho que sim.

P. Por que será tão difícil conversar com você?

R. É difícil?

P. Lembra-se quando estávamos fazendo o Temático, aquelas figuras sobre as quais você inventou as histórias? Você falava pelos cotovelos.

R. Não me lembro bem.

P. Se você pudesse conversar comigo assim sem constrangimento nós chegaríamos bem depressa ao fim disto.

R. Bem, a gente pode experimentar.

P. Bravos! Menino, como gosto de trabalhar com você... Então vamos ver. George..

R. Hum?

P- Que é que estava escrito na carta que você escreveu do ultramar para Anna?

R....

P. George? R....

P. George, eu pensava que você ia me ajudar.

R. É que eu não me lembro. (Muito ríspido.)

P. Muito bem, vamos deixar isso. George, quando você vai caçar...

R. Ahhhh!... Não venha com isso de novo.

P. (Depois de prolongada pausa.) Está vendo como tem uma coisa que faz você se fechar? George, essa coisa não é sua amiga. Essa coisa não quer que você saia daqui.

R. (Tom queixoso.) Bem, eu não posso fazer nada.

P. (No tom mais amigo possível.) Eu sei que você não pode, George... mas eu posso.

R. Pode o quê?

P. Conheço um meio de fazer com que você se lembre melhor, para poder falar com mais facilidade.

R. Como? (Desconfiado.)

P. Tire os sapatos.

R. Meus sapatos?! (Mas vai tirando-os.)

P. Bravos! Agora deite no catre. Não, de costas.

R. (Relutante.) Bem... vá lá.

P. Feche os olhos.... Você está todo retesado. Afrouxe as mãos. Isso. Deixe os pés à vontade.

R. Você vai me fazer dormir?

P. Não. Eu lhe prometo. Vai ficar todo o tempo acordado e a todo momento saberá que pode levantar e acabar com isto se quiser. Feche os olhos de novo. Isso. Agora as mãos e os pés. Você não está com sono, está só à vontade, com todo o corpo relaxado. Veja como os seus dedos dos pés, os seus tornozelos estão frouxos. Não, não mexa com eles. Deixe que fiquem, frouxos, sinta como estão frouxos. Agora essa mesma frouxidão nas barrigas das pernas e nos joelhos, parecem azeitados de tão frouxos que estão. Abra esse punho, assim, sinta os seus dedos — não, não mexa com eles. O polegar é Um, o indicador é Dois; agora sinta todos eles afrouxar enquanto eu vou contando, Um, Dois, Três, Quatro, Cinco. Um, Dois, Três, Quatro, Cinco. Um Dois... Como se sente?

R. (Apaziguado.) Bastante bem. Muito bem. Como na fazenda de minha tia.

P. Agora vou lhe mostrar como você pode se lembrar bem das coisas. Aposto como posso lhe fazer lembrar alguma coisa que tinha esquecido e nem sabia que tinha esquecido... George, você se lembra de um tempo feliz, quando era gurizinho? Por exemplo, quando tinha quatro anos. Quatro anos de idade. Quatro anos de idade. Lembra-se um dia sossegado em casa, na cozinha, quem sabe? Antes de sua mãe ter ficado muito doente?

R. (Cheio de satisfação.) Mmm...

P. Você tem quatro anos. Na cozinha, em casa. Quatro anos de idade. Sua cabeça alcança o tampo da mesa?

R. (Admirado) N-não...

P. Está quentinho na cozinha quando você tem quatro anos?

R. Quentinho.

P. Agora olhe em redor de si. Devagar. Olhe as prateleiras. Olhe a cadeira. Olhe as frestas no assoalho. Olhe em redor de si, quatro anos de idade. Olhe o que você esqueceu durante todos estes anos. Espie no peitoril da janela. Olhe em

redor do seu...

R. (Em voz baixa, expressão de absoluto assombro.) Ali está... o meu... *prato!* (Salta do catre, teso como uma estaca, o semblante inflamado, a boca aberta. Ri e grita:) Eu vi o meu maldito *prato!*

P. Ah! sim?

R. Olhe, quando eu era garotinho tinha um prato, era azul na beirada e branco por dentro, no fundo tinha a figura de uma vaca azul. Puxa, eu não me lembrava desse maldito prato desde que a baleia vomitou Jonas!

P. Muito bem, *ótimo!* Agora volte para o catre.

R. Vi tão bem que cheguei a enxergar a racha em roda do fundo, junto da beira.

P. Psss. Agora sossegue e feche os olhos. Isto é uma espécie de jogo, e uma das regras é que se eu lhe faço voltar aos quatro anos tenho que tirar você de lá depois. Agora, psss... Você tem quatro anos e está na cozinha. Veja como está quentinho na cozinha, quatro anos de idade. Você é um garotinho de quatro anos de idade.

Bem, fique aí na cozinha, mas não procure nada. É só sentir o calorzinho. Daqui a pouco vou bater palmas. Assim que você ouvir as palmas terá vinte e três anos. Terá vinte e três anos, agora, neste quarto comigo. Vou contar de trás para diante, de cinco até um, e então bato as palmas. Você entendeu?

R. Hum-hum...

P. Cinco, Quatro, Três, Dois, Um. (Palmas) Muito bem. Pode abrir os olhos. Como está se sentindo?

R. Como se tivesse dormido duas horas. Que foi que você fez, Phil?

P. É um jogo de lembrar, nada mais. Você foi muito bem.

R. É a coisa mais esquisita que eu vi até hoje. O meu prato, você faz idéia?

P. Formidável... Feche os olhos.

R. Vai fazer de novo?

P. Não já. Você está se sentindo tão à vontade agora... Leve na moleza, como diz o outro. Você está levando na moleza. Na calma.

R. É...

P. A xepa que ganha aqui é boa?

R. A xepa é boa. Já comi pior e pagando.

P. Pois leve na moleza, assim na calma, você pode conversar muito bem comigo, sabe?

R. Pois é, parece.

P. Você gosta de cinema?

R. Há muito tempo que não vejo um filme. Sim, gosto de cinema.

P. Qual é a espécie que gosta mais?

R. Filmes do Oeste.

P. Eu também... George, você sabe que sempre se pode ver a diferença entre o mocinho e o bandido?

R. Sim. Quando o mocinho é baleado, é sempre no peito ou no ombro, mas quando é o bandido que leva um balaço, é sempre na barriga.

P. (Riso prolongado.) Caramba, George, nunca pensei nisso! E sabe duma coisa? Agora que estou pensando, acho que você tem razão. Eu ia falar no bigode.

R. Ah! sim, é.

P. George, feche os olhos. Vá com calma, com

toda a calma. Quero que você lembre alguma coisa desagradável por que tenha passado, mas vamos ver se lembra com calma, sem se exaltar.

R. Ah!... Está bem.

P. Feche os olhos. Vá com calma. Quero que lembre aquele dia que mandaram lhe chamar e você foi ao gabinete do major, aquele que tinha a sua carta. George, você está com a testa franzida aí em cima do nariz. Alise a testa. Não se pode ir com calma quando se tem a testa franzida. Muito bem. *Ótimo!* Agora quero que você se lembre daquela ocasião, como foi que aconteceu. O que você sentiu. A raiva que lhe deu. Quando pegou o copo. Quando quebrou o copo.

R. (Levanta-se de repente, fechando o punho direito. Os músculos retesam-se por baixo da camisa. Rosto contorcido. Respiração sibilante.)

P. Você não teve uma chance de fazer o que queria, George. Que é que você queria fazer naquele momento? Supondo-se que tivesse a chance, que não houvesse ninguém perto senão você e ele?

R. Matar ele. Tinha matado ele.

P. Como? Que é que você faria? E ele, que ia fazer?

R. Eu pegava um caco do copo quebrado ou uma faca e sapecava nele. Ele...

P. Continue.

R. Ele ia tratar de fugir, mas eu ia atrás. Dava-lhe um talho bem grande e o sangue espirrando para todos os lados.

P. Hum-hum. E então...

R. Então o velho olhava para mim com uma cara sarapantada. Ficava maluco. Os olhos saltavam, com um medo de morte... Não adianta ficar furioso comigo agora. Está tão fraco que não pode ficar mais em pé. Quando se vê está caído no chão, sufocando, sem poder respirar. Sacode um pouco a cabeça pra direita e pra esquerda... E pronto. Finalmente levou a sua conta!

P. (!) E depois o quê, George?

R. Acho que é só. Ele não ia me amolar mais. E deixaria minha mãe sossegada, também.

P. Sim.

R. Sim.

P. George, você já viu alguma vez um homem morrer desse jeito, com o sangue espirrando para todos os lados?

R. (Sem hesitar.) Aquele velho guarda. Perto da fábrica de caixas de papelão.

P. Foi um acidente?

R. Que esperança! Comecei dando na cabeça dele com um cano. Deve ter chegado pra ele, porque não lutou. Ou quem sabe se estava muito bêbedo. Então cortei o peito dele, tal qual um coelho. O velho vagabundo não tinha muito sangue.

P. George, onde foi que você cortou o guarda? Me mostre exatamente o lugar onde meteu a faca.

R. Bem aqui. (Segura o peito com a mão direita, entre a teta direita e a axila.)

P. Que foi que você fez depois que o velho morreu?

R. Empurrei para trás da caixa-d'água.

P. E depois, que foi que fez?

R. Me meti de novo pela mata. Mas estava

muito escuro para poder enxergar. Acho que andei meio perdido. (Introduz as mãos espalmadas em baixo da cinta e desce com elas por dentro das calças.) Sinto um fogo quando penso nisso.

P. Um fogo? Quer dizer que precisa de mulher?

R. (Bufando com desdém.) Que nada! Aqui... *aqui!* (Segura a pele do baixo ventre.)

P. Que é que acontece quando você sente esse fogo, George?

R. Me dá vontade de caçar. Coelho, abre o olho!

P. Como quem tem fome?

R. É diferente.

P. (Consulta o relógio.) Isto me lembra que é melhor pararmos aqui, senão vou ficar sem almoço. Já perdi as duas primeiras mesas.

R. Eu também, quem me dera um cavalo, já não falo em coelho!

P. (Bate na porta chamando o guarda.)

R. Que fome, que fome!

P. Vá com calma, sossegue.

R. Você me deixou todo alvorotado, Phil.

P. (Malha com os punhos na porta.)

R. Eles foram todos almoçar. Não tem ninguém por aqui agora, só você e eu.

P. (Continua malhando na porta.)

R. (Amassando o baixo ventre.) É medonho isto que eu sinto, não se pode matar um gambá ou um coelho.

P. Tenha calma, George... Aí vem Gus. Gus, pensei que você nunca fosse chegar!

DEZ

Comentários: Este é o dia, a ruptura das defesas, e menino, menino, quantas vezes estive quase deitando tudo a perder! (Mais tarde.) Tive de ir dar uma caminhada. Muito excitado para escrever. Agora vejamos onde inesperadamente viemos parar. Antes de tudo, a sugestionabilidade de George. Não sei por quê, mas sempre fico surpreendido quando um ego destrambelhado e com relha de menos se revela um bom sujeito hipnótico. Não faltam dados clínicos para confirmar o fato e eu não devia admirar-me, mas sempre me admiro. Tem-se a impressão de que o tipo fleumático e integrado submergirá com muito mais facilidade. Pois George vai ao fundo como um pires numa bacia d'água. E regrediu aos quatro anos de idade, pelo menos no transe superficial, como se tivesse asas nos pés.

Seguiu-se o experimento para verificar se o episódio do transe havia melhorado nossas relações no estado de vigília. Aí, novamente,

quase deitei tudo a perder com um berro exultante. Ele charla como uma maitaca.

Veio então o teste das "fantasias forçadas" de Ferenczi — identificar um desejo, pouco importando que seja ardente ou insignificante, e conduzir o paciente ao próximo estágio e deste ao seguinte até que, como toda boa função natural, se complete a fantasia desiderativa e se estabeleça a paz. A paz se teria estabelecido se não fosse aquela fuga precipitada e indecorosa, a pretexto de ir almoçar. Por um instante, me pareceu que seria a paz em que todos acabam por repousar.

Mas está claro que a mais importante conquista de hoje foi o episódio do guarda. Que belíssimo "slide" (belíssimo do ponto de vista clínico, já se vê!), passando sem nenhum esforço do major para a imagem paterna e daí para o velho guarda... Pensando bem, tudo isso se encontra na autobiografia de George. Vou procurar. Aposto como se encontra lá, com todas as letras. E aposto como poderemos ler outras coisas mais, agora que conhecemos a

linguagem... George se encarregará de preencher as lacunas para nós.

Preciso escrever a Al.

Uma carta.

Caverna do Tanta

N-O

Glandular, Ore.

16 abril

Sim senhor, Phil!

Se você disser "eu não disse?" eu lhe prendo um murro no... Mas, por outro lado, não tenho coragem. Eu o direi por você; você o disse; disse e redisse. E Deus meu, quando penso em como o pressionei! Mande o tarado embora, clamava eu. Deixe-o à solta neste mundo, esbravejava eu.

Com toda a seriedade, minhas felicitações, Phil. Você fez um magnífico trabalho a despeito de enormes dificuldades, e na medida em que lhe servi de obstáculo peço desculpas.

Entrei em contato com Lucy Quigley. Conhece? Trabalhou por muito tempo com a

seção regional da Cruz Vermelha. Agora está por conta própria, disponível para uma pequena cooperação conosco, cheia de boa vontade, capaz como só ela e mais ou menos preparada.

Pedi-lhe que fosse à cidade natal de George para fossar nas coleções de jornais em busca de informações sobre a morte daquele guarda.

Se é que tal houve. Não se zangue, Phil; você sabe melhor do que eu que isso bem pode ser uma fantasia. Se tal morte ocorreu e combina com o que ele diz, será a sua coroa de louros, naturalmente. Se não ocorreu,, ou se não corresponde à descrição de George, terá sido alguma coisa que ele ouviu contar e de que se apropriou. Portanto, segure o fôlego, menino; este será o passo decisivo.

Entrementes, ela irá também entrevistar Anna. É a flor da competência, como já disse, e ademais cheia de tato e bondade. Partirá dentro de uns dois dias, e assim, se você quiser que ela faça perguntas a alguém na região ou que verifique alguma coisa, comunique para cá.

Sabe o que você é? Um detetive, aí tem.
Al.

Hospital de Base N.º 2 N-O
Smithton Township, Cal. 18 abril

(Não estou de veia para gracejar esta tarde.)
Meu caro Al:

Um tanto cansado e abatido ao escrever estas linhas: creio que as notas inclusas explicarão o motivo. Foi fascinante, mas nunca mais quero tornar a fazer isto. Meus cordiais cumprimentos e agradecimentos a Miss Quigley, e diga a ela que ficarei à espera, como o gato que comeu o queijo e foi sentar-se ao lado do buraco na parede, caçador e isca ao mesmo tempo.

Do seu Phil.

Notas inclusas:

Terapia, 16 de abril. (Transe superficial provocado inicialmente. Conseguido sem resistência e com rapidez.)

P. Está completamente à vontade, George? R.

Oh! sim.

P. Você se sente bem esta manhã? R. Hum-hum. P. Lembra-se do que eu disse uma vez sobre trabalho que nós estamos fazendo, que é como assentar tijolo, e quanto mais tijolo nós assentarmos mais depressa havemos de terminar?

R. Nunca me esqueci disso.

P. Pois George, hoje é o dia. Esta vai ser a maior carrada de tijolos até agora. O que eu espero para quando tivermos terminado é conhecer você tão bem que tudo que nós fizemos depois seja claro, franco e fácil, até o fim do caminho. E isso, para você, significa sair daqui.

R. Estou escutando.

P. Sabe essa história da sua vida que você escreveu... Você disse que tinha posto ali tudo de que podia se lembrar.

R. E foi assim mesmo.

P. Mas agora viu que pode se lembrar de coisas que nem sabia ter esquecido.

R. Puxa, é verdade. O meu prato!

P. Isso mesmo. Bem, aqui está a sua história e ela tem uns dois ou três buracos. Você vai encher esses buracos para mim, não é mesmo?

R. Se puder.

P. Seja lá o que for?

R. Hum-hum.

P. Quando foi que você começou a beber sangue?

R....

P. George?

R....

P. (Calmamente e com a maior bondade possível.) Ah! George, George... Sabe que eu compreendo o que você sente? Que eu sei o que lhe fiz agora?... Esse era o seu grande segredo, não é mesmo, George? Você pensava que se um dia alguém descobrisse isto, seria o fim para você. E agora o segredo está descoberto. E você sente tanto medo que não sabe o que fazer... Mas não vai morrer. Isto não é o fim do mundo. Esse segredo fez você afundar tanto que... Bem, um dia você há de saber. Um dia há de saber. Quando tornar a subir lá para cima, vai saber o

quanto tinha afundado. Mas não pode saber enquanto não tiver subido mais alto do que agora... Está começando a ficar com raiva, hem George? Fique com raiva, se quiser. Isto se parece um pouco com o major que tinha a sua carta, não parece? Mas sabe de quem é que você tinha raiva naquele dia? Tinha raiva do velho George, porque pensava que tinha deixado escapar o seu segredo. Mas não deixou escapar, não; e além disso, George, a carta se perdeu. Ninguém nunca viu essa carta senão o major e um censor, e os dois morreram na guerra, George... E também desta vez você não disse a ninguém. Eu adivinhei, comecei a juntar os pedaços, e deu certo. Mas aposto como não há ninguém mais no mundo que pudesse ter adivinhado. Você não disse. *Você não disse.* Fique com raiva se quiser, mas não tenha raiva de George. (Pausa prolongada. Procura e enche o cachimbo. Acende.) Agora vou lhe dizer uma coisa a respeito de segredos. Há uns tempos atrás havia uma gente que se agarrava com o dinheiro, enterrava ele, vivia preocupada com

ele, até atirava nas pessoas que por acaso chegavam perto desse dinheiro. E quando acaba era dinheiro dos Confederados, não valia nada! Chegaram até a esquecer o que era. Esconder o dinheiro era mais importante do que quanto ele valia, o seu segredo é assim. No fim se tornou uma parte de você, continuava a esconder ele até quando não sabia que estava escondendo. Era por isso que tinha tanta dificuldade em falar com os outros, tinha medo que ele lhe escapasse... Pois bem, agora o segredo está descoberto, George, e ninguém vai lhe fazer mal por causa disso. O que nós vamos fazer é descobrir *por que* você gosta de beber sangue. Não *se* você gosta. E sabe qual será a utilidade de descobrir isso? É que *você* vai ficar sabendo. Como eu vou ajudar você a descobrir, também ficarei sabendo, mas eu sei uma porção de coisas. Eu sou médico e guardo para mim as coisas que sei. Não iria me prevalecer disso para lhe fazer mal... Vou fazer com que você diga *a si mesmo* por que bebe sangue. E depois que você tiver compreendido nós dois vamos

juntar os pedaços e construir uma vida nova para você. Está dormindo? R. Não.

P. É muita coisa para engolir de uma vez só não é mesmo? R. Hum-hum.

P. Bem, vamos ao trabalho. Eu tenho aqui nas mãos a história que você escreveu. Não abra os olhos. Vá com calma. Fique na cama sossegado, bem sossegado. Deixe escurecer dentro dos seus olhos. Se estenda na escuridão como se fosse um colchão enorme, George. Se deixe afundar na escuridão, mais fundo, mais fundo, cada vez mais fundo. Não durma. Só fique deitado aí nessa escuridão morna. Tudo é fácil, fácil... Está ouvindo? Você pode falar com facilidade, com toda a facilidade... A respeito da caça. Você escreveu muito a respeito da caça, mas nem uma só vez disse que bebia o sangue dos animais que matava. Você...

R. *Anyám!*

P. Como?

R. Isto quer dizer Mamãe.

P. Continue.

R. É só.

P. (Pausa.) Não é obrigado a me responder se não quiser, mas por que foi que disse isto agora?

R. Você me perguntou.

P. Eu perguntei?

R. Quando foi que eu comecei.

P. Oh! oh! A beber sangue. Mamãe. Mãe?

R. Ela sempre dizia isso. Continuou dizendo até morrer, que eu era tão grande e tudo mais... Ah! você bebeu todo o meu sangue, dizia ela quando não se sentia bem... Mas eu não tinha feito por querer.

P. Claro que não. Ora, George, isso não era mais do que uma figura de linguagem, como quem diz "a todo o vapor", ninguém pensa que esteja ali uma locomotiva correndo. Não tem nenhuma galinha num pé-de-galinha.

R. Não, o velho me disse que eu fazia mesmo. Ela me deu de mamar depois que eu nasci e não quis parar quando teve uma doença que fazia os peitos dela sangrar. Dizia que era a sua obrigação e quase morreu disso. Acabou mesmo morrendo disso.

P. (Executando o que escarnecia nos outros como o Bote do Psiquiatra; eliminando heroicamente, contudo, o "ah! ah!" que acompanha essa manifestação.) Você pensa que é responsável pela morte dela!

R. Não, não penso. E não ia fazer diferença, era o que ela queria, disse isso muitas vezes. Minha mãe olhava com desprezo as mães fortes e cheias de saúde, dizendo que o que elas davam não era muito. O contrário dela. Gostava de pensar e de falar no assunto. Se pudesse ver hoje o que aconteceu, se sentiria feliz por ter morrido disso.

P. Você parece ter compreendido muito bem sua mãe.

R. Ela vivia falando nisso.

P. Quando foi que você começou a buscar sangue noutra parte?

R....

P. George?

R. Estou pensando.

P. Não precisa se apressar.

R.... (Traço de ansiedade.) Você quer saber a

primeira vez de todas. E se eu não puder lembrar qual foi?

P. Não importa que tenha sido exatamente a primeira vez. Você era muito pequeno?

R. Acho que era, porque não posso lembrar. Me lembro da gata...

p. Quer me contar isso?

R....e os gatinhos. Ela tinha uma ninhada. Estavam mamando na gata. Eu devia ser bem pequeno. Uns três, quatro anos. Achei que eu também podia. Quis mamar. Lembro que quis.

P....Que foi que aconteceu?

R. Experimentei e a gata me arranhou na cara. Não sei como, eu tinha na mão uma folha quebrada de mola de automóvel. Sentei ela na gata e matei do primeiro golpe. Aí ela não pôde mais impedir. Mas acontece que o que eu estava bebendo era o sangue quando ele...

P. Continue. Você disse: "quando ele".

R....O velho. Chegou por trás de mim e me sentou um murro no meio das costas. (Mexe vagamente com os ombros no catre.) Por Deus, ainda lembro como a minha cabeça saltou para

trás e eu vi ele de cabeça pra baixo, era como se um raio tivesse caído em cima de mim.

P. Que foi que ele disse?

R. Não disse nada, só me mandou parar com aquilo.

P. Aposto como você pode se lembrar exatamente do que ele disse.

R. Mas como é que eu vou saber? Foi só um... Bem, espere um pouco. (Longa pausa. E, em tom de pasmo:) Ele berrou: QUE EU NUNCA MAIS PEQUE FOCÊ FACENDO UMA COIÇA TESSA. Tal e qual.

P. Puxa... De modo que ele não lhe disse para não fazer.

R. Mas como não?

P. *Ele não lhe disse que não bebesse sangue*, é o que eu quero dizer. Disse que você não se deixasse apanhar fazendo isso. Não é a mesma coisa em absoluto.

R. Dá no mesmo.

P. Reflita bem. Eu espero.

R. Jesus!

P. George, eu li num livro antigo — um livro

escrito há uns cento e cinquenta anos talvez — uma história sobre um menino e o irmão mais velho dele, que pararam numa estalagem para passar a noite. E tinha lá um velho sentado diante da lareira, e começaram a conversar com ele, e o velho disse alguma coisa — não me lembra o que foi e não tem importância, mas foi qualquer coisa de grande sabedoria. E logo que ele acabou de falar o irmão mais velho sentou uma bofetada no pequeno que ele foi parar no outro lado da estalagem.

R. Por quê?

P. Disse ele que queria que o garoto se lembrasse para toda a vida do que o sábio velho tinha dito. Como você vê, é coisa conhecida há muito tempo. A gente se lembra de ocasiões assim, se lembra delas bem lá no fundo. E lembra com a mesma clareza tudo que aconteceu na ocasião. Aposto que todas as vezes que você sente gosto de sangue na boca tem a impressão de ouvir uma voz forte e grossa, nalguma parte, berrando que eu não pegue você fazendo isso.

R. Principalmente gatos... O gosto não me agrada.

P. E sabe por quê?

R. Por Deus que sei!

P. Agora já sabemos tudo, menos por que você gosta de beber sangue.

R. Gosto, simplesmente.

P. Alguma outra razão?

R. Não... Só que às vezes sinto que estou perto de minha mãe. Não vá rir de mim.

P. Nunca ri de você até hoje, George, e nunca hei de rir... Sabe? Uma coisa que eu noto quando leio esta sua história é que tem umas temporadas em que você precisa beber sangue, outras em que pode beber ou deixar de beber, e outras em que pode passar até dois anos sem pensar nisso sequer.

R. É assim mesmo.

P. Mas donde vem isso?

R. Não sei.

P. Vamos ver. Aqui... Não, aqui. Hum. As vezes que você passou sem caçar foram os primeiros dois anos na escola e os primeiros

dois anos mais ou menos na fazenda de sua tia.

R. E no Exército.

P. Sim, no Exército. Exceto... bem, vamos deixar isto para depois. Agora vamos ver as vezes que você teve de caçar animais. O terceiro ano na escola, está certo? E no ultramar.

R. Anna adoeceu. Uh!

P. Isso foi duro, hem?

R. Uh!

P. Bem, vamos ver no tempo da escola. Porque na aparência nada tinha mudado, não é mesmo? Você continuou fazendo as mesmas coisas no mesmo lugar. Que foi que aconteceu?

R. No fim dos dois anos? O velho morreu.

P. E isso fez você sentir de repente a necessidade do sangue?

R. Não sei. Só sei que senti.

P. Talvez porque, depois dele morrer, você precisasse se sentir mais perto de sua mãe?

R. Pode ser. Não sei por quê, mas isto não parece certo. Ou quem sabe se era em parte por isso, mas só numa pequena parte.

P. E por volta desse tempo não lhe aconteceu

mais nada?

R. Hummm... Não.

P. Bem, então vamos passar...

R. Espere... Pode ser que isto... (Pausa prolongada.) Escute só, depois que o velho morreu tudo ficou muito diferente. Como se eu tivesse a certeza de que podia voltar para junto dele quando saísse. Ele não representava nada pra mim, mas eu não tinha mais ninguém. O que é certo é que aquele buraco daquela cidade onde eu morava não tinha uma só coisa pra me atrair. Quando ele morreu eu fiquei meio perdido.

P. Então, sempre que você se sentia meio perdido era quando precisava de sangue.

R. Dá este fogo no estômago da gente.

P. Isso aconteceu quando Anna adoeceu, quando seu pai morreu e quando você foi mandado para o ultramar.

R. E um montão de vezes em casa, com o velho bebendo. E quando Tio Jim me quebrou a cara naquela noite da jaritacaca e me disse não volte mais aqui, não volte mais aqui.

P. Pois táí, George. Você nunca se deu conta de que o desejo do sangue lhe vinha de fora, por causa das coisas que lhe aconteciam, e que absolutamente não vinha de dentro como parecia?

R. Não, nunca.

P. E agora você sabe que quando sente esse fogo no estômago pode resolver o problema de outro modo que não matando um animal para beber o sangue. Sabe que alguma coisa está fazendo você se sentir perdido, e se puder dar um jeito nisso não precisa de sangue. Nunca mais.

R. E eu sempre pensei que precisava disso e que eu era o único...

P. O que acontece é que você olhava a questão pelo lado errado. Talvez não haja muitos que tenham necessidade de beber sangue, mas há milhões, bilhões até, que sentem essa mesma coisa que leva você a beber sangue.

R. Não estou entendendo isso.

P. Todo mundo de vez em quando se sente

sozinho, perdido.

Tal qual como você. Cada um tem a sua maneira de resolver o problema, assim como você tinha a sua.

R. Sempre pensei que eu fosse o único.

P. Pois não pense mais isso... Olha, aqui tem outro buraco na sua história. Você diz que forçou a porta do necrotério para entrar, na noite em que puseram sua mãe lá. Pra que fez isso?

R. Que foi que eu escrevi? Pra dizer adeus.

P. "Para dizer adeus à sua mãe lá à sua moda", é o que você escreveu. Qual é a sua moda de dizer adeus?

R. (Depois de uma longa pausa.) Ela sempre disse que era pra mim.

P. (Cautelosamente.) Me diga como era aquilo lá dentro.

R. Bem, não era um lugar bonito, lá na minha cidade. Assim mais ou menos como uma espécie de oficina, com prateleiras, pias e essas coisas, e ela estava deitada numa mesa comprida, toda coberta por um lençol, até a

cabeça. Tinham tirado todo o sangue dela. Vi quando fizeram isso de noite, por um buraco na veneziana. Estava no chão, dentro duma garrafa.

P. E você...

R. Ela sempre disse que era pra isso. E de um certo modo, assim nós ficávamos sendo parte um do outro para sempre. Não vá rir de mim.

P. Não estou rindo... Está bem, George, Vamos continuar... Aqui tem outra coisa. Você menciona uma pedreira no outro lado da cidade, onde havia umas rãs muito grandes.

R. Às vezes as rãs são ótimas, como num dia muito quente, para variar. Elas são frias, como você sabe. Principalmente quando a gente enxota elas do lugar onde estão tomando sol e elas mergulham pra se esconder bem no fundo. Podem ficar dez ou quinze minutos debaixo d'água e quando vêm pra cima estão bem frias. Só que a maior rã deste mundo mal dá pra encher a boca. Uma rã não pode ver o cara quando ele não se mexe. É só ficar esperando no mesmo lugar que elas vêm, por assim dizer,

pular nas mãos da gente quando se fica bem quietinho.

P. Sabe que você é quase um naturalista, George? Nunca conheci um homem tão entendido em assuntos de caça miúda.

R. Bem, eu estudei essas coisas.

P. Ah! sim... aqui está aquela parte em que você escreve sobre o sexo. Você tem muito boa cabeça, George. Uma porção de gente que passa por ser muito mais sabida, inclusive eu, não chega a fazer uma idéia tão clara desta questão. Mas me diga uma coisa... Anna foi a única mulher que você teve na vida?

R. Hum-hum.

P. Olhe, você não vai se importar de me dizer. Quando você e Anna...

R. Phil, eu não quero que você se dane comigo...

P. Continue. Que é que você ia...

R. Que é que você...

P. (Rindo.) Vamos parar de falar ao mesmo tempo. Que foi que você disse?

R. Phil, não faça perguntas sobre Anna e eu,

como nós fazemos a coisa, está bem?

P. Se faz questão de não falar nisso, não falaremos.

R. Ah! muito obrigado. Pra lhe dizer a verdade, eu andei todo este tempo meio arisco pra falar porque não queria que a gente tocasse nisto.

P. Se tem outra coisa em que não queira tocar também, vá dizendo logo. Eu estou aqui para trabalhar com você e não para lhe atucanar.

R. Bem, já que você falou nisso tem mais uma coisa.

P. Venha de lá.

R. Aquela carta que eu escrevi para Anna e que foi o começo de todas estas encrencas. Não quero que você me pergunte nada sobre ela.

P. (Com uma praga muda.) Claro que não, se você não quer.

R. (Torna a deitar o corpo, expansivo, com um profundo suspiro.) Ora muito bem. Agora tudo vale.

P. Muito bem. Então deixe de andar aos pulos e fique de novo sossegado. Feche os

olhos, faça ficar tudo escuro, mergulhe na escuridão e se deixe embalar nela. Não durma. Você pode me ouvir muito bem. Pode falar muito bem. Afrouxe todo o corpo. Os dedos dos pés. Os tornozelos. Os dedos das mãos. Um, Dois, Três, Quatro, Cinco. Como está se sentindo?

R. (Tranqüilamente.) Às mil maravilhas.

P. Estou de novo procurando buracos na sua história. Percebo o que você quer dizer, George. De fato está tudo aqui, depois que a gente aprende a ler o que você escreveu. Aqui está o caso do guarda, completo, e eu nem me dei conta na primeira vez que li.

R. (Tranqüilamente.) Isso foi depois da briga com Tio Jim.

P. É claro que você não dá muitos detalhes... mas assim mesmo está aqui. Você gosta de sangue humano?

R. O melhor de todos que eu provei foi sangue humano. Mas não o daquele velho borracho.

P. (Hesita.) Bem, havemos de chegar lá,

imagino... Ah! aqui tem uma coisa. Sobre a casa de castores.

R. Sim, e o guri desarmou o meu mundéu.

P. Você não fala muito aqui sobre o que aconteceu. Ele não estava ferido?

R. Oh! a perna estava meio esmagada. A perna não incomodou mais ele depois que eu cheguei.

P. Tirou ele de baixo da pedra?

R. Tirei de baixo da pedra. Descadeirei ele a pau. Eu escrevi isso aí, era como se ele fosse aquela maldita criança que deixou Anna doente e afinal eu podia me vingar.

P. Que fim levou ele?

R. Botei no lago.

P. Espere um pouco... Esse negócio de lago... Você inventou uma história no teste de Apercepção Temática. Lembra-se da figura dos meninos nadando? Você falava num garoto que se pôs aos gritos e noutro garoto que empurrou ele para baixo d'água. Sim, é isso, ele estava com a perna pisada também.

R. Pois é, foi assim que aconteceu.

P. Você cortou ele, George?

R. Depois que tirei de baixo da pedra. Mas não doeu porque já estava morto.

P. Que idade tinha esse menino?

R. Eu não entendo de garotos, não sei calcular a idade pelo tamanho. Seis anos ou sete, mais ou menos. Esse foi o que eu lhe falei, o melhor que já tive. Mas estava tão furioso com ele que tive uma chance de me vingar. Deve ter sido isso que fez a diferença.

P. Onde foi que você cortou o pequeno?

R. Pelo umbigo.

P. De quem ele era filho?

R. Que sei eu! Aquelas famílias de polacos por lá têm tanto filho que chegam a perder a conta, e além disso são umas bestas que mal sabem contar. Isso não foi perto de onde eu morava, Phil. Foi para os lados de Cravensville. Aliás Cravensville fica naquele mesmo lago, só que no outro lado, na direção contrária onde eu estava.

P. Que foi que fez com ele depois?

R. Botei simplesmente no lago como se

tivesse se afogado.

P. George, você se alistou logo depois. No dia seguinte mesmo.

Foi porque esse caso do garoto deixou você com medo? R. Sim e não. Eu sabia que ia me meter nalguma encrenca séria do jeito que andava. Não era esse que me preocupava, o que me preocupava era o que viesse depois ou o terceiro, se é que você me compreende. A gente pode ter um descuido. Minha idéia era que o Exército seria mais ou menos como a escola, só que maior, e acertei. Ele me botou no bom caminho durante uns dois ou três anos, até que nos mandaram para longe. P. Mais uma vez, era questão de se sentir ou de não se sentir perdido. R. Você tem toda a razão. Ninguém se sentiu perdido como eu depois que nós descarregamos aquelas padiolas dos C-119. Vi onde eu ia terminar, e era aquilo. Vi onde eu estava, e isso ia terminar. Alguma coisa tinha que estourar. P. E estourou... Ah! tenho aqui uma nota para lhe fazer uma pergunta, George. Eu rocei nalguma coisa de passagem quando fiz

a primeira leitura, e da segunda vez tropecei nela. É uma coisinha de nada, mas quando você descreve um acontecimento eu sempre sei onde está cada pessoa e cada coisa. Mas desta vez aqui, em que seu pai voltou bêbedo para casa e você estava com a faca na mão... R. Ah! sim.

P. Deixe eu ler em voz alta. Foi quando você atirou a faca. De um lado ao outro do quarto, está certo? Sim. Pois escute: "... olhou o talho e o sangue que corria dali. E a mãe tinha as mãos no rosto escorrendo sangue, arregalando os olhos entre os dedos para o pai. E o pai afastou George com um empurrão, pegou o pano de pratos..." etc, etc. R. Sim, e que tem isso?

P. Se você atirou a faca do outro lado do quarto, como é que seu pai lhe empurrou? Fiquei com a impressão de que seu pai ficou no mesmo lugar, perto da pia segundo parece, logo não avançou para você. R. Oh! fui eu que avancei. (Numa voz subitamente baixa e intensa.) Foi uma coisa como nunca me aconteceu outra igual, nem antes nem depois. A faca ficou cravada nos músculos do peito dele,

não acredito que tenha passado uma costela. Só ficou espetada ali. E quando ele arrancou eu caminhei para aquele lugar como se tivesse um fio me puxando, como um sonâmbulo no cinema. Eu não era dono de mim mesmo, tal qual um sonâmbulo... Caminhei pra lá, botei a boca naquele talho e me pus a chupar, eu estava... querendo fechar o talho, fazer ele desaparecer, fazer como se aquilo nunca tivesse acontecido, ou... ou sei lá o quê. Em geral eu tenho uma idéia do que estou fazendo, mesmo quando estou louco de raiva, mas dessa vez não tinha, simplesmente não podia me controlar. P. (Após uma pausa.) Bem, eu... acho que tenho a resposta para a minha pergunta. Como foi que ele pôde levantar a mão e empurrar você para longe? R. Eu assustei ele. Até fiquei com medo de mim mesmo. Acho que foi por isso que ele saiu daquele jeito e nunca mais bateu na minha mãe nem em ninguém. Essa... essa coisa de sonâmbulo me meteu muito mais medo do que ter atirado a faca, você sabe? P. Bem posso fazer idéia... Acha que por hoje chega, George?

(Processo convencional para fazer o paciente retornar ao tempo presente, e fim de sessão.)

ONZE

Comentários: Quanto a uma avaliação formal e completa, teremos de esperar. Não só é necessário fazer com que estes dados cheguem às mãos de Miss Quigley antes que ela parta para o Sul, mas há também a questão de gerar suficiente objetividade para fazer um trabalho consciencioso. Talvez seja simples excesso de fadiga, mas de momento eu me daria como incapaz de qualquer análise, necessariamente clínica e impessoal, destas ocorrências. Por enquanto, contentemo-nos de dar uma vista d'olhos a alguns dos pontos mais salientes.

Quer me parecer que a varinha mágica foi, para George, a revelação de que o seu segredo estava descoberto. Já uma vez falei das estranhas maneiras pelas quais a psique enferma clama por socorro; é pena que não se possa inventar um dispositivo detector capaz de mostrar em que linguagem, por meio de que instrumento ou vocabulário esse grito de socorro nos é transmitido. O fardo do seu

segredo deve ter sido insuportável e deve ter-se tornado mais insuportável ainda nas últimas semanas. O que me surpreende é a maneira como lhe veio a libertação; ao mesmo tempo em que eu laboriosamente tratava de abrir caminho entre os escombros da cratera para juntar-lhe os pedaços, ele já estava em pé na beirada, procurando com afinco a resposta à minha pergunta sobre a época em que começou a beber sangue.

Resumindo as suas razões para tal prática, vemos que recorre a ela em busca de alívio apenas quando se sente magoado, desorientado — "perdido", como ele diz. É neste ponto que difere de uma fome comum. Ou, para nos exprimirmos de outro modo, e usando a distinção de George entre "satisfação" e "alívio", sua sanguissedência não se parece com as pressões engarrafadas e furiosas que impulsionam o verdadeiro psicopata sexual; lembra muito mais o vácuo clamoroso no estômago de um lactante.

Uma vez feita a analogia, vemos que se

relaciona de tantos modos com a questão que deixa de parecer uma analogia e se torna pouco menos de uma análise. Um bebê faminto quer o que quer com uma exigência insensata, irracional, que não admite demora, discussão, adiamento ou persuasão. Neste sentido, pode-se bem descrever o nexó emocional de um bebê como insano... maníaco... obsessivo. E o bebê procura esse lenitivo para qualquer outra coisa que o incomode além da fome. Quando bate com a cabeça, embora de barriga cheia, ele pode ser consolado com a mama. Se bate com a cabeça quando tem a barriga cheia e não encontra o peito, sua indignação é enorme e sua exigência aumenta.

Para qualquer pessoa maltratada e privada de tanta coisa como George, a transferência do leite materno para o sangue seria compreensível. No caso de George mal se pode falar em transferência — não à luz do que ocorreu e, além do mais, do que ele ouviu repetidas vezes sobre a preocupação da mãe com a hemorragia dos seios.

Começo a pensar que o problema de George é um problema sexual apenas no sentido mais remoto, embora paralelo. "Parada de desenvolvimento" é uma expressão útil mas, no caso dele, excessivamente pálida. Dir-se-ia que o seu desenvolvimento emocional cessou de todo, não na adolescência ou na pré-puberdade como sucede em muitos desses casos, mas nos níveis mais primitivos da infância. O fato de seu desenvolvimento físico e mental em todas as outras áreas se apresentar relativamente intato pode parecer improvável, pode ser estatisticamente impossível, mas permanece um fato.

Hotel Venetian

Charlotte, Carolina do Norte 5 de maio

Prezado Dr. Outerbridge:

"Derrubada", como dizem os aviadores, pelo nevoeiro tenho de passar a noite aqui e apanhar o avião de amanhã. Esta tarde enviei meu

relatório ao Cel. Williams mas desconfio que o correio aéreo esteja tão imobilizado hoje quanto eu. Portanto, com uma noite pela frente e uma máquina de escrever na bagagem, lembrei-me de lhe escrever, quando menos por saber que o senhor deve estar aflito por notícias.

Talvez o Cel. Williams lhe tenha dito que fui enfermeira psiquiátrica antes de trabalhar na Cruz Vermelha. Digo-lhe isso para dar força às minhas felicitações. Por favor não se aborreça com o Cel. Williams por me ter mostrado a sua correspondência extra-oficial — ele é um velho amigo e sabe, como eu gostaria que o senhor também soubesse, que eu não sou o tipo de pessoa que deva ser excluído de tal correspondência.

Para não mantê-lo em suspenso por mais tempo, vou dizer-lhe de saída que o senhor acertou em toda a linha. Os dois homicídios são reais e ocorreram nas ocasiões calculadas pelo Cel. Williams com base na história e nas declarações do paciente — seu alistamento, por exemplo, e a conjectura mais aproximada que ele

pôde fazer quanto à data do Episódio do Tio Enzorrilhado (com o qual, segundo verás, fiz conhecimento e estive conversando).

A morte do guarda foi noticiada pelo jornal, registrada nos livros da polícia — e atribuída a um ataque cardíaco. Não relatarei em detalhe as minhas pesquisas a partir desses fatos, salvo para dizer que a resistência que encontrei não foi pequena, o acolhimento que tive não foi caloroso, o auxílio que recebi não foi prestante, as ameaças que fiz não foram insignificantes e os sentimentos que deixei atrás de mim foram de grande alívio. Em sóbrio resumo, procurei o chefe de polícia, o "barman" local que manobra com o chefe de polícia e a mulher do "barman" que é dona do bar e manobra com o marido; e, tendo obtido carta-branca com ela, pude abordar o "coroner" suficientemente armada para vasculhar os seus arquivos. Estes, com efeito, diferem dos relatos do jornal e da polícia, que não mencionam o ferimento à faca. O "coroner", um exemplo absolutamente incrível de caracterização, sem faltar a corrente de ouro

do relógio e a escarradeira, apresentou uma justificação aparentemente sofisticada pela omissão daquele ferimento; apesar disso, acredito que seja verdadeira. Disse ele que o guarda, um alcoólatra crônico e de longa data, com uma doença de rins quase na fase final, aterosclerose, estenose da válvula mitral e doze metros de solitária, bem podia ter morrido por uma porção de causas, fosse apunhalado ou não, e que a agressão física talvez não passasse de mera coincidência. O ponto fundamental para ele (e para as outras autoridades locais) era que, num caso em que a vítima é um indivíduo sem importância, o assassino desconhecido, os indícios poucos ou nenhum e os suspeitos inexistentes, não há razão válida para registrar nos livros um homicídio sem solução. Dei-lhe todas as garantias de que, pela parte que me tocava, os livros ficariam exatamente como estavam. Se o senhor quiser, o Cel. Williams pode lhe dar todos os informes necessários sobre os aspectos legais deste caso no que lhe diz respeito, mas me parece evidente que, se

jamais houver inquérito e pronúncia, as condições mentais de seu paciente tornarão supérfluas na opinião de todos quaisquer indagações ulteriores.

O passo seguinte foi ir a Cravensville. Está situada, exatamente como descreveu George, num lago de montanha que faz uma curva em torno de um promontório, ocultando a margem oposta às vistas da cidadezinha. Aluguei um barco e remei para um ponto que inegavelmente correspondia à topografia mencionada por George — uma angrazinha e um banhado de pouca extensão, onde um arroio se escoia para o lago — e ao penetrar na angra espavori meia dúzia de meninos que ali nadavam nus e que sumiram na mata como pequenos fantasmas. Não posso ter certeza de que vi as próprias pedras chatas com que George armou o seu mundéu, mas não há dúvida que seria possível armar um mundéu naquele lugar se alguém quisesse fazê-lo. Não vi nenhum castor nem casa de castores, mas animais dessa espécie andaram por ali, como

pode perceber quem quer que conheça o significado de um tronco de árvore nova cortado em ponta.

Quanto à morte do garotinho, não tive nenhuma sorte com os jornais. A cidade não tem jornal e a gazeta regional mais próxima, um semanário, deve ter ido para o prelo pouco antes da morte do menino e achado que não valia a pena noticiar o fato no número seguinte. Desgraçadamente, o seu George tinha razão a um respeito — em certas áreas destas montanhas dá-se muito menos valor à vida humana do que seria de acreditar. A pobreza, o analfabetismo e o excesso de filhos são três grandes fatores a impedir que esta gente se sinta muito abalada pela perda de uma pequena vida e de uma boca faminta.

Acresce que as circunstâncias desfavoreciam qualquer aspecto sensacional na morte do menino. Por um lado, existe uma ponte rodoviária atravessando o lado oposto do lago e nos últimos três anos morreram duas pessoas ali (uma delas suicida e a outra vítima de um

acidente de trânsito) e seus cadáveres foram encontrados a boiar na angra — efeito, segundo suponho, dos ventos predominantes e da fraca circulação da água do lago. Esses precedentes, mais os ferimentos constatados no corpo do menino, levaram as autoridades locais a aceitar facilmente a conclusão de que ele morrera em outro lugar que não na angra. Vestia um calção de banho com que saíra de casa na tarde anterior (coitadinho, é capaz de ter passado a noite inteira preso no mundéu), de modo que não havia sequer roupas para servir de indício nas proximidades da cena da morte.

Especificando, a perna esquerda e o pé e tornozelo direito estavam esmagados, embora não houvesse fraturas, e tinha várias machucaduras e contusões na cabeça e no rosto. Lá estava a incisão no umbigo, e embora ninguém aventurasse um palpite quanto à causa exata, a hipótese de um atropelamento e fuga nas proximidades da ponte rodoviária parecia explicar tudo de forma bastante aceitável. Creio que o senhor pode dar a George

outra boa nota pela veracidade, a despeito do que possa pensar sobre a identificação do verdadeiro com o belo.

Visitei os tios, Sr. e Sra. Grallus, e não tentarei rivalizar com o talento de George para o retrato. Se por acaso ele for posto um dia em liberdade, lá encontrará um nicho à sua espera. Os Grallus já não são crianças e não têm filhos. Penso que a tia tem uma genuína se não excessiva afeição por George e muito faria por ele se pudesse. Penso que o Sr. Grallus faria ainda mais, pois está muito arrependido de ter tratado George daquele jeito e desejaria oferecer-lhe reparação. Não há nisto o mais leve sinal de altruísmo. Ele gostaria apenas de se livrar do sentimento de culpa e não mediria esforços para isso. Ambos consideram George um "soronga" — isto é, um retardado; e se o senhor e eu recebêssemos cinco "cents" por cada pessoa neste país que não sabe distinguir entre os enfermos mentais e os retardados mentais poderíamos construir uma clínica bastante grande para tratá-los a todos. Finalmente, fui

procurar Anna. Oh! pobre Anna! Atoleimada, muda, desgraciosa, desdenhada e amante. Lembra um animal de tiro, especialmente um burrinho, todo ulcerado pelos arreios e infernizado pelas moscas, e que fica pacientemente à espera, com os olhos tristes e belos, de alguém que lhe venha dar água, ou sentar-lhe um pontapé, ou matá-lo, ou dizer-lhe o que fazer... Sinto-me um pouco constrangida, Sargento Outerbridge; não sou dada a vãos de estilo, mas confesso que ela me comoveu.

Anna (também) corresponde exatamente à descrição de George — uma mulher entroncada, com uma corcunda de viúva, ombros e nádegas volumosos e mãos, pés e tornozelos surpreendentemente delicados. Tem um rosto largo e vermelho com um narizinho arrebitado, olhos muito juntos e uma boca triste e terna. Tem o queixo maciço e uma papada, embora não possa ser chamada de gorda. Fui encontrá-la capinando um milharal, seguindo a indicação que recebi na casa. Dei graças por poder falar com ela longe daquela ruína

sombria e barulhenta que eles chamam casa. A palavra "mesquinho" tem vários matizes de sentido; tudo naquela casa, nos seus habitantes e nas imediações corresponde a cada um desses matizes.

Não procurarei transcrever literalmente a nossa conversa, o que aliás também não fiz no relatório que enviei ao Coronel. O vocabulário e a experiência de Anna são tão limitados que as palavras quase nada expressam. Contudo, tem recebido tão pouca simpatia, ternura, respeito ou compreensão que um pouco de tudo isso teve um efeito surpreendente.

Que ama George (ela o chama Belly; o senhor não menciona algures que seu nome é Bela?) não há dúvida nenhuma; ama-o de corpo e alma e em todas as dimensões. Aceitou o seu aparente abandono e seu silêncio ininterrupto exatamente como o animal de tiro acima mencionado aceita um pontapé na cabeça. Nunca lhe foi infiel, nem pensou nisso. Continuou vivendo dia após dia, com a surda lembrança de seus dois anos e meio em

companhia de George, e fazendo disso sua única distração. Não está propriamente à sua espera: dizer isso implicaria esperança, e ela jamais nutriu esperanças a respeito de nada. Mas uma coisa é absolutamente certa: se George voltar um dia ela aqui estará e será sua se ele a quiser.

Pude obter um quadro bastante completo das relações entre os dois — no terreno da conversa ela não tem habilidade nem defesas — e, através de uma cortina não muito espessa de eufemismos, podia-se perceber que ele fez uma conquista tão completa graças à sua delicadeza. Sexualmente, Anna não era inocente quando ele apareceu — tinha havido alguns tombos nas palhas, facilitados pela bebida, com integrantes da turma de debulhadores por ocasião da colheita de trigo-sarraceno, e um dos assalariados servira-se dela com alguma regularidade durante certo período. Também mencionou um tal Sammy, sob cujo assédio, pela primeira e única vez, buscara socorro: informou o pai, que, segundo disse ela, quase o

matou a pauladas. Não lhe perguntei o que Sammy era dela, mas conclui que se tratava de seu irmão mais velho. Segundo diz seu relato, George nunca forçou Anna e, convencida como está de que todos os machos são violentamente impulsionados pelo sexo e portanto agem com violência, nunca lhe passou pela cabeça que o retraimento da George fosse algo mais do que extraordinário autocontrole e consideração. Para seduzi-lo foi preciso muito mais do que insinuação e oportunidade. Anna teve de executar literalmente o ato inteiro com ele. George parece não ter cooperado nem resistido, e ela o adora por causa dessa aquiescência desinteressada, que toma por uma espécie de cavalheirismo. Evidentemente seus coitos não foram freqüentes, ocorrendo apenas quando o desejo dela se tornava incontrolável, mas sem falhar nessas ocasiões: ele nunca lhe opôs resistência. Já isso bastaria para torná-los infreqüentes; pode-se acrescentar que ela fez o possível para imitar o que lhe parecia ser um honroso sacrifício da parte dele, e isso reduziu

ainda mais a frequência.

A única iniciativa que ele tomou deve ter sido irresistível em todos os sentidos. O senhor o descreve como fisicamente possante e sua compulsão o arrastava com tanta facilidade quanto ele podia arrastar a ela. Nesta altura a comunicabilidade de Anna diminuiu quase ao ponto da mudez, mas não cessou de todo. Com um ar de despachada e bondosa naturalidade consegui manter viva a conversa e ajudá-la a livrar-se do (para ela) pesado fardo de escândalo e culpa que representava a confissão do que havia permitido. E quando finalmente balbuciou aquilo que, estava convicta, era a sua vergonha e condenação, a pobre criatura fechou os olhos e curvou a cabeça, esperando; suponho, que eu lhe cuspisse no rosto e que Deus a fulminasse.

Bem, com toda a suavidade possível eu lhe dei em inglês básico um apanhado geral tão claro quanto possível do que eu chamo o Presente de Kinsey — a grande dádiva do imortal filho de Indiana a milhões de pessoas

desnecessariamente angustiadas — a simples revelação estatística de que, seja lá o que for que fazemos... não estamos sós. E com efeito Anna, como muitas outras pessoas não-informadas, sem leitura e praticamente não-pensantes, acreditava que o que tinha acontecido entre ela e o seu paciente era caso único e abominável, e tão visível para o Céu quanto uma mancha de sangue numa toalha branca. Saber que o que se passara era bastante comum e, em si mesmo, pouco importante — foi uma revelação para ela. Cheguei a citar Havelock Ellis (sem, naturalmente, mencionar seu nome) quando diz que qualquer ato recíproco — *qualquer um*, contanto que não seja imposto à força por um ao outro e que seja uma expressão de amor, é moral... Que estranha cena, eu com os meus lustrosos sapatos de cidade na encosta de um morro, falando a um animal de tiro, de vestido limpo e surrado, sobre os caminhos do êxtase! Deus meu, já deve ser muito tarde; sempre que tenho sono começo a ficar roxa.

A frequência desse ato, o senhor gostará de saber, era de quatro em quatro semanas, dia mais dia menos. Ele pressentia a época como um animal, e provavelmente pelo mesmo processo. Como outras coisas em seu extraordinário manuscrito, também isto se achava escondido bem à vista. Não diz ele, lá pelas tantas, ter sabido antes de Anna que ela estava grávida, porque ela nunca contava os dias, mas ele sim?

Devemos acrescentar mais este, Doutor-Sargento Outerbridge, aos outros dados sobre a influência da lua sobre a loucura?

Bem, esta é a minha história... e, Sargento, visto como se trata de uma carta pessoal e não propriamente de um relatório, permita-me um comentário pessoal. Tomarei a precaução de declarar inicialmente que as minhas opiniões devem ser encaradas como opiniões... Não sou médico. Sou assistente social, enfermeira e mulher.

A todos esses títulos, permita que o felicite. Admiro profundamente o senhor e a maneira

como tratou este caso, e espero conhecê-lo um dia para lhe apertar a mão.

Penso que George é uma das criaturas mais trágicas de que já ouvi falar. Não duvido que ele venha a acabar num ensaio erudito ou mesmo num livro. Desejaria ter a mesma certeza de que ele acabará como um homem livre e bem de vida, talvez com o seu próprio milharal e com sua Anna. Não sei, naturalmente, como o senhor tenciona tratá-lo, mas não tenho dúvidas de que o tratará. Se eu puder ajudá-lo em alguma coisa, chame-me por favor. Por favor. Será uma honra trabalhar com o senhor e uma glória fazê-lo com êxito.

Por favor, permita que eu lhe apresente uma sugestão (talvez demasiado simples; talvez, devido a fatores que ignoro, algo de essencialmente absurdo; talvez alguma coisa que o senhor já tenha considerado e excluído) : Todas as três qualificações que mencionei acima — a assistente social, a enfermeira e a mulher — concorrem para sugerir que George não é em absoluto um psicopata sexual, e

portanto não se pode esperar que responda a qualquer tratamento conhecido no que tange a essa área. O senhor mesmo supôs, como uma espécie de hipótese de trabalho, que emocionalmente ele ficou detido nos níveis mais primitivos da infância e que o lado grotesco do caso está no fato singular de ele ter atingido um pleno desenvolvimento sob todos os outros aspectos. Acho que aí o senhor deu prova de extraordinária sagacidade. Bem sei que a psiquiatria moderna reconhece indícios cada vez mais precoces de atividade sexual e de diferenciação sexual. Na era vitoriana era corrente a crença de que todas as crianças até a idade de dez anos, a menos que tivessem sido contaminadas pelo ambiente, eram "inocentes" ou, em outras palavras, anjos assexuados. Mas me parece que essa diferenciação deve ter um ponto de partida, que não é o nascimento. É possível que alguma espécie de percepção sexual se manifeste em época anterior a este ponto de diferenciação, mas sinto que também ela não data do nascimento. Se assim for,

haverá um período de infância em que a criança, do ponto de vista emocional, não é nem macho nem fêmea nem nenhuma entidade sexual, mas simplesmente um bebê humano (com todas as necessidades clamorosas, insensatas, "insanas" que o senhor descreve). Não sei se alguém já pensou nisso, mas será razoável supor que um bebê do sexo feminino exija menos o seio pelo fato de ser uma menina?... Tenho plena consciência de que minha sugestão é extremamente intuitiva e "feminina", mas ninguém me tira da cabeça que o senhor irá encontrar o "quantum" emocional de George encafuado nessa área.

O Cel. Williams fez uma pilhéria num de seus bilhetes "não-oficiais" ao senhor, e foi muito engraçado; dizia respeito aos desenhos de George representando animais piriformes, e a conclusão jocosa a que ele chegou foi que se tratava de símbolos mamários. Depois de rir me pus a pensar nesses desenhos e me lembrei de que George também tinha desenhado um homem e uma mulher com a mesma

configuração. E me lembrei, além disso, de que George indicou os seios da mulher com um negligente zigzague (isto é, um detalhe sem importância), mas depois de terminar voltou atrás e marcou as tetas com todo o cuidado. Sempre desenhava os umbigos, como se considerasse incompleta toda forma arredondada que não tivesse um orifício terminal qualquer.

Por isso me ocorreu que os seus cômicos esboços talvez representassem a vida tal como ele a vê — seres vivos tais como a sua consciência emocional infantil deseja e acredita que sejam. Coelhos, esquilos, garotinhos, velhos guardas — cada um deles é uma mama repleta de líquido morno e nutriente. O organismo inteiro é uma glândula mamaria, e ele sente isso com tamanha veemência que chega a desdenhar os verdadeiros seios marcando-os com um zigzague (embora não possa omitir as tetas) e prefere fazer de todo o corpo feminino um objeto mamário; e isso excluindo por completo o fato de ser feminino!

Esta hipótese nos conduz à surpreendente conclusão de que, em suas iniciativas eróticas *periódicas* (ó termo perfeito!) com Anna, ele estava executando assexuadamente uma função assexual sobre um órgão ou objeto cujo sexo era tão destituído de importância quanto o gênero gramatical de uma garrafa.

(Pergunto-me se eu teria podido falar a Anna de forma tão convincente sobre "atos de amor" se tivesse pensado em tudo isto na ocasião!)

E no terreno do simbolismo também há uma sugestão que me foi inspirada pela surpreendente sentença de George sobre a maneira de distinguir o mocinho do vilão entre dois "cowboys". (E o atiladíssimo rapaz tem toda a razão!) Os heróis são baleados no peito. (Mama?) Os vilões são baleados na barriga. Pergunto eu: Será simples coincidência que seu pai e o guarda, que ele identificou com o pai, tenham sido cortados no peito, enquanto o menino, que ele identificou com o feto que havia tomado o seu lugar na afeição de Anna, foi cortado no umbigo?

Céus, veja o que eu fiz. Pretendia dar-lhe as notícias, felicitá-lo e ir para a cama; a janela está ficando rosada nas beiras, o nevoeiro se foi e meu avião parte dentro de uma hora. Sargento, Doutor, Sir Philip, como quer que se chame, obrigada. Foi um prazer conversar com o senhor.

Cordialmente,

Lucy Quigley.

DOZE

Uma carta...

Casa Maluca de Sir Philip N-O

Praecox, Cal. 8 maio

Querido Al:

Incluo o incluso, uma monumental missiva de sua Lucy Quigley, que é, como você de um modo ou de outro disse, uma garota e tanto. Que aparência tem ela?

Envio a carta porque acho que você gostará de lê-la, embora contenha informações que sei já terem chegado ao seu conhecimento através do relatório que ela lhe enviou e das quais, portanto, você não necessita; e alguns embriagadores cumprimentos dirigidos à minha pessoa, os quais, você há de pensar, eu deveria ter guardado modestamente para mim mesmo.

E, com toda a seriedade, quero que você reflita na hipótese de Lucy sobre a natureza não-sexual, ou talvez seja melhor dizer pré-

sexual, do distúrbio de George. No momento não me sinto inclinado a confirmar nem a negar, mas isto me emociona e estou pronto a rebater a bola quando ela vier daí.

Você gostará de saber que obedeci suas ordens de cinco meses atrás e dormi um pouco, cerca de quatorze horas consecutivas, e depois disso trabalhei quarenta horas consecutivas pondo em dia o serviço que se amontoou devido ao sono e às minhas preocupações com George. E assim tudo voltou à normalidade. Neste intervalo, só me avistei com George uma vez — casualmente estava sondando o miolo de um seu vizinho de corredor, metido numa camisa-de-força — e não fiz mais do que bater um papo. Um pedaço da nossa conversa vai lhe interessar: eu disse a ele que respeitaria o seu desejo de não discutir sua conduta específica com Anna, bem como o conteúdo da carta aérea que foi o estopim desta bomba; preveni-o além disso, de que ia fazer uma pergunta que ele não era obrigado a responder. Aí perguntei *por que* não queria falar nessas coisas.

Pois o nosso George, sentado na beira do catre, cocou a bela cabeça loura e afinal me dirigiu um sorriso encabulado dizendo: "Eu só não queria que você me tomasse por fresco."

Quais são as novidades?

Phil.

Palácio da Patologia

N-O

New Rosis, Ore.

10 maio

Meu caro Phil:

Li e reli a carta de Lucy, que lhe devolvo aqui. Você tem toda a razão: ela é uma garota e tanto. Ou teria sido eu quem disse isso? Vá lá, *eu* tenho razão: ela é uma garota e tanto. Quanto à sua aparência, você a verá com seus próprios olhos. Ela chega amanhã. Vamos pegar um helicóptero e sulcar os ares para jantar com você. Tá bem?

Quanto a uma opinião sobre a hipótese de Lucy você vai me desculpar, caro amigo, mas não tenho nenhuma, e se tivesse não lhe diria. Por favor, me encare sempre como uma espécie de agente de empresa aérea. Sei das idas e

vindas dos passageiros e providencio sobre as suas viagens; mas não me pergunte nada sobre inovações. Portanto, nada de opinião. Quanto à segunda cláusula acima, em que declaro que não lhe daria opinião se a tivesse, quero deixar bem claro desde já que considero você um grande homem.

Um homem inteligente. Um homem de valor em vários sentidos. Mas de tempos a tempos sou dominado por uma certa inquietação. Todas as vezes que lhe expresso uma opinião, três meses depois vai se ver que lhe mandei fazer isto ou lhe permiti fazer aquilo, e o pior é que você pode prová-lo.

Tenho duas notícias para lhe dar. Uma delas é que quando lá chegar lhe entregarei uma caixinha com algumas bijuterias, creio que umas barrinhas de prata, um papel com uma mensagem própria para ser emoldurada, digamos uma promoção, e um vale de capitão pagador, correspondente aos soldos a contar de seu 25.º aniversário. Se puder, justifique perante a sua consciência o fato de haver

captado a confiança de George sob a capa de sargento, quando na realidade já era oficial desde o primeiro dia.

Minha segunda notícia diz respeito ao falecido Major Manson, oxalá a sombra dele esteja debruçada no seu ombro a ler este meu sincero ato de contrição. (Lembra-se de que eu o chamei de pacóvio, concluindo que ele pespegara em George o rótulo de "psicose não classificada; Violento" só porque George lhe dera um murro no nariz?) Pois bem, após a honrosa morte de Manson o nosso eficiente Exército separou os seus objetos pessoais das propriedades do governo e enviou os primeiros ao seu sobrevivente, uma filha. Como é natural, esta deixou transcorrer algum tempo antes de passar revista às coisas dele. Entre os seus papéis havia uma carta aérea não postada. Incluo-a aqui e acho que ninguém se admirará de ela ter intrigado suficientemente o censor de correspondência para levá-la ao conhecimento do major e de o major ter mandado chamar George. Salte o almoço. Isto é uma ordem.

Você, Lucy e eu vamos comer como abades.

'la vista, AL

Incluso: uma fórmula de carta aérea não enviada. Traz o número de identidade do soldado, uma agência do Correio Militar como endereço, e a indicação de uma unidade de combate. Segue na íntegra, o texto da carta:

Querida Anna:

Sinto muita falta de você.

Quem me dera ter um pouco de seu sangue.

Feche a pasta. Você já leu tudo.

Você está sentado no lago de luz sob a lâmpada de mesa do Dr. Outerbridge. Já é tarde. Mas fique sentado mais um pouco. Não será interrompido pelo psiquiatra fictício, que afinal de contas só existe para você, o Leitor.

Portanto, descanse as mãos na face lisa e macia da pasta fechada, cerre os olhos e medite tranqüilamente.

Uma vez que isto é e deve ser ficção, o que lhe agradaria mais?

O Dr. Outerbridge achou Lucy Quigley simplesmente fascinante e a seu tempo ela se tomou a Sra. Outerbridge. Trabalharam junto egregiamente e alcançaram a unidade de vistas e a fama. Isso o faz feliz?

George foi transferido para um hospital de veteranos, atacando-se a sua persona emocional retardada com, narcossíntese, reserpina e choques elétricos sob a orientação de um analista compreensivo, e, em três anos e cinco meses teve alta como curado. Casou com, Anna, herdou a fazenda da tia, e vivem, felizes perto da mata e um, do outro. Ele aprendeu a gostar de crianças. Está bem assim?

Ou, se criaturas como George ainda lhe causam revolta, é « coisa mais fácil deste mundo fazer falhar a terapia e emparedá-lo para sempre. Poderia também ser "morto numa arruaça de prisão ou escapar e ser abatido pelas balas da polícia. Você gostaria que o baleassem, no peito? Ou na barriga? Ah! sim? Que representa ele para você?

Mas convém devolver a pasta ao seu lugar na gaveta, dar o fora. Se o Dr. Outerbridge voltar de repente você terá de reconhecer que ele é real e que portanto, tudo isto também o é. R seria o diabo, não

the parece?

UM PULO EM CASA

F. SCOTT FITZGERALD

Eu ESTAVA perto dela, pois me deixara ficar para trás a fim de fazermos juntos o breve trajeto do living room à porta da rua. Isso era muito; Ellen havia desabrochado de repente, e eu, sendo homem e apenas um ano mais velho, não desabrochara de modo algum, mal ousara me aproximar dela durante os dez dias que tínhamos passado em casa. Tampouco ia dizer qualquer coisa naquela caminhada de três metros, ou tocá-la; mas tinha a vaga esperança de que ela fizesse algo, um pequeno gesto alegre ou o que quer que fosse, pessoal unicamente pelo fato de estarmos sós.

De um momento para outro, encontrava um encanto especial nas palmas rosadas das suas mãos, no reluzir dos cabelinhos da nuca, na segura e clara confiança que por volta dos dezoito anos começa a amadurecer e a cantar nas moças americanas bonitas. Estava quase

completa, mas coberta de orvalho.

No entanto já então ia deslizando para um outro mundo — o mundo de Joe Jelke e Jim Cathcart, que nesse momento nos aguardavam no carro. Dentro de mais um ano estaria fora do meu alcance para sempre.

Enquanto eu esperava, sentindo os outros lá fora na noite nevada, sentindo a excitação da semana natalina e a excitação da presença de Ellen, uma criada veio da sala de jantar, falou baixinho a Ellen e lhe entregou um bilhete. Ellen leu-o e seus olhos clarearam como as lâmpadas de uma casa de campo quando há um salto de voltagem, e esse clarão se projetou no espaço. Lançou-me, então, um olhar esquisito — que, provavelmente, não me incluía — e, sem dizer palavra, acompanhou a criada à sala de jantar e mais além. Sentei-me e fiquei folhando uma revista durante um quarto de hora.

Joe Jelke entrou, a cara vermelha de frio, a manta de seda branca brilhando na gola do casaco de pele. Era um veterano em New

Haven e eu, um segundanista. Era um estudante de projeção, membro do "Scroll and Keys" e, a meus olhos muito elegante e distinto.

— Ellen não vem?

— Não sei — respondi discretamente. — Já estava pronta.

— Ellen! — chamou ele. — Ellen!

Deixara aberta a porta da rua e uma imensa nuvem de ar gelado veio lá de fora. Subiu até o meio da escada — tinha familiaridade na casa — e tornou a chamar, até que Mrs. Baker chegou ao corrimão e disse que Ellen estava em baixo. Aí a criada, um tanto nervosa, apareceu na porta da sala de jantar.

— Mr. Jelke — chamou ela em voz baixa.

O rosto de Joe murchou ao voltar-se para ela, pressentindo más notícias.

— Miss Ellen mandou dizer que o senhor vá para a festa. Ela irá mais tarde.

— Que aconteceu?

— Ela não pode ir agora. Irá depois.

Joe hesitou, sem saber o que fazer. Era o último grande baile das férias e estava doido

por Ellen. Tentara lhe dar uma aliança no Natal e, na impossibilidade disso, conseguira fazê-la aceitar uma bolsinha de malha de ouro que devia ter-lhe custado uns duzentos dólares. Não era o único — havia uns três ou quatro nas mesmas condições de descontrole, e isso tudo nos dez dias que ela passara em casa; mas ele estava em primeiro lugar, pois era rico, simpático e "de grande futuro" — no momento, o rapaz mais cobiçado de St. Paul. A mim me parecia impossível que ela pudesse preferir outro, mas comentava-se que descrevera Joe como "perfeito demais". Suponho que lhe faltasse o ingrediente de mistério, e quando um homem enfrenta esse obstáculo com uma jovem que não pensa em casamento...

— Ela está na cozinha — disse Joe, com raiva.

— Não está, não. — A criada tinha um ar de desafio e parecia um pouco assustada.

— Está, sim.

— Ela saiu pelos fundos, Mr. Jelke.

— Vou verificar.

Segui-o. As criadas suecas que lavavam a

louça enviesaram os olhos para nós ao ver-nos chegar e um interessado entrechocar de panelas marcou a nossa passagem pela cozinha. A porta externa, desaferrolhada, batia com o vento, e ao sairmos para o pátio coberto de neve avistamos a lanterna traseira de um carro que dobrava a esquina da viela dos fundos.

— Vou atrás dela — disse Joe, falando devagar. — Não estou entendendo nada.

Eu ficara tão abalado pela calamidade que não tive forças para discutir. Corremos para o auto dele e nos atiramos num fútil e desesperado ziguezague por toda a zona residencial, a espiar cada carro que encontrávamos nas ruas. Só meia hora depois ele começou a compreender a inutilidade daquilo — St. Paul é uma cidade de quase trezentos mil habitantes — e Jim Cathcart lembrou-lhe que tínhamos de ir buscar outra moça. Como um animal ferido, ele encolheu-se melancòlicamente a um canto, formando uma bola peluda, e dessa posição endireitava-se de instante a instante num movimento brusco,

balançando um pouco o corpo para diante e para trás era sinal de protesto ou desespero.

A pequena de Jim estava pronta e impaciente, mas depois do que acontecera a sua impaciência não parecia ter importância. Apesar de tudo, estava linda. É uma dessas coisas que acontecem nas férias de Natal — excitação do crescimento, da mudança e da aventura em terras estranhas transformando as pessoas que a gente conheceu toda a vida. Joe Jelke foi delicado com ela a despeito da sua perturbação — soltou uma breve e áspera risada à guisa de conversa — e tocamos para o hotel.

O chofer chegou pelo lado errado — o lado em que a fila de automóveis não desembarcava convidados — e por isso esbarramos de repente com Ellen Baker, que descia naquele momento de um pequeno coupé. Antes mesmo de pararmos, Joe Jelke saltara alvoroçado do carro.

Ellen virou-se para nós com um ligeiro sobressalto — talvez de surpresa, mas certamente não de susto; na verdade, não

parecia dar-se bem conta da nossa presença. Joe aproximou-se dela com um ar de censura austera, digna, ofendida e, segundo me pareceu, perfeitamente correta. Segui-o.

Sentado no coupé — não desembarcara para ajudar Ellen a descer — estava um homem de cara magra e dura, cerca de trinta e cinco anos, um ar como que traumatizado e um sorriso algo sinistro. Seus olhos eram uma espécie de desafio a toda a raça humana — os olhos de um animal sonolento e imobilizado na presença de uma outra espécie. Eram inermes e no entanto brutais, desesperançados mas confiantes. Dir-se-ia que esses olhos se sentiam impotentes para gerar atividade, mas infinitamente capazes de se aproveitar do menor gesto de fraqueza nos outros.

Vagamente o identifiquei como um daqueles "desocupados" a quem eu conhecia desde a adolescência — sujeitos com o cotovelo apoiado em balcões de tabacarias, a observar, sabe Deus por que frincha do pensamento, as pessoas apressadas que entram e saem. íntimos nas

garagens, onde faziam vagos negócios em voz baixa, em barbearias e nas salas de espera de cinemas — em tais lugares, pelo menos, eu localizava o tipo, se é possível dar-lhe o nome de tipo, que ele me lembrava. Por vezes o seu rosto saltava numa das caricaturas mais selvagens de Tad, e desde a mais tenra infância eu lançara olhares nervosos para a imprecisa fronteira em que ele se mantinha, e o vira observar-me com desprezo. Certa vez, num sonho, ele dera alguns passos para mim, jogando a cabeça para trás e murmurando: "Escute, garoto" num tom que pretendia ser tranquilizador, e eu fugira, aterrorizado. Era esse tipo de homem.

Joe e Ellen encaravam-se silenciosamente: esta última parecia aturdida, como já disse. Fazia frio, porém ela não notou que o vento lhe abrisse o casaco; Joe estendeu os braços, fechou-o, e ela prendeu-o maquinalmente com a mão.

De repente o homem do coupé, que estivera a observá-los em silêncio, riu. Era escassamente um riso — antes um bufido, uma simples

sacudidela ruidosa da cabeça — mas era um insulto, quanto a isso não havia engano possível: um positivo insulto, que não se podia tolerar. Não me surpreendi quando Joe, que tinha o sangue quente, se voltou irado para ele e disse:

— Que há consigo?

O homem esperou um instante, os olhos a furtar-se de um lado para outro e todavia atentos, sem perder nada. Depois tornou a rir da mesma maneira. Ellen mexeu-se, inquieta.

— Quem é este... este... — A voz de Joe tremia de raiva.

— Tome cuidado — disse o homem vagorosamente. Joe virou-se para mim.

— Eddie, leve Ellen e Catherine para dentro, sim? — disse em voz rápida. — Ellen, acompanhe Eddie.

— Tome cuidado — repetiu o homem.

Ellen fez um pequeno muxoxo, mas não resistiu quando a tomei pelo braço e a conduzi para a porta lateral do hotel. Pareceu-me esquisito que ela se mostrasse tão passiva, a

ponto de aquiescer pelo silêncio nessa rixa iminente.

— Deixe isso, Joe! — gritei por cima do ombro. — Venha conosco!

Ellen fez força no meu braço, obrigando-me a estugar o passo. Ao sermos apanhados pela porta giratória tive a impressão de que o homem estava descendo do coupé.

Dez minutos depois, enquanto eu esperava pelas moças em frente do toucador das senhoras, Joe Jelke e Jim Cathcart saíram do elevador. Joe estava muito pálido, os olhos fixos e vidrados, e um fio de sangue lhe corria da testa para a manta branca. Joe trazia na mão os chapéus de ambos.

— Ele bateu em Joe com uma soqueira — disse Jim em voz baixa. — Joe perdeu os sentidos durante cerca de um minuto. Veja se manda um pajem buscar um pouco de hamamélide e tafetá-inglês.

Já era tarde e o saguão estava deserto; fragmentos metálicos de música chegavam até os nossos ouvidos, vindos de baixo, como

pesadas cortinas que fossem agitadas pelo vento e voltassem depois ao seu lugar. Quando Ellen surgiu à porta, conduzi-a diretamente para o andar inferior. Evitando a fila de recepção, entramos numa sala semi-obscura, com desgrenhadas palmeiras de hotel, onde os pares vinham sentar-se às vezes durante o baile; ali lhe contei o que havia sucedido.

— Foi culpa de Joe — disse ela, surpreendentemente. — Eu avisei para não se meter.

Isto não era verdade. Ellen não tinha dito nada, limitara-se a fazer um esquisito muxoxo de impaciência.

— Você fugiu pela porta dos fundos e desapareceu durante quase uma hora — protestei eu. — Depois surge com um tipo mal-encarado, que ri nas barbas de Joe.

— Um tipo mal-encarado — repetiu ela, como procurando tomar o gosto das palavras.

— E não era? Onde foi que conheceu esse sujeito, Ellen?

— No trem — respondeu, e imediatamente

pareceu arrepender-se dessa confissão. — É melhor não se envolver em coisas que não são da sua conta, Eddie. Já viu o que aconteceu a Joe.

Por um instante, faltou-me literalmente o fôlego. Tê-la ali, ao meu lado, luminosa na sua imaculada alvura, seu corpo a irradiar frescor e pureza — e ouvi-la falar assim!

— Mas esse homem é um criminoso! — exclamei. — Nenhuma moça pode estar em segurança com ele. Usou uma soqueira para bater em Joe... Uma soqueira!

— Isso é muito grave?

Fez-rne esta pergunta como poderia tê-la feito alguns anos atrás. Olhou finalmente para mim, pedindo uma resposta; foi, por um instante, como se ela estivesse tentando recapturar uma atitude que havia quase desaparecido: depois tornou a fazer-se rígida. Digo "rígida" porque começava a notar que quando se falava naquele homem ela baixava um pouco as pálpebras, excluindo as outras coisas — todas as outras coisas — do seu

campo de visão.

Foi um momento em que eu poderia ter falado, suponho, mas a despeito de tudo não conseguia estabelecer contato com ela. Estava todo absorvido pela fascinação da sua beleza e do seu sucesso. Pus-me até a procurar desculpas para ela: talvez o homem não fosse o que parecia ser; ou talvez — mais romanticamente — Ellen se tivesse envolvido com ele contra a sua vontade, a fim de proteger uma terceira pessoa. Nesse ponto vi entrar algumas pessoas na sala, pessoas que se dirigiam a nós para nos falar. A conversa se tornou impossível: entramos, pois, no salão de baile e nos curvamos diante das damas de companhia. Abandonei-a então ao mar cintilante e agitado da dança, onde ela passou a mover-se num turbilhão particular, entre as amenas ilhas de rosetas coloridas espalhadas sobre as mesas e as lufadas tropicais dos instrumentos de metal que gemiam através do salão. Volvido algum tempo enxerguei Joe Jelke sentado a um canto, com um retalho de tafetá-

inglês na testa, acompanhando Ellen com os olhos como se tivesse sido ela quem o pusera por terra. Não fui falar com ele, porém. Eu mesmo tinha uma sensação esquisita — a mesma que tenho quando acordo após dormir uma tarde inteira, estranha e portentosa, como se durante esse intervalo se tivesse passado algo sem que eu o percebesse, algo que viera alterar os valores de todas as coisas.

A noite foi escorrendo através de sucessivas fases — chapéus de papel e cometas de cartolina, quadros-vivos amadorísticos, "flashes" para os jornais matutinos. Houve uma marcha solene, seguida pela ceia, e por volta das duas horas alguns membros da comissão, vestidos como agentes do imposto de renda, vieram arrancar dinheiro aos bailantes, e foi distribuído um jornalzinho faceto onde eram caricaturados os episódios da noite. A todas essas, eu seguia com o rabo do olho a vistosa orquídea no ombro de Ellen, movendo-se de cá para lá no salão como o penacho de Stuart. Observei essa orquídea com um positivo mau

pressentimento até que os derradeiros grupos sonolentos encheram os elevadores e, mergulhados até os olhos em imensos e disformes casacões de pele, desapareceram na clara e seca noite de Minnesota.

II

Há em nossa cidade uma seção mediana, em plano inclinado, que fica entre o bairro residencial sobre uma colina e o distrito comercial ao nível do rio. É uma zona indistinta, cuja escalada é interrompida por triângulos e esquisitas formas — existem nomes como Sete Esquinas — e não acredito que uma dúzia de pessoas fossem capazes de traçar um mapa exato daquela região, se bem que todo mundo a atravessasse duas vezes por dia de bonde, automóvel ou sola de sapato. E, embora fosse uma zona de grande atividade, eu não poderia indicar a espécie de negócio a que se dedicava. Havia sempre longas filas de bondes

à espera para partir numa direção ou noutra; havia um grande cinema e muitos pequenos, com cartazes de Hoot Gibson, de Cães Prodígios ou Cavalos Prodígios na fachada; havia lojinhas com "Old King Brandy" e os "Liberty Boys" de 76 nas vidraças, e bolitas, cigarros e caramelos no interior; e — um lugar bem definido, esse! — um *costumier* a quem todos nós visitávamos pelo menos uma vez no ano. Na minha meninice eu me dera conta, por vezes, de que uma certa rua obscura naquelas paragens era profundamente suspeita, e, semeados por todo o distrito, havia bricabraques, joalherias ordinárias, pequenos clubes esportivos- e salas de ginástica, e bares cujo estado de decadência era por demais visível.

Na manhã seguinte ao baile do Cotillon Club acordei tarde e cheio de preguiça, pensando com satisfação que, por um ou dois dias ainda, estava livre da capela e das aulas, nada tinha que fazer senão esperar por outra festa naquela noite. Era um dia frio e luminoso — um desses

dias em que a gente esquece o frio que faz, até sentir as faces geladas — e os acontecimentos da noite anterior pareciam vagos e distantes. Depois de almoçar desci a pé para o centro, sob uma leve e alegre nevada que provavelmente continuaria a cair toda a tarde. Ia mais ou menos a meio caminho por aquela seção da cidade — que eu saiba, ela não tem nome — quando, de repente, os pensamentos ociosos que me bailavam na cabeça me foram arrancados pelo vento como um chapéu, e pus-me a refletir seriamente sobre Ellen Baker. Estava preocupado com ela como nunca me preocupara com coisa alguma, exceto a minha própria pessoa. Diminuí a marcha, indeciso, com um instinto que me aconselhava a subir novamente a ladeira, ir procurá-la e falar com ela; mas lembrei-me de que Ellen devia ter ido a um chá e segui meu caminho, sempre a pensar nela e mais preocupado do que nunca. Foi nesse momento preciso que a história recomeçou.

Nevava, como já disse, e eram quatro horas

de uma tarde de dezembro, quando já anda no ar uma promessa de escuridão e as lâmpadas da rua vão se acendendo. Passei por uma combinação de "snooker" e restaurante, com uma estufa repleta de cachorros-quentes na vitrina e alguns ociosos parados à porta. As luzes estavam acesas no interior — não luzes brilhantes, mas apenas algumas lâmpadas amarelas e pálidas, lá no teto — e o clarão que projetavam no crepúsculo gelado não era tão forte que excluísse a tentação de olhar lá para dentro. Enquanto passava, sempre a refletir profundamente sobre Ellen, tomei nota do quarteto de desocupados com o canto do olho. Meia dúzia de passos mais além, ouvi um deles dirigir-se a mim, não pelo nome, mas de um modo que evidentemente se destinava aos meus ouvidos. Julguei que fosse um tributo ao meu casaco de "raccoon" e não liguei, mas ao cabo de um momento o homem, fosse lá quem fosse, tornou a me chamar num tom peremptório. Aborrecido, voltei-me para trás. No meio do grupo, a menos de três metros de

distância, olhando-me com o mesmo risinho de mofa com que olhara para Joe, estava o sujeito de cara magra e dura da noite anterior.

Vestia um sobretudo preto de feitio fantasia, abotoado até o pescoço como se sentisse muito frio. Tinha as mãos afundadas nos bolsos, usava chapéu de coco e botinas de abotoar. Senti um choque e por um instante hesitei, mas acima de tudo estava enraivecido; e, sabendo-me mais ligeiro com as mãos do que Joe, dei um passo na sua direção. Os outros homens não estavam olhando para mim — não creio sequer que me tivessem visto — mas eu tinha certeza que esse me reconheceria; nada havia de fortuito no seu olhar, nenhum engano possível.

"Cá estou eu. Que é que você vai fazer agora?" pareciam dizer és seus olhos.

Dei mais um passo na sua direção; ele riu silenciosamente, mas com marcado desprezo, e recolheu-se ao meio do grupo. Segui-o. Estava decidido a falar com ele, embora não soubesse ao certo o que lhe dizer, mas quando alcancei a porta ele havia mudado de idéia e desistido, ou

então queria atrair-me para dentro, pois escapulira-se. Os três homens observavam com curiosidade a minha resoluta aproximação. Eram homens do mesmo tipo — com aspecto de malandros, mas, à diferença dele, antes jeitosos do que truculentos; não notei nenhuma malquerença pessoal no seu olhar coletivo.

— Ele entrou aí? — perguntei.

Os três se entreolharam com aquele ar dissimulado. Trocaram uma piscadela e, depois de uma pausa perceptível, um deles retrucou:

— Quem foi que entrou?

— Não sei o nome dele.

Outro piscar de olho. Agastado e decidido, entrei na sala de "snooker". Havia alguns homens sentados a um balcão de lanche, num dos lados da sala, e alguns mais jogando bilhar, mas ele não estava ali.

Hesitei de novo. Se a sua intenção era atrair-me para algum lugar escuro do estabelecimento — havia várias portas entreabertas no fundo — eu precisava de ajuda. Dirigi-me para o homem da caixa.

— Onde foi se meter o sujeito que entrou aqui há pouco?

O homem se pôs imediatamente em guarda

— ou seria mera imaginação minha?

— Que sujeito?

— Cara magra... chapéu de coco.

— Há quanto tempo?

— Oh... Um minuto, se tanto. Ele tornou a abanar a cabeça.

— Não conheço.

Esperei. Os três homens da porta haviam entrado, alinhando-se ao meu lado diante do balcão. Percebi que todos me olhavam com um ar esquisito. Sentindo-me desamparado e cada vez mais apreensivo, virei as costas e ganhei a porta da rua. Depois de dar alguns passos voltei-me e tomei nota cuidadosamente da casa, a fim de gravá-la na memória e poder localizá-la de novo se fosse preciso. Na primeira esquina deitei a correr impulsivamente, tomei um táxi em frente do hotel e subi novamente a colina.

Ellen não estava em casa. Mrs. Baker desceu

e falou comigo. Parecia perfeitamente livre de cuidados, orgulhosa com a beleza de Ellen e ignorante de qualquer anormalidade ou qualquer fato insólito que tivesse ocorrido na noite anterior. Congratulava-se por ver chegar o fim das férias: estas representavam uma agitação constante e Ellen não era muito forte. Disse então alguma coisa que me causou imenso alívio. Estava contente com a minha vinda, pois naturalmente Ellen desejaria ver-me e o tempo era muito escasso. Sua filha ia regressar às oito e meia nessa noite.

— Esta noite! — exclamei. — Pensei que seria depois de amanhã.

— Vai visitar os Brokaws em Chicago — disse Mrs. Baker. — Eles querem a sua presença para uma festa qualquer. Isso foi decidido hoje. Ellen viajará esta noite com as pequenas Ingersoll.

Tão grande foi a minha alegria que mal pude conter o ímpeto de apertar-lhe a mão. Ellen estava fora de perigo. Afinal, tudo não passara de uma aventura momentânea, a mais

insignificante das aventuras. Senti-me um idiota, mas percebi o quanto queria a Ellen e quão intolerável seria para mim ver acontecer-lhe algo de terrível.

— Ela não demora a chegar?

— Está para chegar a qualquer instante. Telefonou há pouco do Clube Universitário.

Eu disse que viria mais tarde. Morava quase ao lado e queria ficar só. Depois de sair lembrei-me de que não levava a chave comigo e fui pelo caminho da garagem dos Bakers para tomar um velho atalho que usávamos em crianças, através do pátio intermediário. Ainda nevava, mas os flocos agora eram maiores contra o fundo negro do céu, e enquanto procurava localizar o caminho sepultado sob a neve reparei que a porta dos fundos da casa dos Bakers estava entreaberta.

Mal sei explicar por que me virei e entrei naquela cozinha. Houve tempo em que eu conhecia as criadas dos Bakers pelo nome. Agora não era assim, mas elas me conheciam, e notei uma repentina suspensão à minha entrada

— não só uma suspensão, da conversa, mas de alguma disposição de ânimo ou expectativa de que estavam possuídas. Puseram-se a trabalhar com excessiva pressa, fazendo movimentos e produzindo um clamor desnecessários — todas as três. A criada de sala me deitou um olhar assustado e de súbito adivinhei que ela estava esperando para transmitir outro recado. Fiz-lhe um sinal para que viesse ter comigo na copa.

— Eu sei de toda essa história. É um caso muito sério. Você quer que eu vá falar agora a Mrs. Baker ou prefere passar a chave nessa porta dos fundos?

— Não conte nada a Mrs. Baker, Mr. Stimson!

— Então não quero que incomodem Miss Ellen. Se ela for incomodada — e se for, eu hei de saber.

Formulei alguma ameaça absurda, prevenindo-a de que iria a todas as agências de empregos para fazer com que ela não fosse mais aceita em casa alguma da cidade, ou coisa semelhante. Estava completamente intimidada quando saí, não tardou muito que a porta dos

fundos fosse fechada à chave e trancada às minhas costas.

Simultaneamente ouvi um carro grande parar diante da casa, ruído de correntes a triturar a neve fofa. Trazia Ellen para casa, e entrei para dizer-lhe adeus.

Faziam-lhe companhia Joe Jelke e dois outros rapazes. Nenhum dos três pôde tirar os olhos de cima dela, sequer para me dizer "alô". Ellen tinha uma dessas delicadas peles rosadas, freqüentes na nossa região, e belíssimas até que as veiazinhas começam a romper-se por volta dos quarenta anos; e o frio a incendiava com uma chama adorável, como o rubor formigante das crianças depois do banho frio, à noite. Ela e Joe tinham efetuado uma espécie de reconciliação, ou pelo menos ele estava por demais apaixonado para recordar-se da noite anterior; mas vi que, embora ela risse muito, na realidade não estava prestando muita atenção a qualquer dos três. Queria vê-los pelas costas, para receber de uma vez a mensagem da cozinha, mas eu sabia que não haveria

nenhuma mensagem e que ela estava fora de perigo. Conversou-se sobre o Baile Caipira de New Haven e o Baile dos Universitários de Princeton, e por fim, em variadas disposições de ânimo, despedimo-nos os quatro homens e rapidamente nos separamos na rua. Caminhei para minha casa tomado de uma certa depressão e me estirei durante uma hora no banho quente, pensando que as férias tinham se acabado para mim e que ela se fora- sentindo, ainda mais intensamente do que na véspera, que ela desaparecera da minha vida.

Mas havia um pequeno detalhe de que não conseguia lembrar-me, alguma coisa que era preciso fazer, algo que eu deixara escapar entre os acontecimentos da tarde, prometendo a mim mesmo voltar depois para apanhá-lo e acabando por descobrir que me fugira por completo. Associava a coisa vagamente com Mrs. Baker, e agora me pareceu lembrar que aquilo tinha surgido durante a conversa com ela. No meu sentimento de alívio com relação a Ellen, esquecera-me de lhe fazer uma pergunta

a respeito de uma coisa que ela dissera.

Ah! sim: os Brokaws — a família que Ellen ia visitar. Bill Brokaw era muito meu conhecido, pertencia à minha classe em Yale. Lembrei-me, então, e sentei de repente o corpo dentro da banheira. Os Brokaws não estavam em Chicago nesse Natal, tinham ido a Palm Beach!

Pulei para fora da banheira, pingando água, lancei uma insuficiente camiseta sobre os ombros e corri para o telefone do meu quarto. Consegui a ligação imediatamente, mas Miss Ellen já tinha partido para a estação.

Por sorte o nosso carro estava em casa, e ao mesmo tempo que eu me enfiava nas roupas, ainda molhado, o chofer o trouxe para a porta da frente. A noite estava fria e seca, e pudemos ir depressa sobre a neve endurecida. Eu tinha uma esquisita sensação de insegurança ao partir desse modo, mas ao avistar a estação, nova e brilhante de luzes no ar escuro e frio, recuperei um pouco de confiança. Durante cinqüenta anos o terreno em que ela fora construída pertencera à minha família e isso, de

certo modo, parecia justificar a minha temeridade. Havia sempre a possibilidade de me estar aventurando num terreno que os anjos receariam pisar, mas esse sentimento de ter sólidas raízes no passado me encorajava a correr o risco de fazer papel de tolo. Era uma história errada, terrivelmente errada. Qualquer idéia acalentada por mim de que aquilo tudo fosse inofensivo, se evaporara agora; entre Ellen e alguma vaga mas esmagadora catástrofe, o único obstáculo que se levantava era eu, ou então a polícia e o escândalo. Não sou nenhum moralista — havia ali um outro elemento, tenebroso e aterrador, e eu não queria que Ellen passasse por aquilo sozinha.

De St. Paul a Chicago há três trens que se fazem concorrência, partindo todos por volta das oito e meia com poucos minutos de diferença. O dela era o Burlington. Ao atravessar correndo a estação vi fecharem o portão e apagar-se a luz de teto que o iluminava. Sabia, porém, que ela tomara um salão com as pequenas Ingersoll, porque sua

mãe havia mencionado a compra do bilhete, de modo que Ellen estava, literalmente falando, de molho até o amanhecer.

O portão da "C. M. & St. P." continuava aberto na outra ponta da estação. Larguei numa corrida para lá e consegui alcançá-lo. Tinha esquecido uma coisa, porém, e isso bastou para me tirar o sono e me manter preocupado durante metade da noite. Meu trem chegava a Chicago dez minutos depois do outro. Ellen dispunha desse tempo para desaparecer numa das maiores cidades do mundo.

Dei ao cabineiro um telegrama para transmitir de Milwaukee à minha família, e às oito horas da manhã rompi caminho violentamente pelo meio de uma fila de passageiros que reclamavam aos gritos as suas malas empilhadas no vestíbulo, e saí como uma bala pela porta, meio saltando por cima das costas do porteiro. Por um momento, fiquei irresoluto diante da confusão da imensa gare, entre os volumosos sons, ecos, badaladas de sinos e nuvens de fumaça que partiam de todos

os lados. Arremessei-me então para a saída e para a única chance que tinha de encontrá-la.

Meu palpite dera certo. Encontrei-a diante do balcão do telégrafo, mandando sabe Deus que grossa mentira para a mãe, e ao dar comigo seus olhos revelaram uma espécie de terror misturado com a surpresa. Havia neles, também, um toque de astúcia. Ela pensava depressa. Gostaria de sair andando como se eu não estivesse ali, mas não podia. Eu era um objeto demasiado familiar na sua vida. Ficamos a nos contemplar em silêncio, enquanto nossos cérebros trabalhavam.

— Os Brokaws estão na Flórida — disse eu ao cabo de um minuto.

— Muita gentileza sua fazer uma viagem tão longa para me dizer isso.

— Uma vez que você já sabe, não acha melhor continuar viagem e ir para a escola?

— Por favor, me deixe em paz, Eddie — disse ela.

— Irei até Nova York com você. Resolvi voltar mais cedo também.

— Acho bom você me deixar em paz.

Seus belos olhos se estreitaram e uma resistência muda, animal, transpareceu no seu rosto. Fez um visível esforço, a expressão de astúcia reapareceu, depois ambas se apagaram, substituídas por um sorriso alegre e tranquilizador que por pouco não me convenceu.

— Eddie, seu tolinho, não acha que já tenho idade bastante para saber me dirigir? — Eu não respondi. — Vou me encontrar com um homem, entende? Tudo que quero é me avistar com ele hoje. Já tenho minha passagem para o Leste no trem das cinco. Se não acredita, veja aqui na minha bolsa.

— Acredito.

— O homem não é ninguém que você conheça e... francamente, acho que você está sendo muito impertinente e insuportável.

— Sei quem é o homem.

Novamente ela perdeu o controle do seu rosto. Aquela terrível expressão tornou a aparecer e Ellen falou quase a rosnar:

— Acho bom você me deixar em paz.

Tirei-lhe a fórmula da mão e rabisquei um telegrama explicativo para sua mãe. Depois virei-me para ela e disse com certa aspereza:

— Tomaremos juntos o trem das cinco para Leste. Até lá, você vai passar o dia comigo.

O simples som da minha voz dizendo isso com tamanha ênfase me encorajou, e creio que a impressionou também; de qualquer forma, submeteu-se — pelo menos temporariamente — e me acompanhou sem protesto enquanto eu comprava minha passagem.

Quando procuro juntar os fragmentos daquele dia, começa uma espécie de confusão, como se minha memória não quisesse entregar tudo ou minha consciência se negasse a deixar passar qualquer coisa. Foi uma manhã clara e inclemente, durante a qual rodamos pelas ruas num táxi e fomos a um grande magazine, onde Ellen disse que queria comprar alguma coisa e depois tentou fugir por uma porta dos fundos. Pelo espaço de uma hora tive a impressão de que alguém nos seguia num táxi ao longo do

Lake Shore Drive. Eu tentava surpreendê-lo virando-me depressa ou olhando subitamente pelo espelho do chofer, mas pude ver que o rosto de Ellen se contorcia num riso forçado e triste.

Toda a manhã soprou um vento áspero e gelado, vindo do lago, mas quando fomos almoçar no Blackstone começou a nevar de leve diante das janelas, e conversamos quase com naturalidade sobre nossos amigos e coisas triviais. De repente o tom dela mudou- ficou séria e me olhou bem nos olhos, franca e sincera.

— Eddie, você é o amigo mais antigo que eu tenho e não lhe devia ser difícil confiar em mim. Se eu lhe prometer, sob palavra de honra, apanhar esse trem das cinco, você me deixará sozinha algumas horas esta tarde?

— Para quê?

— Bem... — Ela hesitou e deixou pender um pouco a cabeça. — Acho que todo mundo tem o direito de... se despedir.

— Você quer se despedir daquele...

— Sim, sim — disse ela muito depressa; — umas poucas horas apenas, Eddie, e prometo fielmente que tomarei esse trem.

— Bem, imagino que em duas horas nada poderá acontecer de muito grave. Se você quer mesmo se despedir...

Levantei os olhos repentinamente e surpreendi no seu rosto uma expressão de astúcia tão intensa e palpável que fiquei arrepiado. Ellen tinha os cantos dos lábios encrespados e os olhos novamente reduzidos a um traço; não havia nas suas feições o mais leve toque de franqueza ou sinceridade.

Discutimos. A discussão foi vaga da parte dela e um tanto dura e reticente da minha. Estava resolvido a não me deixar mais levar por lábias a cometer um ato de fraqueza, nem contaminar por tal coisa — e uma espécie de emanção mefítica pairava no ar. Ellen teimava em insinuar, sem provas convincentes, que tudo aquilo era perfeitamente normal. No entanto, estava tão empolgada pela coisa — fosse lá o que fosse — que lhe faltava presença

de espírito para arquitetar uma história aceitável, e procurava agarrar-se a qualquer indício de credulidade ou aquiescência que notasse em mim para tirar dele o maior proveito possível. Depois de cada uma de suas insinuações tranqüilizadoras fitava-me ansiosamente, como se esperasse me ver embarcar num confortável sermão que terminaria pelo costumeiro bombom — no caso, a sua liberdade. Mas eu já começava a gastar-lhe as resistências. Por duas ou três vezes, notei que uma pequena pressão seria bastante para levá-la ao ponto das lágrimas — e isso, naturalmente, era o que eu queria — mas, não sei como, não o consegui. Quando já a tinha quase nas mãos — quase me apoderara da sua atenção interior — ela me escapava.

Por volta das quatro horas, sem nenhum remorso, conduzi-a à força para um táxi e partimos para a estação. De novo o vento soprava rijo, com um prenuncio de nevada, e o povo nas ruas, à espera de ônibus e bondes pequenos demais para comportar a todos, tinha

um ar entanguído, perturbado e infeliz. Tentei pensar na sorte que nós tínhamos em ser ricos e protegidos, mas todo aquele mundo confortável e respeitável a que eu pertencia ainda ontem se havia evaporado. Carregávamos agora conosco alguma coisa que era o inimigo e o contrário daquilo tudo; essa coisa viajava no táxi junto conosco, andava pelas ruas que atravessávamos. Com uma ligeira sensação de pânico, perguntei-me se não estaria escorregando quase imperceptivelmente para a atitude mental de Ellen. A coluna de passageiros que esperavam para embarcar no trem me era tão remota como gente de outro mundo, mas era eu quem se afastava e os deixava para trás.

Meu leito inferior ficava no mesmo carro que o compartimento dela. Era um desses vagões antigos, as luzes um tanto opacas, os tapetes e estofamentos cobertos pela poeira de uma outra geração. Havia uma meia dúzia de outros viajantes, mas não me causaram nenhuma impressão especial, salvo a de compartilharem

a mesma irrerealidade que eu começava a sentir por toda parte em volta de mim. Entramos no compartimento de Ellen, cerramos a porta e nos sentamos.

De repente, envolvi-a nos meus braços e puxei-a para mim com toda a ternura de que era capaz — como se ela fosse uma meninazinha, e de fato era. Resistiu um pouco, mas passado um momento submeteu-se e deixou-se ficar tensa e rígida nos meus braços.

— Ellen — disse eu, cheio de perplexidade, — você me pediu que confiasse em você. Tem muito mais razão para confiar em mim. Não acha que seria o primeiro passo para se livrar de tudo isso se me contasse, alguma coisa?

— Não posso — disse ela em voz muito baixa. — Quero dizer, não há nada que contar.

— Você conheceu esse homem no trem quando vinha para casa e se apaixonou por ele, não foi assim?

— Não sei.

— Diga-me, Ellen. Você se apaixonou por ele?

— Não sei. Por favor, me deixe em paz.

— Dê a isso o nome que quiser — prossegui;

— ele exerce alguma espécie de influência sobre você. Está procurando tirar proveito de você, arrancar-lhe alguma coisa. Não se trata de amor, fique certa disso.

— Que importa? — voltou ela em voz débil.

— Importa, e muito. Em vez de procurar combater esta... esta coisa... você procura me combater a mim. E eu amo você, Ellen. Ouviu? Estou lhe dizendo isto assim de repente, mas é uma novidade para mim mesmo. Eu amo você.

Ela me olhou com uma expressão irrisória no seu rosto meigo; era uma expressão que eu tinha notado em homens embriagados que não queriam ser levados para casa. Mas era bem humano. Começava a tocá-la enfim, de leve e de muito longe, porém mais do que antes.

— Ellen, quero que você me responda a uma pergunta. Ele vai viajar neste trem?

Ela hesitou e, um pouquinho tarde demais, sacudiu negativamente a cabeça.

— Tenha cuidado, Ellen. Agora vou lhe

perguntar mais uma coisa e gostaria de que você fizesse um esforço para se lembrar. Quando você veio para o Oeste, onde foi que esse homem embarcou no trem?

— Não sei — disse ela, procurando recordar-se. — Em Pittsburgh, me parece. Ele veio me falar no carro-observatório, logo depois que deixamos Pittsburgh.

Nesse momento preciso me dei conta, com essa certeza incontestável reservada aos fatos, de que ele estava atrás da porta. Ellen sentiu-o também; o sangue abandonou-lhe as faces e aquela expressão de baixa perspicácia animal tornou a aparecer aos poucos. Baixei o rosto, cobri-o com as mãos e tratei de refletir.

Creio que continuamos sentados ali, quase sem dizer palavra, durante mais de uma hora. Notei a passagem das luzes de Chicago, depois de Englewood e de uma série interminável de subúrbios, por fim as luzes se acabaram e continuamos a rodar na planície escura de Illinois. O trem parecia recolher-se consigo mesmo, tinha um ar de estar só. O cabineiro

bateu à porta e perguntou se podia fazer a cama, mas respondi que não e ele seguiu adiante.

Após algum tempo me convenci de que a inevitável luta não era superior às forças de sensatez que me restavam, à minha fé na racionalidade essencial das coisas e das pessoas. Não duvidava de que o propósito daquele homem fosse o que se costuma chamar "criminoso", mas não havia necessidade de lhe atribuir uma inteligência situada num plano mais alto de empenho humano ou sobre-humano. Era ainda como um homem que eu o considerava, procurando chegar à sua essência, ao seu interesse próprio — ao que ocupava, nele, o lugar de um coração compreensivo — mas creio que já tinha uma intuição mais ou menos certa do que iria encontrar quando abrisse a porta.

Pus-me em pé. Ellen não pareceu ver-me. Estava encolhida no canto do assento, olhando em frente com uma espécie de névoa nos olhos, como um estado de suspensão temporária das

funções vitais, tanto do corpo como do espírito. Soergui-a, coloquei dois travesseiros por baixo dela e estendi meu casacão de pele sobre os seus joelhos. Ajoelhei-me então ao seu lado, beijei-lhe ambas as mãos, abri a porta e saí para o corredor.

Cerrei a porta atrás de mim e pelo espaço de um minuto fiquei com as costas apoiadas a ela. O carro estava às escuras, com exceção das luzes nas duas extremidades do corredor. Não se ouvia nenhum som além do gemido dos engates, do ticliquic uniforme das rodas nas juntas dos trilhos e do sonoro roncar de algum passageiro adormecido numa das cabinas. Ao cabo de um momento me apercebi de que ele estava parado junto ao resfria-dor de água, bem em frente à sala de fumantes, o chapéu de coco na cabeça, gola do sobretudo erguida como se ele sentisse frio, as mãos metidas nos bolsos. Quando o avistei, virou-se e entrou na sala de fumantes. Segui-o. Fora sentar-se no canto mais afastado do comprido banco estofado de couro; quanto a mim, me instalei na única poltrona da

peça, junto à porta.

Ao entrar fizera-lhe ura gesto de cabeça e ele tomara conhecimento da minha presença com uma daquelas suas terríveis risadas mudas. Mas dessa vez a risada prolongou-se; parecia nunca acabar, e mais para pôr fim àquilo do que para entabular uma palestra amena e fútil, perguntei: "De onde é o senhor?" no tom de voz mais natural que pude arranjar.

Ele parou de rir e me olhou detidamente, procurando adivinhar a 'minha intenção. Quando resolveu responder, sua voz soou abafada como se ele falasse através de uma manta de seda, e pareceu vir de muito longe.

— Sou de St. Paul, "Jack".

— Esteve dando um passeio à terra? Fez que sim com a cabeça.

— Um pulinho em casa? — insisti.

Tornou a aquiescer com a cabeça, impaciente. Depois respirou fundo e falou numa voz dura e ameaçadora:

— É melhor você descer em Fort Wayne, "Jack".

Ele estava morto. Tão morto quanto é possível estar — e isso desde o princípio da história; mas a força que nele fluía em St. Paul, como sangue nas suas veias, começava a abandoná-lo. Agora uma nova imagem — a imagem dele como um morto — ia transparecendo por trás da figura palpável que havia posto Joe Jelke por terra.

Tornou a falar, com uma espécie de esforço espasmódico.

— Desça em Fort Wayne, "Jack", se não quer ser jogado para fora do trem. — Mexeu com a mão dentro do bolso do sobretudo, mostrando-me o contorno de um revólver.

Abanei a cabeça.

— Você não pode tocar em mim. Eu sei de tudo, percebe?

— Seus medonhos olhos me scrutaram, procurando descobrir se de fato eu sabia ou não. Depois soltou um rosnido e fez menção de saltar do banco.

— Se você não descer aqui, "Jack", vai haver coisa! — gritou ele em voz rouca. O trem

começara a diminuir a marcha para parar em Fort Wayne e a sua voz pareceu estrugir no relativo silêncio; mas não se mexeu do banco — estava muito fraco para isso, suponho. Ficamos a encarar-nos enquanto os trabalhadores passavam para baixo e para cima atrás das janelas, batendo nos freios e nas rodas, e a máquina, lá adiante, soltava bufos sonoros e lastimosos. Ninguém subiu para o nosso vagão. Pouco depois o cabineiro fechou a porta do vestibulo, voltou ao longo do corredor, e o trem deslizou nos trilhos, deixando as lôbregas luzes amarelas da gare pela comprida escuridão.

O que me lembra depois disso deve ter abrangido um espaço de cinco ou seis horas, embora se apresente à minha recordação como algo sem existência no tempo — algo que podia ter durado cinco minutos ou um ano. Tivera início um lento e calculado assalto à minha pessoa, mudo e terrível. O que eu sentia, apenas posso descrever como uma coisa esquisita que me acompanhara toda a tarde, só que agora mais profunda e mais intensa. Era assim como

se estivesse sendo arrastado pela correnteza, e eu me agarrava convulsivamente nos braços da cadeira, para me manter ligado ao mundo dos vivos. Às vezes tinha a impressão de me ir corrente abaixo. Chegava quase a me sentir aliviado, num abandono total; mas, com uma violenta reação da vontade, forçava-me a voltar para a sala.

De repente me dei conta de que havia já algum tempo deixara de odiá-lo, de me sentir furiosamente alheio a ele, e ao perceber isso gelei e toda a minha cabeça se cobriu de suor. Ele estava vencendo a minha aversão, como vencera Ellen durante a viagem para o Oeste; era aquela mesma força que lhe vinha de explorar as fraquezas das pessoas, que o levava ao ponto da violência física em St. Paul e que, desmaiada e bruxuleante agora, ainda o mantinha lutando.

Deve ter percebido essa minha vacilação íntima, pois falou em seguida, numa voz baixa e quase suave:

— É melhor que você vá agora.

- Não vou, não — respondi com um esforço.
- Como quiser, "Jack".

Insinuou que era meu amigo. Sabia o que eu estava sentindo e queria me ajudar. Tinha pena de mim. Era melhor eu ir embora antes que fosse tarde demais. O ritmo do seu ataque era embalador como uma canção; que eu me fosse dali — *e o deixasse a sós com Ellen*. Soltei um pequeno grito e me endireitei na poltrona.

— Que quer você dessa moça? — perguntei com voz trêmula.

— Transformar a vida dela num inferno ambulante.

Seu olhar externou uma muda surpresa, como se eu estivesse castigando um animal por uma falta de que ele não tinha consciência. Por um instante vacilei, depois prossegui às cegas:

— Você a perdeu; ela depositou sua confiança em mim.

Suas feições se turvaram repentinamente de rancor, e gritou-me: "É mentira!" numa voz que era como um toque de mãos frias.

— Ela confia em mim — insisti. — Você não

pode tocá-la. Está em segurança.

Ele controlou-se. Seu rosto ficou pálido e benigno, e senti aquela estranha fraqueza e indiferença que começava novamente a crescer dentro de mim. Que adiantava tudo aquilo? Que adiantava?

— Você já não dispõe de muito tempo — obriguei-me a dizer; e, num lampejo de intuição, vislumbrei a verdade: — Você está se afundando. Só lhe restam algumas horas. Seu corpo está morto em Pittsburgh. É o mais longe que você pode ir.

Seu rosto contorceu-se e perdeu todo e qualquer traço de humanidade, viva ou morta. Simultaneamente a sala se encheu de ar frio e, com um ruído que tinha algo de um paroxismo de tosse e de uma horrível gargalhada, levantou-se, trescalando opróbrio e blasfêmia.

— Venha ver! — gritou. — Deixe que eu lhe mostre... Deu um passo para mim, depois outro, e foi exatamente como se uma porta se abrisse atrás dele, uma porta escancarada sobre um inconcebível abismo de trevas e de

corrupção. Ouviu-se um guincho de mortal agonia, partido dele ou de um ponto qualquer mais atrás, e subitamente as forças o abandonaram num suspiro rouco e prolongado, ao mesmo tempo que ele desabava no chão... Não sei quanto tempo fiquei ainda sentado naquela poltrona, aturdido pelo terror e pela exaustão. A primeira coisa que me lembra são os sapatos lustrosos do sonolento cabineiro no outro lado da sala e, além da janela, o clarão das fornalhas de Pittsburgh rompendo a perspectiva plana da noite. Havia também algo estendido no banco — algo demasiadamente tênue para ser um homem, pesado demais para ser uma sombra. No instante exato em que me apercebi dele, apagou-se e desapareceu.

Alguns minutos mais tarde, abri a porta do compartimento de Ellen. Dormia no lugar em que eu a deixara. Suas faces adoráveis estavam brancas e sem uma pinga de sangue; dormia naturalmente, porém, as mãos numa posição de abandono, a respiração regular e límpida. O que quer que a havia escravizado u

abandonara, deixando-a exausta, mas a querida Ellen de sempre.

Coloquei-a numa posição mais confortável, aconcheguei-a num cobertor, apaguei a luz e deixei-a.

III

Quando voltei a casa nas férias da Páscoa, uma das primeiras coisas que fiz foi dirigir-me para o salão de bilhar perto das Sete Esquinas. O homem da caixa naturalmente não se recordara de minha apressada visita de três meses antes.

— Estou procurando localizar uma certa pessoa que, se não me engano, freqüentou muito esta casa há uns tempos atrás.

Descrevi o homem com bastante exatidão, e quando terminei, o caixa chamou um sujeito, uma espécie de jóquei que estava sentado ali perto com o ar de quem tinha algo muito importante a fazer mas não podia lembrar-se do

que fosse.

— Hei, Shorty, fale com este cara, sim? Acho que ele está procurando Joe Varland.

O homenzinho me lançou um olhar de suspeita tribal. Fui sentar-me ao seu lado.

— Joe Varland está morto, amigo — disse ele de má vontade. — Morreu no inverno passado.

Tornei a descrevê-lo — o sobretudo, o riso, a expressão habitual dos olhos.

— É Joe Varland que está procurando, não tem dúvida, mas o homem morreu.

— Quero saber certas coisas a respeito dele.

— Que é que quer saber?

— Que fazia ele, por exemplo?

— Sei lá! Costumava vir aqui de vez em quando para jogar "snooker".

— Escute! Eu não sou da polícia. Tudo que eu quero são algumas informações sobre os hábitos dele. Ele está morto e isso não vai prejudicá-lo. E o que você me disser não passará de mim.

— Bem... — Hesitou, olhando-me de cima a baixo. — O Joe era muito dado a viagens.

Alguém me disse que morreu num irem. — Fiz um movimento brusco. — Espere um pouco... Quem foi mesmo que me contou? Bem, não importa, o fato é que ele adoeceu em Nova Iorque e tentou vir para casa. Foi tirado do trem em Pittsburgh com pneumonia e lá morreu.

Assenti com um gesto de cabeça. Os pedaços soltos do enigma começavam a se juntar na minha mente.

— Por que ele andava tanto de trem?

— Como vou saber, camarada?

— Se você não enjeita dez dólares, eu gostaria de saber tudo que possa ter ouvido sobre o assunto.

— Bem — disse Shorty, relutante, — sei apenas que, segundo diziam, ele costumava agir nos trens.

— Agir nos trens?

— Tinha um negócio lá dele, em que nunca falava. Cantava as moças que viajavam sozinhas. Ninguém sabia grande coisa a esse respeito. Era um sujeito muito ladino... mas de vez em quando aparecia aqui com dinheiro

grosso e contava que tinha arranjado com elas.

Agradei, dei-lhe os dez dólares e saí, muito pensativo, sem mencionar que, embora uma parte de Joe Varland tivesse sido desembarcada do trem em Pittsburgh, a outra fizera uma derradeira viagem à sua terra. Ellen não esteve no Oeste pela Páscoa, e mesmo que tivesse vindo eu não lhe levaria a informação — pelo menos, temos nos avistado quase todos os dias neste verão e sempre tratamos de conversar sobre outra coisa. Às vezes, porém, ela fica silenciosa sem motivo e procura chegar-se muito a mim; bem sei o que lhe passa pela mente nessas ocasiões.

É muito popular, naturalmente, e neste outono deixa a escola; quanto a mim, ainda tenho dois anos em New Haven, mas as coisas não parecem tão impossíveis como alguns meses atrás. De uma certa forma, ela me pertence — mesmo que eu a perca, continuará me pertencendo. Sempre há de saber que eu a amo <; que pode precisar de mim — e, às vezes, estas são considerações de peso. Vou levá-la a

dançar num clube esta noite, e pode ser que durante o baile fique de repente silenciosa, um pouco assustada, e queira ter-me ao seu lado. Quem sabe? Seja como for, lá estarei — sempre estarei junto dela.

OS VERANISTAS

SHIRLEY JACKSON

A casa de campo dos Allisons, a sete milhas da vila mais próxima, aninhava-se em bonita posição sobre uma colina. Por três lados, olhava do alto para uma repousante vista de árvores e de capim que raras vezes, mesmo no rigor do verão, se apresentava imóvel e seco. Do quarto lado havia o lago, tocando no trapiche de madeira que os Allisons tinham de consertar todos os anos; esse lago oferecia um aspecto tão atraente a quem o contemplava da varanda da frente como da varanda lateral ou de qualquer altura na escada de madeira que levava da varanda à beira d'água. Conquanto os Allisons adorassem o seu chalé de veraneio, contando os dias que faltavam para deixarem a cidade nos começos do verão e relutando em deixá-lo no outono, não se haviam dado ao trabalho de introduzir-lhe melhoramentos, pois consideravam a própria casa e o lago como

melhoramento suficiente para os anos de vida que lhes restavam. Não tinha calefação nem água corrente, salvo o precário abastecimento por meio da bomba instalada no quintal dos fundos, nem mesmo eletricidade. Durante dezessete verões Janet Allison havia cozinhado e fervido toda a água quente de que necessitavam num fogão de querosene: todos os dias Robert Allison trazia a água da bomba em baldes, e à noite lia o jornal à luz de um lampião de querosene. Ambos, apesar de seus hábitos higiênicos de moradores da cidade, tinham-se tornado calejados e prosaicos no que dizia respeito à casinha dos fundos. Nos dois primeiros verões haviam esgotado o repertório de pilhérias de vaudeville e de revista sobre esse gênero de comodidade; mas, agora que já não tinham visitas freqüentes a quem impressionar com tais gracejos, haviam recaído num confortável sentimento de segurança que fazia da casinha, assim como da bomba e do querosene, uma das indefiníveis vantagens de sua vida de verão.

Em si mesmos, os Allisons eram pessoas comuns. Janet tinha cinqüenta e oito anos e Robert, sessenta. Haviam visto seus filhos abandonar o chalé para constituir família e passar a veraneiar nas praias. Seus amigos ou estavam mortos ou instalados em cômodas residências de todo o ano; seus sobrinhos e sobrinhas eram figuras distantes « vagas. No inverno diziam um ao outro que podiam suportar seu apartamento de Nova Iorque enquanto aguardavam o verão; no verão, diziam um ao outro que valia bem a pena passar o inverno esperando o momento de partir para o campo.

Como eram bastante velhos para não se envergonharem de manter hábitos regulares, os Allisons invariavelmente deixavam seu chalé de veraneio na terça-feira após o Dia do Trabalho* e invariavelmente se lastimavam quando o mês de setembro e os começos <le outubro transcorriam com bom tempo, mas num ambiente de aridez quase insuportável na cidade. Todos os anos confessavam que não

havia nada a chamá-los de volta para Nova Iorque, mas só no fim desse verão venceram sua tradicional inércia resolvendo continuar no chalé após o Dia do Trabalho.

*Nos Estados Unidos, o Dia do Trabalho incide na primeira segunda-feira de setembro.
— *N. do Trad.*

— A verdade é que não temos nada que fazer na cidade — disse a Sra. Allison a seu marido com toda a seriedade, como quem sugeria uma idéia nova; e ele lhe respondeu, como se nenhum fios dois houvesse jamais pensado nisso:

— Sim, o melhor é gozarmos o campo enquanto pudermos. Por conseguinte, com grande deleite e uma ligeira sensação de aventura, a Sra. Allison foi até a vila na terça-feira após o Dia do Trabalho e anunciou aos habitantes da terra com quem tinham transações, assumindo um bonito ar audacioso de quem rompe com a tradição, que ela e seu marido haviam resolvido ficar ao menos um

mês ainda no chalé.

— Afinal, não temos nada que fazer na cidade — disse ao Sr. Babcock, seu armazeneiro. — Para que não gozar o campo enquanto pudermos?

— Até hoje ninguém ficou no lago depois do Dia do Trabalho — respondeu o Sr. Babcock, que estava acondicionando as compras da Sra. Allison numa grande caixa de papelão e se deteve um instante para considerar pensativamente um pacote de bolinhos. — Ninguém — repetiu.

— Mas a cidade! — A Sra. Allison sempre falava da cidade ao Sr. Babcock como se o sonho da vida deste fosse ir lá. — É um calor que o senhor não pode mesmo fazer idéia. Sempre nos arrependemos depois de partir.

— Detestam partir — disse o Sr. Babcock. Um dos mais irritantes vezos que a Sra. Allison havia observado nos nativos. da terra era o de apanhar no ar um comentário trivial para simplificá-lo, reformulando-o em termos ainda mais triviais. — Eu mesmo detestaria partir

daqui — continuou o Sr. Babcock depois de refletir, e tanto ele como a Sra. Allison sorriram. — Mas até hoje nunca ouvi dizer que alguém tivesse ficado no lago depois do Dia do Trabalho.

— Pois nós vamos fazer a experiência — disse a Sra. Allison, e o Sr. Babcock retrucou em tom grave:

— Nunca se pode saber antes de experimentar. Fisicamente, decidiu a Sra. Allison, como sempre fazia ao deixar o armazém depois de uma palestra inconcludente com o Sr. Babcock — fisicamente, o Sr. Babcock podia servir de modelo para uma estátua de Daniel Webster, mas mentalmente... Era horrível observar a degeneração que se operara na velha cepa ianque da Nova Inglaterra. Foi o que disse a seu marido quando embarcou no carro, e ele respondeu:

— São essas numerosas gerações de cruzamentos consangüíneos. E também a má qualidade do solo.

Como estavam fazendo sua grande viagem à

vila, que só realizavam de duas em duas semanas para comprar as coisas que não lhes podiam ser entregues em casa, demoraram-se o dia inteiro, parando para comer um sanduíche no bar e agência de jornais e deixando os pacotes amontoados no assento traseiro do carro. Se bem que a Sra. Allison pudesse fazer suas encomendas para entrega regular a domicílio, jamais conseguia formar pelo telefone, uma idéia exata sobre as novidades que o Sr. Babcock tinha para oferecer e suas listas de compras eram sempre acrescidas, quase além das necessidades do casal, pelas hortaliças frescas que o armazeneiro vendia periodicamente ou pelos doces em pacotes que acabavam de chegar. Nessa viagem, a Sra. Allison foi também tentada por um jogo de formas de pirex para fornos que encontrou por pura casualidade na loja de ferragens, roupas e gêneros, e que parecia estar ali à espera de ninguém mais senão a Sra. Allison, já que a gente do campo, com sua desconfiança instintiva para com tudo que não parecesse tão

permanente quanto as árvores, as rochas e o céu, só recentemente havia começado a trocar as painéis de ferro pelas de alumínio, e havia habitantes do lugar que se lembravam ainda de ter visto as. painéis de barro serem abandonadas em favor das de ferro.

A Sra. Allison mandou embrulhar cuidadosamente as formas de pirex a fim de suportarem a incômoda viagem de regresso pela estrada pedregosa que conduzia ao chalé dos Allisons, e enquanto o Sr. Charley Walpole, que, com seu irmão caçula, Albert, explorava o armazém de ferragens, roupas e gêneros — por sinal, era este conhecido como "Johnson's" por se encontrar no local da velha cabana dos Johnsons, destruída por um incêndio cinquenta anos antes do nascimento de Charley Walpole — enquanto este, diligentemente, desdobrava jornais para forrar com eles as formas, a Sra. Allison comentou de passagem:

— Naturalmente, eu poderia ter esperado para comprar estas formas em Nova Iorque, mas este ano não vamos voltar já.

— Ouvi dizer que iam ficar — disse o Sr. Charley Walpole, cujos dedos se atrapalhavam de maneira exasperante com as finas folhas de papel de jornal, procurando com todo o cuidado, separar uma de cada vez. E prosseguiu sem levantar os olhos para a Sra. Allison: — Não sei de ninguém que tenha ficado lá em cima, no lago, depois do Dia do Trabalho.

— Bem, o senhor sabe — voltou a Sra. Allison, como se ele merecesse uma explicação, — a nós nos pareceu que todos os anos temos muita pressa de voltar para Nova Iorque, e que no fundo não há nenhuma necessidade disso, O senhor sabe como é a cidade no outono.

E sorriu para o Sr. Charley Walpole com um ar de confiança. Ritmicamente, ele passou um barbante em volta do pacote. "Está me dando um pedaço bastante grande para guardar", pensou a Sra. Allison, desviando vivamente os olhos a fim de não deixar transparecer nenhum sinal de impaciência.

— Tenho a impressão de sermos desta terra,

por ficarmos depois de todos os outros terem partido — continuou ela. E, para provar o que dizia, sorriu alegremente para uma mulher de rosto conhecido, no outro lado do armazém. Podia ser a mulher que um ano vendera frutas silvestres aos Allisons, ou a mulher que de quando em quando ajudava a atender os fregueses da mercearia e que era provavelmente uma tia do Sr. Babcock.

— Bem — disse o Sr. Charley Walpole. Empurrou levemente o pacote sobre o balcão, na direção da cliente, para significar que o trabalho estava terminado e que por uma venda bem feita, um pacote bem embrulhado, de bom grado aceitaria remuneração. — Bem — repetiu, — até hoje nunca houve veranistas no lago, depois do Dia do Trabalho.

A Sra. Allison deu-lhe uma nota de cinco dólares e ele contou o troco metódicamente, até o último "cent".

— Nunca depois do Dia do Trabalho — disse, fazendo uma inclinação de cabeça para a Sra. Allison, e afastou-se comedidamente para

ir atender duas mulheres que estavam examinando uns vestidos caseiros de algodão.

A Sra. Allison, de saída, passou pelo grupo e ouviu uma das mulheres dizer em voz aguda:

— Por que é que pedem um dólar e trinta e nove "cents" por um desses vestidos e esse outro aqui custa só noventa e oito?

— São uma grande gente — disse a Sra. Allison ao marido enquanto caminhavam juntos pelo passeio, depois de se haverem encontrado à porta da loja de ferragens. — São tão sólidos, tão sensatos, tão *honestos*!

— Conforta a gente saber que ainda existem cidadezinhas como esta — disse o Sr. Allison.

— Olhe, em Nova Iorque — disse a Sra. Allison, — eu teria pago talvez alguns "cents" menos por estas formas, mas não haveria nada de pessoal, por assim dizer, na transação.

— Vão continuar no lago? — perguntou aos Allisons a Sra. Martin, no bar e agência de jornais. — Ouvi dizer que iam ficar,

— Resolvemos aproveitar o tempo magnífico que está fazendo este ano — disse a Sra.

Allison.

A Sra. Martin era relativamente nova na vila. Viera de uma fazenda dos arredores ao casar com o proprietário da lojinha e permanecera à frente do negócio após a morte do marido. Servia refrigerantes engarrafados e sanduíches de ovos fritos com cebola sobre grossas fatias de pão, que ela mesma preparava no fogão dos fundos da loja. De quando em quando os sanduíches da Sra. Martin traziam consigo a succulenta fragrância de ensopado ou das costeletas de porco que cozinhava ao lado para o seu jantar.

— Acho que até hoje ninguém ficou tanto tempo lá em cima — disse a Sra. Martin. — Em todo caso, ninguém fica depois do Dia do Trabalho.

— É no Dia do Trabalho que eles costumam ir embora — disse-lhes mais tarde o Sr. Hall, o vizinho mais próximo dos Allisons, em frente ao armazém do Sr. Babcock, onde os Allisons estavam embarcando no seu automóvel para voltarem. — Me admira que tenham resolvido

ficar.

— Ficamos com pena de partir tão cedo — disse a Sra. Allison. O Sr. Hall morava a três milhas do chalé. Fornecia manteiga e ovos aos Allisons, e de quando em quando estes avistavam luzes em sua casa, nas primeiras horas da noite, antes de irem os Halls para a cama.

— Em geral, partem no Dia do Trabalho — disse o Sr. Hall.

A viagem de volta foi longa e dura. Começava a escurecer e o Sr. Allison precisava dirigir com muito cuidado na estrada de terra solta à margem do lago. A Sra. Allison ia recostada no assento, gozando o bem-merecido repouso após esse dia. de compras que, em confronto com a existência rotineira do casal, parecia um verdadeiro furacão. Levava, semi-oculta em seus pensamentos, a agradável imagem das formas novas de pirex, do meio "bushel" de maçãs vermelhas de mesa e da caixa de percevejos coloridos com que se propunha prender as novas rendas de papel

nas prateleiras da cozinha.

— Que bom estar de novo em casa! — disse ela docemente ao avistarem o chalé que se destacava em silhueta no alto, contra o céu.

— Ainda bem que resolvemos ficar — concordou o Sr. Allison.

A Sra. Allison passou a manhã do dia seguinte lavando com amor as formas de pirex, se bem que, em sua inocência, Charley Walpole não reparara na beira lascada de uma delas. Num ímpeto de prodigalidade, decidiu ela usar algumas das maçãs de mesa na confecção de uma torta para o jantar e, enquanto a torta cozia no forno e o Sr. Allison descia para ir buscar a correspondência, foi sentar-se no pequeno gramado que os Allisons haviam plantado no alto da colina e ficou a contemplar as mutações de luz no lago, alternadamente cinzento e azul de acordo com o perpassar das nuvens velozes sobre o sol.

O Sr. Allison voltou um pouco aborrecido. Sempre se irritava quando, depois de percorrer a milha de distância até a caixa do correio, na

estrada estadual, voltava com as mãos a abanar, embora convencido de que a caminhada lhe fazia bem à saúde. Nessa manhã não encontrara nada, a não ser uma circular de um grande magazine de Nova Iorque e o jornal nova-iorquino que assinavam e que o correio trazia com bastante irregularidade de um a quatro dias de atraso, acontecendo, destarte, que os Allison podiam receber três números de jornal de uma vez só e freqüentemente nenhum. Embora compartilhasse o aborrecimento do marido por não terem recebido as cartas que ansiosamente esperavam, a Sra. Allison percorreu com um olhar afetuoso a circular do magazine, formando o projeto de passar por lá quando finalmente voltassem a Nova Iorque para dar uma olhada à liquidação de cobertores de lã; era difícil, atualmente, encontrar bons cobertores de cores bonitas. Queria guardar a circular como lembrete, mas depois de pensar em levantar-se e entrar no chalé para pô-la em lugar seguro deixou-a cair na grama ao lado da cadeira e reclinou-se nesta, entrecerrando os

olhos.

— Está com jeito de chover — disse o Sr. Allison enviezando os olhos para o céu.

— É bom para as plantações — respondeu laconicamente a Sra. Allison. E riram ambos.

O homem do querosene veio na manhã seguinte, enquanto o Sr. Allison estava lá em baixo, buscando a correspondência. A reserva de querosene da casa ia minguando e a Sra. Allison acolheu jubilosa o homem. Vendia ele querosene e gelo, e durante o verão levava o lixo dos veranistas. Um lixeiro só era necessário para a impróvida gente da cidade; os habitantes do campo não têm lixo para pôr fora.

— Que bom o senhor ter vindo! — disse-lhe a Sra. Allison — Estamos com pouco querosene.

O homem, cujo nome ela nunca havia aprendido, tinha uma mangueira para encher o reservatório com uma capacidade de vinte galões que fornecia aos Allison luz, calor e meios de cozinhar; nesse dia, contudo, em lugar de descer do caminhão para tirar do gancho a mangueira afetuosamente enrolada em volta da

cabina do caminhão, o homem fitou a Sra. Allison com um ar contrafeito, sem parar o motor.

— Pensei que iam embora — disse ele.

— Vamos ficar mais um mês — respondeu alegremente a Sra. Allison. — O tempo está tão bonito que nos pareceu uma pena...

— Foi o que me disseram — tornou o homem. — Mas não tenho querosene para lhe dar.

— Como assim? — A Sra. Allison alçou as sobrelanceiras. — Vamos continuar recebendo como antes...

— Depois do Dia do Trabalho — disse o homem. — Eu mesmo recebo pouco querosene depois do Dia do Trabalho.

A Sra. Allison advertiu a si mesma, como freqüentemente era obrigada a fazer em seus desentendimentos com os vizinhos, de que os processos citadinos não produziam efeitos com a gente do campo. Não se podia esperar que um trabalhador do campo se deixasse sujeitar como um empregado da cidade. Portanto, disse

com um sorriso cativante:

— Mas o senhor não pode conseguir algum querosene extra, pelo menos enquanto ficamos aqui?

— O negócio é o seguinte — disse o homem, pondo-se a bater de maneira exasperante com o dedo na roda da direção enquanto falava. — O negócio é o seguinte — continuou em voz lenta.

— Este querosene é encomendado. Vem de um lugar que fica a umas cinqüenta, talvez cinqüenta e cinco milhas daqui. Encomendo ele em junho, na quantidade que vou precisar para todo o verão. Depois encomendo de novo... lá por novembro, mais ou menos. Nesta altura, já estou com bastante pouco.

E, como se o assunto estivesse encerrado, deixou de bater com o dedo na roda e segurou-a com as duas mãos, preparando-se para arrancar.

— Mas não pode nos deixar um pouco? — disse a Sra. Allison. — Não há mais ninguém que tenha querosene?

— Não sei se a senhora poderá conseguir

querosene em algum outro lugar agora —
volveu o homem depois de refletir. — Eu não
tenho nenhum para lhe dar. — Antes que a Sra.
Allison pudesse falar, o caminhão pôs-se em
movimento; depois parou um instante e o
homem olhou-a pela janela traseira da cabina.
— Gelo? — gritou. — Tenho algum gelo para
lhe vender.

A Sra. Allison abanou negativamente a
cabeça. Não lhes faltava gelo e ela estava
bastante zangada. Deu alguns passos a correr, a
fim de alcançar o caminhão, gritando:

— Veja se nos arranja um pouco! Na semana
que vem?

— Não sei se poderei — disse o homem. —
Depois do Dia do Trabalho é mais difícil.

O caminhão afastou-se e a Sra. Allison,
consolando-se em parte com a idéia de que
poderia talvez conseguir querosene com o Sr.
Babcock ou, em último recurso, com os Halls,
viu-o afastar-se com raiva. "No verão que vem",
dizia a si mesma. "Só quero ver esse tipo passar
por aqui no verão que vem!"

Novamente, não havia correspondência — só o jornal, que parecia fazer questão, agora, de chegar com pontualidade. O Sr. Allison estava francamente mal-humorado quando voltou. Ao ouvir sua esposa falar no homem do querosene, não se mostrou muito impressionado com o caso.

— Sem dúvida está guardando todo o querosene que tem para conseguir preço mais alto durante o inverno — foi o seu comentário.

— Que terá acontecido com a Anne e Jerry? Você faz idéia?

Anne e Jerry eram seus dois filhos, ambos casados, ele vivendo em Chicago e ela no Oeste. Suas cartas de todas as semanas, sempre pontuais, estavam atrasadas; tão atrasadas, mesmo, que a irritação do Sr. Allison com a falta de correspondência pôde concentrar-se num motivo legítimo de queixa.

Eles deviam saber o que essas cartas significam para nós — disse. — Filhos desatenciosos, egoístas. Deviam compreender.

— Mas, meu querido... — A Sra. Allison

tratou de aplacá-lo, A irritação com Anne e Jerry não aliviava o que sentia com respeito ao homem do querosene. Após alguns instantes, prosseguiu: — o nosso desejo não fará com que as cartas venham, querido. Vou telefonar ao Sr. Babcock para pedir que mande um pouco de querosene com a minha encomenda.

— Ao menos um postal — disse ainda o Sr. Allison, enquanto ela se afastava.

Como sucedia com quase todos os demais desconfortos do chalé, os Allisons já não prestavam nenhuma atenção especial ao telefone, cedendo às suas excentricidades sem protestar conscientemente. Era um telefone de parede, de um tipo que só se vê ainda em pequenas comunidades. A fim de alcançar a telefonista, a Sra. Allison precisava dar uma volta à manivela lateral e tocar uma vez a campainha. Em geral, tinha de repetir o processo duas ou três vezes para forçar a telefonista a responder e, ao fazer qualquer espécie de chamado, a Sra. Allison aproximava-se do aparelho com resignação e uma espécie

de paciência encarniçada. Desta vez teve de rodar três vezes a manivela antes que a telefonista respondesse e de esperar ainda mais tempo até que o Sr. Babcock apanhasse o receptor de seu telefone instalado no canto ao armazém, por trás da mesa de carnes.

— Armazém? — disse ele, com aquela entonação ascendente que parecia indicar desconfiança para com todas as pessoas que tentavam comunicar-se com ele por meio desse precário instrumento.

— Aqui fala a Sra. Allison, Sr. Babcock. Achei que convinha fazer-lhe meu pedido com um dia de antecedência, para ter certeza de arranjar um pouco de...

— Como foi que disse, Sra. Allison?

A Sra. Allison elevou um pouco o tom da voz e viu seu mando, lá no gramado, virar-se na sua cadeira e olhá-la com uma expressão de simpatia.

— Eu disse, Sr. Babcock, que resolvi fazer meu pedido mais cedo para que o senhor me mandasse também...

— Sra. Allison? — disse o Sr. Babcock. — Os senhores virão buscar o pedido?

— Buscá-lo? — Na sua surpresa, a Sra. Allison tornou a baixar a voz para o tom normal e o Sr. Babcock perguntou, alteando ainda mais a sua:

— Como foi, Sra. Allison?

— Pensei que fosse mandar, como de costume — disse esta.

— Bem, Sra. Allison — tornou o armazeneiro; e houve uma pausa enquanto a Sra. Allison esperava, fitando o céu com um olhar que tangenciava o telefone e passava por cima da cabeça de seu marido. — Sra. Allison — continuou finalmente o Sr.

Babcock — vou lhe explicar. O meu menino, que trabalha para mim voltou ontem para a escola e agora estou sem entregador. É só no verão que tenho um menino para fazer as entregas, compreende ?

— Eu julgava que *sempre* fizesse as entregas em casa — disse a Sra. Allison.

— Depois do Dia do Trabalho, não, Sra.

Allison — respondeu em tom firme o Sr. Babcock. — Até agora, a senhora nunca ficou aqui depois do Dia do Trabalho, e assim é natural que não saiba

— Bem — volveu a Sra. Allison, desanimada. Mentalmente, dizia e repetia a si mesma que as maneiras da cidade não davam, resultado com a gente do campo, que não adiantava zangar-se. — O senhor tem certeza? — perguntou para finalizar. — Não poderia mandar entregar um pedido, por hoje só, Sr. Babcock?

— Para dizer a verdade, acho que não posso, Sra. Allison Não compensaria fazer entregas em casa quando não há ninguém mais aí no lago.

— E o Sr. Hall? — lembrou-se de repente a Sra. Allison — A família que mora para estes lados, a umas três milhas de nosso chalé? O Sr. Hall poderia trazer o pedido quando viesse

— Hall? — disse o Sr. Babcock. — John Hall? Foram visitar os parentes da mulher dele no interior do Estado, Sra. Allison.

— Mas é deles que sempre compramos a manteiga e os ovos — disse a Sra. Allison,

apavorada.

— Partiram ontem — disse o Sr. Babcock. — Com certeza pensaram que os senhores não iam ficar lá em cima.

— Mas eu disse ao Sr. Hall... — ia insistindo a Sra. Allison; desistiu, porém. — Amanhã mandarei o Sr. Allison buscar algumas coisas aí — concluiu.

— Até então, não lhe faltará nada — respondeu o Sr. Babcock, satisfeito. Não era uma pergunta, mas uma confirmação.

Depois de repor o fone no gancho, a Sra. Allison saiu vagorosamente para tornar a sentar-se na sua cadeira, junto ao marido.

— Não quer fazer a entrega em casa. Amanhã você terá de ir lá. O querosene que temos só dá para durar até a sua volta

— Ele devia nos ter avisado antes — disse o Sr. Allison. Não era possível permanecer preocupado num dia como aquele. O campo nunca lhes parecera mais convidativo e o lago

OS VERANISTAS agitava-se brandamente lá em baixo, entre as árvores, com a suavidade

quase inacreditável de uma paisagem de verão nas telas. A Sra. Allison soltou um profundo suspiro, no contentamento de possuírem só para si aquela vista do lago, com as distantes colinas verdes mais além e a doçura da brisa entre as árvores.

O tempo manteve-se bom. Na manhã do dia seguinte o Sr. Allison, armado de uma lista de artigos a adquirir no armazém, com a palavra "querosene" no alto, em letras graúdas, desceu pelo caminho que levava à garagem e a Sra. Allison iniciou a confecção de uma segunda torta nas formas novas de pirex. Havia misturado a massa e estava descascando as maçãs quando o Sr. Allison voltou rapidamente pelo caminho e abriu de supetão a porta de tela da cozinha.

— O maldito motor não quer pegar — anunciou com a voz exasperada de um homem que depende de seu automóvel como de seu braço direito.

— Que é que há com ele? — indagou a Sra. Allison, parando de descascar com a faca numa

das mãos e a maçã na outra. — Estava em perfeitas condições na terça-feira.

— Pois na sexta não está em perfeitas condições — respondeu o Sr. Allison falando entre os dentes.

— Você pode consertar?

— Não, não posso. Acho bom chamar alguém.

— Quem é que vai chamar?

— Creio que o homem da bomba de gasolina.

— O Sr. Allison caminhou para o telefone com passo resolutivo. — Ele já o consertou uma vez, no verão passado.

Um tanto apreensiva, a Sra. Allison continuou distraidamente a descascar maçãs enquanto escutava o Sr. Allison ao telefone, chamando, esperando, ao cabo dando o número à telefonista, para de novo esperar, de novo dar o número, dá-lo uma terceira vez, e finalmente bater com o fone no gancho.

— Não há ninguém lá — anunciou entrando na cozinha.

— Com certeza ele saiu por alguns instantes

— disse a Sra. Allison, nervosa. Não saberia dizer exatamente o que a inquietava, a não ser que fosse a possibilidade de seu marido perder de todo as estribeiras. — Está lá sozinho, suponho eu, de modo que quando sai não há ninguém para atender o telefone.

— Deve ser isso — disse o Sr. Allison com pesada ironia. Arriou-se numa das cadeiras da cozinha e ficou a observar sua esposa descascando maçãs. Após um minuto a Sra. Allison perguntou em voz melíflua:

— Por que não aproveita para descer e ir buscar a correspondência? Depois tornará a chamar a bomba.

O Sr. Allison pensou um pouco e disse:

— Talvez não seja má idéia. — Levantou-se pesadamente e ao alcançar a porta da cozinha virou-se para acrescentar: — Mas se não houver cartas...

E, deixando atrás de si um temeroso silêncio, começou a descer pelo caminho.

A Sra. Allison apressou os preparativos da torta. Por duas vezes foi à janela para olhar o

céu e ver se não apareciam nuvens. A cozinha parecia ter escurecido inesperadamente e ela própria sentia-se nesse estado de tensão que precede as trovoadas, mas nas duas vezes que foi olhar estava o céu claro e sereno, a sorrir indiferentemente sobre o chalé de veraneio dos Allisons como sobre o resto do mundo. Quando a Sra. Allison, já pronta a torta para pôr no forno, foi olhar pela terceira vez lá fora, viu seu marido que subia pelo caminho. Parecia mais animado e, ao avistá-la, abanou vivamente a mão, agitando uma carta no ar.

— De Jerry — gritou assim que a distância lhe permitiu ser ouvido por ela. — Até que afinal... uma carta! — A Sra. Allison notou, cheia de solicitude, que ele já não podia subir a suave ladeira do caminho sem que sua respiração se tornasse ofegante. Mas pouco depois ele surgiu à porta, estendendo a carta. — Poupei-a para quando tivesse chegado — disse.

A própria Sra. Allison surpreendeu-se da avidez com que olhou a letra bem-conhecida de seu filho. Não sabia explicar por que a carta a

emocionava dessa forma, a não ser que fosse por ser a primeira que recebiam depois de tanto tempo. Seria uma carta gentil e conscienciosa, repleta das atividades de Alice e dos pequenos, narrando os progressos de Jerry no seu emprego, comentando o tempo que fazia em Chicago e terminando com os afetuosos abraços de todos. Tanto o Sr. como a Sra. Allison poderiam, se quisessem, recitar uma carta-padrão do filho ou da filha.

O Sr. Allison rasgou o envelope com grande circunspeção, abriu a carta sobre a mesa da cozinha e ambos se curvaram para lê-la juntos.

"Queridos Pais", começava ela na letra familiar e um tanto infantil de Jerry, *"Tenho muita satisfação em saber que esta irá para o lago como de costume, sempre achamos que vocês voltavam cedo demais e que deviam ficar aí mais tempo que pudessem. Diz Alice que agora, que já não são muito moços e não têm nada para lhes tomar o tempo e menos amigos, etc, na cidade, deviam aproveitar enquanto pudessem as ocasiões que têm de gozar a vida. Como ambos se sentem felizes lá em*

cima, tiveram uma ótima idéia em ficar!'

Contrafeita, a Sra. Allison olhou de esguelha para o marido, que continuava a ler atentamente. Estendeu a mão e apanhou o envelope vazio, sem saber ao certo o que queria com ele. Trazia o endereço de costume, na letra de Jerry, e o carimbo de Chicago. Evidentemente que trazia o carimbo de Chicago, apressou-se a dizer lá consigo; por que haveriam eles de enviar a carta de outro lugar? Quando tornou a olhar para a carta, seu marido havia virado a página e ela continuou a ler com ele: *"...e naturalmente, se apanharem a,gora o sarampo, etc, será melhor para eles mais tarde. Alice vai bem, é claro, e eu igualmente. Temos jogado muito bridge nestes últimos tempos com uma gente que vocês não conhecem, os Carruthers. Um casal moço e muito simpático, 'mais ou menos da nossa idade. Bem, vou, fazer ponto aqui porque imagino que seja aborrecido para vocês ouvir falar de coisas tão distantes. Diga a Papai que o velho Dickson, do nosso escritório em Chicago, faleceu. Ele sempre perguntava por Papai. Divirtam-se bastante aí no lago e não tenham pressa de voltar. Abraços de todos*

nós, Jerry."

— Esquisito — comentou o Sr. Allison.

— Não parece ser de Jerry — disse a Sra. Allison numa vozinha apagada. — Ele nunca escreveu nada que se parecesse...

E calou-se.

— Com quê? — indagou o Sr. Allison. — Nunca escreveu nada que se parecesse com quê?

A Sra. Allison virou e revirou a carta, com a testa franzida. Era impossível encontrar uma frase, uma palavra mesmo, que não se assemelhasse às das cartas habituais de Jerry. Talvez fosse apenas pelo fato da carta ter chegado com tanto atraso, ou por trazer o envelope tantas marcas de dedos sujos.

— Não sei!... — disse ela com impaciência.

— Vou tentar telefonar de novo — voltou o Sr. Allison. A Sra. Allison leu a carta mais duas vezes, buscando uma frase que lhe soasse mal. Então o Sr. Allison voltou e disse, em tom comedido:

— O telefone está mudo.

— O quê? — exclamou sua esposa, largando a carta.

— O telefone está mudo — repetiu ele.

O resto do dia transcorreu rápido. Após um almoço de biscoitos com leite foram sentar-se na grama, lá fora, mas logo vieram pôr fim à tarde de sol as nuvens de tormenta que se acumulavam pouco a pouco, avançando sobre o lago em direção ao chalé, de modo que pelas quatro horas estava tão escuro como ao anoitecer. A tempestade, no entanto, demorava a vir, como se preparasse com amor, antegozando-o, o momento em que iria desabar sobre a casa de veraneio. De tempos a tempos luzia um relâmpago, mas a chuva não caía. Quando anoiteceu, o Sr. e a Sra. Allison, sentados junto um do outro no interior da casa, ligaram o rádio de bateria que tinham trazido de Nova Iorque. Não acenderam os lampiões. A única luz vinha dos relâmpagos e do pequeno dial quadrado do aparelho de rádio.

A leve estrutura do chalé de madeira não era suficientemente forte para conter os ruídos da

cidade, a música e as vozes que partiam do rádio, e os Allisons ouviam-nas ecoar lá longe, na outra margem do lago, os saxofones da orquestra de dança de Nova Iorque a planger sobre a água, a voz abemolada da cantora escoando-se inexoravelmente no puro ar do campo. O próprio locutor, a louvar em termos magnificentes as virtudes de uma marca de lâminas de barbear, não passava de uma voz desumanizada que emanava do chalé dos Allisons e era devolvida pelo eco, como se o lago, as árvores e as colinas a rejeitassem como inútil.

Durante uma pausa entre anúncios, a Sra. Allison virou-se para o marido com um sorriso pálido.

— Será que nós devíamos... *fazer* alguma coisa?

— Não — respondeu o Sr. Allison depois de refletir. — Não me parece. Só esperar.

Ela tomou precipitadamente o fôlego e ele acrescentou, sob a melodia banal da orquestra de dança que começara de novo a tocar: —

Andaram mexendo no carro, você sabe? Até eu pude perceber isso.

A Sra. Allison deixou passar um minuto e disse, baixinho:

— Suponho que tenham cortado os fios do telefone.

— Creio que sim — respondeu o Sr. Allison.

Depois de algum tempo a orquestra silenciou e o casal escutou atentamente um noticiário. A voz sonora do locutor esbofava-se, falando-lhes de umas núpcias em Hollywood, dos últimos resultados do baseball, da alta prevista nos preços dos gêneros alimentícios durante a próxima semana. Falava-lhes, ali no chalé de verão, como se ainda merecessem ouvir notícias de um mundo que já não chegava até eles senão através das precárias pilhas do rádio, já fracas — quase como se ainda estivessem ligadas, embora pelo mais tênue dos fios, ao resto do mundo.

A Sra. Allison olhou pela janela a superfície lisa do lago, as massas negras das árvores, a tempestade iminente, e disse num tom de

palestra comum:

— Sinto-me mais tranqüila a respeito daquela carta de Jerry.

— Eu compreendi na noite passada, quando vi luz na casa de Hall — disse o Sr. Allison.

O vento, arremetendo de súbito por sobre o lago, envolveu o chalé e sacudiu com fúria as janelas. Instintivamente, o Sr. e a Sra. Allison aproximaram-se ainda mais um do outro e, ao primeiro ri-bombo do trovão, ele adiantou a mão e tomou a da esposa. E, enquanto o relâmpago clareava lá fora e a voz do rádio se ia apagando entre crepitações, os dois velhos, bem juntinhos um do outro em seu chalé de veraneio, ficaram à espera.

SIMONE

JOAN VATSEK

TED FIELDING olhou com desagrado para os seus pés calçados de sandálias, afundando na ardente areia egípcia da longa praia branca de Alexandria, conhecida por toda a cidade como *la plage*. As sandálias eram feitas de brilhantes tiras de couro trançadas, esplendorosas, custosas e nada de seu gosto. Simone lhas dera de presente, fazendo questão de que as usasse.

— Não pode deixar de fazê-lo, *mon chéri*. Sempre há cacos de vidro na praia. Não pode arriscar-se. Use-as, porque esse é o meu desejo.

Ted sentira-se revoltado com isso, achando que um homem, afinal de contas, devia ser dono de seus pés; não obstante pusera as sandálias.

Caminhavam indolentemente na areia tórrida — Ted, Simone e Georges, o marido desta. Simone presidia à marcha. O olhar de Ted fixou-se nos pés desta, bem tratados, com

as unhas magnificamente polidas, em suas sandálias de entre-dedos e sola de cortiça; depois passou aos do marido. Pelo visto, pouco se lhe dava a ela que Georges pisasse num caco de vidro, pois ia descalço. À frente do grupo cabriolavam as duas cadelas dinamarquesas, puxando pela trela que Simone segurava, deixando pegadas dançantes e fazendo buracos na areia.

— Minhas damas de companhia — era como as chamava, apresentando-as gravemente como "as únicas amigas do meu sexo em quem posso confiar". — Dê a mão, Zara! *N'est-elle pas comme il faut?* E agora você, Shireen!

A esta ordem os pobres brutos erguiam uma enorme pata e a colocavam na mão relutante do novo conhecido, alçando para ele os olhos melancólicos. Simone gostava de sentar-se numa cadeira com um animal estendido no chão a cada lado, as mãos finas e delicadas a brincar com o pêlo dos dois toutiços enquanto as cadelas cerravam os olhos e voltavam para ela as cabeças majestosas. Simone e seus cães

invariavelmente causavam sensação *à la plage*, esse mesmo movimento momentâneo entre os ociosos estendidos na areia que provocava um penteado novo, um elegante maio, um personagem desconhecido ou um novo brinquedo pneumático de borracha. Esse trecho privado da praia era propriedade de pessoas que tornariam a encontrar-se em Paris ou na Riviera, quando já não fosse moda permanecer no Egito. Ali saudariam uns aos outros com surpresa e alegria postiças, e mergulhariam na mesma rotina social de antes.

La plage, segundo Ted viera a descobrir, significava uma orgia de vadiagem e mexericos durante todo o santo dia; significava ficar reclinado numa esteira sob um imenso guarda-sol protetor. Havia jogos de dardos e de *parchesi*, e, para alguns eleitos, intermináveis sessões de bridge nos pórticos das cabinas. Para outros, uma jogatina modesta mas ininterrupta. Nunca faltavam os "drinks" e a comida copiosa, servida a intervalos regulares pelo *soffragi* árabe. O banho de sol era um ritual *à la plage* e

os banhistas nadavam preguiçosamente nas tépidas ondas do Mediterrâneo que se quebravam nas areias do Egito com um doce murmúrio e pouca espuma.

Ted notou, com uma sensação desagradável, que a praia estava apinhada de gente em várias fases de assalto e entrelaçamento corporais, por brincadeira, como um montão de lagostas ou lagostins perneando ao sol ardente.

E, no meio deles, Simone escolhia delicadamente o seu caminho, indiferente aos comentários. Sua cabeça, suportada pelo longo pescoço, era um pouco menor do que seria de esperar — o único defeito que tinha. Os olhos eram escuros, os lábios cheios de mobilidade, e a pele cor de amêndoa, lisa, suave e luminosa. Bastava-lhe caminhar assim na areia para prender a atenção dos homens. Estes viravam-se para observá-la e todos os olhos grudavam-se ao movimento de suas cadeiras e às compridas, infatigáveis pernas.

A aba de seu casaquinho branco de praia bateu em Ted. Tinha um monograma bordado

em vermelho e ouro a um dos cantos. O mesmo emblema ornava o "hall" de seu apartamento, que semelhava um museu, com uma panóplia e uma lança a um canto, móveis maciços com pesadas patas de leão, e um grande escudo por cima da lareira, com o brasão em prata batida.

"Que sala ridícula!" pensara ele na primeira vez que Georges o tinha convidado para jantar ali.

Isso fora dois meses atrás, quando o tinham convidado para decorar a joalheria de Georges na Rue Zaghoul, principal artéria comercial de Alexandria. Georges queria um exterior moderno e, dentro da loja, um balcão de vidro suspenso do teto.

— Como este — dissera ele, mostrando uma ilustração de revista norte-americana. — Foi por isso que mandei vir um moço de talento. De uma boa firma americana de arquitetos. Sempre escolho o que há de melhor.

Georges podia dar-se esse luxo. A joalheria era sua e o apartamento pertencia a Simone. Provinha de uma família suíça de relojoeiros e

joalheiros. Ted perguntava aos seus botões como ele chegara a envolver-se com Simone.

Devia ter casado com ele pelo dinheiro, é claro. Georges a desposara e acabara fazendo exatamente o que ela queria, tal como ele, Ted, que se deixava ficar em Alexandria para estar junto de Simone.

Todavia, no matrimônio entre o respeitável Georges e a vivaz Simone havia qualquer coisa além do dinheiro. Outros homens ricos deviam ter desejado desposá-la; por que, então, escolhera Georges? Algum laço poderoso os unia, e isso se tornava evidente quando estavam juntos.

Simone voltou de leve a cabeça, como se adivinhasse os seus pensamentos.

Seus olhos subiram-lhe despreocupadamente pelo corpo bronzeado e vigoroso, até os cabelos ruivos, depois pousaram-lhe nos lábios antes de se fixar nos olhos e de sorrir para ele.

Simone deu de ombros e sua mirada deslocou-se para a baía aberta e o céu azul. No meio da baía havia uma ilha e alguns barcos a

vela bordejavam diligentemente, demandando a praia.

O olhar de Ted acompanhou o dela, e de repente sentiu uma grande saudade do alto mar. Como seria esplêndido estar agora a bordo de um navio, a caminho de casa!

Se pudesse libertar-se de Simone! Mas até longe de sua presença pensava nela. Enquanto pensasse nela, jamais poderia deixar Alexandria.

A cada passo sentia as suas sandálias. Tinha desejos de atirá-las longe, jogar-se na água e nadar até a ilha.

— Estou querendo ir a nado até a ilha — disse.

— *Mais chéri*, quando chegar lá que é que vai encontrar?

— Só por nadar — respondeu Ted laconicamente.

— Eu vou com você — disse Georges. Na água Georges era um homem diferente, um possante e exímio nadador, capaz de rolar e boiar na água durante horas inteiras.

Simone voltou-se para Georges franzindo o sobrolho.

— *La, mush 'auz di** — disse em árabe, um hábito seu que muita gente achava divertido.

* "Não, não quero isso." — *N. do Trad.*

— Você fica comigo, Georges. Não quero ser abandonada pelos dois.

Fez uma pausa esperando que Ted partisse, enquanto Georges se deixava ficar silencioso ao seu lado. Ted olhou para ambos e sentiu uma aguda pontada de ciúme. Simone alçou as sobrancelhas.

— *Eh bien, chéri*, por que não vai?

Ele virou-se e caminhou para a água.

A última coisa que avistou, com o canto do olho, foi o tirão das cadelas dinamarquesas e o esvoaçar do casaco de praia quando ela se pôs novamente a caminho.

Simone gloriava-se de ser romena. Havia até inventado um parentesco entre os seus antepassados e os de uma antiga família de Roma. A língua romena, é claro, descende do

latim como o francês ou o espanhol. Mas o resto da história de sua família, como o brasão de armas que estadeava por toda parte, não passava de um produto de sua vivida imaginação.

A sala de jantar com lambris nas paredes, onde os três haviam comido na primeira noite em que Ted os conhecera, tinha a mesma falsa atmosfera feudal. E o gabinete de Georges, de igual forma.

Ao despedir-se de Ted naquela noite, Simone estreitara-lhe a mão de um modo que diferia perceptivelmente de um gesto de cortesia. Seu rosto pareceu brilhar na penumbra do "hall" enquanto ela falava: — Bem, então amanhã vou buscá-lo no hotel para explorarmos Alexandria. Para meu marido isso já não tem qualquer interesse. Mas os turistas, como o senhor e eu... — Sorriu e retirou a mão. Tinham conversado toda a noite sobre a Europa e a esquiação na Suíça.

A partir desse dia ela planejava tudo de forma que pudessem estar sós — ou

praticamente sós. Até duas semanas atrás, quando o serviço de Ted ficara terminado, devendo ele voltar para a América; e Georges fora passar dois dias no Cairo, a negócios.

Simone convidara Ted para cear nessa noite, a fim de lhe fazer companhia na imensa sala rococó. Beberam pequeninos cálices de cordiais gelados e em dado momento, ouvindo um ruído e supondo que Georges voltara inesperadamente para casa, ele saltara da cadeira, tomado de um pânico repentino. Simone deu indolentemente uma ordem em romeno e os dois enormes animais avançaram para *ele*.

Sujeitaram-no antes que pudesse chegar à porta e o derribaram no tapete macio, mantendo-o sob vigilância até que Simone tornou a falar, quando então, muito a contragosto, o deixaram levantar-se.

Simone riu-se e sugeriu que fossem aos seus aposentos para pensar um arranhão na mão dele. Ted recusou, hirto, ocultando a sua fúria.

— Tenho de deixá-la! — disse. Simone sorriu

e deu de ombros.

— Como quiser, *chéri*.

Só depois que a maciça porta da frente se fechou às suas costas ele compreendeu a intenção da mulher. Por um instante ficou parado ali, lamentando a sua estupidez. Mas era tarde para voltar atrás.

No dia seguinte telefonou e foi informado de que Georges regressaria nessa tarde.

— Mas eu tenho planos, *chéri*, planos bem divertidos — disse Simone. — E Georges está de acordo. Agora que você terminou o trabalho na loja, queremos que construa para nós uma vila no deserto, com quadras de tênis, piscina de natação e varandas com estores. Precisa vir jantar conosco, para conversarmos a esse respeito.

Fazia já duas semanas que desenhava esboços para a vila de Simone, trabalhando em casa desta enquanto ela passava o dia preguiçosamente reclinada num divã, criticando, aprovando. Desde aquela noite, nunca mais tornaram a ficar completamente

sós.

Mas, embora Georges estivesse sempre presente, mostrava-se mais amável dos homens, concordando de bom grado em que Ted ficasse o tempo que quisesse. Dizia estar pronto a assinar o contrato relativo à decoração da vila assim que ele o desejasse.

Esse trabalho deveria reter Ted em Alexandria pelo menos um ano mais.

Se assinasse o contrato, teria de renunciar ao seu emprego na América. E depois de findo aquele ano, que iria suceder? Não obstante, seria um ano em companhia de Simone, um ano durante o qual nem sempre Georges poderia estar presente.

Raivosamente, Ted jogou fora as sandálias e meteu-se na água tépida. Sentia uma agradável vibração por todo o corpo quando alcançou a ilha. Ficou em pé junto à beira d'água, respirando fundo, revigorado e na plena posse de si mesmo.

E a primeira coisa que fez foi procurar avistar a cabina de Simone, resguardando os olhos com

a mão.

Lá estava ela, com os seus toldos listados de branco e azul, Zara e Shireen deitadas à direita e à esquerda dos degraus. Podia distinguir Abduh, o *soffragi*, movendo-se de lá para cá no pórtico, a pôr a mesa. Mas não viu Simone nem Georges. A idéia de que talvez estivessem juntos dentro da cabina o desassossejou e finalmente o levou! a meter-se de novo na água e nadar a todo o pano em direção à cabina.

Georges estava no pórtico, sentado numa cadeira de praia. De pescoço para baixo, parecia um Buda modesto. O controle habitual do rosto suprimia toda expressão de seus pensamentos.

— Fez uma boa travessia, meu jovem amigo?

— Sim, obrigado.

Georges voltou à leitura de seu jornal.

Abduh tinha servido os pratos de aperitivos e estava abrindo uma garrafa de cerveja com um movimento destro da sua mão escura.

Ted saudou-o com um gesto de cabeça e entrou na cabina para mudar de roupa.

Lá estava Simone, sentada diante da mesa-toucador. Ted vislumbrou-lhe o rosto no espelho antes que ela se virasse e se erguesse, num movimento vivo, para lançar-lhe os braços ao pescoço e colar-se ao seu corpo molhado. Os cabelos negros pendiam-lhe soltos na nuca e toda ela cheirava a algum delicado pôle toilette.

— Simone! — cochichou Ted, atirando um olhar à porta.

Ela o soltou imediatamente mas continuou cosida com ele, tantalizando-o. Lá fora, ouviam o retinir das garrafas de cerveja e o farfalhar do jornal de Georges.

Ele a agarrou e chegou-a novamente a si, apertando-a cada vez mais forte, num abraço arrebatado e exigente.

Simone debatia-se, empurrando-o com as mãos e rindo baixinho. Desde o regresso de Georges vinha brincando assim com ele.

— *Chéri... mais chéri!* Depois... depois. — Libertou-se com uma rápida contorção do corpo. — Tenha paciência — tornou a

murmurar. — Depois.

"Depois?" pensou Ted. Que queria ela dizer com isso? Teria algum plano? Iria Georges ausentar-se de novo? Desde a sua volta Georges os estivera vigiando como um açor, ou antes como um mocho de olhos redondos, perspicaz e resolvido a não perdê-los de vista.

Simone levantou a cortina que pendia diante da porta e disse num tom ao mesmo' tempo negligente e descontente:

— Não sei o que fazer com o meu cabelo.

— Deixe-o assim mesmo, que está muito bem

— respondeu Georges. — Não quer uma parte do jornal para ler?

— *Merci, non.* Com essas violências todas!

— Para mim a leitura do jornal é um sedativo. Mas você deve achar que essas coisas são demasiado distantes, *non?*

Ela riu-se. — Você tem cada uma!

De súbito, Ted percebeu claramente uma coisa de que havia suspeitado desde a primeira noite, quando ela flertara indolentemente com ele, escorregando de tempos a tempos um olhar

na direção de Georges, como para verificar a sua reação. Por vezes ele se sentira como uma bola de futebol entre os dois, necessária à partida que jogavam.

Esquecia tudo isso quando a tinha nos braços, quando estavam a sós ou mesmo quando se encontrava na mesma peça com ela, ouvindo-lhe a voz como agora. Em ocasiões como essa tudo mais parecia indiferente.

Falara-lhe em divorciar-se e ir com ele para a América, mas Simone limitava-se a dar-lhe um tapinha de brinquedo, murmurando: "Teddie querido..."

Pois sim que iria deixar Georges e a joalheria da Rue Zaghoul por ele! Entrementes, Ted arriscava-se a perder um bom emprego, punha em perigo toda a sua carreira, por amor a ela.

Como se já estivesse desempregado e sem saber o que fazer, saiu impetuosamente para o pátio. Simone estava mordiscando um pickles, Georges tinha um círculo de espuma de cerveja em roda da boca. Ambos o encararam cheios de surpresa.

— Que foi que houve, *chéri*? — perguntou Simone.

— Nada. Absolutamente nada.

— Você parece tão agitado! — exclamou ela.

— Coma alguma coisa. Olhe aqui.

Ofereceu-lhe uma azeitona preta. Embora resistisse interiormente, ele tomou-a com a boca. Os dedos de Simone demoraram-se junto aos seus lábios e, sem querer, ele lhes deu uma pequena mordida. Simone deslizou os olhos para o marido. Georges estava observando-os. Ted virou a cabeça e surpreendeu-lhe no rosto uma expressão de tormento reprimido.

Simone continuou a oferecer-lhe pequenos petiscos, dando mostras de excitação e prazer quando ele os aceitava. Falava com vivacidade e a todo instante tornava a encher-lhes os copos com uma medida igual de cerveja.

Zara e Shireen jaziam numa espécie de letargo monumental em frente da cabina à sombra do toldo listado, com riscas de luz no pêlo. Voltavam à vida quando Simone lhes jogava nacos de carne, que elas dilaceravam e

trituravam a rosnar, até não restar mais qué os ossos, que Abduh juntou depois de tirar a mesa.

Ao aproximar-se o meio-dia a praia esvaziara-se como por um passe de mágica. Apenas as esteiras, guarda-sóis, bolas enormes e outros brinquedos caros tinham sido deixados na areia. Aos complicados almoços sucedia-se invariavelmente uma sesta geral.

Georges cabeceava de sono. Simone foi preparar-lhe o beliche.

Ele entrou bocejando após um relance de olhos quase imperceptível a Ted, que estava sentado a contemplar pensativamente o mar.

Simone voltou e instalou-se ao seu lado, sobre as almofadas altas do banco. Passou-lhe a mão suavemente pelo braço, sem falar. Ted não olhou para ela. O retesar-se de um longo músculo de seu braço, como uma corda de violino, foi sua resposta involuntária àquele contato.

— Simone, preciso ir embora — disse ele.

— Ah, sim? Então que se vai fazer, *chéri*?

Ted voltou-se para olhá-la, com tal

brusquidão que ela quase perdeu o equilíbrio. Segurou-a e ela sorriu-lhe. Seus braços a apartaram; recostou-lhe a cabeça ao peito e cerrou os olhos.

Simone começou a arrepiar-lhe suavemente o cabelo. Os dedos acariciantes lembraram-lhe aquele costume de fazer festas no toutiço de Zara.

Levantou a cabeça, irado.

— Como nós nos parecemos! — exclamou ela. — Ora você está feliz e contente, confia em mim; daí a um momento está ressentido e furioso!

Rodeou-lhe o pescoço com o braço, deixando pender frouxamente a mão sobre o seu peito. Era, pensou ele, como o delicado troféu de algum soba africano que o usasse em vez dos dentes de um leão ou da garra de uma pantera.

— Você me provoca as mais estranhas fantasias — disse Ted.

— Você também me faz fantasiar coisas, *chéri* — respondeu ela, — só que não têm nada de estranho.

Poderia jamais esquecer o som da sua voz, aquele ronronar do fundo da garganta?

Levou a mão dela aos lábios e beijou-lhe a palma, o pulso delicado, a doce concavidade do braço — certo, no entanto, de que a deixaria. Podia viajar nessa mesma tarde, pois estava de partida um cargueiro norte-americano que aceitava uns poucos passageiros. Trazia essa idéia no subconsciente desde que Georges mencionara o fato. Um dos empregados do joalheiro devia viajar no navio, mas tivera de renunciar porque não recebera o passaporte. O de Ted, porém, estava em ordem; podia embarcar à hora que quisesse.

— Simone — disse — que é que vamos fazer?

Ela pareceu surpreendida.

— Nós? — perguntou numa voz que fazia eco à dele. — Ah! que podemos fazer?

— Venha comigo!

— Você é tão moço! — disse ela. — Vinte e seis anos apenas!

— Que tem a ver a idade com isso?

— Tudo.

Simone desviou o rosto, mas ele notou que seu corpo sacudia levemente de riso. Agarrou-a furioso e obrigou-a a virar-se para o seu lado.

— Psiu! — fez Simone, sem lhe dar tempo de falar. — Vou ver se Georges está dormindo.

Entrou na cabina e Ted ouviu-lhe os movimentos lá dentro. Jogou fora um cigarro e acendeu outro antes que ela voltasse. Simone ajoelhou-se ao seu lado.

— Querido — murmurou. — Querido, querido, querido! Georges está dormindo.

Pôs-se em pé e espreguiçou-se.

— Ah! — bocejou, como que meio vencida pela fadiga e meio inclinada a ficar com ele.

Ted fez menção de agarrá-la, mas Simone furtou-se e, lançando-lhe um olhar por cima do ombro, tornou a entrar na cabina. Ted hesitou. Não queria estar lá dentro com ela, tão próximo de Georges.

Levantou a cortina e cochichou:

— Saia daí, Simone. Onde é que você está?

— Aqui, *chéri*. — Sentiu o cheiro de perfume ao entrar, buscando-a com as mãos, e de

repente viu que a tinha nos braços, colando-se a ele.

Simone forçou-o a baixar a cabeça para a sua boca e por um instante Ted perdeu toda noção de tempo e de lugar. Mas logo recaiu em si, retesou o corpo e tentou arrancar-lhe os braços do seu pescoço. Ela, porém, continuava a agarrar-se-lhe.

— Está dormindo — murmurava. — Dormindo... dormindo. Como quem recebesse um choque elétrico, ele se deu conta de que Simone sentia uma espécie de deleite perverso na proximidade de Georges.

Sua nascente excitação desapareceu. Tentou afastá-la de si. Mas Simone grudava-se-lhe tenazmente. Podia ver o seu rosto cego, os olhos cerrados e os lábios entreabertos.

— Simone! — disse, sacudindo-a.

Ela não cessava de murmurar, como se fosse uma deliciosa canção:

— Está dormindo, dormindo, dormindo.

— Como pode ter tanta certeza disso? — perguntou ele, recuando para escrutar-lhe o

rosto. Ouviu um estardalhaço às suas costas. Ao recuar, fora de encontro à mesa-toucador e derrubara um dos frascos de perfume. O frasco se quebrou, enchendo a cabina de um cheiro sufocante. O ruído lhe parecera ensurdecador.

Relanceou com os olhos a cortina da cama em que dormia Georges. O pano não se mexeu. Não houve, por trás dele, qualquer movimento ou som.

— Está vendo? — disse Simone em tom de triunfo. — Ele é completamente inofensivo, *chéri*.

— Você lhe deu alguma coisa para tomar! Pôs alguma droga no conhaque dele!

Ela deu de ombros.

— E se o tivesse feito? — perguntou com brandura. — Não acha que fui esperta?

E tornou a enlaçar-lhe o pescoço com os braços.

— Seu demônio! — gritou Ted. De repente sentira-se farto daquilo tudo — farto da pequena e escura cabina com o homem adormecido, do perfume nauseante, de Simone

que não o largava. Compreendeu que estava tudo acabado com ela. Uma mulher capaz de fazer aquilo com ele era capaz de tudo, com qualquer homem.

Arrancou os braços dela do seu pescoço e dirigiu-se para a porta.

— *Chéri!* — gritou Simone.

Ele desceu lesto os degraus e passou junto às cadelas adormecidas.

— Teddie! — gritou ela do pórtico. Havia enfiado um chambre e surgira em desalinho, com os olhos desvairados.

Ted corria levemente pela praia. Sentia uma tranqüilidade inexplicável. Aquilo fora muito mais fácil do que esperava. Agora, nem sequer precisaria dizer-lhe adeus. Bastava seguir em frente e nunca mais voltar.

Deixá-la pensar que estava simplesmente dando uma volta pela praia e que voltaria mais tarde para junto dela.

Chegou à esquisita formação de rochas denominada Buraco do Diabo, grandes blocos erráticos arrojados à praia e dispostos em torno

de uma cratera central que o mar invadia impetuoso na maré montante.

Trepou nas rochas e parou à beira da cratera para lançar um olhar à cabina.

Simone corria aos tropeções pela praia, com o chambre enredado nas pernas, e Zara e Shireen trotavam ao seu lado. Compreendera, pois, que aquilo não era uma brincadeira. Lembrara-se do navio que partia naquela tarde. Ted poderia tomá-lo... se ela o permitisse. Se as cadelas permitissem, pensou ele com um subentendido sinistro. Não havia engano possível quanto à intenção de Simone. Pretendia lançar-lhe os cães como já fizera uma vez. Estava açulando. Ted ouviu-lhe as ordens estridentes, viu os cães lançar-se a galope.

Desceu precipitadamente pelo lado oposto dos rochedos. Sentia um vago medo. Se ela ganhasse agora, se os cães o jogassem ao chão mais uma vez nessa langorosa praia, talvez deixasse também partir o próximo navio sem embarcar. Era preciso fugir hoje mesmo.

Pôs-se a correr pelo trecho de praia limpa.

Ali não havia cabinas; as ondas avançavam mais, depositando fragmentos de algas, mexilhões de gume cortante, destroços de estrelas-do-mar.

As cadelas galgaram os rochedos. Olhou para trás, a tempo de vê-las arremessar-se no ar, saltando do alto das pedras para a areia e lançando-se empós dele aos pulos gigantescos. Estavam ganhando terreno, cada vez mais próximas, fazendo ouvir já bem perto os seus latidos excitados. A própria Simone já não poderia obrigá-las a parar.

Mas sabia que ela não tentaria fazê-lo. Deixaria que o alcançassem e estropiassem, que o matassem talvez, de preferência a dar-lhe outro ensejo de fugir-lhe.

Só tinha uma possibilidade de escapar. Não podia alcançar a escada mais próxima que conduzia ao nível da rua. Tinha de fazer um esforço para escalar o muro vertical de pedra que se erguia da praia para a avenida de asfalto, lá em cima.

Desesperadamente, guinou na direção da

muralha.

Saltou com os pés contra ela, atirando-se para cima e mal conseguindo segurar a beirada com uma das mãos, depois com a outra, pendurado pelos dedos. As cadelas arremeteram para ele com altos pulos, as garras arranhando a muralha. Se caísse agora, estava perdido. Havia uma espécie de loucura selvagem nos ganidos dos animais.

Se caísse e elas o matassem antes de acudir alguém, seria um lamentável acidente. Era como se estivesse vendo os títulos nos jornais, *lamentável acidente*. Não se faria um inquérito sério em torno do caso: para tanto bastava a influência local de Georges. Pareceu-lhe, de súbito, um gênero de morte absolutamente ignóbil e inútil.

Debilidado pelo esforço violento, continuou a segurar-se no mesmo lugar, capaz apenas de se manter onde estava. Não podia içar-se até o nível da rua. Sentia os ombros desconjuntados pelo seu próprio peso enquanto seus dedos se grudavam ao cimento. Sentia o bafo ardente

dos animais nos seus pés.

Um deles chegou a arranhar-lhe o tornozelo com os dentes. Isso o galvanizou repentinamente, deu-lhe a força de que necessitava.

Lançando um dos pés para cima, conseguiu firmá-lo na beira da muralha e, com um grande impulso, jogou-se para o alto. Arrastando-se sobre o ventre, atingiu por fim a calçada ardente, onde se estirou, exausto e ofegante.

Ouviu os latidos selvagens das cadelas transformarem-se num cainhar lamentoso e virou-se para olhá-las. Saltavam o mais alto que podiam, batendo com os corpos contra a muralha.

Simone chegou a correr, o rosto afogueado e desfigurado.

Gritou-lhe alguma coisa, mas suas palavras se perderam no clamor das cadelas, e na sua face incendiada e furiosa Ted não viu nem um vestígio mais da beleza que antes admirava.

Deu-lhe as costas, afastando-se da muralha, mandou parar um táxi e embarcou. Reclinou-se

no assento, ainda a pingar de suor. Surpreendeu-se a arreganhar os dentes numa esquisita alegria. Sentia-se maravilhosamente vivo e em liberdade.

Não levou mais de dez minutos para mudar de roupa, atirai suas coisas numa mala e pagar a conta do hotel. Uma hora depois, andava de baixo para cima no convés do cargueiro americano, escolhendo o caminho por entre uma confusão de apetrechos náuticos que cheiravam deliciosamente a alcatrão, enquanto dois marinheiros estendiam e fixavam sobre a boca do porão a coberta de lona.

Caminhava de um lado para outro com a inquietação de um prisioneiro que ainda não está bem seguro da sua liberdade. A prancha de embarque continuava estendida sobre a estreita nesga de água que separava o navio do cais. Se Simone descobrisse que ele havia deixado o hotel, estava convencido de que ela não teria escrúpulo de segui-lo ali. Que poderia fazer então?

Quando a prancha foi recolhida e Ted viu

alargar-se a distância ao se pôr o navio em movimento, sentiu um misto de alívio e de profundo pesar. Agora era certo que jamais tornaria a vê-la.

Mas estavam ainda bastante perto para distinguir a figura das pessoas em terra quando o inconfundível trio formado por Simone e pelas duas cadelas dinamarquesas surgiu impetuosamente no cais.

Os animais correram ganindo e farejando até a ponta extrema da doca, depois voltaram para junto da figura imóvel no seu chambre branco com o emblema, diminuindo lentamente à medida que o navio ganhava distância.

Simone não buliu, não ergueu a mão, e ele tampouco o fez. Ficou simplesmente parada no mesmo lugar enquanto pôde avistar o navio e ele o cais.

Ted desceu com um sentimento de gratidão que tomava corpo lentamente. Todo o seu pesar se havia dissipado. No camarote, tirou as coisas da mala, depois estendeu-se no beliche e fumou regaladamente.

Quanto mais distância as máquinas do cargueiro punham entre eles, melhor percebia a enormidade do intento de Simone. A mulher era capaz de tudo! Não só teria deixado os malditos animais matá-lo como até se teria comprazido nisso!

Pouco a pouco foi se acalmando. Embalado pela vibração do navio, mergulhou numa deliciosa modorra de que foi despertado abruptamente, pois o silêncio repentino era como um peso acabrunhador — ambas as máquinas haviam parado.

Sentou-se no beliche, um pouco tonto, e olhou pela vigia. Uma vistosa lancha vazia estava amarrada ao costado do cargueiro, balouçando-se preguiçosamente nas ondas. Com certeza, a visita retardada de um oficial da alfândega.

Estava ainda junto da vigia, a bocejar, saboreando a sua liberdade e muito satisfeito por se achar a bordo de um cargueiro onde não havia necessidade de vestir-se para ir à mesa nem de outras formalidades, quando ouviu

bater à porta do camarote.

— Entre! — gritou. Havia meses que não ouvia sua própria voz falar num tom assim despreocupado.

— A polícia, *Monsieur!* — disse lá fora uma voz assustada Ted franziu o sobrolho e abriu vivamente a porta. Que diabo era aquilo! Seu passaporte estava em ordem.

O pequeno camaroteiro grego mantinha-se em atitude servil junto de dois policiais egípcios e um homem à paisana que apresentou polidamente a sua carteira aberta e tornou a fechá-la de estalo.

— O meu passaporte está perfeitamente legalizado — disse Ted, cheio de exasperação.

— Espere que vou buscá-lo.

— Não se trata de passaporte, *Monsieur* — disse o detetive Tinha um rosto amarelo de icterícia sob o fez e penetrantes olhos castanhos.

— Somos obrigados a prendê-lo, *Monsieur*, sob uma acusação de homicídio.

— Homicídio! Quem foi que mataram? — A estupefação de Ted era visível.

— *Monsieur!* — O homem falou num tom de censura quase brincalhão. — *Monsieur* Delescu, é claro. Madame Delescu afirma que o senhor se gaba de ter posto um narcótico na cerveja de seu marido. Depois, na mesma cabina em que ele dormia, O senhor tentou abusar de Madame. Por sorte ela possui dois possantes cães. Há muitas testemunhas que os viram persegui-lo, *Monsieur*.

— Mas... ela queria... — Ted interrompeu-se. Quem iria acreditá-lo? — Não, isso não é verdade! — gritou, com todo o sangue na face. — Foi Simone quem pôs os comprimidos para dormir na cerveja dele!

— Madame Georges está no hospital, em estado de choque — disse o homem num tom de reverência e piedade que deixava entrever o que aconteceria no tribunal. — Queira reunir sua bagagem e vir conosco! — terminou peremptoriamente.

Ted, aturdido, voltou a fazer a mala.

Que chance podia ter contra Simone, armada de sua beleza, de seu dinheiro, de sua

influência e de seu ódio? E que divino prazer seria para ela destruí-lo!

SELEÇÃO NATURAL

GILBERT THOMAS

— Puxa diabo, estou cozinhando aqui! — disse Butter.

— Então volte para dentro do carro — volveu Craw.

— Não mesmo!

— Então cale o bico.

— É assar dentro do carro ou frigir cá fora. —
i Está certo. Mas pare de falar nisso.

O gordo hesitou. — Desculpe, Craw — disse ele.

— Tá bem.

Craw tinha vontade de levantar-se mas não o fazia. O sol pegava o automóvel de viés, no ângulo das três horas da tarde, empoçando uma sombra ardente ao lado do estribo. Era ali que Craw se agachara, lidando com duas vasilhas de lata que lhe queimavam as mãos. Havia quase uma hora que martelava e cortava as latas. Tinha vontade de estirar as costas,

olhar ao longo da estrada para ver se descobria sinais da aproximação de algum carro. Mas não queria virar o rosto para o sol.

— Dê uma olhadela à estrada — disse ele.

— Não vem nada — respondeu Butter. Mas pousou a mão carnuda no estribo e levantou-se, arfando. A cara de Craw tinha aquela expressão de quando estava danado e Butter sabia que o mais prudente seria levantar-se e olhar a estrada. E assim fez, respirando o ar tórrido, sentindo-o arder no seu rosto, encher-lhe os olhos de água. Nada. Para o norte, a estrada de terra solta estendia-se em linha reta, completamente vazia. Para o sul, fazia uma curva e desaparecia das vistas por trás das rochas vermelhas. Nada.

— Vê alguma coisa? — Craw voltara ao seu trabalho.

— Nem sequer um lagarto.

— Alguma poeira?

— Já disse que não tem nada.

Butter acocorou-se na sombra estreita e pôs-se a enxugar o suor com um trapo azul.

Tinham começado a viagem três dias atrás, partindo de uma vila do deserto que possuía uma bomba de gasolina, um armazém de campo, mas nenhum hotel. Era para ser uma viagem de prospecção, mas o que eles queriam na realidade era gozar a vida.

Atulharam o velho automóvel de latas de conservas, equipamento para acampar, ferramentas e água em bolsas de borracha. Craw procedera a uma revisão geral do carro antes de partirem,

— Pode ser velho, mas dará conta do recado — dissera. E Butter respondera:

— Você é quem manda — porque Craw tinha sido mecânico em Los Angeles. Mas não dera conta do recado, não. Nem por sombras. Talvez porque Butter se esquecera de incluir na bagagem a lata de dez galões de óleo. Não falou nisso a Craw para ele não se danar. Craw ficava sentado dentro do carro enquanto Butter verificava a água do radiador e o óleo do cárter.

E Butter dizia sempre:

— Está tudo legal.

Mas a viagem poderia ter corrido sem novidade se não fosse uma pedra pontuda que se despencara de uma rocha à beira da estrada. O automóvel batera na pedra e a pedra furara a bacia do cárter. Volvido algum tempo, o motor explodira com o calor do atrito, com dois pistões cravados no bloco de ferro fundido.

Ficaram, pois, à espera junto do carro morto. Esperaram até terminar a água e parte da comida enlatada. Não apareceu ninguém...

Craw, sempre de cócoras, sempre a trabalhar nas latas, escutava o ruído seco da respiração do gordo. Butter. Todo mundo o chamava assim, por causa da gordura. Sua pele, esticada sobre as enxúndias, era amarelada. Mesmo agora, depois de ter recebido sol por tanto tempo (quanto tempo seria mesmo?), continuava amarelada. Butter. Haveria alguém mais gordo do que ele? Butter gostava de sopas untuosas, carne gorda, pastelões, cucas, batatas, refrigerantes gasosos — e raparigas esbeltas.

Craw perguntava consigo como chegara a meter-se de gorra com aquela bota de manteiga. Não gostava dele. Mas era gozado, e as raparigas esbeltas não iam com Butter. Nesse instante, ouvindo-o respirar daquele jeito, sentindo-lhe o cheiro do corpo a derreter-se em suor ao seu lado, e lembrando-se do óleo...

— Eh! que é isto? Você ficou maluco? — beirou Butter, rolando para longe a fim de escapar aos punhos do companheiro.

— Sua baleia catinguenta!

— Mas Craw!

— Vou te matar!

Craw ouviu sua própria voz brotar-lhe irreprimivelmente da garganta, esganiçando-se. Sentia os seus punhos batendo na carne mole, afundando-se nela. Acaso Butter sentiria alguma coisa por baixo de todo aquele toicinho, lá no fundo, onde começavam os ossos? Aquilo era fácil, demasiado fácil. Craw parou arrependido.

— Você está bem?

— Sim... não foi nada — respondeu Butter.

— Pegue a lata de baixo e esvazie o que ainda resta no radiador.

— Muito bem, Craw.

Butter esvaziou o radiador e trouxe a água ferrugenta. Não era muita. Craw acendeu uma pequena fogueira e começou a destilar a água.

— Eu não teria pensado nisso, Craw — disse Butter, encantado.

— Alguém precisa usar a cabeça.

— Quem sabe se depois de você terminar isso não será bom pegarmos a água e tratar de voltar a pé?

— Voltar para onde?

— Lembra-se daquela casa velha que deixamos a umas vinte milhas para trás?

— Você está disposto a andar vinte milhas? Butter fechou os olhos e chorou. Mas o seu suor parará de correr e seus olhos não tinham lágrimas.

— L. A. Estou pensando em L. A. — disse Butter.

— L. A. — repetiu Craw, mas num tom diferente.

- Você nunca simpatizou com o lugar.
- Uma porcaria!
- É a minha terra, Craw.
- Você só pensa nisso.
- É a minha cidade natal.
- Sua cidade natal agora é aqui.
- Não é, não, Craw.
- Pare de falar nisso. Cale o bico.
- Estive pensando que talvez vá morrer.
- Ah! claro.
- Você nunca pensou nisso, Craw?
- Todos têm de morrer, um dia".
- Sempre pensei que quando morresse seria em L. A.

— Eu me mudei daquela cidade e não pretendo voltar — disse Craw. — Não me deixou nenhuma saudade. E tampouco vou morrer, aqui ou lá.

— Se eu morrer, Craw, você me leva de volta para L. A. ?

— Levo, pois não. Se você morrer...

Ouviu-se, algures, o ruído de algum animalzinho. Começava a anoitecer. O calor

pairava na atmosfera, indeciso, sem saber para onde ir, mas subindo aos poucos. O solo duro era o chão de um forno que iria irradiar calor durante umas três horas ainda. Depois viria o frio.

Butter sentou-se no estribo. Pigarreou, mas não conseguiu cuspir. Passou a língua sobre os lábios empoeirados, ergueu uma lata e tomou um gole de água.

— É bom nos pormos a andar duma vez — disse Craw. — Começaremos esta noite.

Butter baixou a lata e sacudiu-a. Meio litro, talvez.

— Em que direção? — perguntou ele.

— Na direção da casa.

— E se estiver vazia?

— Não foi você mesmo quem teve a idéia de voltarmos para tá a pé?

— Eu só estava... — A voz de Butter extinguiu-se.

— Não há de estar vazia.

— Quem sabe se fôssemos na outra direção?

— Para aquela casa.

— Tá bem.

— Toca a andar — disse Craw.

Partiram. Craw ia na frente, carregando a lata de água. Butter seguia-o. Não olharam para trás.

A noite inteira? Haviām caminhado a noite inteira? Ou teria sido um dia e uma noite, ou dois dias? Seguiām caminhando. Craw sempre um pouco à frente. Butter aos tropeções, oscilando vagorosamente de um lado da estrada para o outro: um pêndulo mole e redondo. A estrada: terra dura, cheia de arestas, e Butter a tropeçar. Craw ouvia-lhe a respiração pesada, e uma vez o gordo choramingou, outra vez chorou alto. Mas não paravam um só instante. A água já se acabara... Quando haviām tomado o último gole? Não se lembravam de nada a não ser as rodeiras duras como concreto, as torcidelas nos artelhos, a curva da entrada à frente. Mas a casa não aparecia. Mais uma milha, e ainda nada! Finalmente Craw parou.

— Lá está... lá adiante. — disse ele, sem reconhecer a sua própria voz.

Butter tentou gritar, mas o som que lhe saiu da garganta era o de um apito sem a bolinha.

A casa tinha a cor da poeira em que assentava. Perdida no deserto com Butter e Craw. Um monumento fúnebre ao homem que sofria de artrite e que ali morrera, procurando curar-se. Seca. Vazia. Entraram e olharam em roda. Era um barraco de tábuas secas. Frinchas entre as tábuas. O assoalho cedera numa das extremidades, convertendo-se num plano inclinado. Não havia móveis, apenas uma frigideira pendurada na parede, junto ao lugar onde estivera colocado o fogão. No chão via-se um frasco vazio, com um rótulo que dizia Linimento Muscular do Dr. Fulano. Uma peça e nada mais, com uma porta na frente e outra nos fundos. Craw tentou praguejar e quase o conseguiu, enquanto se dirigia para a porta dos fundos, meio a deslizar sobre o piso inclinado.

Butter virou as costas e sentou-se no chão. Ouvia Craw fazendo força para abrir a porta dos fundos, mas não atentava para isso. Estava imaginando uma garrafa de cerveja gelada,

toda orvalhada de gotas frias. Corria a ponta do dedo sobre a garrafa,, para cima e para baixo, fazendo escorrer as gotas. Levantava com a unha a etiqueta encharcada e mexia-a para cá e para lá. Depois sentiu o gargalo na boca e o primeiro jorro de cerveja fria na língua.

Havia em L. A. um cartaz de anúncio. A gente tinha quase a impressão de que podia estender o braço e pegar um daqueles três copos de cerveja, embaciados e gotejantes. Sorvete. Butter gostava de sorvete. Era um pouco mais difícil de recordar. Sim. Havia aquele bar no Bulevar Beverly, quase ao lado de Western. Vendiam sorvete ali, e ele sempre pagava extra por uma segunda conchada. Baunilha, como era bom lembrar-se... morango, chocolate, por favor, me levem para L. A.!

— Olhe isto aqui — tentou dizer Craw. Butter não alçou os olhos.

— Veja isto. — Craw deixou cair a lata ao lado dele. Butter virou-se e estendeu a mão.

— Querosene — disse Craw. — Porcaria de querosene, nessa lata. Só o que tem na casa.

Achei debaixo do carro.

— Carro?

— Aí nos fundos.

Butter fez menção de levantar-se. Craw deu-lhe um empurrão.

— Não adianta olhar. — Quero ver.

Craw deu um pontapé na lata de querosene, depois estendeu a mão e ajudou Butter a levantar-se.

Sim, lá estava o carro sobre uma pequena elevação dos fundos da casa. Havia rodeiras na terra marcando a rampa. Quem o deixara ali havia usado sempre o mesmo lugar para estacioná-lo. O carro era velho.

Tentaram empurrá-lo, mas não se mexeu. O sol, o ar haviam-lhe secado toda a graxa, até o último resquício. E não tinha gasolina.

Uma massa inteiriça de metal abandonada ao sol, sobre uma pequena elevação. Os pneus eram de borracha maciça, dessa espécie que os mais precavidos usam nos caminhos do deserto. Os raios das rodas, outrora amarelos, mostravam a madeira cinzenta e nua com

traços de amarelo perto dos cubos. O veículo era alto e estreito, de um tipo que hoje em dia raramente se vê neste país, mas que ainda é encontrado no México. Tinha quatro portas.

Craw abriu uma delas com dificuldade: precisava de lubrificação. Sentou-se atrás do grosso volante de madeira e experimentou puxar as alavancas. Tudo parecia estar em perfeita ordem — porém seco, não enferrujado.

Desceu do carro, empurrando ao passar Butter, molemente arriado numa postura grotesca. Não sabia como lhe viera a inspiração de examinar o motor. Levantemos o capo... Isso, está emperrado mas abre. Parece em ordem. Os fios? Em ordem. Quatro cilindros. Velas? Ainda não era possível saber. Mas até duas seriam suficientes. Talvez houvesse mais velas debaixo do assento ou na caixa de ferramentas. Ferramentas? Sim, tem. Ferramentas simples. Mas também o carro é muito simples. Verificar o óleo? Seco. A bateria? Morta, naturalmente. As escovas do dínamo? Claro, era por isso que o carro sempre ficava estacionado naquela

elevação. Se por acaso morresse a bateria, bastava um bom empurrão para fazê-lo rolar pela rampa; então era só engrenar, largar de repente o debreador, e a máquina pegava a funcionar. Seria capaz de andar com a energia gerada pelas escovas do dínamo? Além disso, um carro podia trabalhar com querosene. Tinha visto casos. Muito barulho e muita fumaça, mas andava. E havia querosene. Pelo menos três galões, quem sabe se cinco. O bastante para ir a alguma parte. E Craw sabia que precisavam ir a alguma parte, o quanto antes.

Os dois homens sentaram-se nos degraus arruinados da poria dos fundos do barraco. Anoitecia de novo.

Butter tentou conversar.

— Talvez, se nós voltássemos para...

Craw compreendeu-lhe a intenção.

— Para trazer peças do nosso carro?

— Sim, é o que eu queria dizer.

Craw fez um esforço para levantar o braço. Como pesava!

— Você quer experimentar? — perguntou.

Mas o seu pensamento sondava o carro velho — e Butter.

A inteligência de Butter degenerara em banha, e depois de alimentada esta não restava quase nada para o cérebro. Eu mesmo devia ter verificado o óleo; ele sempre comete erros, de modo que se alguém' teve culpa fui eu. Estava muito alquebrado para tornar a esmurrá-lo.

E então Craw se deu conta de que ia morrer sem que ninguém ficasse sabendo; e não era essa, em absoluto, a espécie de morte que planejava para si. Só Butter saberia, e ele ia morrer também...

Butter parará de pensar em coisas frescas. Sentado ali nos degraus, moribundo, murmurou:

— Quem me dera... estar... em L.A....

O carro velho estava lá em cima, banhado pelo luar. Eram dez horas e trinta e oito minutos quando Craw perguntou:

— Quanto você pesa?

— Cento... e quarenta e cinco — respondeu Butter depois «Ir algum tempo.

Passava de meia noite.

— Me ajude — disse Craw, levantando-se.

O gordo rodeava os joelhos com os braços, embalando-se para trás e para diante sobre as nádegas roliças. Dava a impressão de que estava gemendo baixinho de si para si, mas não estava.

— ... a lidar no carro — concluiu Craw. E, com uma força surpreendente, puxou Butter, obrigando-o a pôr-se em pé.

Tornou a abrir o capô e começou a apalpar o motor, explorando com as pontas dos dedos os lugares que havia explorado com a mente. Seguindo o caminho que a energia teria de percorrer.

— Pedras — disse. — Arranje umas pedras para botar debaixo do eixo.

O gordo afastou-se, obedecendo à ordem como um sonâmbulo.

Durante todo o resto da noite não se ouviu nenhum som além da respiração do gordo e das marteladas e tinidos de melai. Craw trabalhava sem cessar. Sabia que essa noite seria a última.

E trabalhava, trabalhava...

O carro estava em cima das pedras, sem as rodas, O motor fora aberto. Fios, velas e tubos de metal enfileiravam-se metodicamente, com uma eficiência profissional, na terra dura. Havia montinhos de porcas e parafusos cuidadosamente separados sobre os estribos. O céu tomara uma cor arroxeadada com a aproximação do dia.

Butter tinha espasmos no seu sono. Craw deteve-se um instante a contemplá-lo, depois virou-se e caminhou na direção da casa. Andava com uma rapidez surpreendente. Junto à porta dos fundos havia um enorme tambor de óleo, redondo e pesado, que lhe chegava à altura do peito. Tinha um pequeno buraco no fundo, para ventilação. Fora usado como incinerador.

— Em que casa ele está? — perguntou o velho.

— Em casa de Ned — respondeu uma mulher.

— É o carro mais esquisito que já vi na minha

vida — disse alguém.

— Me parece que já o tinha visto por aqui, há alguns anos atrás — comentou um outro.

— O homem não regula bem?

— Doido varrido, segundo disse Les.

— Como será que ele conseguiu sair do deserto nesse calhambeque?

Era uma cidade pequena, uma vila do deserto, com um posto de abastecimento, um armazém de campo e sem hotel. Um grupo se formara em redor de um carro velho, estacionado perto da bomba de gasolina. Era um acontecimento, num lugar onde jamais acontecia coisa alguma; por isso todos faziam perguntas.

— O doutor está lá tratando dele — « disse a mulher, que usava um chapéu e parecia mais bem-informada do que os outros,

— Chi! — exclamou um garotinho de dez anos, talvez. — Como fede!

— É mesmo, não é? — disse o velho, examinando o carro.

— O doutor acha que ele se salva?

— Diz que depende do tempo que ele passou no deserto — respondeu a mulher. — Pode ser que morra.

O sol já estava alto e começava a arder. O velho automóvel não ficara à sombra. O garotinho fez uma careta, tapou o nariz e correu ao armazém geral para tomar um refrigerante. A mulher do chapéu retirou-se e os outros foram se dispersando aos poucos.

Craw tomou o caminho do posto de abastecimento e do velho carro. O doutor queria que ele repousasse mais tempo, mas não podia repousar. Sabia o que tinha de fazer.

— Vai bem, companheiro? — perguntou o homem da bomba.

— O carro está aqui?

— Nós 'temos uma porção de carros — disse o outro. — De qual deles está falando?

— Do... do carro velho. Daquele que... Mas o homem o interrompeu.

— Eh! você não é o cara que veio do deserto dirigindo aquela traquitana? Claro, eu não podia reconhecê-lo. Mas quer mesmo o tal

carro?

- Onde está ele?
- Se quer vendê-lo como ferro velho...
- Onde está o carro?

Nesse momento Craw avistou-o, estacionado à margem da estrada. Mandou o encarregado da bomba pôr gasolina.

- Vai viajar nesse calhambeque?
- Acabou de encher o tanque?
- Sim, mas é bom verificar o óleo...
- Tenho óleo que chegue.
- De água está bom. Escute, o que é que tem aí nesse radiador?...
- Aqui está o seu dinheiro.
- Para onde vai, meu?
- Los Angeles — disse Craw.
- Que é isso, está maluco? — perguntou o homem da bomba. — Nunca chegará lá.
- Hei de chegar — respondeu Craw.

REFÉM

DON STANFORD

Por solicitação do Sr. Cochrane, corriji a maior parte de seus deslizes gramaticais e tratei diligentemente de atenuar o pendor para a incoerência que tanto se fez notar do público que observou na televisão durante os recentes inquéritos criminais do Congresso, Feita essa ressalva, porém, o que aqui se lê é essencialmente a história' que me foi narrada pelo Sr. Cochrane, tal como deseja que ela chegue ao público.

(Assinado) Don Stanford

Em primeiro lugar quero dizer que agora sou estritamente legal, e há muito tempo que o sou. Foi o que eu disse àqueles senadores na televisão e é a pura verdade; e quem disser que prestei falso testemunho está mentindo. Pode ser que não esteja lá muito bem informado sobre o emprego dado aos meus capitais, mas para que me ocupar com isso enquanto eles me

trazem bons lucros? Sou, de fato, proprietário daquele "country club" nos arredores de Nova Orleans, e é um negócio rendoso como muitos outros de meus investimentos. Tenho bons assessores comerciais, Nunca pus os olhos nesse clube, e se é verdade que há jogatina por lá não estou a par disso nem me interessa saber.

Há muitos anos que levo uma existência inatacável. Faço investimentos rigorosamente legais e sou um cidadão legal. Pago os meus impostos de renda e contribuo para obras de caridade. Tenho ótimos amigos nas mais altas posições, os quais confirmarão o que digo. Durante muito tempo o prefeito de Nova Iorque foi um grande camarada meu e — se não quiserem acreditar, não acreditem, mas eu poderia ter sido embaixador dos Estados Unidos se assim o desejasse. O mesmo iria acontecer também sob o atual governo dentro de um ou dois anos, se não fosse esta história que vou lhes contar. Agora está tudo acabado. Mas não me parece justo que tal coisa possa suceder a um cidadão estritamente legal dos

Estados Unidos.

Passarei por alto os antecedentes, que todo mundo conhece por tê-los ouvido o ano passado na televisão. Já devem saber, portanto, que nasci na Sicília em 1901 e que meu nome Daquela época era Pasquale Cocciani, mas agora é legalmente Pat Cochrane e eu sou um cidadão norte-americano naturalizado e estritamente legítimo. Passei algumas pequenas temporadas em cana, mas por bagatelas como as em que se vê envolvido qualquer rapaz novo e *de* sangue quente — furtar um automóvel, por exemplo. E já falei tudo que era preciso sobre o fato de ter possuído uma cervejaria em Jersey no tempo da Lei Seca; mas pagava pontualmente os impostos de renda, de modo que esse também era, na realidade, um negócio legal. Se bem que não tão legal como sou agora, é claro. É uma grande injustiça me qualificarem como um chefe de organizações criminosas nos Estados Unidos quando ninguém pode provar semelhante coisa; e o meu maior desejo seria pôr o dedo em alguém a quem pudesse

processar, a fim de defender o meu bom nome.

Bem, agora quero ir diretamente ao assunto e contar o que me aconteceu, porque foi uma grande injustiça e acho que todos devem ficar cientes disso.

Gosto de almoçar no Bar dos Cavalheiros do Waldorf-Astoria, pois é um estabelecimento de muita classe onde só se encontra gente de alta categoria. Alguns desses homens eu conheci ali mes: mo, no Bar dos Cavalheiros, quando se dirigiram a mim pedindo que contribuísse para esta ou aquela obra de caridade. Est.v claro que nunca recuso um pedido dessa ordem — aposto que não há ninguém, em Nova Iorque, que tenha comido tantos jantares a mil dólares o prato quanto eu — e, em geral, o homem que esteve sentado ao meu lado num desses banquetes continua mantendo relações de cortesia comigo mais tarde. Todos esses são excelentes contatos para um cidadão legal como eu e, embora nunca faça negócios com os homens que encontro no Bar do Waldorf, dou grande valor às relações sociais que tenho com

eles.

Mas, naturalmente, tornou-se conhecido através da televisão que eu costumo almoçar quase todos os dias no Waldorf. Tinha-me esquecido disso. Antes não tivesse sido divulgado o fato, pois assim, talvez, esses garotos não saberiam onde me encontrar nada do que vou contar teria acontecido.

Era num sábado e eu estava tomando um aperitivo no bar antes do almoço, quando entraram os rapazes. Tinham quase todo o cabelo raspado à máquina, vestiam roupas cinza-escuro de Brooks Brothers com camisas cor-de-rosa, gravatas pretas de tricô e sapatos colegiais brancos com uma tira marrom sobre o peito do pé, bastante sujos; à primeira vista se percebia que eram filhos de gente muito rica e estudavam em alguma universidade grã-fina. Entraram no bar, olharam para todos os lados e vieram direito a mim.

— O Sr. Cochrane? — disse um deles, que parecia meio nervoso. — Queira desculpar-nos, senhor, mas... meu pai pensou que eu talvez

pudesse encontrá-lo aqui. Desculpe-me, eu me chamo Peter Minot e este meu companheiro é Bart Ewell. Meu pai é Harrington Minot, Sr. Cochrane. Ele achou que o senhor Talvez se lembrasse de tê-lo encontrado num jantar, há dois ou três meses atrás.

— Pois claro — disse eu. — Prazer em conhecê-los, rapazes. Aceitam um "drink"?

Quase caí para trás, sabem? Lembrava-me perfeitamente de ter encontrado Harrington Minot, mas seria capaz de apostar que ele não se lembraria disso, ou não teria admitido que se lembrava. É um homem da mais alta sociedade e, além disso, podre de rico. Por mais legal que a gente seja, não é muito comum encontrar-se com Harrington Minot, e ele, por seu lado, nunca torna a procurar aqueles a quem encontrou uma vez. De modo que eu estava radiante por ser visto no bar do Waldorf-Astoria pagando um "drink" ao filho de Harrington Minot e ao seu distinto colega da universidade grã-fina.

— Ora... Não, muito obrigado, Sr. Cochrane

— disse polidamente o jovem Peter Minot, que continuava um tanto nervoso e inquieto. — O fato é que meu pai gostaria, se possível, que o senhor viesse agora mesmo à nossa casa. Ele disse que se o senhor ainda não tivesse começado a almoçar, se pudesse nos dispensar alguns minutos... É um assunto muito urgente, Sr. Cochrane. Papai disse que consideraria isso como um grande favor. Bem, compreendem... É fazendo favores que a gente consegue subir neste mundo — fazendo favores a pessoas que valem a pena, quero dizer. E, entre todos aqueles a quem eu tivera a oportunidade de prestar um favor até então, não havia ninguém que valesse mais a pena do que Harrington Minot. Portanto, deixei o meu "drink" no balcão sem terminar de bebê-lo, atirei cinco ferros ao encarregado do bar e fui logo dizendo, temo se compreendesse o caso e estivesse ansioso por prestar serviço:

— Pois claro, rapazes. Vamos lá.

Bem em frente do Waldorf estava o meu Cadillac com o meu chofer à espera, como

sempre. Nunca deixa o automóvel quando saio para o caso de eu ter pressa em ir a algum lugar. Não é que eu tenha medo de que coloquem uma bomba no carro, como disse Winchell. Isso é uma mentira, pois quem ia pensar em atentar contra a vida de um cidadão estritamente legal como eu? Tampouco é verdade que Al Fiore, o meu chofer, seja ao mesmo tempo um guarda-costas. Que necessidade tenho de um guarda-costas, sendo, como sou, um simples homem de negócios? O jovem Minot foi abrir a porta de um desses carros de esporte estrangeiros, abertos e de suspensão baixa, e eu fiz sinal a Al Fiore para que ficasse com o Cadillac. Nunca tinha andado num desses carros estrangeiros e me daria gosto voltar para casa mais tarde no automóvel do Sr. Harrington, dirigido pelo chofer dele. Isso causaria uma ótima impressão. Não havia a menor dúvida, é claro, quanto à identidade dos garotos, mesmo que o porteiro não tivesse largado a porta do meu Cadillac para correr adiante do jovem Minot, Peter, e abrir para ele a

porta do carro de esporte. Podem crer-me quando lhes digo que o porteiro do Waldorf sabe com quem lida.

A casa de Harrington Minot fica na Quinta Avenida. Como homem de negócios, entendo o meu bocado sobre os custos de manutenção de uma propriedade em Nova Iorque e posso garantir-lhes que Harrington Minot não gasta menos de 150.000 dólares por ano só para manter aquela casa. E olhem que essa é apenas a sua casa da cidade!

Havia dois carros da polícia sem marca e cheios de investigadores, estacionados na mesma quadra, perto da casa de Minot. Não sei se os rapazes os reconheceram, mas eu reconheci, e isso me fez tomar tento. Pelo jeito, Harrington Minot talvez necessitasse mesmo de um favor. Acontece que qualquer pessoa pode se ver metida em complicações com a polícia uma vez na vida, e um homem de alto gabarito como Harrington Minot talvez não saiba como agir num caso dessa espécie.

Isso foi tudo que me veio à cabeça,

absolutamente tudo. Eu tinha a consciência limpa, como sabem. E dizia comigo: "Bem, ainda tenho algumas boas relações no Conselho Municipal, e se Harrington Minot precisar de qualquer espécie de favor eu terei prazer em prestá-lo."

Não tive tempo para perguntar aos meus botões em que espécie de complicação podia estar envolvido Harrington Minot, porque Peter Minot resmungou qualquer coisa mais ou menos como "Estes malditos tiras!" e passou pela frente da casa sem parar. Dobramos rapidamente a primeira esquina, entramos numa travessa e paramos ali. O outro garoto, Bart Ewell, disse delicadamente:

— Como o Sr. Minot quer falar consigo em particular, Sr. Cochrane, achei preferível entrarmos pela porta lateral e irmos diretamente ao gabinete dele. Espero que isso não lhe desagrade, cavalheiro.

Essa história de "cavalheiro" é que me leva os trocos. Gostaria de ter um garoto com esses ares de escola grã-fina. Mas por outro lado, não

desejaria que ele se parecesse com esses dois a certos respeitos.

Bem, o jovem Minot abriu uma porta lateral da casa com uma chave que levava consigo e entrou na frente. O jovem Ewell colocou-se polidamente de lado, como para me deixar passar primeiro e quando eu ia atravessando a porta ele me sentou uma paulada na cabeça.

Suponho que tenha usado um cassete comum, porque não me produziu nenhum corte na pele. Também o jovem Minot deve ter-se voltado para me agarrar quando caí, de modo que os que estavam em casa não ouvissem o menor ruído.

A primeira coisa que me lembro de ter sentido ao acordar foi o cheiro de hospital. Estava com as idéias bastante embrulhadas, pois sentia uma dor noutra parte do corpo além da cabeça e durante alguns minutos não pude atinar com o lugar. A dor não era muito forte — apenas umas pontadas que não pareciam ser coisa realmente séria mas que me incomodavam um pouco, e o cheiro de hospital

me dava engulhos. Abri o? olhos sem ter tido tempo de pensar no que estava acontecendo; mas mesmo que o tivesse, não teria acreditado.

Quanto a estar na casa de Harrington Minot, não havia dúvida. Isso eu pude perceber logo. Tinham-me deitado numa. espécie de poltrona de couro reclinável que se achava estendida, de modo que eu ficava olhando para o teto a não ser que movesse a cabeça e assim que o fiz senti umas tonturas e fui obrigado a me deitar de novo. Mas esse rápido olhar bastou para tomar nota de toda a peça, da bacia esmaltada de branco em cima da mesa, de onde parecia vir aquele cheiro de hospital, e dos garotos.

Eram quatro, agora. Os outros dois eram iguaizinhos a Peter Minot e Bart Ewell — rapazes de universidade grã-fina com o cabelo cortado à cadete e o mais que segue; mas um deles era menor do que os outros, com enormes óculos de aro prato e uma cara de coruja, e o outro tinha posto um avental branco de hospital, com um gorro branco muito apertado e luvas de borracha. Havia uma mancha de

sangue nesse avental. Todos os quatro garotes estavam com a cara muito pálida, como se fossem vomitar a qualquer instante. E com o cheiro, a esquisita confusão na cabeça e aquela outra dorzinha que ainda não sabia bem onde ficava, eu também tinha a impressão de que ia lançar carga ao mar.

— Ele já acordou — disse Bart Ewell. E outra voz, que devia pertencer ao garoto fantasiado de médico com o avental branco, ajuntou: — Sim, está voltando a si. Pode falar agora, Peter.

— Sr. Cochrane. — disse Peter Minot, chegando mais perto para que eu pudesse olhá-lo sem mover a cabeça. Sua cara estava muito branca, seus lábios tremiam e não tinha a voz muito segura, mas havia no seu jeito qualquer coisa que me assustou, se é que podem imaginar um homem como eu assustando-se de um garoto. — Sr. Cochrane, meu pai não nos mandou chamá-lo. Ele nem sabe que o senhor está aqui. Ninguém sabe a não ser nós. E o senhor, naturalmente.

"Sr. Cochrane, Bart e eu voltamos de New

Haven ontem à noite. Tencionávamos ir a uma festa. Bart ia levar minha irmã Lorrie. Tinham combinado isso desde o último verão..."

Aí a voz do jovem Ewell veio interrompê-lo, e ao ouvir o som dessa voz me felicitei, de certo modo, por não poder ver-lhe a cara. Ainda ignorava o que estava se passando, mas as coisas começavam a parar de um jeito que não me agradava nem um pouco.

— Lorrie tem dezessete anos, Sr. Cochrane — continuou o jovem Ewell falando de mansinho.

— Ainda está na escola secundária. Não vai debutar senão em abril que vem. Não faz idéia de quanto Lorrie é linda e encantadora.

— Lorrie não estava em casa quando chegamos — disse Peter Minot, com uma boca retorcida que o fazia parecer muito mais velho.

— Não tinha voltado da escola. E não voltou até agora, Sr. Cochrane. Foi raptada.

Tentei então sentar o corpo na poltrona, protestar, dizer-lhes que sou estritamente legal e não sei absolutamente nada sobre crimes. Mas quando levantei a cabeça tornei a sentir aquelas

tonturas e tive de me deitar de novo.

— Por volta das sete e meia o telefone chamou — continuou Peter Minot. — A mesma coisa de sempre, imagino. Não chamem a polícia que nada acontecerá a ela. Arranjem cem mil dólares em notas de pequeno valor, usadas, e aguardem novas instruções...

Pareceu engasgar-se um pouco, mas a sua voz se firmou e ele seguiu falando:

— Sr. Cochrane, meu pai é um homem honrado, um homem digno e... e teimoso. Ficou chocado. A princípio não podia acreditar. E quando afinal se convenceu, fez exatamente o que teria feito de qualquer modo em tais circunstâncias, chamou a polícia. Desde a noite passada estamos com a casa rodeada de polícias e, naturalmente, eles não têm um só indício em que se basear. Fazem o que podem, mas a verdade é que nada podem fazer. Talvez, com o tempo, venham a descobrir quem raptou Lorrie, mas seria tarde demais para ela, em vista de... de...

Sua cara de menino bem-educado ficou toda

retorcida e vermelha, e de repente sumiu-se, aparecendo a cara de Bart Ewell em seu lugar.

— Esta manhã — disse Bart Ewell baixinho — veio um mensageiro com uma caixa e um bilhete. A polícia prendeu o mensageiro, está claro, mas ele não sabe de nada. O bilhete dizia que o Sr. Minot poderia receber Lorrie de volta, pedaço por pedaço, se continuasse a desobedecer às instruções, mas se ele se livrasse da polícia e fizesse o que lhe diziam, ainda poderia receber o resto dela de uma só vez. *E a caixa continha um dedo da mão de Lorrie.*

Um soluço partiu da garganta de Peter Minot e um frio me correu pela espinha, dissipando toda aquela confusão que sentia na cabeça. Mais que depressa, sentei o corpo na poltrona, pois, embora sem realmente acreditar naquilo — simplesmente não podia acreditar! — sabia agora de onde vinha aquela dorzinha insistente e queria olhar.

— Era o dedo mindinho da mão esquerda de Lorrie, Sr. Cochrane — dizia Bart Ewell. E não é que descubro uma atadura na minha mão

esquerda? Aliás uma atadura cirúrgica, muito bem-feita. E as pontadas de dor provinham do meu medo mindinho, só que não havia mais dedo, apenas a atadura.

— Aqui está ele, Sr. Cochrane — disse Bart Ewell. E apanhou a bacia esmaltada de branco, metendo-na debaixo do nariz com tanta violência que derramou na minha roupa um pouco daquele líquido com cheiro de hospital. Depois pegou alguma coisa dentro da bacia e a atirou ao meu colo. Era o meu dedo.

— Se nos mandarem outro dedo esta noite — disse Bart Ewell, passando a falar numa voz clara e dura, — ou um olho, ou uma orelha... Sr. Cochrane, este aqui é Harry Finnister. Harry é estudante de medicina. Nós o mandamos chamar hoje de manhã, depois de ter conversado com Dean Leggett. Aqui está Dean, um rapaz de muito boa cabeça, e foi ele quem planejou tudo.

— O senhor é o nosso refém — disse o baixote de olhos de coruja, Dean Leggett, pestanejando com força por trás dos enormes

óculos de aros pretos. — Tudo que acontecer a Lorrie vai lhe acontecer também, Sr. Cochrane. Absolutamente *tudo*. Como vê, O Sr. Minot não pode mais livrar-se da polícia. Agora é tarde. Chamou-a, e agora não há jeito de se desfazer dela. De modo que, se a polícia não pode fazer com que eles devolvam Lorrie sem lhe cortarem mais nada, o senhor Cochrane é quem vai tratar de consegui-lo. Porque tem tanto a perder nesta história quanto Lorrie.

Eu tinha já a cabeça perfeitamente clara. Qualquer coisa, dentro de mim, ria-se como doida, garantindo-me que isso era absurdo, que simplesmente não podia ser, que gente civilizada não agia dessa forma. E, em todo caso, não havia razão para que procedessem assim *comigo*. Que Deus me castigue se alguma vez em toda a minha vida me envolvi em histórias de raptos, e há vinte anos que renunciei a qualquer processo brutal que pudesse comparar-se mesmo de longe a isso. Mas, olhando para as caras desses quatro garotos tão bem-educados, notei em todas elas

a mesma expressão, fosse lá o que fosse, que me fez estremecer, afianço-lhes.

Não reclamei pelo fato de me terem cortado fora o dedo. Pensei nos outros dedos, nos olhos e nas orelhas que me restavam, fazendo votos para que não viesse a perdê-los; e os fazia muito a sério, podem crer-me. E pensava também que, fossem lá quem fossem os cafajestes que haviam raptado a pequena Lorrie Minot, podiam assustar-se agora que a polícia estava metida no assunto e dar cabo dela. E não tinha a menor dúvida de que o pequeno Leggett, ao prevenir que *tudo* que acontecesse à pequena me aconteceria a mim também, queria significar realmente *tudo*.

— Dou-lhes a minha palavra, rapazes — disse eu sem grandes esperanças — de que faria tudo que estivesse no meu poder para ajudá-los. Mas não entendo nada de raptos. Eu sou um homem de negócios legal, rapazes, nem sequer tenho mais contatos.. hoje em dia...

— Bem o cremos, Sr. Cochrane — retrucou o garoto de olhos de coruja, sem abandonar as

suas maneiras corteses. — Sabemos que o senhor não é responsável, *diretamente*. Mas indiretamente, é responsável, e foi por isso que o tomamos como refém. Acontece, Sr. Cochrane, que o senhor agora é rico, goza a sua vida em segurança e a lei nada pode contra o senhor. São exemplos como o seu que inspiram os novatos no crime a raptar gente e o mais que segue.

— Deixe lá isso — atalhou Ewell, afastando o jovem Leggett — Trate de fazer alguma coisa, Sr. Cochrane. O senhor vai ficar aqui nesta sala até que ela volte para casa. Então poderá ir embora — *exatamente nas mesmas condições em que ela tiver chegado*. Entendeu?

— Temos um telefone aqui mesmo — disse Leggett, trazendo-o para mim. — Chame quem quiser.

Apoderei-me do fone quase com sofreguidão, mas então vi os olhos de coruja do jovem Leggett lendo-me os pensamentos, notei o sorrisinho desdenhoso nos seus lábios e senti, pela primeira vez, toda a gravidade da minha

situação. É que o meu primeiro impulso tinha sido chamar a polícia. Com mil diabos, eu tenho ficha limpa, o Chefe de Polícia sabe disso, e aliás me deve um favor. De modo que ia chamar o Chefe para lhe dizer que viesse me buscar.

Mas depois pensei, e vi que o tal Leggett lia o meu pensamento: "Como é possível?" E tive no mesmo instante a resposta, que aquele infernal garoto sabia há muito tempo: Não havia jeito algum de Patsy Cochrane convencer o Chefe de Polícia, ou fosse lá quem fosse, de que estava em casa de Harrington Minot, prisioneiro do filho deste e de uma porção de seus colegas de universidade, que lhe iam cortando fora os dedos um a um. Nem minha mãe teria acreditado nessa história, e eu mesmo lutava com dificuldade para acreditar.

De modo que fiquei ali sentado, com o telefone na mão direita, olhando para a esquerda com os seus três dedos muito bem enfileirados e uma bela atadura que começava a se tingir de vermelho no lugar onde deveria

estar o quarto dedo. E compreendi naquele momento que estava fuzilado, sem que fosse por minha culpa. Eu, um homem limpo como um pároco de aldeia, poderia dar-me por muito feliz se saísse com vida dessa entalada, quanto mais continuar levando uma existência limpa de homem de negócios legal, relacionado com gente da alta!

Comecei por chamar o meu advogado, mas ele não havia ainda atendido quando me lembrei de que não era o advogado que trabalhava para mim em outros tempos. É um ex-senador federal, excelente para tratar dos assuntos de um homem de negócios, mas não podia prestar para aquilo que se fazia preciso agora.

Pedi, pois, um guia telefônico aos rapazes, e depois de longa procura encontrei o número do advogado que tratava dos meus casos antigamente, quando eu tinha aquela cervejaria em Jersey. Fiz votos para que ele ainda se mantivesse em contato com alguns dos indivíduos que tinham negócios comigo

naquela época, pois eu não me envolvo mais com gente de baixa categoria.

— Lepke — disse-lhe eu, — no momento, isto é para mim o que há de mais importante no mundo. Não faço questão de despesas. Esta garota foi raptada e quero que ela seja devolvida à família sem que lhe façam mal algum.

— Quem foi que a raptou? — perguntou Lepke.

— Como vou saber? Só sei que se a polícia se mete no meio ela vai sofrer, e se ela sofrer eu... Bem, não quero que a maltratem de modo algum, entende? A cidade está cheia de bicheiros. Um deles deve ter ouvido alguma coisa. Descubra quem manda agora no jogo do bicho e mexa com os pauzinhos*.

* Não se trata, aqui, exatamente de jogo do bicho, mas de seu equivalente norte-americano, o "numbers pool", não menos ilegal do que aquele. Baseia-se, não nos finais dos primeiros prêmios de uma loteria oficial, que lá não existe, mas sim nos dos totais das apostas

diárias feitas nas corridas de cavalos e coisas semelhantes. A liberdade que tomo tem em vista conservar a nota pitoresca. — *N. do Trad.*

— Você é quem manda no jogo do bicho, Patsy — respondeu a voz de Lepke. Por aí podem fazer idéia do que eu quero dizer quando falo em ser um cidadão legal. Como vêem, tinha capitais; investidos no negócio do bicho sem nem sequer saber disso. Tampouco desejava que Lepke me informasse de tal coisa, mas esse detalhe ele ignorava. — Quanto você está disposto a gastar, Patsy?

— Meio milhão. Um milhão, se for preciso. Contanto que seja rápido. E eficiente. Não esqueça que não devem fazer mal nenhum à garota.

Pude ouvir Lepke estalar a língua e lembrei-me de que os negócios de um milhão de dólares não lhe apareciam com muita freqüência desde a Revogação. Mas eu possuo mais milhões do que dedos e, no momento, os meus dedos tinham mais valor para mim.

— E quanto aos raptos, Patsy? — perguntou Lepke. Refleti por um instante e respondi, com absoluta dignidade:

— Não creio que seja possível reabilitar gente tão baixa e recuperá-la para a sociedade civilizada. Que me diz você, Lepke? Acho que se devia tomar medidas para que criminosos dessa espécie não continuem a representar uma ameaça para a comunidade.

— Entendido! — disse Lepke. — Sim, senhor, Patsy, eu pensava que você tinha ficado frouxo quando se tornou legal, mas vejo que estava muito enganado. Então um milhão, hem? O.K. Você terá o que quer.

E assim foi. Não sei como foi encontrada a garota nem por quem, e tampouco desejo saber. Ignoro igualmente que fim levaram os raptos, embora Lepke me garanta que eles não tornarão a roubar o sossego às pessoas de bem. Paguei-lhe um milhão e até acho barato; e quanto ele pagou a este ou aquele, e por que espécie de serviço, é coisa que não me interessa saber. A pequi na Minot chegou em casa nas

primeiras horas da tarde de domingo, lépida e fagueira, toda orgulhosa da atadura que trazia na mão cujo dedo mindinho fora decepado. Não lhe haviam feito mal nenhum, disse ela; arranjam um médico para fazer o serviço. No primeiro instante ficou um pouco emocionada por me conhecer, dizendo que eu era o seu ídolo depois de Johnnie Ray. Uma tolinha, mas muito graciosa.

É claro, porém, que esta história vai se espalhar agora e, nessas condições, posso considerar minha vida como liquidada. Não lamento particularmente a perda de meu dedo, e por certo não me queixo do dinheiro que gastei para salvar essa garota tão simpática. Mas percebo muito bem que não terei grandes possibilidades de fazer relações sociais com gente de alto gabarito depois que isto for sabido. E não é só.

Porque esses garotos deram começo a uma coisa horrível e não creio que seja possível fazê-la parar agora. Se vão me considerar pessoalmente responsável por tudo que é

crime, tenha eu participado ou não...

Ora, que diria o leitor se todos os habitantes da cidade, ou talvez mesmo do país, se julgassem no direito de vir quebrar-lhe as ventas quando um ladrão lhes tivesse arrombado o apartamento ou alguém lhes tivesse feito trapaça num jogo de dados? Não, não me parece que eu possa continuar a levar uma existência sossegada e legal, ou qualquer espécie de existência, a não ser que passe a viver escondido. E é o que vou fazer. Estou liquidando os meus investimentos para deixar o país.

Mas nem por isso deixo de pensar que é uma grande injustiça.

OTÁRIO ESPERTO

RICHARD WORMSER

IA POR AQUELA RUA suja e escura, decidido a fazer duas visitas mais, antes da hora em que os escritórios fechavam o expediente. Jornais rasgados e carteiras vazias de cigarros corriam ao longo da sarjeta e um magro gato preto, não de todo sarnento, escapuliu-se por um estreito corredor entre dois edifícios.

Quando levantou os olhos para ver se estava próximo do número 1262 a Merser Printing Company, o vento carregado de umidade apanhou-lhe o chapéu novo por baixo da aba e ele, mais que depressa, calcou a copa com a mão para impedi-lo de voar. O vento era bastante forte para fazer com que a pasta, que carregava na outra mão, lhe causasse embaraço.

Chamava-se Henry Croft, vendia artigos de escritório e acreditava que o trabalho perseverante, uma boa aparência e a atenção às necessidades individuais dos clientes o

tornariam rico um dia. Tinha esposa, um filho e sete nonos, morava nos subúrbios — não, porém, numa casa tão boa como a que esperava ;inda possuir — e era, em geral, considerado um ótimo sujeito.

Uma rua como essa Slack Street não era ambiente para ele, a não ser como passagem, para vender algumas fitas de máquina de escrever e talvez um ou dois arquivos de aço. E era isso o que o levava ali.

De repente a chuva começou a cair, em grandes gotas preguiçosas que rolavam na poeira da Slack Street sem se partirem. Homem parcimonioso que era, seu primeiro pensamento foi para o chapéu novo, a fatiota recém-passada a ferro. Refugiou-se num vão de porta.

Foi então que a chuva mudou, tornando-se miúda e batida pelo vento, o tipo de chuva que promete durar. Henry Croft passou a pasta de uma mão para outra e correu os olhos em volta.

No outro lado da rua, os anúncios de néon de duas cervejarias brilhavam através de umas

vitruinas poeirentas. Um bar, mas de classe tão modesta que nem sequer tinha nome — apenas BAR & GRILL em letras que deviam ter nascido douradas sobre um fundo outrora preto.

Esperou que o vento abrandasse um instante e atravessou correndo a rua, na direção dos anúncios de néon.

Ao penetrar no bar, o vento arrebatou-lhe da mão a pesada porta e bateu-a com força às suas costas. Sorriu com o ar conciliador de um intruso.

Ninguém lhe devolveu esse sorriso.

Havia seis pessoas no bar, contando o dono: quatro homens e duas mulheres. Ou melhor, quatro rapazes e duas raparigas, pois todos eles tinham rostos sem rugas de pouco mais de vinte anos, apesar dos seus olhos quase quinquagenários.

Bolhas de ar perseguiam-se sem cessar na orla brilhantemente iluminada da vitrola automática, fora de ritmo com o número de "rock-and-roll" que esta tocava.

Henry Croft depositou a pasta sobre um

tamborete, enxugou-.i com o lenço e descansou cuidadosamente o chapéu sobre a superfície seca.

— "Scotch on the rocks" — disse ao homem do bar.

O homem do bar alisou o cabelo com as duas mãos, sem necessidade.

— Não estou pescando nada, meu.

— Uísque escocês no gelo. Sem água, sem soda. >;

— Por que não disse logo?

Henry Croft encarapitou-se no tamborete ao lado da sua pasta e do seu chapéu. O moço sentado à sua direita cheirava levemente a suor e mais que levemente à pomada. A rapariga instalada mais além puxou languidamente a saia e cocou uma coxa branca como cal. O homem do bar largou um copo de servir cerveja diante do freguês e esperou que este o pagasse com uma nota de dólar; deu o troco atirando-lhe uma moeda de 25 "cents".

O vento rondou e a chuva bateu furiosa nas vitrinas.

Aquele "scotch" nunca havia atravessado o mar. Tinha um sarro que se lhe grudou à língua, um aroma particularmente acre que lhe subiu ao nariz, dando-lhe a sensação de quem tivesse dormido a noite inteira num quarto pintado de fresco.

A vitrola automática parou e um dos jovens anciãos despegou-se do balcão para ir colocar outra moeda na fenda. O mesmo disco começou de novo a tocar; ninguém parecia estar escutando a música.

— Você acha que ele é um tira, Juney? — perguntou o dono do bar.

Juney era o que tinha ido pôr a moeda na máquina.

— Vamos descobrir isso — respondeu. Devagar, com passos elásticos, caminhou na direção de Henry Croft, sem olhar para ele. Quando chegou à altura de Henry, Juney atirou ao chão a pasta e o chapéu, com um só movimento da mão, e escorregou para o tamborete que esses objetos haviam ocupado, debruçando-se no balcão.

— Cerveja — pediu.

Aberta a garrafa e servida a cerveja, provou-a e disse:

— Não é tira, não, Carley. — E, sorrindo para Henry: — Pegue o seu chapéu, homem. De que está tão assustado?

O que respondia ao nome de Carley ajuntou: — Um chapéu tão bom, homem! É uma judiaria ficar largado no chão.

Henry Croft baixou-se vagarosamente para reaver o chapéu e a pasta. Sentiu uma dor na nuca durante todo o tempo em que esteve curvado, esperando a cacetada, a fina lâmina de faca, o desconhecido. Nada aconteceu, porém.

— Tome a sua bebida — disse Juney. — Você vai ofender o Carley.

Henry Croft apanhou o copo. Tinha-o quase chegado aos lábios quando a rapariga estendeu o braço e arrancou-lho da mão com um tapa. O detestável uísque, o gelo, o próprio copo rolaram-lhe pela roupa abaixo. A rapariga soltou uma risada.

— Vamos trocar de lugar, Juney. Estou

gostando deste quadrado.

Carley começou a rir. Era um riso esquisito, vazio de qualquer humor ou amizade.

— Cuidado, meu — disse ele. — Quando Gwen pega fogo. é pra valer.

Juney abandonou o tamborete e a rapariga veio tomar-lhe o lugar. Posou a mão no ombro de Henry Croft e deixou-a escorregar vagorosamente pelo braço abaixo, até segurá-lo o pulso. Sua mão era mais forte do que aparentava; a mulher tinha uma tez mortíça e doentia. De idade, orçava pelos vinte anos.

— Você tem nome? — perguntou.

— Henry.

— Me pague uma bebida, Henry. Eu me chamo Gwen.

Ele acenou com a cabeça para Carley. O dono do bar arreganhou os dentes e serviu um puro a Gwen, despejou alguma coisa em cima do gelo para Henry. A rapariga esvaziou o seu copo de um só trago e transferiu a mão do pulso para a coxa de Henry.

— Que é que você quer aqui, Henry?

Ele teve de pigarrear duas vezes para encontrar a voz.

— Um "drink". Escapar da chuva — disse.

Gwen tornou a rir o seu riso surdo.

— Puxa, que chuva!

Aquilo não fazia sentido. Henry Croft agarrou o seu copo e dessa vez Gwen deixou-o engolir o líquido oleoso. Acariciou-lhe suavemente a coxa.

— Você gosta de mim, Henry?

— Pois claro, Gwen. Claro.

— É um mango e cinquenta, major — disse Carley.

Henry Croft sacou a carteira do bolso traseiro das calças. Largou no balcão duas notas de um dólar e dispôs-se a guardar de novo a carteira. Gwen estendeu a mão, tomou-lha e enfiou-a sob a blusa.

— Você quer ser bonzinho comigo, não é, Henry?

Ele recuou o corpo, depois investiu para o decote da rapariga. No momento em que tocava no tecido, Juneey descarregou-lhe um murro no

queixo. Henry bateu de encontro ao balcão e Carley quebrou-lhe uma garrafa na cabeça. Henry aquietou-se, imobilizou-se na escuridão.

Quando voltou a si, estava dentro de um automóvel. Continuava a chover; quase a primeira coisa que percebeu foi o rangido monótono dos limpadores de pára-brisa. Soltou um gemido e apalpou a cabeça, confusamente; não fazia a menor idéia de onde estava, por que estava ali e como ali fora parar.

De repente, todo o episódio do bar lhe voltou à recordação. Carley, o dono do bar, dirigia, e a rapariga chamada Gwen ia ao seu lado no assento da frente. Voltara-se para trás e Henry ouviu-lhe dizer:

— June, ele está se mexendo.

A voz de June soou ao lado dele, nas sombras:

— Que se mexa. Se começar a incomodar, eu o faço dormir de novo.

Henry Croft perdeu todo desejo de mover-se. Chegou a prender a respiração até sentir seus olhos esbugalharem-se. Por fim soltou o ar dos

pulmões com um silvo profundo, e Juneey riu-se. — Está muito bem-comportado. Até faz força para não respirar.

— Pode respirar, otário — disse Gwen. — Aproveite. Não será por muito tempo.

— Bico calado! — atalhou Carley.

O automóvel seguia rodando na chuva. Henry Croft não reconheceu nenhuma das ruas que eles dobravam sucessivamente, num constante ziguezaguear. Era uma zona residencial, entretanto, e Henry não conhecia nenhum dos subúrbios, a não ser aquele em que morava.

— Lá estão eles — disse Carley afinal, diminuindo a marcha. — É Paul — ajuntou.

Henry Croft avistou o homem, um dos rapazes do bar, sinalizando com os braços no meio da chuva. Carley estacionou o carro atrás de um outro, seguindo as instruções de Paul, e encostou no pára-choque dianteiro ao traseiro no outro carro.

— Vigiem o meu otário — disse Juneey, descendo. Caminhou para a frente, sentou-se ao

volante do primeiro carro e desapareceu — agachado, sem dúvida, em baixo do painel. Gwen virou-se para trás e disse: — Estou vigiando você, Henry.

Junej tornou a surgir e abanou com a mão. Carley fez avançar o carro em marcha reduzida e o de Junej deslizou uns três ou cinco metros sobre o pavimento molhado. Então Junej tornou a abanar com a mão e Carley apagou o motor. Paul aproximou-se e abriu a porta de trás.

— Desça, otário. Agora está por pouco.

Espichou o braço para dentro e puxou Henry Croft, que desceu todo inteiriçado.

Sentiu com prazer a chuva fria caindo-lhe nos ferimentos da cabeça.

Carley desembarcou e tomou posição no lado oposto de Henry Croft. Ele e Paul meio o conduziram, meio o arrastaram para o carro da frente.

— Vamos nos raspando — disse Paul. — Mesmo sem o arranque, às vezes um desses cidadãos que morrem de amores pelo seu carro

desperta quando ouve o barulho do motor.

Dessa vez Carley sentou-se no assento de trás com Henry Croft. Recostou-se de viés no canto e enfiou a mão debaixo do sobretudo, tirando dali um revólver. Equilibrou-o folgadoamente na mão e arreganhou os dentes para Henry. No assento dianteiro, Gwen largou de súbito a rir, dizendo:

— Oh! Paul, acabe com isso!

— Sabe o que é isto aqui, Henry? — perguntou Carley. Henry Croft fez que sim com a cabeça.

— Pois então me diga. — Carley esperou alguns instantes e, como Henry Croft não abrisse a boca, deu-lhe repentinamente um raspão na barriga com as miras da arma. — Desate essa língua, otário.

Henry Croft engoliu em seco com dificuldade e disse:

— Um revólver.

Carley sacudiu a cabeça com ar entendido, enquanto Gwen falava a Paul:

— Você está me machucando, que diacho! —

Mas riu de novo.

— Garotos — disse Carley. — Não podem ver mulher sem botar as mãos... Sim, Henry, isto é um revólver. Você sabe o que um revólver faz? — E aguardou mais uma vez a resposta.

— Atira na gente — disse Henry.

Carley tornou a sacudir a cabeça com aquele jeito de mestre-escola.

— Sim. Um revólver. E atira na gente. Mata gente. O mesmo faz o revólver de Paul, e o de Juney também... Você tem um revólver, Gwen?

— Se tivesse, matava este Paul — respondeu ela, ainda a rir.

— Garotos — repetiu Carley. — Sempre tenho de trabalhar com garotos. De modo que Gwen não tem revólver e nós ficamos só com três. Você já recebeu dezoito furos no corpo?

Henry abanou a cabeça. Depois caiu em si e disse:

— Não, nunca.

— Então imagino que não saiba qual é a sensação. Pois, para falar a verdade, nem eu

tampouco. Mas posso fazer idéia, e um otário esperto como você também pode, tenho certeza. Portanto, acho que fará o que nós lhe mandarmos. Que é que você diz?

— Sim, claro que farei — respondeu Henry.

— Otário esperto — foi de novo o comentário de Carley, que mergulhou em silêncio enquanto o carro dobrava mais algumas esquinas e atravessava um pequeno parque, as rodas esparrinhando água para os lados, os limpadores de pára-brisa guinchando docemente. Os do outro carro não tinham guinchado assim

Quando pararam, Juney apagou os faróis e disse:

— É aqui, pessoal. O otário já sabe o que tem de fazer, Carley?

— Não, mas vai fazer — respondeu Carley.

— Ê um otário muito camarada. — E, rindo-se:

— Escute, Henry. A coisa não é difícil. Basta ir até aquela casa, está vendo ali? e tocar a campainha. Fale com jeito, Henry. Eles têm uma corrente grossa na porta. Faça com que a

abram.

— E se ele avisar essa gente para que chamem a polícia: — lembrou Paul.

— Ora, acho que é o que ele vai fazer mesmo — tornou Carley. — É um dos meios mais rápidos que conheço de fazer as pessoas abrirem a porta da casa. Quem não confia num otário que está dando o estrilo?

— Isto não me agrada — insistiu Paul. — Gosto das coisas simples.

— Agora ele quer me ensinar — disse Carley. — Meu companheiro, o homem forte e silencioso! Pois muito bem, então vá Você. Mostre a eles com toda a simplicidade a sua cara. Vai fazê-los muito felizes. Ou quem sabe se não é melhor pôr uma máscara? Todo mundo abre a porta a um sujeito que usa máscara. Especialmente de noite. Especialmente um cara que tem em casa a bolada para pagar os trabalhadores.

— Está bem, está bem — disse Paul, entregando os pontos. E Carley:

— Agora você está sabendo de tudo, Henry.

Vá andando.

Henry abriu a porta do automóvel vagorosamente, a dizer consigo: *Agora minhas impressões digitais vão ficar num carro roubado*. E, ao mesmo tempo em que o pensava, dava-se conta de que era uma idéia tola. Atravessou a rua com os sapatos chiando no asfalto molhado. Sentia-se muito só, gelado e doente. *Vou pegar uma pneumonia*, pensou; e, lembrando-se do que Carley tinha dito sobre os -dezoito furos, também isso lhe pareceu uma grande tolice.

Já havia alcançado os degraus, em número de quatro, que conduziam a um pequeno pórtico com alpendre, de modo que não era preciso esperar na chuva até que abrissem a porta. Grama à direita e à esquerda do caminho lajeado e dos degraus, bonita casinha, às escuras, nenhuma luz acesa. Respirou fundo e apertou o botão da campainha. O retinir nas entranhas da casa parecia assustadoramente estrondoso.

Ficou à espera, com a sensação de que ia vomitar, de que <a desmaiar. Ao invés disso,

espirrou. Julgou sentir um movimento repentino bem perto dele, no ar da noite, quando fez aquele ruído involuntário; mas não podia ter certeza. Pela segunda vez, premiu o botão.

Uma luz acendeu-se no "hall", uma voz disse: "Já vai, já vai", e uma espreitadeira abriu-se na porta. Tudo que pôde ver foi uma sobancelha hirsuta e um olho estremunhado e remeloso, mas a voz era masculina e falava em tom irritado:

— Que é que quer?

— Eu fui... Chame a polícia — disse Henry Croft.

A espreitadeira fechou-se e ouviu-se o ruído da chave girando na fechadura. Mas a porta se abriu apenas um ou dois centímetros, deixando ver uma forte corrente, com um brilho de latão, que tilintou.

— Caramba o senhor está esculachado! — disse a voz no interior da casa. Pertencia ela, conforme Henry pôde ver então a um homem reforçado que vestia um pijama ridiculamente

vistoso de listas azuis. — Que foi que lhe aconteceu?

— Fui assaltado — disse Henry. — Me deram um passeio. Eu...

— Está bem — disse o homem troncudo. — Espere aí no pórtico. Vou telefonar à comissária.

As pistolas na noite eram bem reais. Se aquela porta se fechasse na sua cara ia levar bala. Dezoito furos. Mais uma vez a sua mente refugiou-se no ridículo, fugindo à realidade da morte, e um silencioso compasso da canção *Sixteen Tons* acudiu-lhe à memória.

Mas sabia o que era necessário fazer. Jogou-se para a frente, agarrando-se à beira da porta entreaberta, com o risco de ter os dedos esmagados contra o marco pelo pesado batente de madeira.

— Deixe-me entrar, pelo amor de Deus! Eles podem voltar. O homenzarrão hesitou.

— Não posso... Ora, bobagem! Vá lá. O senhor vai morrer aí fora, e não tem cara de quem seja capaz de me fazer mal.

Mais ruído — o ruído da corrente ao ser retirada do encaixe, e a porta abriu-se um pouco mais, *uai* braço de pijama listado de azul projetou-se, rápido, a fim de puxar Henry para dentro de casa e mais que depressa, tornar a fechar a porta.

Não deu certo. Corpos humanos chocaram-se em Henry Croft pelas costas, atiraram-no de roldão, a ele, à porta e ao homem troncudo, para o interior do "hall"; pés correram lá fora, mais corpos vieram acrescentar-se à confusão, e por fim a porta cerrou-se e o pequeno "hall" de entrada encheu-se de revólveres, de rostos mascarados e de terror.

— Você é Joe Wheeler — disse um indivíduo de máscara roxa.

— E daí? — retrucou o homem troncudo.

Lá em cima, uma voz feminina gritou: "Joe, Joe, que foi?" O da máscara roxa fez um gesto. Dois outros mascarados correram escada acima. Henry supôs que fossem Paul e Juney, mas não podia ter certeza. Que importava isso?

A voz de Carley falou por trás de uma

máscara de seda preta.

— Você foi cem por cento, Henry. — E, com um riso desagradável: — Dêem um revólver a Henry. Ele fez bem a sua parte.

O terceiro homem que ficara no "hall" tinha uma máscara de seda branca enfeitada com cequins, uma dessas coisas que as senhoras usam nos bailes para fazer companhia ao seu traje de noite. Meteu um revólver nas mãos de Henry, dizendo:

— Ajude a cobrir aí o Sr. Wheeler, Henry. Wheeler olhou para Henry e disse:

— Você me levou no embrulho. Me logrou bem logrado. Henry Croft nunca tinha ouvido alguém dirigir-lhe a palavra com tanto ódio. — Mas eu... — ia respondendo, quando o cano de uma arma lhe raspou as costelas por detrás.

— Você é Joe Wheeler — tornou a dizer Máscara Roxa. —. Está empreitando uma construção cá por estas bandas. Hoje tirou do banco o dinheiro para pagar os operários, mas deixou o pagamento para amanhã. Portanto, o dinheiro está aqui na sua casa.

— Ficou lá no barracão — disse Joe Wheeler.
— Deixei-o no local de trabalho.

— Sim? — Máscara Roxa não parecia convencido. — Você acredita nisso, Henry?

— Eu... — começou Henry.

Máscara Roxa, porém, havia alteado a voz:

— Andem depressa lá em cima! Vocês não vieram aqui para brincar! — E, curvando-se diante de Joe Wheeler: — Uns gaiatos estes meus companheiros.

Joe Wheeler não respondeu. Parecia ter-se fixado numa política de ódio silencioso para com Henry Croft.

Paul e Juney tornaram a descer a escada, segurando pelos braços uma mulher de seus trinta anos, nada feia malgrado a falta de pintura, bem-feita de corpo, vestida apenas com uma fina camisola de dormir.

— Não me deixaram pôr um chambre, Joe — disse ela.

— Não tenha medo, dona, mulheres não nos faltam — acudiu Carley. — Onde está o dinheiro, Joe Wheeler?

— Na construção — respondeu Wheeler. — No barraco.

— Soltem a madama, rapazes — disse Máscara Roxa. Paul e Juney detiveram-se no meio da escada e empurraram, ambos ao mesmo tempo. A Sra. Wheeler despencou-se no "hall", onde foi parar de joelhos, levando as irmãs à frente a fim de amortecer a queda. Um de seus seios libertou-se da camisola de dormir e Joe Wheeler deixou escapar um pequeno gemido.

Paul e Juney continuaram a descer a escada, sem se apressar. Ela fez um movimento para erguer-se, mas Carley levantou o pé e, suavemente, obrigou-a a manter-se no mesmo lugar.

— O dinheiro — disse ele.

E Joe Wheeler:

— Rapazes, eu...

Carley curvou-se para a frente, fazendo pesar o seu corpo sobre o pé que mantinha a Sra. Wheeler presa ao chão. Seus olhos cintilaram nos buracos da máscara, observando Joe

Wheeler. A esposa deste soltou um grito agudo quando o outro pé de Carley e ergueu do chão.

— Na cozinha — disse Joe Wheeler. — Na arca da farinha.

Carley pousou ambos os pés no chão. — Venha nos mostrar, otário.

Wheeler afastou-se, seguido de Carley. Paul e Juneey haviam parado no sopé da escada, ora olhando a mulher seminua no chão, ora alçando os olhos para Henry Croft. Paul inclinou-se para examinar a Sra. Wheeler mais de perto.

— Nada má — disse ele. — Para uma noite de chuva.

— Desistam disso — atalhou Máscara Roxa.
— Desistam disso.

Nem um só instante tirara os olhos de cima de Henry Croft.

— Ora, afinal, é muito velha — disse Juneey.
— Tem as juntas emperradas. Não é mesmo, dona?

Pigarreou e cuspiu no chão perto da mulher.

— Agora pode se levantar — disse Máscara

Roxa. — Se ainda precisarmos da senhora, será fácil pô-la de novo no chão.

Carley voltou sozinho, com as mãos e as mangas do casaco brancas de farinha, que formava uma pasta nas mangas molhadas pela chuva. Trazia um saquinho bojudo que bateu de encontro ao pilar da escada, fazendo voar uma nuvem de farinha. A Sra. Wheeler estava pondo-se de joelhos. Com as mãos trêmulas, ajustou sobre os seios « decote rendado em V.

— Onde está ele? Onde está Joe?

— ' Quem foi que lhe mandou levantar? — disse Carley, vibrando no ar o saco de dinheiro. Atingiu a mulher na nuca e tornou a estatelá-la no chão, violentamente. Henry teve a impressão de que ouvia quebrarem-se-lhe os ossos do nariz, mas não pôde certificar-se disso, pois Carley tinha os olhos fitos nele.

— Derrubei a velha. Ele está na cozinha, mas não está cozinhando. Vamos rodar.

Henry Croft arredou-se para deixá-los — pelo amor de Deus! — rodar. Que rodassem para longe da casa, daquela rua, da sua vida!

Mas Carley fez um gesto com o revólver. — Henry vai junto.

Haviam-no transformado num menino muito bem-comportado. Saiu para o frio, para a lúgubre mas não solitária chuva. Companhia não lhe faltava.

Gwen estava sentada ao volante do segundo carro. Carley indicou a Henry o assento ao lado do chofer e escorregou para trás do volante, apertando Gwen contra Henry. Largou o saco sujo de farinha no colo de Gwen.

Outros caras saltaram para o assento de trás e o automóvel arrancou velozmente; Gwen conservava o motor em funcionamento. Henry recostou-se nas almofadas com um arrepio.

Sentiu de novo a mão de Gwen na sua coxa. A rapariga respirava com força.

— Isso é que é sensação — disse ela. — Isso é que é gostoso, ohhhh! — E deixou escapar o ar num longo suspiro.

Carley martelou na mesma tecla:

— Garotos! Sou obrigado a trabalhar com garotos. Transviados... Henry!

— Sim? — disse este.

— Vamos ter que despachar você, Henry?

Os dedos de Gwen correram para cima e para baixo na coxa de Henry, crispados, extáticos.

— Vamos! Vamos despachar Henry, Carley. Não precisamos mais dele.

— Cale o bico — disse Carley. — Você já teve sensações que cheguem por esta noite, Gwen... Henry, enquanto você dormia nós revistamos a sua carteira. Nós o conhecemos, sabemos onde você mora. Retratos na carteira, a esposa, um garoto.

— Quadrados — disse Gwen.

— Devolva a carteira a ele, Gwen. Pode ficar com o dinheiro.

— Eu quero os retratos. Para o meu álbum — retrucou a rapariga. Mas Carley rosnou e ela enfiou a mão no "soutien", sacou a carteira, sacudiu fora as notas e entregou-a a Henry. Tornou a pousar a mão nele.

— Deixe o homem em paz — disse Carley. — Henry, vamos soltar você. Perto de sua casa.

Conhece os polacos, Henry, gente da Polônia?

— Alguns — disse Henry.

— Eles têm um costume interessante. Sentam os defuntos no caixão para tirar o retrato. Esses serão os retratos que você carregará na sua carteira se der com a língua nos dentes, Henry.

Dobrou uma esquina derrapando no asfalto úmido, depois outra.

— Você me entendeu, Henry? Henry Croft respondeu:

— Entendi.

— Ah! o rio, Carley — disse Gwen. — Vamos jogá-lo no rio. Podemos amarrar o macaco do automóvel nos pés dele. — Seus dedos buliçosos cravaram-se na carne de Henry.

— Um dia vou dar o fora em você, Gwen — disse Carley. — E em June, por sua causa. Você não tem senso comum. Por enquanto tudo corre bem para nós. Se matarmos este trouxa, as coisas vão ferver.

— Eu gosto quando as coisas fervem — respondeu Gwen simplesmente. — É quando as coisas fervem que a gente vive de verdade.

Carley parou habilmente o carro, fazendo deslizar sem ruído.

— Dê o fora, Henry. Costure essa boca. Um cara que passou o dia inteiro fora de casa, um vendedor, com uma esposa, E um garoto. Continue se comportando bem, Henry, como fez esta noite.

Henry abriu a porta. Tinha certeza de que isso não podia ser o fim, de que o pesadelo não havia terminado, de que um tiro partiria do automóvel, um cassetete surgiria da noite. Mas tudo que aconteceu foi a voz zombeteira de Gwen, vinda do automóvel que começava a distanciar-se:

— Você não me deu um beijo de despedida, Henry.,.

E foram-se. Rumo a algum ignorado ponto de encontro, onde se desfariam do carro, para voltarem depois à Slack Street... Uma rua em que ele nunca mais tornaria a pôr os pés, um bairro que evitaria daí em diante. A conta da Merser teria de ser descurada, outra firma podia ficar com esse negócio.

Essas reflexões sobre a conta da Merser, sobre os negócios, o fizeram retornar um pouco à realidade. Olhou em redor de si. Estava a apenas três quadras de sua casa.

Sua excitação foi morrendo, e com ela os últimos resquícios de energia. As três quadras foram intermináveis, e mais tarde não saberia dizer se as tinha percorrido sob a chuva ou se esta já havia terminado.

Quando deu conta de si estava no pórtico do prédio, procurando o buraco da fechadura com a sua chave, um tanto surpreendido por encontrá-la no bolso do casaco, mas em casa! Entrou no "hall" e tornou a fechar a porta. Precisava arranjar uma corrente como a de Joe Wheeler. Todo mundo devia ter uma corrente na porta da rua...

E ali vinha Peggy, sua esposa, descendo a escada. Tinha posto um chambre comprido e soerguia-o de leve, os olhos ansiosos, com olheiras escuras no rosto pálido.

— Henry! Oh! Henry, graças a Deus por você ter voltado! Ele resmungou algumas palavras

incompreensíveis. Peggy acendeu a luz do "hall" e soltou um grito abafado. Henry olhou as suas roupas. Estavam encharcadas de chuva, a camisa suja, e, a despeito de toda aquela água, ainda se desprendia dele um bafo alcoólico. Ergueu lentamente a mão e seus dedos tocaram no galo que lhe tinham feito ao deitarem-no por terra no bar da Slack Street.

Faltavam dois botões no casaco e a gravata empapada torcera-se sobre si mesma, como uma corda.

— Não me pergunte nada, Peggy — disse, com grande esforço. — Nunca me faça perguntas sobre esta noite. Estive no inferno.

Ela era uma excelente criatura. Ao pensar na sua bondade, as lágrimas vieram-lhe aos olhos. Peggy curvou-se, passou-lhe um braço por baixo dos ombros e ajudou-o a pôr-se em pé.

— Está bem. Não farei perguntas.

Começaram a subir a escada. Ele fazia uma heróica tentativa de voltar à normalidade, lembrar-se dos negócios e do que precisaria fazer amanhã. Toda a sua relação de contas

estava dentro da pasta, que lhe haviam tirado. O chefe de vendas ia deblaterar contra ele, talvez até perdesse o emprego... A carteira continha quarenta dólares, de que Gwen se apoderara. Perdera também o chapéu, teria de comprar um novo, provavelmente a fatiota estava inutilizada.

No patamar do meio da escada Peggy parou e lhe disse:

— Descanse um pouco...

A campainha do telefone soou. Entreolharam-se, ele com um sentimento de culpa, ela com uma expressão que Henry não soube interpretar. Continuou a tocar, a tocar, e finalmente Peggy deu de ombros e desceu para atender. Pareceu referir-se ao ruído da campainha, que podia acordar a criança, mas ele não podia ter certeza... Sua gravidez já ia adiantada, o segundo filho viria dentro de dois meses, não devia ter permitido que o ajudasse a subir a escada... Era uma mulher franzina.

A voz de Peggy atravessou os anéis concêntricos de fadiga que lhe embotavam os

sentidos:

— Sim, ele voltou... Faz poucos minutos... Não, não disse... Não será preciso... Bem, se tem de ser assim...

E, tornando a subir a escada:

— A polícia. Como você não aparecia, eu dei parte.

— Não devia... — murmurou ele. Mas Peggy o estava ajudando novamente a subir a escada, e quando deu conta de si achava-se no quarto de dormir e ela começara a despi-lo, soltando pequenas exclamações ao ver as contusões que tinha no corpo.

Ficou muito tempo debaixo do chuveiro, apoiando a cabeça à parede, deixando a água morna correr-lhe pelas costas. Quando saiu, havia um pijama limpo estendido na cama. Vestiu-o, e quando ia erguer as cobertas Peggy tornou a aparecer.

— A polícia. Lá em baixo. Eu disse a eles... Bem, se você prefere eles virão cá em cima.

— Não — disse Henry. — Eu desço. Menos barulho... a criança.

Assim que ele entrou no "living", de robe de chambre e chinelos, Joe Wheeler saltou da cadeira e disse:

— Ê ele! É esse cafajeste!

O mais velho dos policiais segurou Joe Wheeler pelo braço. — Vamos com calma. Eu sou o Comissário Myers e este é o inspetor Sloan, que vai tomar nota de suas declarações. Sr. Croft, a descrição que sua esposa deu quando nos telefonou era tão parecida com a que o Sr. Wheeler nos fez do sujeito que...

— Sim — disse Henry Croft. — Eu estava lá quando assaltaram o Sr. Wheeler.

— É preciso contar-nos — volveu o Comissário Myers.

Henry Croft contou. Contou tudo, menos duas coisas: os nomes — os simples prenomes — que tinha ouvido, e a localização do bar onde encontrara os homens.

— Isso tudo parece encaixar-se — disse Joe Wheeler. — Ele não usava máscara, como os outros. Pensando bem, acho que estava sendo levado à força... Preciso voltar para casa. Minha

mulher quebrou o nariz, o doutor está lá.

— Lamento muito o que aconteceu — disse Henry Croft. E Joe Wheeler, seco e carrancudo:

— O senhor não tem cara de quem esteve nadando num mar de rosas, tampouco. — Virou-se e saiu batendo com a porta.

— Não nos quer dizer os nomes, nem onde encontrou essa gente? — perguntou o Comissário Myers.

— Eles sabem onde eu moro — respondeu Henry Croft. — Viram os retratos de minha mulher e de meu filhinho na minha carteira. Pelo amor de Deus, Comissário...

O outro sacudiu a cabeça devagar.

— Está bem. Não posso obrigá-lo a falar. Talvez o Promotor Público pudesse, mas provavelmente não quererá fazê-lo. Se precisar do senhor, tornarei a procurá-lo.

Henry Croft não foi trabalhar no dia seguinte. Mas no outro foi, e não teve uma acolhida muito animadora. Peters, o chefe de vendas, mostrou-se irritado com a perda da relação de contas, irritado com a falta ao

serviço... Tirou Henry Croft da zona em que trabalhava para dá-la a outro homem, colocou Henry num território que, no máximo, poderia render uns três quartos do que rendia o anterior.

Teve de comprar um chapéu, uma pasta, uma roupa nova. Seu seguro hospitalar pagaria as despesas de maternidade, mas não uma acompanhante para o seu filho enquanto Peggy estivesse hospitalizada. A casa estava em grande necessidade de uma pintura nova. E tinha certeza de que o corretor de seguros tornaria a apresentar-se quando nascesse a segunda criança. Com mais um filho — acreditava ele sinceramente, tal como havia dito o corretor — um homem tinha perante sua mulher e seus pequenos a obrigação moral de aumentar os seguros de vida.

Uma semana depois de todas essas ocorrências estava ele sentado à sua escrivaninha, preparando o relatório do dia, mas com o pensamento no dinheiro. As perdas de Joe Wheeler deviam estar cobertas pelas

companhias de seguro e na realidade ele, Henry Croft, é que fora o roubado. Os malfeitores o tinham chamado de otário, e não sem razão. Ao perceber que concordava com o nome que lhe tinham posto, enrubesceu de cólera.

Atirou o lápis na mesa e afastou de si os papéis do relatório. Essa atitude de revolta o surpreendeu, mas também lhe trouxe uma esquisita alegria.

— Eles me tiraram quarenta dólares — disse energicamente no seu íntimo. — Vou obrigá-los a devolver.

Mas no mesmo instante a coragem o abandonou como o ar que se esvai de um balão estourado. Como era mesmo que sua mãe sempre lhe dizia? Que mais valia ser um cachorro com vida do que um leão morto...

O telefone chamou. Era sua mulher.

— Henry, eu não queria lhe telefonar, mas...

— Que foi que aconteceu? — A imagem do corpo de Peggy, deformado pela gravidez, tombado ao chão, atravessou-lhe o cérebro como um relâmpago. — Você está bem?

— Eu estou bem, meu amor. Não é nada comigo.

Era o filho que adoecera com uma infecção qualquer de vírus, obrigando-a a chamar o médico. Não pudera evitá-lo, a criança tinha muita febre. Ele encarregava-se de ir buscar a receita?

Henry Croft respondeu que não, que talvez chegasse um pouco tarde. Que pedisse para trazerem em casa e desse uma gorjeta de dez "cents" ao entregador. E desligou.

Ela não devia ter preocupações no estado em que se achava, disse consigo. Dinheiro... Uma visita médica a domicílio custa mais caro. Tornou a ser invadido por aquela onda ardente de cólera e fechou involuntariamente o punho.

Eram quatro e meia da tarde. Henry Croft disse à telefonista que ia sair para fazer uma visita. E não mentia. A telefonista olhou para ele com uma expressão esquisita ao vê-lo caminhar para a porta.

A rua não parecia melhor que da outra vez, muito embora não chovesse nem ventasse nesse

dia. O ar estava tépido, anunciando a entrada do verão.

Henry Croft atravessou a rua e entrou no bar. No primeiro instante o interior sombrio. Lhe pareceu deserto. A vitrola automática avultava no seu canto escura e muda. Pelo espaço de um momento ele sentiu-se aliviado com o fato de não haver ninguém ali. Carley surgiu à porta do banheiro, enxugando as mãos no avental.

— Pronto — disse ele, encaminhando-se para o balcão. E ao defrontar-se com o freguês, reconheceu-o.

Henry Croft pôs o chapéu em cima do balcão.

— "Scotch" — disse ele. — Onde estão os outros? A rapariga e os; outros? Eu quero os meus quarenta dólares.

— Você está com o miolo mole! — Carley não tirava os olhos de cima dele enquanto servia o uísque.

Paul, Gwen e Juney entraram displicentemente pela porta da rua.

— Sabem o que quer aqui o nosso otário? Quer os; quarenta ferros dele — disse Carley,

soltando uma cachinada.

— Não brinque! — disse Juneey. Paul riu-se.

Gwen segurou o braço de Henry Croft com ambas as mãos, chegou-se a ele e aplicou-lhe os lábios à garganta.

— Isso! — estimulou-a Carley. — Isso! Pode ser que ele aceite os quarenta que está reclamando em mercadorias.

— Este é o seu chapéu? — perguntou Paul, tirando o chapéu de Henry Croft de cima do balcão.

Com uma violenta torcidela dos ombros, Henry Croft jogou Gwen para longe.

— Largue esse chapéu — ordenou a Paul, com os músculos do pescoço saltados feito umas cordas, os braços em posição de ataque, os punhos cerrados. — Largue-o, seu filho daquela, senão eu o mato!

Silêncio demorado. Paul fazia girar o chapéu na ponta do indicador.

— *Largue!* Com exagerada cautela, Paul tornou a pôr o chapéu em cima do balcão, deu de ombros e disse:

— Ele quer que eu largue o chapéu dele.

Todos riram. Todos, menos Henry Croft. Sacou do bolso o revólver que lhe tinham dado em casa de Joe Wheeler e exigiu:

— Agora vamos ver os meus quarenta dólares.

— Meu Deus, que homem! — disse Gwen. Todos tornaram a rir.

Henry Croft fez um gesto com o revólver e, falando a Gwen: — Bem no meio da cara. Por Deus, uma bala bem no meio da cara!

Silêncio profundo no bar. Henry sentia o seu próprio tremor. Mas não era de medo que tremia. A raiva apagara todo o medo.

Finalmente Juney abriu a boca.

— O homem está danado, mas danado mesmo. — E riu-se, mas foi um riso amarelo.

Gwen estava branca como cera.

Carley abriu a caixa registradora. Enquanto tirava algumas cédulas, disse:

— Ele não foi se queixar para a polícia. Aqui não esteve nenhum tira. Henry é legal. — Falava num tom quase apazigua-dor. — Vocês,

seus filantes, paguem a sua parte. E andem duma vez, antes que ele quebre tudo aqui no meu bar.

Paul virou o chapéu de boca para cima e cada um depositou nele a sua contribuição, rindo, dizendo piadas, mas pagando.

Henry Croft contou o dinheiro antes de se retirar. Bebeu todo o seu uísque, puro. Depois saiu calmamente, não de costas, mas direito para a rua.

Amanhã, por Deus, iria ao gabinete de Peters para exigir que lhe devolvesse a sua zona. Peters não tinha o direito de tirar-lhe. Tomara que a febre do garoto houvesse baixado...

O CÃO PERDIDO

HENRY SLESAR

O SOFÁ da sala de espera do Dr. Frohlich era de um estilo severamente moderno, forrado com um pano de muito bom-gosto mas cheio de pequenos nós que arranhavam desagradavelmente o vestido de seda de Júlia Smollett. Júlia suspirou e inclinou o corpo para a frente unindo as mãozinhas brancas no regaço, os braços magros colados aos flancos. Tinha um ar jovem, frágil e docemente patético. O homem com quem casara há catorze anos olhou para ela de cenho franzido.

George estava em pé rio outro lado da sala, examinando uma gravura de caça. Era um homem troncudo, de braços curtos, e trajava uma roupa de "tweed" de cores discretas. Rodeava-lhe o pescoço curto um colarinho de pontas redondas, unidas por um pequeno pregador de ouro. Usava calças estreitas e paletó justo. Tinha a aparência de um homem

acostumado a montar, a lidar com grossas correias, a lustrar selas, a dar caminhadas matinais. Na realidade era um cidadão, um contabilista com escritório na Lexington Avenue.

Júlia tornou a suspirar, buscando entabular conversa.

— Sim, que é? — perguntou o marido.

— Nada. Só que me sinto... cansada. Por que será que ele demora tanto?

— Há apenas cinco minutos que estamos aqui. Meu Deus, a noção de tempo das mulheres!

Júlia voltou para ele os olhos lastimosos, grandes olhos úmidos de um violeta carregado, a que George dedicara outrora um soneto.

— Desculpe-me — disse em voz baixa. — É que o tempo parece arrastar-se.

Nesse momento apareceu na sala uma mulher viva, de cabelos vermelhos, que os examinou com ar crítico e disse:

— Sr. Smollett e esposa? O Dr. Frohlich pode atendê-los agora. O médico estava sentado à

sua escrivaninha, num aprazível gabinete de paredes forradas de madeira. Era um homem gorducho e amável, de cabelo grisalho e macio, aparado curto.

— Estimo muito que tenha vindo, Sr. Smollett. Disse à sua esposa que sua presença seria talvez muito útil quando fizéssemos o nosso pequeno experimento. Achei que o senhor poderia, quem sabe, suprir alguns dados de fundo...

George Smollett consertou a garganta.

— Escute, Dr. Frohlich. — Falava em tom franco. — Não quero que o senhor me interprete mal. Não sou uma dessas pessoas supersticiosas que confundem o hipnotismo com uma espécie de magia negra. Tenho as minhas leituras, compreende? Estou mais ou menos bem informado.

— Ótimo — fez o doutor sacudindo a cabeça.

— Essa atitude será valiosa. É o triunfo sobre o preconceito inicial que conta. Sua senhora, é claro, já está perfeitamente acostumada à idéia. Não, Sra. Smollett?

Mesmo na cadeira pequena do gabinete, Júlia parecia uma criatura minúscula. Sorriu com ar hesitante e sacudiu a cabeça num gesto afirmativo.

— Temos tido muitas palestras proveitosas, sua senhora e eu. Compreendemo-nos um ao outro. Sabemos avaliar os problemas que temos de enfrentar. Mas me pareceu que antes de tentar o primeiro experimento de retrocesso no tempo devia conhecer o seu ponto de vista.

— Bem — disse George Smollett esfregando o queixo. — Não sei se o estou entendendo.

— Nada de complicado. Apenas queria saber o que o senhor pensa sobre o temor que sua esposa tem aos cães. Segundo creio, foi o senhor quem sugeriu a consulta a um médico.

— Ah! Sim, a idéia foi minha. É que minha mulher é uma pessoa muito medrosa, Dr. Frohlich. Não preciso dizer-lhe isso. A coisa não era tão grave no princípio quando nos casamos. Creio que deve ter começado depois que nasceu George Júnior, nosso primeiro filho, que está agora com onze anos. Foi então que piorou

mesmo. Não havia nada que não a assustasse. Os ruídos, a escuridão, tudo! E quanto aos cães... — Fez um gesto expressivo com o ombro.

— Sim — disse o Dr. Frohlich. — Fale-me dos cães.

O marido estudou a esquisita lâmpada em cima da escrivaninha.

— Não me peça para explicar. Esse é o seu departamento. Só sei que ela tem tanto medo de cães que quando vê algum — basta vê-lo, percebe, nem que seja a uma milha de distância — fica logo histérica. Ora, há muito tempo que isso vem se prolongando. Só que agora é pior.

— Pior em que sentido?

— Bem, porque este ano nos mudamos. Para o campo, no Wister County. Ora, o Doutor sabe como são essas comunidades. Milhares de cães! Todo mundo tem um.

Ouviu-se um som aflito que vinha das bandas de Júlia. Tanto o médico como o marido preferiram não tomar conhecimento dele.

— O senhor sabia disso quando se mudou? George não gostou da pergunta.

— Não cheguei a pensar muito no assunto. Creio que esqueci a fobia de Júlia. Mas, se quer saber a minha opinião, a melhor maneira de curar alguém de uma coisa dessas é obrigá-lo a enfrentar a situação...

— Concordo consigo — disse o doutor. — Com certas reservas.

— Aí está! — O olhar triunfante do marido foi como um farol inundando de luz a mulher.

— Que foi que eu lhe disse, Júlia? — Tornou a virar-se para o Dr. Frohlich e sorriu. — Minha idéia era arranjar também um cão para nós. Um bom cão, bem macho, como um dinamarquês por exemplo. É que nós temos dois meninos, Dr. Frohlich. O senhor sabe como são os meninos. Sempre tive um cão quando era garoto. É uma lástima privar o garoto, não acha?

— Eles podem ser bons companheiros — disse o doutor precatadamente.

— Se podem! Olhe, em matéria de lealdade ninguém leva a palma aos cães. E num lugar como aquele — isto é, no campo, entende, cheio

de vagabundos e tal e coisa andando por lá — ora, um cão é uma necessidade num lugar assim. O senhor não acha?

— Talvez.

— Pois claro. Bem, essa foi a minha primeira idéia: trazer um cão para casa e fazer com que ela se acostumassem. Trazia de olho o tal dinamarquês que tinha visto num canil lá para os lados de Hawthorne Lake. Um cão bem macho, um cão de verdade, nada de fraldiqueiros, percebe? Um cão que saiba se defender...

Júlia estremeceu.

— Mas acabei desistindo — suspirou o marido. — A balbúrdia foi tamanha... São, praticamente, as únicas ocasiões em que se ouviu Júlia piar: quando é contrariada. Por isso sugeri que fosse ver um médico. Foi quando consultamos o Dr. Ellison. E ele recomendou o senhor. De modo... — Fez um gesto com as mãos espalmadas.

— Ótimo — disse o Dr. Frohlich. — Bem, agora acho que lhe devo uma pequena

explicação a respeito do que tenciono fazer hoje. — Recostou-se na sua cadeira e prosseguiu: — Já tenho falado muito à Sra. Smollett sobre as técnicas hipnóticas em psicanálise. Não desejo entediá-la repetindo tudo. Mas, para seu esclarecimento, quero dizer o seguinte: Em psicanálise, o hipnotismo é considerado uma forma valiosa de terapia, que se mostra útil em muitos casos especiais. Frequentemente, graças a ele, tenho conseguido poupar muitos e muitos meses ao paciente, porque elimina com rapidez a sua... resistência natural. O senhor sabe o que é transferência?

— Creio que sim.

— Muito bem. Pois o hipnotismo proporciona uma espécie de transferência imediata entre o médico e o paciente. Aproxima, tanto a um como ao outro, da origem do problema. E num caso como o de sua esposa, em que acredito que o temor aos cães tem raiz em algum incidente do passado, por longo tempo reprimido, ele pode ter grande utilidade ajudando a levantar, por assim dizer,

a cortina que oculta o seu subconsciente.

— Percebo — disse George, com um olhar de soslaio à sua mulher. Júlia observava os movimentos dos lábios do médico.

— Nem sempre, contudo, ele opera uma cura milagrosa — advertiu Frohlich. — Preciso deixar isto bem claro. Em geral, não pode substituir uma análise bem feita. É apenas uma ferramenta. — Sem dúvida viu descair os cantos dos lábios de Júlia, pois ajuntou sorrindo: — Mas me sinto bastante otimista quanto à cura da Sra. Smollett. Sinceramente. Por meio das técnicas de retrocesso no tempo, creio que obteremos excelentes resultados. E é o que tenciono fazer hoje.

— Que significa isso exatamente, Doutor? Retrocesso no tempo?

Frohlich pôs-se em pé.

— Vou fazer com que sua senhora volte ao seu passado. Vou pedir-lhe que torne a viver os primeiros anos de existência e ver se consigo espreitar por baixo dessa cortina...

— Agora? — disse Júlia, baixinho.

— Se estiver pronta. Sim, agora.

Apertou o botão branco instalado na face lateral da escrivaninha e a ruiva de ar esperto entrou. Começou a baixar as persianas, ocultando o céu cinzento e a chuva miúda que se podia ver pela janela.

— Se tiver a bondade de esperar uns momentos aí fora, Sr. Smollett... — disse o doutor.

— Sim, claro.

— Eu lhe pedirei para voltar quando sua senhora se encontrar em estado hipnótico. Creio que achará muito instrutivo o que se seguirá então.

— Sim — respondeu George num tom de incerteza. E dirigiu-se para a porta.

A sala estava agora às escuras. O Dr. Frohlich acendeu a lâmpada de mesa, com sua forma tão esquisita. Concentrou a luz sobre o rosto de Júlia Smollett e aproximou-se dela.

— Pronto, Sr. Smollett — disse a enfermeira ruiva.

A sala continuava às escuras quando George

tornou a entrar. Frohlich estava sentado à beira da escrivaninha, brincando com uma caneta-tinteiro de metal. Júlia permanecia sentada na mesma cadeira, os ombros caídos, as mãos molemente entrelaçadas no regaço. Seus olhos grandes estavam cerrados.

— Ela está?...

— Sim, sim — disse o doutor. — Sua esposa é muito sugestionável. Cinco ou dez minutos são o suficiente. Agora lhe pedirei que fique sentado sem falar naquele canto da sala, enquanto conduzo o interrogatório.

George sentou-se no canto, ao pé de uma estante superlotada. O doutor inclinou-se para a Sra. Smollett.

— Agora pode abrir os olhos, Júlia.

Assim o fez a hipnotizada. Seu olhar parecia desinteressado, mas não tinha nenhuma fixidez. George engoliu em seco, com dificuldade.

— Sabe que dia é hoje, Júlia? — Sim. Quarta-feira.

— Não, está enganada. É sexta-feira. Não é

mesmo, Júlia?

— Sim, sexta-feira.

— Não, Júlia. Não é sexta-feira tampouco.

Agora sabe qua dia é?

Ela hesitou, mexendo com os lábios.

— Não, não sei que dia é.

O médico olhou na direção do marido.

— Estou fazendo isto de propósito. Meu objetivo é deslocá-la no tempo.

Continuou o interrogatório até a mulher reconhecer que ignorara o mês e o ano.

— Ouça bem, Júlia. Vou lhe pedir agora que volte ao seu passado. Você tornará a ser uma criança. Vai reviver sua vida desde quando era criancinha. E me dirá tudo que eu desejar saber a respeito do que vê, e sente. Responderá a todas as minhas perguntas, a partir deste momento...

Inclinou-se ainda mais sobre Júlia, em cujo rosto pequeno e bem-proporcionado começou a operar-se uma mudança sutil.

— Agora você tem um ano, Júlia. É um bebê com apenas um ano de existência. Diga-me o

que desejo saber, Júlia. Diga-me se tem medo de cães.

Ao ouvir a resposta que partiu dos lábios da esposa, George Smollett sobressaltou-se. Era uma voz tão pequenina e indistinta, tão insólita e fantástica, que o próprio Dr. Frohlich reagiu com certa surpresa.

— Não — disse a estranha voz. — Não tenho medo de cães...

— Agora tem dois anos — disse o doutor. — Você tem dois anos de idade, Júlia. Sente medo de cães?

— Não — tornou a dizer a voz, enquanto o rosto afilado se contorcia de um modo singular.

— Não tenho medo de au-au. Não tenho medo.

— Você tem três anos, Júlia. Tem três anos agora. Diga-me: tem medo de cães?

A voz tornou-se mais forte.

— Não, não tenho medo.

— Você tem quatro anos, Júlia. (Quatro anos de idade.

E assim foram transcorrendo os anos da infância, refletindo-se um após outro na voz e

no rosto da mulher. Até que o doutor começou a dizer:

— Você tem dez anos, Júlia. Está com dez anos de idade agora. Tem medo de cães? Digame: tem medo de cães, Júlia?

Era o momento que o Dr. Frohlich buscava. O rosto demudou-se mais uma vez e o corpo franzino estorceu-se na cadeira. As mãos brancas fecharam-se pouco a pouco, e esses punhos fechados puseram-se a esfregar os grandes olhos. Romperam as lágrimas e Júlia começou a soluçar.

— Topper — dizia, engolindo com esforço.

— Topper... Ansiosamente, Frohlich perguntou:

— Quem é Topper, Júlia?

— Topper — chorava a menina. — Pobre Topper!

— Quem é Topper, Júlia? É um cão?

— Sim — disse ela sacudindo a cabeça. — Sim. Topper é o meu cachorro. Topper é um bom cachorro.

— Onde está Topper agora, Júlia?

— Topper morreu! — lamentou-se ela. —

Eles o fizeram desaparecer! Eles o mataram! E tudo por minha culpa! Por minha culpa!

Os soluços cessaram repentinamente e a voz infantil assumiu um tom duro.

— A culpa é dele, de Bobby.

— Quem é Bobby, Júlia?

— Eu o odeio! — Bateu com o punho no joelho. — Odeio-o! Ele é mau! Bobby é mau!

— Quem é ele, Júlia? Bobby é um amigo seu?

— Odeio-o! Ele me incomoda. Vive sempre me incomodando. O que eu fiz foi bem feito. Bem feito! Mas não matem Topper. Por favor, não matem Topper!

Frohlich enxugou o suor da testa.

— Quero que você me conte tudo em detalhes, Júlia. Diga-me tudo sobre Bobby, e também sobre Topper, Bobby é um menino pequeno? É parente seu?

— Não. Bobby mora na casa ao lado. Tem doze anos. Vive me enquizilando. Puxa os meus cabelos, e uma vez me rasgou o vestido. Pôs lama nos meus sapatos e deu uma pedrada em Topper. — Seus olhos escancararam-se de

maneira alarmante. — Mamãe! — chamou num grito estridente. — Mamãe!

Sua voz era tão eletrizante que George pulou da cadeira. O Dr. Frohlich fez-lhe um sinal para tornar a sentar-se.

— Que aconteceu, Júlia? Por que está chamando sua mãe? Que aconteceu a Bobby?

— Ele o matou! Ele o matou! — esganiçou-se a voz de dez anos.

— Quem? — perguntou Frohlich em voz alta.

— Quem?

— Eu o avisei — soluçou Júlia, cujos ombros tremiam convulsivamente. — Disse a ele o que faria. Avisei-o!

E de novo, com surpreendente rapidez, os soluços cessaram. O corpo da mulher retesou-se na cadeira e os braços finos cruzaram-se sobre o peito. Mas a verdadeira transformação foi a que se operou nos seus olhos: a metamorfose em algo sem idade e todavia muito antigo — uma astúcia primeva e terrificante.

— Isca! — sussurrou a voz de menina. — Isca, Topper! Mata-o! *Mata-o!*

— Deus do céu! — exclamou George em voz alta.

— Por favor! — Frohlich fez um gesto irado para impor-lhe silêncio. — Júlia, ouça-me. Quero que você se acalme. Quero que me explique tudo com muita clareza. Você atçou o seu cão contra Bobby? Mandou-o atacar Bobby?

Júlia afrouxou o corpo e fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Ele feriu Bobby? Topper matou o menino?

— Não — disse ela em voz fraca. — Só feriu Bobby, não o matou. Mordeu Bobby no pescoço. Mas eles mataram Topper. Mataram o meu cachorro. E foi por minha culpa. Por minha culpa...

Sua voz foi esmorecendo e por fim morreu.

Frohlich olhou vivamente na direção de George. — Faça o favor de sair agora, Sr. Smollett. Creio que devo ficar a sós com ela por alguns minutos.

George soprou com força o ar dos pulmões e caminhou para a porta.

Um quarto de hora depois, as persianas

tinham sido levantadas mais uma vez e todo aquele episódio parecia um sonho de eras passadas. O Dr. Frohlich, que agora se transformara numa figura sólida e muito humana por trás da sua escrivaninha, sorria para os dois; de puro prazer profissional.

— Pois aí está, Sra. Smollett. Agora sabe o que houve. A causa de seu problema é esse incidente de sua infância, essa pequena tragédia de sua inocência passada. Acima de tudo, a senhora tem um forte sentimento de culpa. Censura-se pelo que aconteceu ao pequeno Bobby, quando, com toda a probabilidade, a senhora não tinha culpa nenhuma. Mas desejou que Topper o atacasse e depois viu o seu desejo converter-se em realidade. Por isso, acusou-se do crime. E, com essa acusação, condenou a si mesma a um terror que não tem motivo para tornar a sentir jamais.

E, olhando para a janela.

— Veja, o sol já apareceu. Creio que isso tem um significado simbólico, Júlia. Não lhe parece?

Júlia sorriu para ele.

Três semanas mais tarde, o telefone chamava no saguão quando Júlia Smollett voltou de suas compras matinais. Apressou-se a ir atender.

— Sra. Smollett? Aqui fala o Dr. Frohlich.

— Oh! Alô, Doutor! Que prazer ouvir a sua voz!

— Chamei para saber como vai passando. Se não me engano, tínhamos hora marcada para ontem. Esqueceu-se?

— Oh! meu Deus! Esqueci por completo! Ele riu alegremente.

— Bem! Teremos que descobrir a causa desse pequeno bloqueio. Mas talvez não seja tão difícil de compreender. Deve ser porque se sente muito bem...

— Acho que o senhor tem razão — disse ela.

— Há anos que não me sinto tão bem. O senhor me curou realmente — dos meus temores, sabe? Pois se até chego a gostar de Átila!

— Átila? Foi esse o nome que puseram no animal?

— A idéia foi de George. Já me acostumei

com o nome.

— Bem, eu só queria lembrá-la. Que tal vir à mesma hora, na próxima semana?

— Perfeitamente, Dr. Frohlich.

Pôs o fone no gancho e subiu as escadas atapetadas até os quartos de dormir, no segundo andar.

Alice, a empregada, estava arrumando o quarto de George quando Júlia entrou. Parara-se diante da janela, olhando para o gramado dos fundos, onde o cão se achava tranqüilamente deitado sob a única árvore.

— Vai descer lá onde está o cachorro, Dona Júlia?

— Vou, sim, Alice. Por quê?

— Não sei não, Dona Júlia. Não confio nem um pouco nesse bicho. Tem todo o jeito de ser um cachorro perigoso.

— Ora, Alice!

— Tou falando sério, Dona Júlia. Lembra do que eu lhe disse? Um dia esse cachorro mata alguém.

E saiu a resmungar consigo mesma. Júlia

esperou que ela se tivesse ido de vez, após o que correu a porta de nogueira do guarda-roupa do marido e estendeu a mão para a sua jaqueta de "tweed" predileta, a que tinha reforços de couro nos cotovelos. Tirou-a do cabide e dobrou-a sobre o braço.

Tornou então a descer a escada e saiu para o gramado dos fundos.

Fazia um dia adorável. Átila esperava pacientemente, arrebanhando a beicarra, a língua pendente, a dentuça reluzindo.

Júlia afagou-lhe a enorme cabeça e fez surgir a jaqueta que trouxera escondida atrás das costas.

— Isca! — disse ferozmente, chegando-lhe a jaqueta ao focinho, metendo-lhe o cheiro de George pelas ventas a dentro. — Isca, Átila!

VENDEDOR EFICIENTE

IDRIS SEABRIGHT

Os GNOLES tinham má fama e Mortensen não o ignorava. Mas ponderava, com muita lógica aliás, que a cordoalha era um gênero de artigo de que os gnoles deviam sentir uma necessidade há muito insatisfeita, e não via razão para que não fosse ele quem lha venderia. Que triunfo não representaria tal negócio! O chefe de vendas poderia distinguir Mortensen com uma menção especial durante o jantar anual dos vendedores. A operação aumentaria enormemente a sua cota do mês. E, afinal de contas, não tinha nada que ver com o uso que os gnoles dessem às cordas.

Mortensen resolveu visitar os gnoles na quinta-feira pela manhã. Quarta-feira à noite repassou o seu *Manual da Arte Moderna de Vender*, sublinhando trechos.

"Os estados mentais por que passa o cliente em perspectiva ao realizar uma compra", leu

ele, "foram catalogados como segue: 1) despertar do interesse; 2) ampliação do conhecimento; 3) ajustamento às necessidades..." A lista compreendia sete estados mentais, e Mortensen sublinhou todos. Tornou então atrás e sublinhou duas vezes o n.º 1, despertar do interesse, o n.º 4, apreciação da conveniência, e o n.º 7, decisão de adquirir. Virou a página.

"Há duas qualidades de excepcional importância para o vendedor", continuou a ler. "São elas a adaptabilidade e o conhecimento da mercadoria." Mortensen sublinhou as qualidades. "Outros predicados sumamente valiosos são a aptidão física, um padrão ético elevado, a simpatia pessoal, uma invencível persistência e uma cortesia a toda prova." Mortensen sublinhou as duas últimas. Mas seguiu lendo até o fim do parágrafo sem sublinhar mais nada, e é possível que o fato de não haver acrescentado o "tato e um agudo poder de observação" aos atributos primordiais do vendedor tenha sido o responsável pelo que

lhe sucedeu.

Os gnoles vivem na orla externa de Terra Cognita, além de uma mata que todas as autoridades no assunto concordam em qualificar de suspeita. Sua casa é alta e estreita, em estilo arquitetônico uma mescla de gótico vitoriano e chalé suíço. Embora esteja necessitando de uma pintura nova, seu estado de conservação é bom. Foi para ali que se encaminhou Mortensen na manhã de quinta-feira, carregando a maleta de amostras.

Nenhum caminho conduz à casa dos gnoles e naquela mata suspeita reina uma eterna escuridão. Mas, recordando o que havia aprendido no regaço de sua mãe a respeito do cheiro dos gnoles, Mortensen encontrou a casa com a maior facilidade. Deteve-se um momento diante dela, hesitando. Movia os lábios, repetindo para si mesmo em voz baixa: "Bom dia, o objeto de minha visita é suprir suas necessidades de cordame." Estas palavras constituíam o início da abordagem. Afinal decidiu-se e foi bater na porta.'

Os gnoles o observavam pelos buracos que tinham feito nos troncos das árvores. É um ardiloso costume que têm, atestado pela maior autoridade sobre os hábitos de vida desse clã. As pancadas de Mortensen na porta por pouco não criam uma confusão entre eles, pois havia muito tempo que ninguém vinha bater ali. Mas o gnole mais velho, aquele que nunca sai de casa, acabou subindo levemente a escada da adega para vir abrir.

O mais velho dos gnoles parece-se de certo modo com uma batata tupinambor feita de borracha e tem uns olhos vermelhos pequeninos e facetados como uma pedra preciosa. Mortensen contava com qualquer coisa fora do comum, e quando o gnole abriu a porta ele curvou-se cortesmente, tirou o chapéu e sorriu. Já havia desfechado a frase sobre as necessidades de cordame e passara à enumeração dos diferentes tipos de cordas e cordões fabricados pela firma que representava, quando o gnole virou a cabeça de lado para mostrar-lhe que não tinha orelhas. Tampouco

possuía na cabeça qualquer outro órgão que pudesse substituí-las na condução dos sons. Depois o gnole abriu a boquinha armada de longas presas e permitiu que Mortensen lhe examinasse a língua estreita como uma fita. Como língua, não era mais adequada que a de uma serpente à fala articulada. A julgar pelas aparências, não se podia classificar o gnole com segurança em nenhum dos quatro tipos fisiocaracterológicos mencionados no *Manual*; e, pela primeira vez, Mortensen sentiu-se francamente apreensivo.

Não obstante, seguiu a criatura sem vacilar quando esta lhe fez sinal para que entrasse. "Adaptabilidade", dizia a si mesmo; não devia perder de vista a adaptabilidade. Se a tivesse em grau suficiente, talvez até pudesse fazer desaparecer aqueles tremeliques nos joelhos.

O gnole o conduziu à sala de visitas. Mortensen esbugalhou os olhos ao reparar nela. Havia porta-bibelôs nos cantos, armários de colecionador, e, sobre a mesa lavrada em claros, um álbum com fechos dourados: de quem

seriam os retratos que ele continha? Pelas paredes, sobre essas pequenas prateleiras em que, nas casas mais modestas, costumam ser exibidos pratos ornamentais, refulgiam esmeraldas do tamanho de uma cabeça humana. Os gnoles davam grande valor às suas esmeraldas. Era delas que provinha toda a luz na penumbrosa sala.

Mortensen desfiou mentalmente todas as fases da exposição preliminar. Afligia-se com o fato de ser esse o único meio de fazê-la. Mas... a adaptabilidade! O interesse do gnole já fora despertado, pois, do contrário, jamais teria convidado Mortensen para a sala; e, assim que pusesse os olhos na variedade de amostras que ele trazia na maleta, sem dúvida passaria por si mesmo à "apreciação da conveniência" e ao "desejo de adquirir".

Mortensen instalou-se na cadeira indicada pelo gnole e abriu a caixa de amostras. Tirou cordas de henequém, cochadas em cabo, um sortimento de fios e cordéis, e uma corda de abacá, extremamente fina. Até mostrou ao

gnole alguns barbantes e cordões pouco resistentes, feitos de algodão ou juta.

Nas costas de um envelope escreveu os preços das meadas e novelos de cordéis e das peças de cinquenta e cem pés de corda. Laboriosamente, acrescentou detalhes sobre a força, a durabilidade e a resistência de cada tipo às condições climáticas. O pai dos gnoles observava-o com atenção, descansando os pezinhos na travessa superior da cadeira e tocando de tempos a tempos, com um tentáculo, nas facetas do olho esquerdo. A espaços, ouviam-se gritos agudos lá em baixo, no subsolo.

Mortensen deu início à demonstração das mercadorias. Fez ver ao gnole a macieza e a elasticidade de uma corda, a tenacidade e a superior resistência de outra. Cortou em duas uma corda de cânhamo alcatroado e estendeu no chão um pedaço de cinco pés de comprimento para mostrar ao gnole a sua absoluta "neutralidade", sem a menor tendência a descochar-se por si mesma. Chegou até a

fazer um trançado de nós com cordéis de algodão, para que o gnole pudesse ver o quanto eles se prestavam para esse gênero de trabalho ornamental.

Afinal decidiram-se por duas cordas de abacá, com os diâmetros de $3/16$ e $5/9$ de polegada. O gnole queria uma quantidade enorme, aparentemente seduzido pelo comentário de Mortensen sobre esses artigos, "força e durabilidade ilimitadas".

Metódicamente, Mortensen tomou nota das especificações no seu livro de encomendas; mas a ambição começava a inflamar-lhe

O ânimo. A julgar pelas aparências, os gnoles se tornariam clientes regulares; e, depois deles por que não tentar os gibelinos? Também esses deviam necessitar de cordoalha.

Mortensen fechou o livro de encomendas e, nas costas do mesmo envelope, escreveu que a entrega seria feita dentro de dez dias. As condições eram: pagamento inicial de 30 por cento ao efetuar a encomenda, e o restante ao receber a mercadoria.

O pai dos gnoles pareceu hesitar. Considerou Mortensen timidamente com os seus olhinhos vermelhos. Por fim foi tirar a menor das esmeraldas de seu suporte na parede e depositou-a na mão do vendedor.

Este sopesou-a. Era a menor esmeralda dos gnoles, mas transparente como água e verde como a grama na primavera. Lá fora, teria bastado para o resgate de um Rockefeller ou de uma família inteira de Guggenheims. Colher o lucro legítimo de uma transação era uma coisa; mas aceitar aquilo em pagamento... "Um elevado padrão ético" — qualquer padrão ético, para dizer a verdade — não o permitia a Mortensen. Sopesou-a um momento ainda e, com um suspiro profundo, um suspiro que parecia não acabar mais, devolveu-a ao gnole.

Correu os olhos pela sala a fim de ver se encontrava alguma coisa mais negociável. E, numa funesta inspiração, fixou-se nos olhos auxiliares do gnole mais velho.

Costuma este guardar o seu par de órgãos visuais de sobressalente na terceira prateleira

do armário de colecionador com portas de vidro. Têm o aspecto de belas esmeraldas escuras, mais ou menos do tamanho da extremidade da um polegar. E se os gnoles, em geral, dão grande valor às suas pedras preciosas, isso nem se compara com a estima que o pai dos gnoles consagra aos seus olhos auxiliares. O zelo que todo bom cristão deveria ter pela salvação de sua alma é uma sombra, uma bagatela, uma nonada em confronto com o que o gnole visceralmente pagão sente por esses olhos. Ele preferiria, penso eu, converter-se num mísero ser humano a que algum vândalo lhes pusesse a mão em cima.

Se o entusiasmo de Mortensen com o êxito alcançado não fosse ao ponto de anestesiá-lo, teria visto o gnole empertigar-se, tê-lo-ia ouvido silvar quando se dirigiu para o armário. Numa completa inocência, Mortensen abriu a porta de vidro, pegou os dois olhos e sacudiu-os sacrilegamente na mão. O gnole ouviu-os tilintar. Sorrindo a fim de mostrar as maneiras cativantes recomendadas pelo *Manual* e alçando

as sobrancelhas como quem diz: "Muito obrigado, isto serve perfeitamente", Mortensen meteu-os no bolso.

O gnole rosnou.

Esse rosnido despertou Mortensen do seu enlevo eufórico. Era um som sobre cujo significado não havia equívoco possível. Estava se vendo que a ocasião não era própria para mostrar uma persistência invencível. Mortensen disparou em direção à porta.

Mas o pai dos gnoles lá chegou antes dele, com a rede de tentáculos estendida. Com toda a facilidade segurou Mortensen e enroscou-lhos, chatos como ataduras, em torno dos antebraços e das mãos. A melhor fibra de abacá não é mais forte do que esses tentáculos; embora os gnoles percebam a conveniência das cordas, podem passar muito bem sem elas. Acaso você, meu caro leitor, andaria nu se os industriais deixassem de fabricar fechos-relâmpago? Rosnando indignado, o gnole pescou os olhos roubados no bolso de Mortensen, e feito isso carregou-o para os currais de engorda, no

porão.

Grandes, porém, são as virtudes do comércio legítimo. Embora engordassem Mortensen diligentemente e mais tarde o assassem a capricho, com molho, e o devorassem com admirável apetite, os gnoles o sacrificaram da maneira mais humana possível e nem por um instante pensaram em torturá-lo. Essa atitude estava fora de seus hábitos. Ademais, enfeitaram a orla da tábua em que o serviram com um bonito trançado de nós feito com os cordéis de algodão encontrados na sua caixa de amostras.